UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável

Natália Achcar Monteiro Silva

UM OLHAR SOBRE A IGREJA DIVINO ESPÍRITO SANTO DO CERRADO

Belo Horizonte
2014

Natália Achcar Monteiro Silva

UM OLHAR SOBRE A IGREJA DIVINO ESPÍRITO SANTO DO CERRADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Bens Culturais, Tecnologia e Território.
Linha de pesquisa: Gestão do Patrimônio no Ambiente Construído.
Orientador: Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota.

Belo Horizonte, outubro de 2014.

FICHA CATALOGRÁFICA

S586o Silva, Natália Achcar Monteiro.
Um olhar sobre a igreja Divino Espírito Santo do Cerrado [manuscrito] / Natália Achcar Monteiro Silva. - 2014.
175f. : il.

Orientador: Leonardo Barci Castriota.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Memória coletiva – Minas Gerais - Teses. 2. Cultura popular – Minas Gerais - Teses. 3. Comunidades – Desenvolvimento – Minas Gerais. 4. Patrimônio cultural – Minas Gerais. I. Castriota, Leonardo Barci. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 351.8098151

NATÁLIA ACHCAR MONTEIRO SILVA

" UM OLHAR SOBRE A IGREJA DIVINO ESPÍRITO SANTO DO CERRADO "

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias (UNIRIO)

Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota (EA/UFMG - orientador)

Profa. Dra. Maria Cristina Villefort Teixeira (EA/UFMG)

Belo Horizonte, 31 de outubro de 2014

À minha família, em especial nosso pequeno
Augusto que acaba de chegar.

Agradecimentos

Especialmente à minha família pelo incentivo e motivação, meu pai que ajudou com diversas das entrevistas e no trabalho de campo em geral, minha mãe pela força e orações, meus irmãos e cunhados pela paciência, hospedagens e auxílio nos deslocamentos.

Ao professor/orientador Leonardo Barci Castriota que aceitou construir conjuntamente este trabalho. À professora Maria Cristina Villefort Teixeira pelas agradáveis conversas com indicações de literaturas, empréstimos de livros, pela positividade, motivação e grande incentivo. À professora Stael Alvarenga Pereira Costa por ter acreditado no meu potencial desde o princípio e pelo convite para integrar a equipe do Laboratório de Paisagem, deixando também meu agradecimento aos pesquisadores e alunos bolsistas. À professora Renata Marquez, tutora na bolsa CAPES-REUNI, com quem pude compartilhar novas ideias e aprendizados, especialmente no universo artístico e antropológico, tornando-me mais observadora e ao mesmo tempo otimista com as possibilidades da profissão e ensino de arquitetura e urbanismo. Ao professor Sílvio Pinto Ferreira Junior por ter norteado o direcionamento do trabalho e pelas ricas aulas de sociologia, que contribuíram para a construção de um novo olhar. À Victoria, que foi muito mais que secretária do mestrado, tornou-se uma grande amiga e sempre esteve presente na trajetória, fez o possível e o impossível para resolver as questões formais e informais do processo. À secretária da paróquia do Divino Espírito Santo, Mara, que me disponibilizou informações extremamente úteis e indicou as pessoas com quem deveria conversar.

Aos entrevistados da pesquisa:

O arquiteto Marcelo Ferraz, que gentilmente me concedeu entrevista em seu escritório em São Paulo e me presenteou com um livro; Frei Fúlvio Sabia, que em uma de suas visitas ao Brasil, em especial, à Uberlândia, aceitou realizar uma agradável conversa; Padre Márcio Gonçalves, que em meio aos preparativos da festa do Divino se disponibilizou a participar; o artista plástico Edmar de Almeida, que me recebeu em sua residência e conversamos por várias horas; o mestre de obras, Sr. Alfredo Menegato; e os membros da comunidade, que gentilmente compartilharam suas lembranças, Sr. Alysson de Carvalho, D. Ana Alice Maria Pinto, D. Ana Maria Sales dos Santos, Sr. Marcos Ramardi de Souza, o diácono Sr.

Geraldo Lima Coelho, D. Sonia Maria dos Santos Tundisi, os casais Sr. Antônio Alves e D. Maria Joana e Sr. Sebastião Maciel e D. Conceição Aparecida, os irmãos João Batista da Silva e Luiz Valter da Silva. E, ainda, aos demais participantes da comunidade, que não puderam ser entrevistados por motivos diversos.

Aos amigos de antes e aqueles feitos em Belo Horizonte, aos familiares em geral, colegas de mestrado, professores, funcionários e alunos da Escola de Arquitetura e Design da UFMG, colegas de trabalho no Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix e no Centro Universitário de Belo Horizonte e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram e me apoiaram no desenvolvimento da pesquisa, meu muito obrigado!

RESUMO

Este estudo aborda as temáticas de memória coletiva e cultura popular, contextualizando a atuação de Lina Bo Bardi (1914-1992) no Brasil. Em especial, enfatiza seu projeto, nos anos de 1976 a 1982, para a igreja franciscana Divino Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia/MG, analisando a relação estabelecida entre este conjunto arquitetônico e a comunidade que o utiliza. Através de entrevistas foram registradas as diversas lembranças de alguns membros do grupo comunitário, assim como de outros agentes que atuaram ou atuam de alguma forma no lugar ao longo do tempo. Durante o processo, com o contato com as pessoas e a coletânea de memórias, foi possível ainda, construir um novo olhar da pesquisadora.

Palavras-chave: memória coletiva, cultura popular, comunidade, patrimônio cultural.

ABSTRACT

This study addresses the themes of collective memory and popular culture, contextualizing the work of Lina Bo Bardi (1914-1992) in Brazil. In particular, it emphasizes your project in the years 1976-1982, for the franciscan church of the Divino Espírito Santo do Cerrado, in Uberlândia/MG, analyzing the relationship between this architectural set and the community that uses it. Through interviews were recorded many memories of some members of the community group, as well as other agents who worked together somehow in place over time. During the process, with the contact with people and a collection of memories, it was still possible to build a new view of the researcher.

Keywords: collective memory, popular culture, community, cultural heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Missa na Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, após entrega das obras de restauro.....16

Figura 2 – Localização de Uberlândia no Triângulo Mineiro. 17

Figura 3 – Base cartográfica da área urbana, com destaque para os bairros Centro, Fundinho (Centro Histórico), Lídice e Jaraguá - Uberlândia/MG. 18

Figura 4 – Localização da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, com relação à Região Central.....19

Figura 5 – Foto aérea do conjunto arquitetônico com o campinho já cimentado, mas antes da intervenção do centro pastoral.....19

Figura 6 e Figura 7 – Lina na cadeira de Beira de Estrada e o exemplar, respectivamente. 37

Figura 8 e Figura 9 – Cadeira de "Beira de Estrada", respectivamente, croqui (projeto) e exemplar do acervo do Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.....40

Figura 10 – O Bívio. 41

Figura 11 – Exposição "Civilização do Nordeste" no Museu de Arte Popular do Unhão. Salvador, BA. 44

Figura 12 – Carrancas em madeira natural e madeira policromada. Vale do Rio São Francisco. 46

Figura 13 – Utensílios domésticos: latas de lubrificantes transformadas em canecas. Feira de Santana, BA.....46

Figura 14 – Ceramista trabalhando na companhia dos filhos. Caruaru, PE.....47

Figura 15 – A inventividade do povo brasileiro: lamparina adaptada _ folha de flandres e lâmpada queimada.....48

Figura 16 e Figura 17 – Respectivamente, Frei Egydio, Lina e Frei Guido, 1978; Lina Bo apresentando o projeto à comunidade de Uberlândia, 1980.....56

Figura 18 – Fotografia com Paolo, Xavier, Teresa, Edmar, Lina, Frei Egydio, Dona Aurora e Frei José. 57

Figura 19 – Fotografia do conjunto entregue na década de 1980.....58

Figura 20 – Fotografia do altar original e das paredes da capela sem reboco.....59

Figura 21 e Figura 22 – Fotografias aéreas, destaque para a platibanda-jardim na capela. 59

Figura 23 e Figura 24 – Imagens do claustro _ residência para religiosas. 60

Figura 25 e Figura 26 – Centro Comunitário, respectivamente, fotografia dos anos de 1980 e atual.....60

Figura 27 – Croqui aquarelado do conjunto _ desenho de Lina Bo Bardi. 61
Figura 28 – Croquis aquarelados do conjunto _ desenhos de Lina Bo Bardi. 62
Figura 29 – Croquis aquarelados com soluções construtivas para a capela _ desenhos de Lina Bo Bardi. 63
Figura 30 – Fotografia antes do restauro e ampliação. 64
Figura 31 – Fotografia durante o processo de restauro. 65
Figura 32 – Fotografia após a entrega do conjunto restaurado e ampliado. 65
Figura 33 – Fotografia do Centro Pastoral, ampliação contemporânea. 66
Figura 34 – Centro Pastoral, com seu terraço coberto por tenda para a Festa do Divino. 66
Figura 35 e Figura 36 – Intervenção temporária para a Festa do Divino realizada sobre o terraço do Centro Pastoral, no mês de maio. 67
Figura 37 e Figura 38 – Fotografias da cela menor e de sua instalação sanitária. ...67
Figura 39 – Croqui aquarelado de uma cela das freiras _ desenho de Lina Bo Bardi. 68
Figura 40 e Figura 41 – Fotografias da cela maior e de sua instalação sanitária.....69
Figura 42 e Figura 43 – Respectivamente, croqui aquarelado da solução de platibanda-jardim _ desenho de Lina Bo Bardi; e fotografia mais atual da calha, com tela metálica de proteção, além da platibanda sem os arbustos do cerrado. 69
Figura 44 – Fotografia do altar antes do restauro, mas já com o interior rebocado. .70
Figura 45 – Fotografia atual do altar, em tijolos aparentes. 70
Figura 46 e Figura 47 – Interior da Igreja, após a restauração _ destaque para o altar em tijolos aparentes e piso de pedra portuguesa, em tentativa de retornar a cor original. 71
Figura 48 e Figura 49 – Igreja em atividade e já com os novos bancos.....71
Figura 50 e Figura 51 – Acesso frontal do Conjunto pela Avenida dos Mognos. 73
Figura 52 e Figura 53 – Destaque para a porta de entrada da Igreja e cruzeiro. 74
Figura 54 e Figura 55 – Residência para religiosas e Galpão Comunitário. 75
Figura 56 – Destaque da casa para três religiosas _ uso alterado pela Paróquia. ...76
Figura 57 – Detalhe do Cruzeiro, com o *skyline* da cidade ao fundo. 76
Figura 58 e Figura 59 – Capela e Campanário. 77
Figura 60 e Figura 61 – Vistas gerais da Avenida dos Mognos após o corte das árvores. 78
Figura 62 e Figura 63 – Vistas gerais da Avenida dos Mognos, já com a intervenção paisagística. 79

Figura 64 – Manuscrito de Lina Bo sobre a Igreja. 80
Figura 65 – Carta convite à comunidade do bairro Jaraguá, para participação nas obras de construção do conjunto da igreja. 85
Figura 66 – O povo no terreno onde a Igreja seria construída. 86
Figura 67 – Barracão de madeira _ obras iniciais da Igreja. 86
Figura 68 – Área antes da implantação do projeto, com o sistema viário não pavimentado. 92
Figura 69 – Sr. Alfredo e Lina Bo Bardi analisando o projeto. 94
Figura 70 – Sr. Alfredo Menegato durante a obra da capela. 94
Figura 71 – Execução do aterro. 96
Figura 72 – Primeiro mutirão. 97
Figura 73 – Segundo mutirão _ execução da base da igreja. 97
Figura 74 – Terceiro mutirão. 98
Figura 75 – Quarto mutirão _ execução da laje do porão da residência para freiras. 98
Figura 76 – Mutirão de concretagem. 99
Figura 77 e Figura 78 – Mutirão para colocação do madeiramento interno da capela. 99
Figura 79 – Madeiras sendo lavradas durante as obras. 100
Figura 80 – Luiz Valter sobre uma das lajes. 100
Figura 81 e Figura 82 – Estágio da obra nos primórdios de 1980. 101
Figura 83 – Lina Bo Bardi, em uma das visitas, com o engenheiro civil Rodolfo Ochoa. 102
Figura 84 – Frei Fúlvio _ primeiro vigário da paróquia. 106
Figura 85 – Procissão de Ramos realizada entre o bairro Jaraguá e a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, no bairro Brasil. 107
Figura 86 – Crianças brincando no campinho de futebol, com o centro comunitário ao fundo. 111

LISTA DE ABREVIATURAS

BNH – Banco Nacional de Habitação

CETA - Centro de Estudos e Trabalho Artesanal

IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil

IEPHA-MG – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MAMB – Museu de Arte Moderna da Bahia

MAP – Museu de Arte Popular

REAPs – *Rapid Ethnographic Assessment Procedures* (Procedimentos de Rápida Avaliação Etnográfica)

SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **15**
1. A FUNDAMENTAÇÃO DO OLHAR **26**
1.1. MEMÓRIA COLETIVA 32
1.2. LINA BO BARDI E A CULTURA POPULAR 37
2. O LUGAR E SUAS MEMÓRIAS **50**
2.1. A IGREJA DIVINO ESPÍRITO SANTO DO CERRADO 56
3. AS DIVERSAS LEMBRANÇAS **82**
3.1. A COMUNIDADE E A AFETIVIDADE 84
3.2. O PROJETO E AS TRANSFORMAÇÕES 91
3.3. A ATUAÇÃO DOS PÁROCOS 106
3.4. O TOMBAMENTO E AÇÃO DO IEPHA-MG 108
3.5. A ARQUITETURA E A CULTURA POPULAR 111
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS **113**
REFERÊNCIAS **118**
APÊNDICES **124**
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 125
APÊNDICE B – ENTREVISTAS COM OS PÁROCOS 126
Frei Fúlvio Sabia 126
Padre Márcio Antônio Gonçalves 132
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O ARQUITETO 135
Marcelo Carvalho Ferraz 135
APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O MESTRE DE OBRAS 140
Sr. Alfredo Menegato 140
APÊNDICE E – ENTREVISTAS COM REPRESENTANTES DA COMUNIDADE 143
Sr. Alysson de Carvalho 143
D. Ana Alice Maria Pinto 146
D. Ana Maria Sales dos Santos 150
Sr. Antônio Alves de Souza e D. Maria Joana Cândida de Souza 154
Sr. Geraldo Lima Coelho (Diácono) 162
Sr. João Batista da Silva 165

Sr. Luiz Valter da Silva.....167
Sr. Marcos Ramardi de Souza.....170
Sr. Sebastião Maciel e D. Conceição Aparecida Maciel.....171
D. Sonia Maria dos Santos Tundisi.....174

INTRODUÇÃO

No dia 28 de setembro de 2014, um Jornal de Uberlândia trouxe matéria que retratava o fim das obras de ampliação e restauro da Igreja de Lina Bo Bardi na cidade.

> Depois de um processo de restauração arquitetônica que consumiu cinco anos e mais de R$ 627 mil, a Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, localizada no bairro Jaraguá, na zona oeste de Uberlândia foi entregue á comunidade católica. [...] a igreja uberlandense foi incluída, em 2013, no programa do governo estadual "Minas Patrimônio Vivo", que abarcou 11 projetos, num investimento total de R$417,1 milhões, para a recuperação de igrejas, casarões, fazendas e prédios tombados pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Minas Gerais (Iepha). (PACHECO, 2014)

Figura 1 – Missa na Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, após entrega das obras de restauro.

Fonte: BORGES, Cleiton. In: PACHECO, 2014.

Nesse contexto também ocorreu à elaboração deste estudo, que tem o intuito de analisar a temática da memória, no caso, de pessoas envolvidas, em especial da comunidade, que participaram e/ou ainda vivenciam atividades e experiências com o citado conjunto arquitetônico da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado. A partir de tal abordagem, o propósito foi de construir um novo olhar da pesquisadora, que é arquiteta por formação, através do contato e dos relatos dessas personagens, suas experiências e relações com o lugar, ao longo do tempo.

O projeto do *"arquiteto*[1]" Lina Bo Bardi (1914-1992) foi edificado entre os anos de 1976 e 1982, em uma região periférica da cidade. Em termos de contextualização, Uberlândia, localizada no Triângulo Mineiro, teve emancipação relativamente tardia, em 31 de agosto de 1888.

Figura 2 – Localização de Uberlândia no Triângulo Mineiro.

Fonte: FONSECA, 2007, p.70.

Conforme Maria de Lourdes P. Fonseca (2007, p.23-24.),

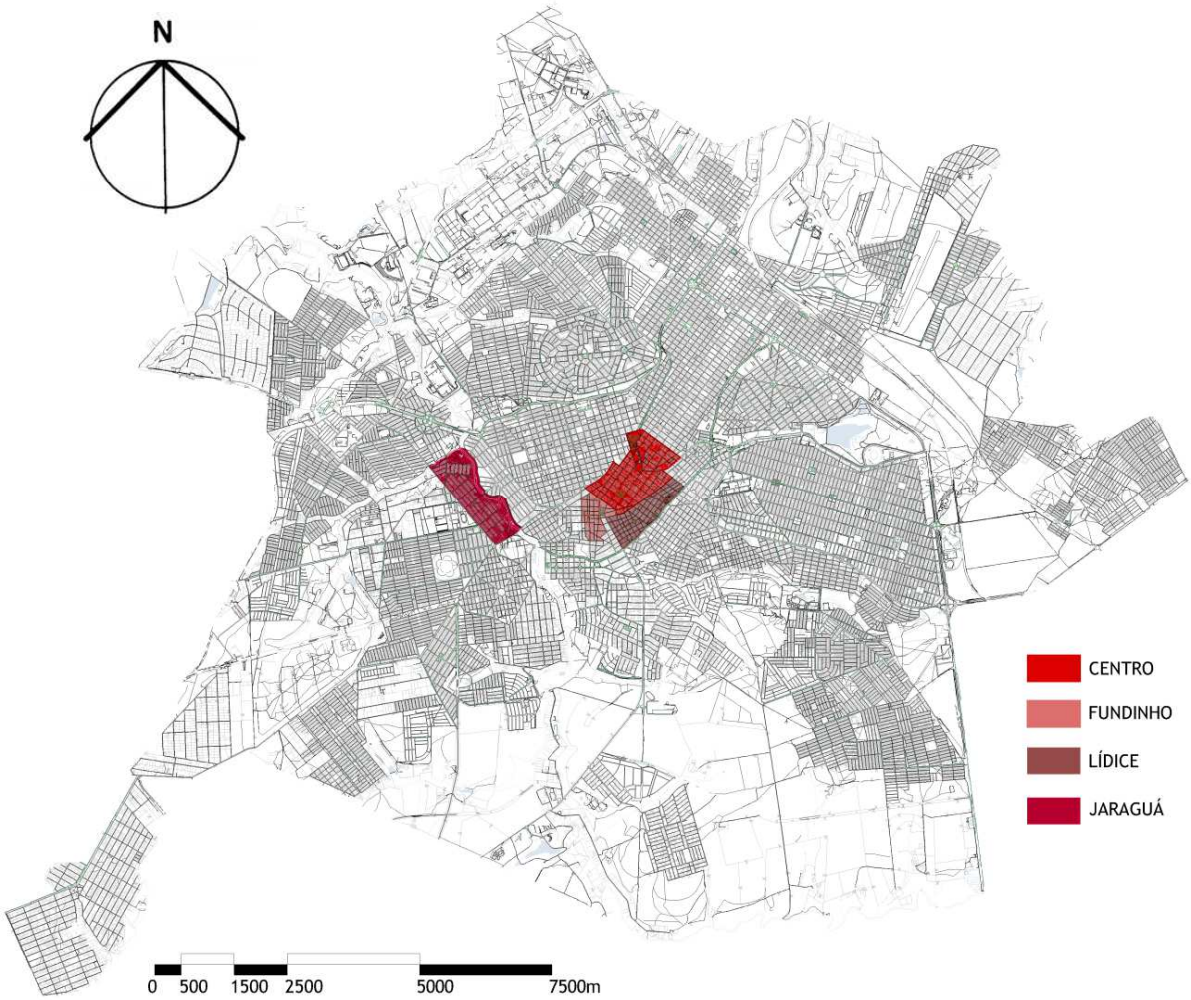
> até o final da década de 1940, a mancha urbana era pequena e se resumia à região central e alguns poucos bairros periféricos ao seu redor, separados por elementos naturais e/ou construídos, como córregos e os trilhos da ferrovia. Nas décadas posteriores, a partir do setor de urbanização mais antiga, o tecido urbano encontrou amplas possibilidades de crescimento pelo cerrado da região de relevo suave, apoiado pelo sistema viário regional. As maiores densidades populacionais se encontravam no centro, a partir do qual se dispersava segundo densidades mais baixas. Em função da criação de Brasília, a cidade passou por um grande crescimento econômico e, consequentemente, de população, acompanhado pela ampliação da área urbana.

Com isso, a década de 1950 foi marcada pela intensificação e consolidação de sua vocação como polo atacadista, com estratégica posição no território nacional. O espírito de modernidade e progresso, além das expectativas advindas da nova capital, instauraram-se no imaginário dos moradores e a cidade passou por

[1] Lina preferia ser chamada de arquiteto.

transformações consideráveis, com expansões urbanas e novas formas de ocupação do espaço aos moldes modernos[2]. Muitos exemplares ainda demarcam esse período histórico no tempo presente, principalmente na área central, com edifícios multifamiliares, praças, um clube, escolas, etc., e no bairro Lídice, onde as edificações de uso predominantemente residencial passaram a receber funções comerciais e de serviços.

Figura 3 – Base cartográfica da área urbana, com destaque para os bairros Centro, Fundinho (Centro Histórico), Lídice e Jaraguá - Uberlândia/MG.

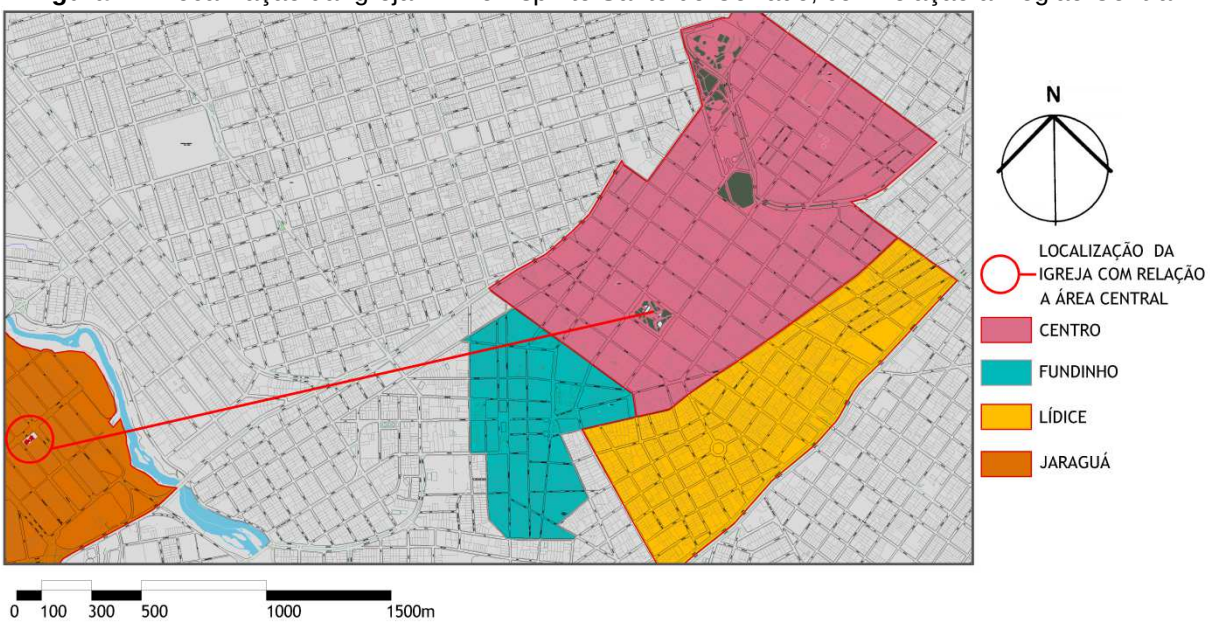


Fonte: PREFEITURA de Uberlândia, base completa, 2007 [formato dwg]. Adaptado pela autora, 2014.

[2] Diversos estudos acadêmicos abordam a produção moderna em Uberlândia e região, como, por exemplo, as dissertações de mestrado das professoras Doutoras Maria Eliza Alves Guerra e Patrícia Pimenta Azevedo Ribeiro, intituladas respectivamente, "As Praças Modernas de João Jorge Coury no Triangulo Mineiro" e "A difusão da Arquitetura Moderna em Minas – o arquiteto João Jorge Coury em Uberlândia". Assim como o projeto de pesquisa "A arquitetura moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba", do Núcleo de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, que pode ser acessado pelo endereço: <http://www.arqmoderna.faued.ufu.br/doc_moderno/html/cidades0.html>.

Com relação à Igreja de Lina Bo Bardi, foi construída no bairro Jaraguá, numa época em que a região estava em processo de ocupação, com vias não pavimentadas e onde também se implantaram alguns edifícios modernos de caráter industrial.

Figura 4 – Localização da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, com relação à Região Central.



Fonte: PREFEITURA de Uberlândia, base completa, 2007 [formato dwg]. Adaptado pela autora, 2014.

Figura 5 – Foto aérea do conjunto arquitetônico com o campinho já cimentado, mas antes da intervenção do centro pastoral.

Fonte: Google Earth, 2010. Acesso em: 05 mai. 2012.

De iniciativa da Ordem Franciscana, o conjunto foi construído com elementos característicos do cerrado mineiro e erguido por sua própria comunidade, que esteve constantemente envolvida na obra. Tombado em 1997, como patrimônio pelo

Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), atualmente passou por processo de reforma e restauro, além da construção de um centro pastoral que se sobrepôs ao platô mais baixo – antigo *campinho*. Quem assina os projetos são os arquitetos Marcelo Ferraz e André Vainer, que trabalharam com Lina Bo Bardi e são considerados coautores da obra.

Desde o início da pesquisa, o desígnio foi enfatizar a perspectiva da comunidade envolvida e durante as várias visitas à área e diálogo com as pessoas, foi possível definir que o melhor caminho para esta análise seria o de documentar suas diversas memórias, justificando que muitas delas já se perderam devido ao falecimento de agentes sociais, havendo ainda, na contemporaneidade, o risco eminente de que essas lembranças ainda vivas se percam por falta de registro. Com isso, o objetivo, além de dar-lhes voz, documentando suas percepções através do uso do espaço no tempo, inclui entender qual é essa bagagem de lembranças e como se influencia pelo meio e indivíduos, refletindo nas transformações do conjunto arquitetônico e na forma como o mesmo é apropriado.

A motivação dessa temática veio da oportunidade de trabalhar diretamente com uma comunidade, entendendo como a mesma lida, no caso, com um conjunto edificado por um renomado *arquiteto*, legalmente protegido e referência de cultura popular e identidade. A premissa partiu da ideia de que a participação da população é muito importante nos processos de proteção e manutenção de patrimônios, principalmente os edificados, pois a mesma tem no uso e cuidado diário, a melhor forma de conservação desses bens, mantendo não só sua integridade física, mas também a afetividade e memória. A relevância do trabalho está em dar mais ênfase ao grupo social envolvido do que a arquitetura em si, por manter a vitalidade e uso do lugar.

Em termos da condução metodológica, de acordo com Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (1991, p.40), todas as ciências adotam métodos científicos e eles apontam as direções a serem tomadas, de forma sistêmica e ordenada, através das técnicas de pesquisa. O objetivo é compreender o processo investigativo, assim como alcançar resultados satisfatórios e alternativas para a atuação científica.

Sendo assim, o método de abordagem adotado neste trabalho foi o **indutivo**, partindo de um caso específico para definir um resultado que pode ser aplicado, de modo geral, em outras circunstâncias. As conclusões são prováveis e baseadas em

premissas comprovadas. Já o método de procedimento é **qualitativo**, com **estudo de caso**.

De acordo com José Luis Neves (1996, p.1), nesse método são obtidos:

> Dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. [...] é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo as perspectivas dos participantes da situação estudada [...].

Nas ciências sociais, ele é empregado para analisar processos sociais, visualizando o contexto através do contato direto do pesquisador com o objeto de estudo e visão diferenciada das possibilidades de resultados.

Linda Groat e David Wang (2002, p.173) ressaltam os estudos de Dana Cuff[3], por tratarem da prática na arquitetura. Segundo os autores, para Cuff, ao analisar um universo específico, o pesquisador precisa observar e participar da vida desse lugar, como se fosse um membro do grupo, para assim, compreender a dinâmica desse espaço através do ponto de vista de seus agentes. Além disso, é preciso manter também o olhar de forasteiro, não absorvendo interações e resultados pessoais.

O intuito deste tipo de pesquisa é estudar fatos e/ou fenômenos em seus ambientes naturais, buscando interpretar os acontecimentos através do que as pessoas sentem, com isso, recorre a materiais empíricos e apresenta alguns 'componentes-chave' para a investigação: "ênfase no ambiente natural"; "foco na interpretação e nos significados"; "foco nos sentimentos e interpretações que os entrevistados fazem sobre suas próprias circunstâncias"; "uso de múltiplas táticas"; e por fim, "outros aspectos que se façam necessários", como olhar holístico, contato prolongado, análise através de palavras, etc. (GROAT; WANG, 2002, p.176-179) (tradução da autora).

Em termos das múltiplas táticas e processos, englobam teoria fundamentada, pesquisa etnográfica e interpretação, coleta de dados (táticas usadas, interatividade ou não-interatividade), organização e exibição dos dados, conclusões e verificações, além de elaboração de quais táticas serão aplicadas no exemplo de estudo de caso (descritiva, analítica, explicativa, qualidade dos dados, olhar para os não padrões, explicações dos testes, testes com *feedback*).

[3] CUFF, Dana. **Architecture:** The Story of Practice. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1991.

Com relação ao estudo de caso, Groat e Wang (2002) citam que, segundo Robert Yin[4], "é uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real" (tradução da autora). E para aplicar essa conceituação à arquitetura, reescreveram essa definição como "uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno ou lugar" (tradução da autora), e nesse sentido, inclui no foco de estudo a análise de fenômenos históricos e configurações tanto históricas como contemporâneas. Definindo ainda cinco características importantes:

> 1) foco em um ou múltiplos casos, estudados em seus contextos reais; 2) capacidade de explicar relações causais; 3) importância do desenvolvimento da teoria na fase do projeto de pesquisa; 4) uso de múltiplas fontes de evidência, com dados que precisam ser triangulados; e 5) poder de generalizar a teoria. (Groat; Wang, 2002, p.346) (tradução da autora)

A primeira, '*foco de casos em seus contextos*', vai além do trabalho de campo, estudando as complexas relações dinâmicas que integram o 'caso' ao 'meio' (ambiente), tornando o contexto parte importante do processo. A segunda se aplica nesse caso de método qualitativo, através de seu potencial em descobrir múltiplos fatores, que em suas complexidades proporcionam resultados particulares. O uso deste método no estudo de caso busca identificar relações causais entre os fatores sócio físicos e acontecimentos específicos do lugar, entendendo seu comportamento. Segundo o tipo de estudo de caso de Yan (Groat; Wang, 2002, p.349), o mesmo pode ser explicativo, descritivo, exploratório ou ter alguma combinação entre eles, o que depende da abordagem do pesquisador, sendo aconselhável buscar materiais pertinentes como, arquivos, documentos escritos e histórias orais, e ao mesmo tempo realizar o trabalho de campo, investigando as realidades e relações. No caso desta dissertação, trata-se de uma análise linear-analítica que segue o padrão normativo de um trabalho de pesquisa, com formulação do problema, revisão da literatura, definição dos métodos, discussões e conclusões.

A terceira, "*desenvolvimento da teoria*", é recomendável para que o projeto de pesquisa seja direcionado pelo desenvolvimento teórico, auxiliando na escolha de quais dados e critérios devem ser empregados na análise. A quarta trata da incorporação de múltiplas fontes de evidência, o que quer dizer que a análise teórica não se baseia na percepção apenas do estudo de caso, englobando outras

[4] YIN, Robert K. **Case Study Research:** Design and Methods. 2nd ed. Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications, 1994, p.13 apud GROAT,L.; WANG,D. 2002, p.346.

referências cabíveis. Groat e Wang (2002, p.355) ressaltam que este conjunto teórico generalizado pode ser instrumental (o estudo de caso é menos importante que a teoria) ou de caráter intrínseco, para se ter uma compreensão melhor do que deve ser estudado no caso particular, sendo o mais relevante para esta pesquisa.

Com relação a quinta e última característica, "*generalização da teoria*", apesar de alguns estudiosos serem contra essa ideia, Yin (GROAT; WANG, 2002, p.355) defende que um estudo de caso específico (uma experiência única) pode ser generalizado para a teoria, e a mesma ser aplicada em outras situações. Segundo o autor, a força deste tipo de método está justamente em poder se generalizar.

Sendo assim, devidamente definidos os métodos, as técnicas de pesquisa adotadas foram: documental, bibliográfica, pesquisa de campo, além de observação direta intensiva. Na pesquisa documental foram analisados documentos de fontes primárias, escritos ou orais, retrospectivos e contemporâneos: documentação do arquivo público; o dossiê de tombamento estadual; e os depoimentos e fotografias particulares.

Na pesquisa bibliográfica foram analisados os de caráter secundário: livros, dissertações e teses que tratam das diversas abordagens; revistas e jornais que retratam a Igreja em épocas diferentes, desde a elaboração e construção do projeto, as mudanças de gestão, os diversos atores, o tempo de uso e a contemporaneidade.

Já na pesquisa de campo, conforme Marconi e Lakatos (2002, p.85),

> Obtém-se frequentemente descrições [...] qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as interrelações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc.[...].

Ainda segundo Marconi e Lakatos (2002, p.86) "o interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade".

A observação direta intensiva foi realizada através de observação e entrevista. O processo de observação fortaleceu a pesquisa de campo, e este trabalho científico foi analisado segundo a participação do observador (observação participante), número de observações (observação individual, pelo próprio observador) e quanto ao lugar que se realiza (na vida real com trabalho de campo).

> A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que

> orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social. (MARCONI; LAKATOS, 2002, p.88)

De acordo com Marconi e Lakatos (2002, p.90), a observação participante é aquela em que o pesquisador tem participação real na comunidade, incorporando-se e participando das atividades da mesma, como se fosse um membro do grupo. Nesse estudo de caso, a observação foi **participante artificial**, pois o pesquisador não faz parte efetivamente da comunidade se infiltrando para obter informações, também foi **individual** pela inviabilidade tempo-espacial de envolvimento de outros pesquisadores e ocorreu '**na vida real**' com registro de dados conforme aconteciam espontaneamente.

No caso das entrevistas são feitas com diversos agentes que podem oferecer informações importantes na obtenção dos dados. Esses depoimentos são uma conversação de caráter profissional, que têm por objetivo, segundo Marconi e Lakatos (2002, p.93), averiguar fatos, definir opiniões sobre esses fatos, determinar os sentimentos envolvidos, descobrir planos de ação para definir quais condutas podem ser tomadas, averiguar se a atuação do agente entrevistado está sendo atual ou do passado para prospectar o futuro, e se os motivos/fatores são conscientes para opiniões, sensações, sistemas ou condutas.

Com apoio da análise de Verena Alberti para o método de história oral:

> A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. [...] convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 2005, p.31-32).

O que é ainda enfatizado por Ecléa Bosi (1994, p.37) que considera que, o intuito é "registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres [...]. Este registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social". E completa que em sua obra "*Memória e Sociedade: lembrança de velhos*",

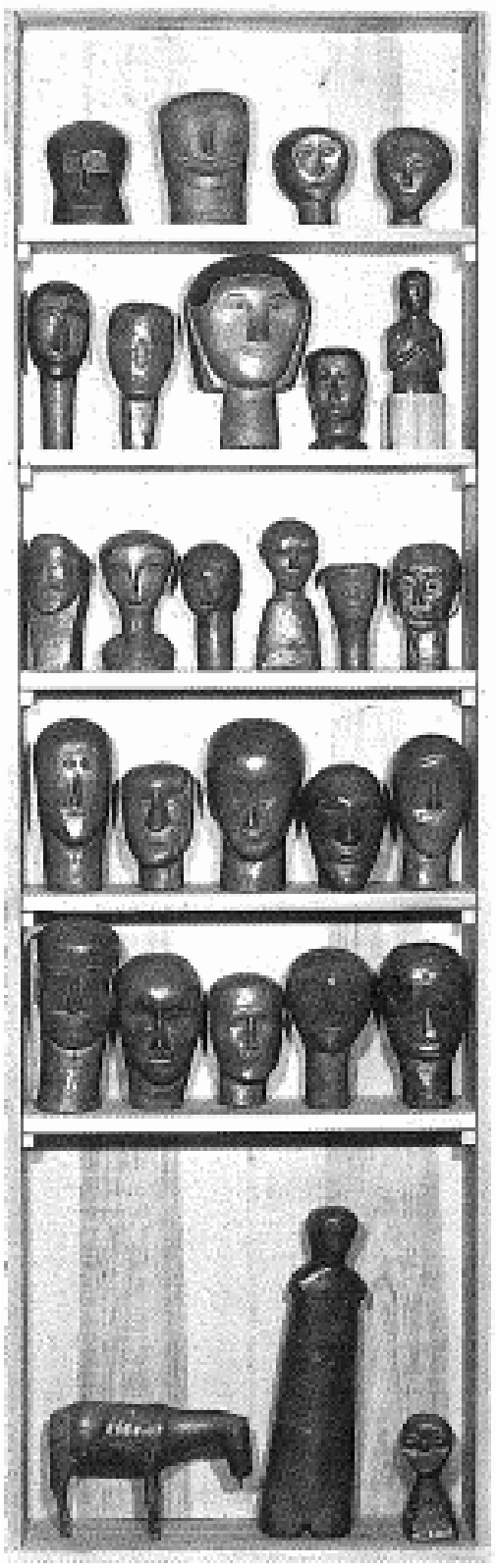
> o principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito. (BOSI, 1994, p.37-38).

Sendo assim, neste estudo o foco foi produzir e tratar depoimentos (entrevistas) gravados com um recorte de agentes que não se pautou por uma quantidade

determinada de entrevistados; na verdade, a participação foi livre e aberta – aqueles que se sentiram confortáveis e se disponibilizaram a compartilhar suas lembranças e experiências. As entrevistas foram semiestruturadas com perguntas que foram construídas a partir do próprio contato com o entrevistado, mas de toda forma, possibilitaram outros desdobramentos além do previsto. Os entrevistados autorizaram o uso das informações e fotografias através de um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, cujo modelo se encontra no apêndice A.

A organização do trabalho foi articulada em três capítulos, sendo que o primeiro enfatiza a fundamentação teórica, introduzindo brevemente os conceitos de patrimônio cultural e sustentabilidade social, mas com destaque à “memória coletiva” e à “cultura popular”, inserindo ainda o pensamento de Lina Bo Bardi. Essas temáticas estão intrínsecas e se interrelacionam, formulando o pano de fundo deste estudo: o conceito antropológico de cultura, ao se integrar ao patrimônio a partir dos anos de 1980, ampliou as possibilidades, englobando a diversidade cultural e, nesse sentido, incorporando a cultura popular. Além disso, enquanto patrimônio, o bem edificado em um tempo anterior carrega símbolos resultantes de sua memória formada no seio da comunidade e por isso, o foco é em termos de memória coletiva, registrando e analisando essas bagagens de lembranças.

O capítulo dois, por sua vez, aborda a ideia de lugares de memória e a Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, descrevendo suas características iniciais e transformações físico-espaciais ao longo do tempo, o processo de proteção patrimonial e informações relevantes com relação à atuação da comunidade. O capítulo três analisa os registros dos diversos depoimentos coletados, sejam aqueles advindos da comunidade, como o do arquiteto Marcelo Ferraz, dos párocos e de um construtor. Fechando o trabalho, as considerações finais ressaltam a importância da comunidade e o olhar transformador construído pela pesquisadora.



[5]

1. A FUNDAMENTAÇÃO DO OLHAR

[5] Coleção de Ex-votos em madeira de Umburana _ Monte Santo, Bahia. **Fonte:** GUTHMANN, Armin. In: BARDI, 1994, p.28.

"No Brasil, costuma-se chamar de 'arte popular' a produção de esculturas e modelagens feitas por homens e mulheres que, sem jamais terem frequentado escolas de arte, criam obras de reconhecido valor estético e artístico. Seus autores são gente do povo, o que, em geral, quer dizer pessoas com poucos recursos econômicos, que vivem no interior do país ou na periferia dos grandes centros urbanos e para quem 'arte' significa, antes de mais nada, trabalho".
(MASCELANI, Angela[6])

As ideias de patrimônio e sustentabilidade culturais foram brevemente introduzidas no intuito de respaldar esta análise que enfoca o estudo de um conjunto arquitetônico patrimonial, o qual faz parte da cidade presente, contando sua história, tradições, enraizamentos e constituição urbana, além de ser recurso vivo, dinamizado e edificado na formação de uma identidade local e comunidade.

De acordo com Queiroz (1989, p.18, 21-22), em termos nacionais, até o final século XIX – início do XX, ainda havia o pensamento de que a heterogeneidade brasileira era um empecilho à constituição de uma identidade nacional, a denominada brasilidade. Havia uma falsa ideia de que a homogeneização era fundamental para se ter uma identificação (principalmente na imagem da cultura ocidental). Mas com a Semana de Arte Moderna de 1922, novas manifestações se instituíram através de jovens e grandes intelectuais, como Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954), os quais acreditavam que os fundamentos dessa brasilidade estavam justamente na composição das diversas culturas que aqui se fixaram, ou seja, a identidade brasileira se comporia da miscigenação, da convivência harmônica dessa diversidade, sendo com isso, ao mesmo tempo nacional e cultural.

> Todas as coletividades étnicas, todos os estratos sociais estão interligados por um patrimônio cultural semelhante e este fato compõe o nacional, — algo que se exprime de forma concreta, independentemente de uma conscientização. Os elementos culturais são basicamente os mesmos; a variação que existe é do grau em que cada complexo pesa num ou noutro estrato, numa ou noutra etnia. (QUEIROZ, 1989, p.30)

Sendo assim, o que caracterizaria a identidade brasileira estava justamente na sua flexibilidade, dinâmica e variedade, constituindo ainda, a realidade socioeconômica do país, não fazendo sentido se recriar um passado distante como se os princípios

[6] In: Arte Popular Brasileira. Disponível em: <http://www.popular.art.br/htdocs/defTexto.asp?artigo=286>. Acesso em: 19 jul. 2014.

culturais pudessem ser replicados e não se modificassem. E já introduzindo as análises de Lina Bo Bardi, pode-se entender que a identidade cultural do Brasil tem nas suas raízes mais populares, as fontes de um reconhecimento nacional.

Em termos de patrimônio, destacam-se Mario de Andrade, já citado, e Lucio Costa (1902-1998), por terem participado efetivamente da criação da agência nacional de proteção. Em 1937, instituiu-se o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e com ele, a proteção patrimonial através de tombamento pelo Decreto-Lei nº. 25 de 30 de novembro do mesmo ano, que trata do patrimônio nacional de caráter histórico e artístico, definido como "o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico" (BRASIL, 1937, p.1). O decreto-lei contempla quatro Livros do Tombo para inscrição dos bens: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Livro do Tombo Histórico; Livro do Tombo das Belas Artes; e Livro do Tombo das Artes Aplicadas.

> No caso brasileiro, [...] não vão ser os setores conservadores, mas alguns intelectuais modernistas que elaboram e implementam as políticas de preservação do patrimônio. Nesse sentido, é importante lembrar que o modernismo, movimento renovador da cultura no Brasil, teve como característica geral, ao lado de uma crítica exacerbada à arte acadêmica, tradicional, a busca de raízes, colocando como parte de sua agenda a questão da identidade nacional. Assim, ao mesmo tempo em que mantêm estreito contato com as vanguardas europeias, os modernistas brasileiros desenvolvem uma peculiar relação com a tradição, recusando a ideia do rompimento radical com o passado. (CASTRIOTA, 2009, p.71)

Com relação à arquitetura, conforme Castriota (2009, p.73), o reconhecimento de um passado nacional veio principalmente na afirmação do colonial mineiro como projeção de características também nacionais.

> Uma espécie de correspondência entre a arquitetura colonial e a arquitetura moderna, ressaltando-se os seus traços comuns: simplicidade, austeridade, pureza, bom uso dos materiais. [...] que estabelecia uma espécie de afinidade eletiva entre nosso passado barroco e colonial e a arquitetura moderna que então se fazia. (CASTRIOTA, 2009, p.73)

Nesse contexto, o século e meio entre ambas as manifestações (na imagem do Neoclássico e Eclético) foi considerado como apenas apropriação de uma linguagem estrangeira, sendo até tido como digno de esquecimento. Castriota (2009, p.74) ainda completa que no tombamento dos núcleos históricos de Minas Gerais, em 1938, foi considerado o valor artístico e não o histórico dos bens: "a cidade é abordada segundo critérios puramente estilísticos, [...]. Com isso, instaura-se ali,

como de resto em todo o Brasil, uma prática de objetos idealizados, desconsiderando-se, muitas vezes, a sua história real". O bem é tombado como imutável, esquecendo-se que, enquanto parte da cidade passa por processos de transformação dos espaços, carregando ainda vitalidade, relações afetivas de uso, memórias e participação social.

Pouco a pouco essa noção de patrimônio histórico e artístico foi ampliada para a ideia de patrimônio cultural, respaldada pelo conceito antropológico de cultura, no qual esta é o conjunto de ações que constituem e identificam uma sociedade, com isso, a proteção patrimonial passou a incluir também o universo intangível, os costumes, modos de fazer, festividades, etc.

No caso brasileiro, foi através da Constituição Federal de 1988 que esse conceito foi incorporado e o sentido de bens patrimoniais se ampliou, englobando o patrimônio imaterial, além de reconhecer os direitos culturais dos cidadãos. Assim, nossa Constituição define:

> Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p.75).

Ali ainda se introduz a importante ideia de que "o Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação". Como anota Santos (2001, p.43-44):

> O patrimônio foi deixando de ser simplesmente herdado para ser estudado, discutido, compartilhado e até reivindicado. Ultrapassam-se a monumentalidade, a excepcionalidade e mesmo a materialidade como parâmetros de proteção, para abranger o vernacular, o cotidiano, a imaterialidade, [...]. Passa-se a valorizar não somente os vestígios de um passado distante, mas também a contemporaneidade, os processos, a produção.

Ainda na década de 1980, o patrimônio cultural se integrou também à temática da sustentabilidade. Nessa direção, John Keene (2001, p.12) destaca que os preservacionistas urbanos buscam manter a diversidade cultural contra a homogeneização global, e suas preocupações podem ser concebidas com a interseção de quatro áreas:

> 1. as instituições culturais e sociais através das quais os nossos valores são transmitidos de uma geração para a seguinte; 2. os setores econômico e

> tecnológico que moldam a produção e disposição de bens e serviços, especialmente no ambiente construído; 3. as instituições jurídicas e o planejamento que orientam às normas da sociedade, e; 4. o ambiente construído por incorporar as tradições sociais e estéticas do passado. (KEENE, 2001, p. 12) (tradução da autora)

E completa,

> Demolir os diferentes bairros históricos que caracterizam cada cidade do mundo e substituí-los por padrões uniformes globais do século XXI é análogo a derrubar uma floresta e substituí-la por pastagem ou lavoura de monocultivo. Isto reduz a diversidade cultural e aumenta a entropia. (KEENE, 2001, p.15) (tradução da autora)

Setha Low (2001, p.48) enfatiza ainda a ideia de sustentabilidade social, colocando-a como "um subconjunto da sustentabilidade cultural, que inclui a manutenção e preservação das relações sociais e significados que reforçam os sistemas culturais. [...] manter e reforçar diferentes histórias, valores e relações das populações contemporâneas" (tradução da autora). Sua análise começa pensando os lugares de memória enquanto lembranças da mente e se direciona para o ambiente físico construído e o fato de muitas vezes esses lugares serem destruídos, apagados. Low (2001, p.48-49) cita David Throsby, propondo acrescentar três dimensões críticas à sua análise: ecossistemas culturais estão localizados no tempo e espaço, sendo que a conservação cultural e o desenvolvimento sustentável visam preservá-los; a importância do trabalho dos antropólogos; e a diversidade cultural. (tradução da autora)

A autora define então, uma pesquisa através de Procedimentos de Rápida Avaliação Etnográfica (*Rapid Ethnographic Assessment Procedures* - REAPs), "para a incorporação de diversas histórias e valores culturais e reforçar a sustentabilidade social à escala local[7]" (LOW, 2001, p.51). Nesse tipo de pesquisa, é definido um conjunto de métodos "para produzir tipos diferentes de dados a partir de diversas fontes que podem ser trianguladas para proporcionar uma análise completa do sítio" (LOW, 2001, p.53-55): documentos históricos e arquivísticos; mapeamento de vestígios físicos; mapas comportamentais; percursos (*Transect Walks*); entrevistas individuais; entrevistas com especialistas (dentro da comunidade); entrevistas com grupos improvisados; grupos focais; observação participativa; e análise. (tradução da autora)

> A sustentabilidade social, como um subconjunto da sustentabilidade cultural, depende da manutenção do ecossistema existente e da diversidade cultural, mas pode ser mais facilmente estudadas a nível local. O REAP pode ser usado para extrair as histórias, valores e relações das populações locais,

[7] Tradução da autora.

> que muitas vezes são esquecidos em locais de patrimônio. Entender essas populações, relações sociais e significados, aumenta a capacidade de promover a sustentabilidade social. Resolver conflitos de valores, e desenvolvendo representações culturais mais inclusivas são apenas duas das muitas soluções possíveis para promover a mais bem sucedida identificação local com o lugar. (LOW, 2001, p:63) (tradução da autora)

Sendo assim, o foco da presente pesquisa é analisar o lugar de patrimônio na escala da comunidade envolvida, entendendo como a mesma se relaciona com o objeto edificado.

1.1. MEMÓRIA COLETIVA

"É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida."
(BOSI, 1994, p.407).

O intuito de abordar memória coletiva está em entender, em termos comunitários, como ela se mantém, transforma e adapta ao longo do tempo e das relações construídas entre os seres humanos, repercutindo na forma de apropriação e pertencimento sociocultural e espacial.

Nesse sentido, Bosi (1994, p.43-44) inicia sua abordagem sobre a memória, retomando o trabalho de Henri Bergson[8], que analisa filosoficamente, como os conceitos de memória, tempo, ação, consciência, corpo se interpenetram.

> Todo o esforço científico e especulativo de Bergson está centrado no princípio da diferença: de um lado, o par percepção-ideia, par nascido no coração de um presente corporal contínuo; de outro, o fenômeno da lembrança, cujo aparecimento é descrito e explicado por outros meios (BOSI, 1994, p.46).

Segundo Bosi (1994, p.46-47), para Bergson, essa distinção existe porque memória e percepção acontecem em tempos diferentes, a primeira no passado e a segunda no presente, sendo demarcada por atos que sempre se inovam, ou seja, a cada ação cabe uma determinada forma de perceber do próprio indivíduo. No entanto, apesar disso, haveria uma ampla carga de lembranças, ou seja, as ações que acontecem num tempo atualizado estão impregnadas de memórias anteriores, de bagagens passadas, de experiências que interferem na forma de agir.

> A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. (BOSI, 1994, p.46-47).

Conforme Bosi (1994, p.48), o interesse de Bergson está em compreender como ambas se articulam, como o passado implantado na memória se reflete no presente entendido pela percepção, estabelecendo as diferenças entre o que denomina

[8] A análise da produção de Bergson, aqui apresentada, baseia-se no ponto de vista de Ecléa Bosi, apenas para contextualizar a abordagem da autora com relação à ideia de memória.

memória-hábito, instituída no corpo social, o que faz com que determinadas atitudes sejam definidas pelo coletivo, enquanto a imagem-lembrança se constitui de atos únicos e individualizados do ser.

> A memória-hábito [...] – um processo que se dá pelas exigências da socialização. [...] faz parte de todo o nosso adestramento cultural. No outro extremo, a lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, [...] refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. (BOSI, 1994, p.49).

De modo geral, Bosi (1994, p.53) diz que para Bergson, “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espirito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios”. Mas ressalva que os textos de Bergson consideram a memória do indivíduo como bagagem de um passado propriamente seu, fielmente lembrado, e não como fenômeno social (BOSI, 1994, p.54), daí a importância de abordar as análises do sociólogo francês Maurice Halbwachs.

Conforme Bosi (1994, p.55), o lembrar, segundo Halbwachs, “não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição”. Sendo assim, a reprodução do passado muda, conforme a percepção e consciência do indivíduo se alteram. Dessa forma, dificilmente seria possível retratá-lo exatamente como aconteceu num tempo anterior. Nesse sentido, Halbwachs enfatiza o fato da memória do indivíduo estar entrelaçada à memória do grupo, e esta à chamada memória coletiva da sociedade (BOSI, 1994, p.55).

> Para Bergson, o passado permanece inteiro em nossa memória, exatamente como foi para nós; mas certos obstáculos, em especial o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos todas as suas partes. Em todo caso, as imagens dos acontecimentos passados estão completíssimas em nosso espírito [...]. Para nós, ao contrário, o que subsiste em alguma galeria subterrânea de nosso pensamento não são imagens totalmente prontas, mas – na sociedade – todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado que representamos de modo incompleto ou indistinto, e que até acreditamos terem saído inteiramente de nossa memória. (HALBWACHS, 2003, p.97).

Nesse sentido, de acordo com Halbwachs (2003, p.72), diferentes referências sustentam a memória de um indivíduo, pois o mesmo carrega juntamente com sua bagagem própria, com sua memória individual, uma carga dessa chamada memória

coletiva, de pertencimento, que é necessária, pois “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que, muitas vezes, existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2003, p.72), muitas vezes anteriores à sua própria existência, mas que são importantes para sua inserção em sociedade e na formação de identidade cultural e bagagem histórica. Nessa contextualização, Halbwachs (2003, p.72) ainda acrescenta que ambas as memórias acontecem no espaço e tempo, mas com limites diferentes, que podem ser mais estreitos ou alongados. E ainda ressalta que muitas dessas memórias coletivas são possíveis de serem imaginadas justamente pelo que conta a história.

Conforme Candau (2011, p.21-23), a memória do indivíduo é uma faculdade, ou seja, todo homem dela é dotado, a não ser quando possui alguma patologia que o desprovê disso. Assim sendo, em termos antropológicos, o autor entende que ela se manifesta de três formas: há a protomemória (primeira ou, o que denomina de baixo nível, é aquela da habitualidade, pouco pensada, mas que define ações corriqueiras, podendo ser comparada com a memória-hábito de Bergson), a memória propriamente dita (ou de alto nível, que manifesta a recordação, evoca as lembranças) e a metamemória, que é a representação relativa dessa faculdade, ou seja, “cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas” (CANDAU, 2011, p.24). Mas quando se trata da denominada memória coletiva, do grupo ou sociedade, essas definições não correspondem, “apenas a eventual posse de uma memória evocativa ou da metamemória pode ser pretendida”.

> [...] De fato, em sua acepção corrente, a expressão “memória coletiva” é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo. Essa metamemória não tem o mesmo estatuto que a metamemória aplicada à memória individual: nesse caso é um enunciado relativo a uma denominação [...], enquanto no que se refere ao coletivo é um enunciado relativo a uma descrição de um compartilhamento hipotético de lembranças. (CANDAU, 2011, p.24-25).

E ainda destaca a questão da identidade, entendendo que é uma análise mais complexa e recai também nesse campo da representação. “O termo é então utilizado em um sentido menos restrito, próximo ao de semelhança ou de similitude que satisfaz sempre uma inclinação natural do espírito. [...] a identidade (cultural ou

coletiva) é certamente uma representação" (CANDAU, 2011, p.25), ou seja, retomando as análises de Halbwachs, a identidade cultural e a memória coletiva de determinado grupo existem porque o mesmo permanece com características que resguardam as semelhanças entre seus seres. Mesmo que esses sejam únicos e providos de suas próprias particularidades, há um cotidiano que estabelece as relações que os insere em sociedade. Muitas vezes, o limiar do pertencimento a uma certa identidade cultural está justamente em definir diferenças, ou seja, o que faz um ser pertencer a um grupo e não a outro.

> [...] as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de "traços culturais" [...]. mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações, contexto, circunstâncias –, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de "visões de mundo" identitárias ou étnicas. Essa emergência é a consequência de processos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores. (CANDAU, 2011, p.27).

Isso também se atribui à questão do lugar físico, e nesse sentido, de acordo com Halbwachs, haveria uma ampla relação e interação do espaço com a memória coletiva.

> A diferenciação de uma cidade resulta de uma diversidade de funções e costumes sociais [...]. Os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e essa resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais. As cidades se transformam no curso da história. (HALBWACHS, 2003, p.162).

O que quer dizer que, a depender das dimensões, grau de envolvimento dos homens com o lugar, escala e temporalidade das transformações, a memória coletiva respaldará mais ou menos as alterações das cidades; com isso, determinadas demolições, por exemplo, podem provocar maior ou menor desconforto, incômodo a determinados habitantes.

> Se, entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito acidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas, seu bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, segundo um plano diferente – mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens. (HALBWACHS, 2003, p.163).

E completa,

> Os habitantes de uma cidade ou de um bairro formam uma pequena comunidade, porque estão reunidos em uma mesma região do espaço. Desnecessário dizer que esta é apenas uma condição da existência desses grupos, mas uma condição essencial e muito aparente. Não é exatamente o que acontece com outros tipos de formações sociais. (HALBWACHS, 2003, p.165).

Halbwachs (2003, p. 170) finaliza que não existe memória coletiva que não se realize no espaço e que não há grupos e nem atividades coletivas que não

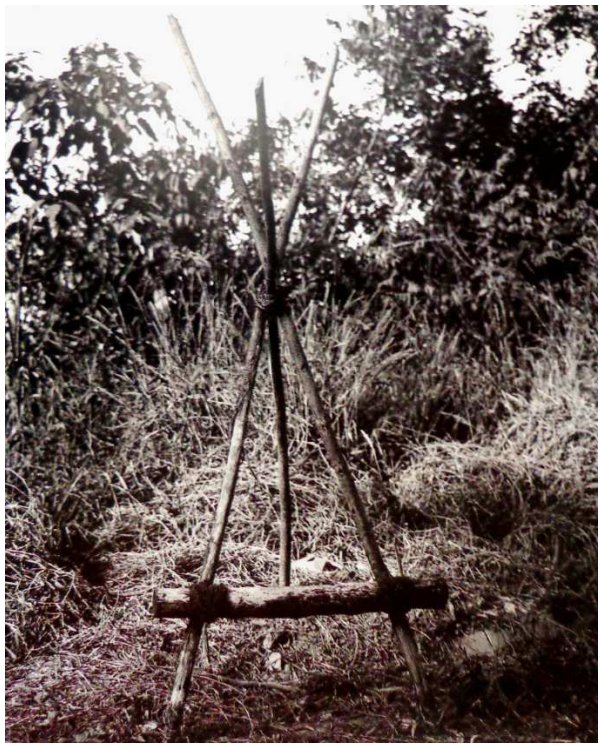
estabeleçam relação com o lugar. Sendo assim, a memória coletiva pode então ter marcas materiais ou não, como os monumentos, a arquitetura, os lugares de memória, paisagens, datas, personagens históricos, costumes, tradições, a cultura popular, etc. Nessa linha de raciocínio, para Emilio Martínez Gutiérrez (2011, p.19-20), o espaço e suas edificações representam a memória coletiva de mais rápida e confiável percepção entre os outros diversos sinais de recordação – “nós podemos viver sem arquitetura, embora não seja permitido lembrar-se sem ela" (tradução da autora). E ainda a relaciona com identidade e espaço, ressaltando que a interação dos dois primeiros qualifica ainda mais o último.

Com isso, a memória coletiva pode ser entendida como um produto social e, ao se costurar ao espaço edificado se torna, respectivamente, simbólica e física, construída da forma que convém para o funcionamento do grupo social, mas sem ser fechada e imutável, dinamizando-se com o tempo e a vida. Com o estudo de caso da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, será possível entender como isso acontece, quais são essas recordações mais marcantes e como refletem na afetividade e no processo de uso e ocupação do lugar, o qual também é analisado em termos de cultura popular.

1.2. LINA BO BARDI E A CULTURA POPULAR

"[...] Nesse adjetivo velho, usado ao invés do antigo, está toda a crise de nossa época: o cheiro de mofo da cultura abandonada a si mesma, do antigo não querido e não revivido, mas sim mumificado e esquecido."
(BARDI, 1958. In: RUBINO; GRINOVER, 2009, p. 94).

Figura 6 e Figura 7 – Lina na cadeira de Beira de Estrada[9] e o exemplar, respectivamente.



Fonte: UMA ideia de museu[10]. Ferraz, 2008, p.186.

O trabalho desenvolvido por Lina Bo Bardi no nordeste brasileiro, em termos de cultura popular, foi contextualizado a partir de uma crítica ao pensamento moderno, corrente da qual *o arquiteto* participou de maneira transformadora, como é possível observar abaixo.

De acordo com Françoise Choay (2011, p.3-7), a partir da segunda metade do século XVIII e ao longo século XIX, através do processo de industrialização, as dinâmicas sociais mudaram consideravelmente – crescimento acelerado das cidades, êxodo rural, surgimento do operariado –, com o espaço urbano

[9] A Cadeira de "Beira de Estrada" exemplifica uma das muitas engenhosidades encontradas por Lina no nordeste – simplicidade da forma, elaborada com três galhos de madeira na estrutura e uma tora no assento, todos amarrados com cipó, compondo um banco de ponto de embarque de estrada.

[10] Disponível em: <http://aeromancia.blogspot.com.br/2011/08/uma-ideia-de-museu.html>. Acesso em: 10 jul. 2014.

apresentando uma série de problemáticas que envolviam moradia, mobilidade, salubridade, condições de trabalho, etc. Em meio a uma imagem de caos, diversos pensadores iniciaram discussões críticas, instituindo-se a ideia de que as cidades se encontravam em amplo processo de desorganização, necessitando de um ordenamento planejado. Propostas utópicas inspiraram e efetivaram, no século XX, planos de cidades, possibilitados pelo surgimento do urbanismo como ciência e a consolidação do movimento moderno. Apesar da corrente denominada culturalista[11], apoiada também pela ideia de modelo, mas com viés nostálgico, focada na história, cultura e agrupamento social, será a chamada corrente progressista que mudará amplamente o universo sociocultural, o que se refletiu na junção da já citada ordem ao progresso.

O pensamento moderno, através da negação abstrata de um passado historicista que deveria ser esquecido, instituiu-se em prol de novas formas que visavam o futuro – edifícios-manifestos e intervenções urbanas, em que, a "imagem do homem-tipo inspira a Carta de Atenas, que analisa as necessidades humanas universais no quadro de quatro grandes funções: habitar, trabalhar, locomover-se, cultivar o corpo e o espírito" (CHOAY, 2011, p.21). A modernidade, então, implantou um novo processo de uso e ocupação do espaço, baseado nesse modelo de homem universal, resultando em um desenho de cidade extremamente setorizado e rigoroso, definidor das ações e não levando em conta as variedades de agentes sociais envolvidos, os quais estão diferentemente inseridos em sociedade apresentando uma enorme diversidade de manifestações e atitudes culturais[12].

Contexto onde também os operários se consolidavam como classe organizada, a qual resultou no surgimento de uma sociedade denominada de massa, com uma cultura que também se massificava. Sendo assim, conforme Bosi (1986, p. 69), a questão cultural perdeu sua rígida dualidade entre aristocracia e folclore[13], e justamente em função dessa massificação que eclodiram estudos sobre a cultura

[11] CHOAY, 2011, p.11.

[12] Como questiona Choay (2011, p.25), "[...] o individuo uma vez definido em termos de desenvolvimento físico, de funcionamento, de produtividade, de necessidades-tipos universais, que lugar é deixado para o campo infinito e indeterminado dos valores a serem criados e dos desejos possíveis?".

[13] Diversos teóricos consideram a cultura popular como folclore. Esse termo é retomado na abordagem de Lina Bo Bardi.

popular em resposta ao universo de consumo, com a indústria cultural que, segundo Hannah Arendt (2013, p.250-251), individualizou os indivíduos menos favorecidos, além de "incorporá-los[14]" à sociedade, permitindo-lhes consumir lazer e "cultura", através do chamado *kitsch*[15].

> Nessa desintegração, a cultura, ainda mais que outras realidades, se tornara aquilo que somente então as pessoas passaram a chamar de um "valor", isto é, uma mercadora social que podia circular e se converter em moeda em troca de toda espécie de valores, sociais e individuais. (ARENDT, 2013, p.256)

Arendt (2013, p.257-258) se posiciona no entendimento de cultura como algo que, apesar de muitas vezes se tornar mercadoria com valor de troca, não é "consumida", o que quer dizer que, determinadas pessoas necessitam de um universo cultural, que perdura no tempo, enquanto a sociedade de massa precisa de diversão, lazer e entretenimento, consumindo-os e desintegrando-os como qualquer outro produto. E acrescenta que o tempo vago do trabalhador é fruto da modernidade, que foca no desempenho e lucratividade, e com ela tende a se ampliar, o que coloca em risco de empobrecimento cultural.

Já Lina Bo Bardi (1994, p.31), dizia que esse tipo de argumentação, focada na ideia de cultura de massa, serviria como justificativa da classe dominante para desqualificar a produção popular, assim como é feito com o uso do termo folclore. "A Arte Popular, julgada Kitsch pela classe 'culta', nunca é Kitsch: mesmo em casos extremos, ela é perfeitamente reversível. O verdadeiro Kitsch não é do povo, é da burguesia e é irreversível".

Conforme Bosi (1986, p. 63-64), diversos pensadores formulam definições de cultura popular, entre os quais, Antonio Gramsci, também analisado por Lina Bo Bardi, que se posiciona a favor da ideia de que ela seria uma cultura criada pelo povo, "no coração da sociedade", com incorporações sociais fora dos padrões oficiais. Essas são manifestações que criam diálogos entre tradições e as incorporações novas, criativas e atualizadas, ou seja, são sempre vivas e inovadoras. E Bosi (1986, p.65) completa, "tanto do ponto de vista histórico quanto do funcional, a cultura popular

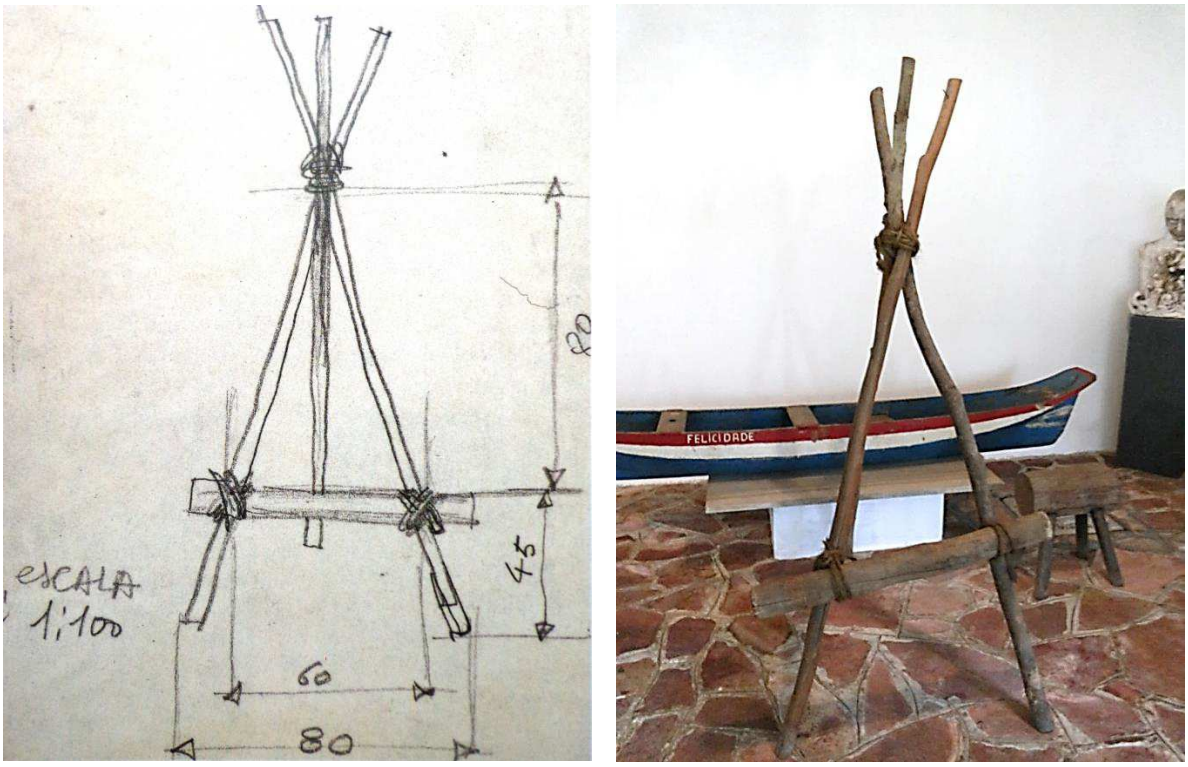
---

[14] Conforme Arendt (2013, p.250), "[...] a sociedade, na acepção de 'boa sociedade', compreendia aquelas parcelas da população que dispunham não somente de dinheiro, mas também de lazer, isto é, de tempo a devotar 'à cultura'", nesse sentido, o trabalhador, com diminuição das jornadas de trabalho, passou a ser considerado detentor de tempo para as "práticas culturais", numa falsa ideia de inserção social.

[15] Segundo Bardi (1994, p.29) *kitsch* é uma "palavra alemã intraduzível".

pode atravessar a cultura de massa tomando seus elementos e transfigurando esse cotidiano em arte".

Figura 8 e Figura 9 – Cadeira de "Beira de Estrada", respectivamente, croqui (projeto) e exemplar do acervo do Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.



Fonte: FERRAZ, 2008, p.186. SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2013.

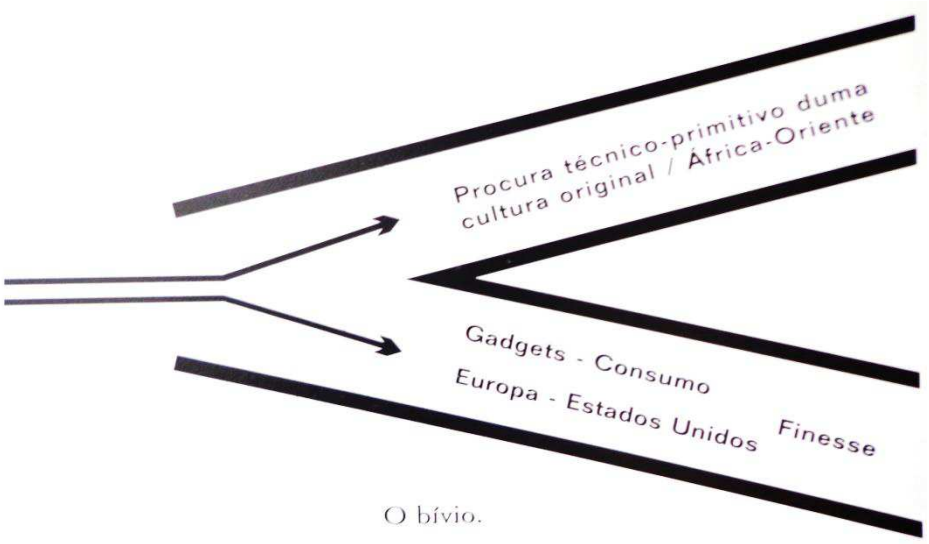
> Salvaguardar ao máximo as forças genuínas do país, procurando ao mesmo tempo estar ao corrente do desenvolvimento internacional, será a base da nova ação cultural, procurando, acima de tudo, não diminuir ou elementarizar os problemas, apresentando-os ao povo como um alimento insosso e desvitalizado [...]. (BARDI, 1958. In: RUBINO; GRINOVER, 2009, p.89)

Para Bardi (1958. In: RUBINO; GRINOVER, 2009, p.87), a cultura ocidental com suas amarras, reproduções estrangeiras incoerentes à realidade do lugar e desprovidas de vivacidade, seria na verdade, uma pseudocultura [16], que se personificou no consumo. E nesse sentido, considerava que uma verdadeira apropriação cultural identitária seria possível justamente pela massa popular excluída, que por sua necessidade de sobrevivência pensa soluções novas e originais. E acrescenta que isso condiz com o pensamento moderno, que rompe e supera o academicismo [*pseudo*]europeizado.

[16] "Um criticismo cosmopolita superficial [...] tomou o lugar da cultura útil ao homem, substituindo-a por uma pseudocultura, que faz brilhar através de uma luz refletida somente o literato erudito". (BARDI, 1958. In: RUBINO; GRINOVER, 2009, p.87)

Em contexto nacional, o Brasil vive um verdadeiro abismo, entre o que é considerado visível e invisível desde a chegada dos portugueses em 1500, quando os índios foram considerados não civilizados, inferiores à cultura europeia e massacrados, nas mesmas condições foram depois tratados os negros africanos. O próprio 'mundo' era dividido por linhas imaginárias da civilidade[17]. Nesse sentido, Lina já se mostrava pós-abissal[18], propondo o Bívio, desenho que apontava os caminhos civilizatórios do Brasil, havendo duas possibilidades: ou a busca de sua cultura original, que remete a cultura popular, às origens do povo brasileiro, miscigenado e diverso (a grossura) ou seguir o caminho do consumo europeu e norte-americano, que ela denominou de *Finesse* e que, infelizmente, foi o escolhido.

Figura 10 – O Bívio.



Fonte: FERRAZ, 2008, p. 210.

[17] O Conceito é analisado por Boaventura de Sousa Santos (2007, p.71), que contextualiza o pensamento moderno ocidental como um pensamento abissal, no qual são definidos os visíveis e invisíveis. "As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o 'deste lado da linha' e o 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. [...] Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como o 'outro'. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. O universo 'deste lado da linha' só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante: para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética".

[18] "O pensamento pós-abissal parte do reconhecimento de que a exclusão social, no seu sentido mais amplo, assume diferentes formas conforme seja determinada por uma linha abissal ou não-abissal, e da noção de que enquanto persistir a exclusão definida abissalmente não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressista. Durante um período de transição possivelmente longo, confrontar a exclusão abissal será um pré-requisito para abordar de modo eficiente as muitas formas de exclusão não-abissal que têm dividido o mundo moderno deste lado da linha". (SANTOS, 2007, p.84)

> O levantamento cultural do pré-artesanato brasileiro poderia ter sido feito antes do país enveredar pelo caminho do capitalismo dependente, quando uma revolução democrático-burguesa era ainda possível. Neste caso, as opções culturais no campo do Desenho Industrial poderiam ter sido outras, mais aderentes às necessidades reais do país (mesmo se pobres, bem mais pobres que as opções culturais da China e da Finlândia). O Brasil tinha chegado num "bívio". Escolheu a finesse. (BARDI, 1994, p.12-13).

Segundo Bardi (1994, p.20), para compreender a história de um país é preciso investigar suas raízes mais profundas e são as populares que justamente mostram-se mais possíveis.

> Procurar com atenção as bases culturais de um País, (sejam quais forem: pobres, míseras, populares) quando reais, não significa conservar as formas e materiais, significa avaliar as possibilidades criativas originais. Os materiais modernos e os modernos sistemas de produção tomarão depois o lugar dos meios primitivos, conservando, não as formas, mas a estrutura profunda daquelas possibilidades. (BARDI, 1994, p.21)

Lina desmistifica a ideia de que nossa cultura popular seja folclore, como é colocado até mesmo nas diversas literaturas científicas, pois para ela, o termo inferioriza e desqualifica essas produções que são dinâmicas, evolutivas, adaptáveis ao tempo, e não meras reproduções intactas, limitadas de possíveis transformações e engessadas, dizendo que a denominação foi criada pela própria cultura oficial da *finesse*.

> Está fora de causa o folklore, que serve aos turistas e às "Senhoras" que acreditam na beneficência. Folklore é uma palavra que precisa ser eliminada, é uma classificação em "categorias", própria da Grande Cultura central, para eliminar, colocando no devido lugar, incômodas e perigosas posições da cultura popular periférica. (BARDI, 1994, p.20)

E Juliano A. Pereira (2007, p.78-79) completa,

> [...] Lina se dedicará extensivamente à defesa dos valores sedimentados no espaço das cidades, de maneira a entender tais valores em sua dimensão cultural, viva, pulsante e não como folclore, lembrança a ser excluída do cotidiano, do dia-a-dia dos homens e reservada apenas à memória nos museus.

Em termos de seus estudos, enquanto o país se envolvia na construção de Brasília (1956-1960), Lina Bo Bardi estava na Bahia (1958-1964) pensando outras possibilidades e desenvolvendo uma expedição pela cultura popular do nordeste, a qual considerou genuinamente brasileira. Ironicamente, a grande maioria dos operários que ergueu a capital federal foi de nordestinos, popularmente conhecidos como Candangos e para os quais não houve lugar nessa nova cidade, progressista e moderna.

> [...] Lina Bo Bardi parte para uma intensa pesquisa sobre artesanato nordestino e arquitetura popular. A ponto de transferir-se para Salvador por 7 anos [...] e montar lá um museu-escola cuja estratégia básica era passar

> do pré-artesanato regional para a produção industrial de objetos utilitários. (GRINOVER, 2010. p.34)

Contemporânea dos demais modernistas, Lina participou no movimento, mas transformou a produção de arquitetura e design, além da ideia de progresso, o que pode ser visto frequentemente em sua obra.

> Como um artifício de decompor nossas forças da tensão, podemos pensar que em Lina Bo Bardi, moderno é a escala das preocupações, o alcance social dos projetos, a relação projeto/cidade, seu espaço contínuo, o uso de tecnologias disponíveis e a preocupação com a transformação dos meios técnicos de produção. [...] popular é a digna vitalidade dos espaços e sua singela materialidade, própria para a vida prática do cotidiano. Moderno é o modo de Lina Bo Bardi tomar a cultura popular (ROSSETTI, 2002, p.37).

Rossetti propõe essa tensão moderno/popular, entendendo o olhar transformador de Lina que incorporou o mais rústico e simples da produção de arte no Brasil ao universo da modernidade. Em sua atuação em Salvador, sua estratégia se articulava em dois locais: no Museu de Arte Moderna (MAMB), provisoriamente situado no foyer do Teatro Castro Alves e no Museu de Arte Popular (MAP), no Solar do Unhão. “A relação entre estes projetos e a cidade ou a relação destes espaços com a escala do território do Nordeste, se daria pelas atividades neles desenvolvidas e/ou planejadas”, explica Rosseti (2002, p.62).

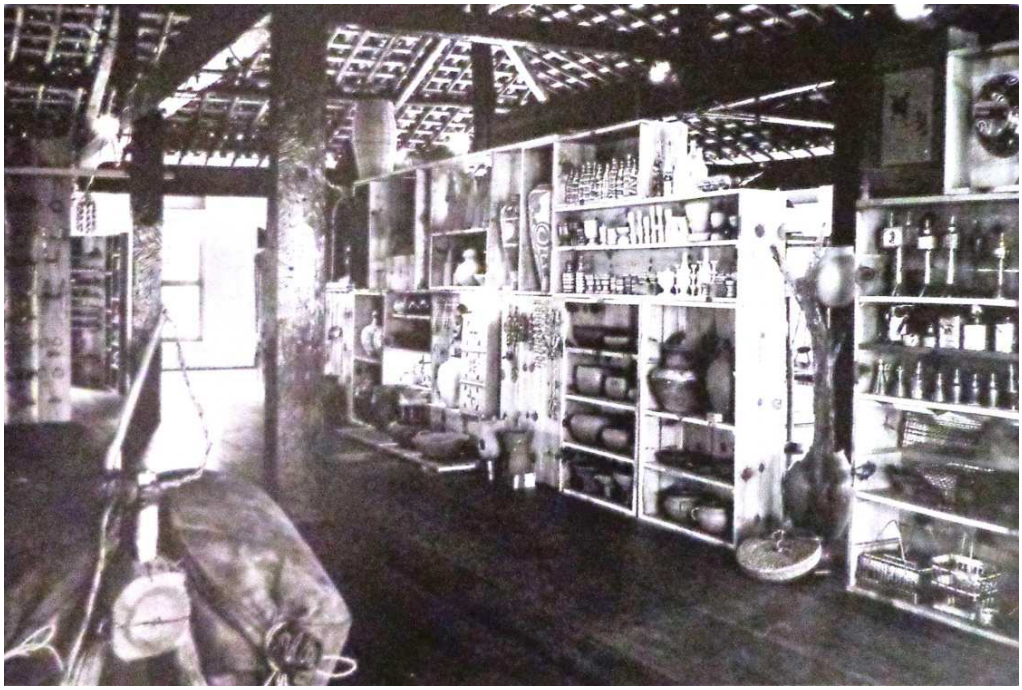
De acordo com Bardi (1967. In: RUBINO; GRINOVER, 2009, p.131), “o fenômeno Museu de Arte Moderna é típico dum país novo [...], onde a palavra Museu teria outra significação que a de somente conservar”, e definindo, por isso, que o MAMB não tinha uma intenção tradicional, mesmo porque não fazia sentido existir um museu sem acervo ou de acervo reduzido, funcionando como o local do movimento cultural, do ensino, da arte de produção popular. Já o Solar do Unhão foi considerado o ponto forte da tensão moderno/popular de Lina, pois seria nele que se abrigaria a Escola de Desenho Industrial e Artesanato, além do Centro de Documentação do Artesanato Popular do Nordeste, destinado a inventariar as manifestações artesanais de toda região. Visto que a industrialização, ainda que primária, era uma realidade, Lina se posicionava a favor de uma transposição da manufatura para a indústria, através da criação da Escola de Desenho Industrial e Artesanato, onde a produção artesanal se adequasse a nova atmosfera e não levasse à alienação do operário, agora parte do meio de produção em massa, com especialização do trabalho.

> A Escola teria como objetivo preparar mão-de-obra especializada para o processo de desenvolvimento industrial que seria implantado no Nordeste. [...] Este processo deveria se pautar pelo objetivo maior da Escola, que

> seria conservar os valores coletivos da base social e promover a integração do conhecimento sobre as matérias numa outra escala de produção. (ROSSETTI, 2002, p.72).

Segundo Pereira (2007, p.195-196), a intenção de Lina era inserir no processo de industrialização a tradição e a cultura popular, principalmente na imagem do que ela denominava [pré]artesanato[19], como forma de proporcionar um desenvolvimento baseado nas origens do país e que não levasse a exclusão das, agora, massas populares.

Figura 11 – Exposição "Civilização do Nordeste" no Museu de Arte Popular do Unhão. Salvador, BA.



Fonte: GUTHMANN, Armin. In: BARDI, 1994, p.38.

> O último projeto de Lina, nessa primeira passagem por Salvador, e que teria sido talvez o mais importante de todos, [...] trata-se do CETA[20], Centro de Estudos e Trabalho Artesanal, a criação da Escola de Desenho Industrial que produziria objetos-tipo para a indústria a partir do conhecimento da cultura pré-artesanal. A interrupção do trabalho de Lina na Bahia significou a interrupção do projeto, do qual se tem apenas o registro textual, o arcabouço do que poderia ter sido. (PEREIRA, 2007, p.199).

E Pereira (2007, p.210) completa,

> A Escola como projeto de desenvolvimento econômico, um projeto político, assemelha-se ao modo como Lina sempre entenderia arte e arquitetura.
> Mais do que pensar o artista como ser privilegiado à margem da sociedade, produzindo para além dos limites de uma realidade comunitária, a arquiteta sempre vê a profissão envolvida com a proposição prática de respostas aos

[19] Pereira (2007, p.195-196) diz que Lina utilizava o termo pré-artesanato porque essa produção popular do Nordeste estava ligava a miséria e falta de recursos, além de não existir uma organização social, voltava-se para um recurso da própria família.

[20] Centro de Estudos e Trabalho Artesanal.

> problemas cotidianos relativos à sobrevivência material e espiritual dos seres humanos. (PEREIRA, 2007, p.210).

A atuação de Lina na Bahia foi interrompida devido ao Golpe Militar de 1964, “pondo fim à liberdade de ação e questionamento, condição que se agravaria com a consolidação do Golpe e a imposição de uma censura violenta à liberdade de expressão política, social e artística no País” (PEREIRA, 2007, p.212). Os militares ainda cancelaram a Exposição Nordeste do Brasil, em Roma, pouco antes de sua inauguração, como é relatado por ZEVI (1965. In: BARDI, 1994, p.47.),

> [...] chega uma ordem da Embaixada Brasileira: a exposição não será feita, tudo deve ser desmontado em silêncio, reembalado e devolvido ao Brasil. Explodirá um escândalo? Paciência, com um regime de generais a diplomacia fica aterrorizada e paralisa até mesmo as atividades culturais. Além do mais, esta não é uma exposição de arte qualquer; contém uma carga explosiva.

Edmar de Almeida sintetiza esse momento em depoimento a um jornal de Uberlândia.

> Em 64 ela teve de interromper seus trabalhos em Salvador e em Recife, aqui em colaboração com o Dr. Miguel e Da. Violeta Arraes. Em Salvador, deixou o Museu de Arte Popular, instalado no Solar de Unhão, depois automaticamente desativado. O seu acervo, resultado de anos de trabalho de levantamento e restauração de exemplos da cultura baiana e nordestina, foi destruído. (ALMEIDA, Edmar de. In: Jornal Primeira Hora, 1981).

Bruno Zevi (1965. In: BARDI, 1994, p.48-49.) traz a tona o ponto de vista de Lina a respeito da nova capital – Brasília –, ressaltando que antes de pensá-la criticamente, em termos racionalistas, a mesma carregava uma carga simbólica de liberdade, de rompimento com as amarras e dependências coloniais, e finaliza contrapondo a atitude repressora dos militares tanto com relação à exposição em Roma, como com a capital, a qual poderia retratar os anseios do povo, tão massacrado pela miséria e injustiças sociais.

> [...] Brasília, segundo o seu modo de ver, significa um desprender-se do litoral da colônia, a integração racial, a coragem de apresentar-se ao mundo com os valores culturais da pobreza, em resumo, um ato irreversível de ruptura e de libertação.
> [...] A tese de Lina Bo é confirmada em Roma. Generais e seus embaixadores tanto vetam a exposição de arte popular quanto a de Brasília. São argumentos muito perigosos, subversivos, porque, de formas opostas, referem-se ao interior faminto do continente, à realidade do País e à sua realidade, da miséria e da cultura, generais e embaixadores perdem a cabeça, desafiam o ridículo e, por fim, proíbem insensatamente uma exposição. (ZEVI, 1965, In: Bardi, 1994, p.49).

De forma astuciosa, Zevi (1965. In: BARDI, 1994, p.47-48.) ainda retrata o que a cultura popular do nordeste representa para Lina.

> O nordeste brasileiro, seco e agreste, habitado por homens escravizados numa condição semi-feudal, transformou-se nos últimos anos, por força dos

movimentos de libertação reunidos nas Ligas Camponesas, em símbolo do País. [...] Sua produção figurativa é pré-artesanal, mas possui uma dignidade estética que é justo reconhecer e valorizar no brusco salto entre uma cultura quase de tradição oral e a era industrial. Objetos de uso, afastados do folclore; “fatos” mais que obras de arte, executados em latas de lubrificantes americanos, madeira, palha, refugos, páginas de revistas velhas, retalhos de pano que chegam às carradas do sul em velhos caminhões. Deste material são feitos os utensílios domésticos, os ex-votos, os brinquedos, as colchas de retalhos, as carrancas, cabeças policrômicas de animais fixadas na proa de grandes saveiros do rio São Francisco.

Figura 12 – Carrancas em madeira natural e madeira policromada. Vale do Rio São Francisco.

Fonte: GUTHMANN, Armin. In: BARDI, 1994, p.28.

Figura 13 – Utensílios domésticos: latas de lubrificantes transformadas em canecas. Feira de Santana, BA.

Fonte: HOSSAKA, Luiz. In: BARDI, 1994, p.63.

Figura 14 – Ceramista trabalhando na companhia dos filhos. Caruaru, PE.[21]

Fonte: Arquivo Lina Bo Bardi. In: BARDI, 1994, p.15.

Em termos gerais, na obra de Lina Bo Bardi sempre havia interação entre as inovações e o vernacular. Esse ato tinha o intuito de simplificar os processos, colocando em diálogo os sistemas tradicionais com os materiais disponíveis e as técnicas que se fizessem necessárias. O início dessa articulação acontecia entre a proposta de projeto e os aspectos da cultura popular, que era tida numa escala mais ampla, englobando hábitos, costumes, festas e as técnicas construtivas. Rossetti (2002, p.10) diz que,

> a arquitetura de Lina Bo Bardi é surpreendente pela multiplicidade com que se manifesta, se constituindo num procedimento fértil dentro de um campo profissional devido a elaboração de soluções em diferentes escalas e linguagens.[...] propõe soluções arrojadas e incorpora soluções vernaculares; organiza e participa de movimentos culturais, estabelece assim, o código poético de sua arquitetura.

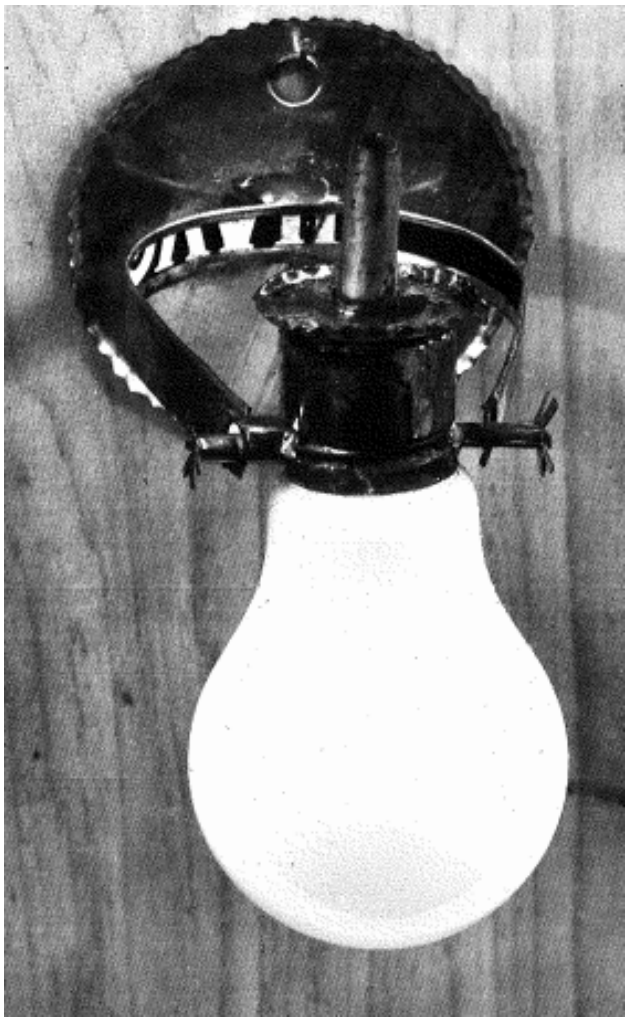
Nesse contexto, a arquitetura era pensada a partir do que poderia ser apropriado e evidenciado do lugar, quais os agentes sociais envolvidos, para qual uso mais se adequava e, dessa conjunção interagir com o usuário, a coletividade e o espaço.

[21] A legenda original da fotografia tem os seguintes dizeres: “Mestre Vitalino, ceramista, trabalhando em companhia dos filhos. 1948. A produção era para vender, mas quem a comprava não eram os turistas: era mesmo o Povo. Caruarú, Pernambuco”.

> [...] Uma cidade não é nenhum compartimento estanque, ramifica-se, cresce [...]. O arquiteto planificador tem que basear o seu projeto sobre este desenvolvimento natural das formas arquitetônicas, urbanísticas, criadas pela necessidade da vida cotidiana. O projetista que olha as revistas de arquitetura, sentado na prancheta e não tem olhos para a realidade será um criador de edifícios e cidades abstratas projetadas para uma humanidade que existe somente na sua fantasia, e os homens reais obrigados a habitar casas e cidades nas quais serão estrangeiros, as abandonarão ou serão transformados numa humanidade amorfa, sem desejos e sem personalidade. (BARDI, 1958b apud PEREIRA, 2007, p.75)

Para Lina Bo Bardi, o arquiteto que projeta para si, fechado nas paredes do escritório, sem participar e se envolver com o lugar, está na verdade construindo intervenções urbanas e arquiteturas fantasiosas que não dialogam com as pessoas e o meio. Durante sua carreira profissional se preocupou em produzir ou transformar espaços para o povo, com forte cunho social, desvinculando-se da burguesia.

Figura 15 – A inventividade do povo brasileiro: lamparina adaptada _ folha de flandres e lâmpada queimada.

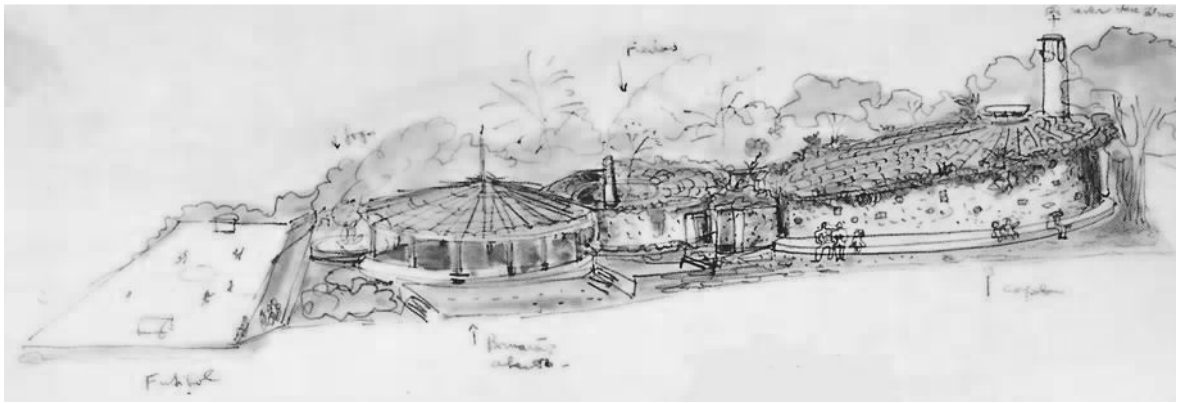


Fonte: Arquivo Lina Bo Bardi. In: BARDI, 1994, p.56.

Com relação ao envolvimento de Lina com as questões religiosas, conforme Ferraz (1997, p.172):

> Comunista, ateia e anti-clerical por formação [...]. No Brasil – Rio, São Paulo e principalmente Bahia –, Lina soube entender o sincretismo religioso e o verdadeiro ecumenismo dele resultante. O ecumenismo que escapa das quatro paredes de qualquer templo e se alastra pelas ruas na vida do povo miscigenado: o negro com o candomblé africano, o português com a igreja católica – e também portador de cultos pagãos da península ibérica –, e o índio com seu vasto mundo de cultos e crenças.
> Lina soube compreender tudo isso. Soube compreender que na base da liberdade dos cultos e das expressões do espírito, estavam a base da cultura brasileira. O ecumenismo não é religioso no sentido limitador da palavra, é religioso no sentido de “re-ligar”.
> Re-ligar culturas e povos.

A partir dessa abordagem, o foco da análise vai ser justamente a Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, no intuito de entender como o conjunto arquitetônico transcende o construir e o caráter religioso, solidificando e retratando a cultura popular, as características locais e as raízes de sua comunidade.



22

2. O LUGAR E SUAS MEMÓRIAS

[22] Croqui aquarelado do conjunto religioso, desenho de Lina Bo Bardi. **Fonte:** BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

"Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória."
(NORA, 1993, p.18).

Segundo Stuart Hall (2011, p.10-11), na concepção do sujeito sociológico, a identidade é produto de sua interação com a sociedade, a qual lhe introduz carga cultural com símbolos, valores, regras, etc. – cada um tem sua própria bagagem de referências que se misturam as exteriores de um determinado grupo, gerando ações comuns. Mas, a partir do contexto moderno, rompendo com a história e o passado, numa ideia frequente de superação de eventos em prol do futuro, o que tem ocorrido são apropriações fragmentadas de identificações nem sempre coerentes umas com as outras, o que Hall (2011, p.12-13) considera um colapso, definindo o sujeito pós-moderno "conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente". "As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades 'tradicionais' e as modernas" (HALL, 2011, p.15). Sendo assim, os fragmentos de identificação vêm à tona em determinados momentos, enquanto outros, por mais ambíguos que sejam virão em outras oportunidades, pois não há mais uma continuidade e coerência de ações e fatos, o que leva a uma espécie de crise de identidade e a busca de formas e espaços que resgatem o que foi perdido dessa memória.

Os princípios da própria modernidade (a partir do início do século XX) a tornaram vítima de si mesma, por sua ideologia de que as sociedades se sustentam no presente e progresso, sem carregar sua bagagem anterior.

> Se a capacidade de rememorar é um dado antropológico, algumas culturas valorizam a memória mais do que outras. O lugar da memória numa determinada cultura é definido por uma rede discursiva extremamente complexa, envolvendo fatores rituais e míticos, históricos, políticos e psicológicos. Assim, a lamentação de que a nossa cultura pós-moderna sofre de amnésia é apenas o reverso do conhecido lugar-comum de crítica cultural que sugere que a modernização esclarecida nos livra da tradição e das superstições, que a modernidade e o passado são necessariamente antagônicos um ao outro [...]. (HUYSSEN, 2000, p.69)

Andréas Huyssen (2000, p.68) enfatiza que "a memória de uma sociedade é negociada no corpo social de crenças e valores, rituais e instituições" e acrescenta

que na modernidade se cristaliza e edifica nos “espaços públicos de memória”, que são os museus, memoriais e monumentos, os quais muitas vezes não suportam a carga de lugares de memória.

> Alguns monumentos são derrubados com a maior alegria, em tempos de rebelião social, enquanto outros preservam a memória em sua forma mais fossilizada, seja como mito, seja como clichê. Já outros se mantêm simplesmente como figuras do esquecimento, com seu significado e propósito originais erodidos pela passagem do tempo. (HUYSSEN, 2000, p.68)

Os anos de 1960 marcam uma grande crítica à atuação dos modernistas: as formas da arquitetura e do espaço urbano, respaldadas pela geometria e desvinculadas das anteriores, a estética sem ornamentação, a limpeza espacial, as grandes intervenções urbanas com modelos rodoviaristas, traçados ortogonais e estruturas replicáveis, desconsiderando as características do lugar, sejam naturais, socioculturais, identitárias, econômicas, etc., a destruição de bairros inteiros em prol de projetos ditos funcionais, do zoneamento e da circulação automatizada, passaram a ser vistos como um contexto que gerou uma falta de identificação com o lugar, definida pela ausência de situações de pertencimento[23]. De acordo com David Harvey (1992, p.45), o fim do modernismo aconteceu nos primórdios da década de 1970[24], cedendo lugar ao pós-modernismo com “sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico“ (HARVEY, 1992, p.49).

> As torres de vidro, os blocos de concreto e as lajes de aço que pareciam destinadas a dominar todas as paisagens urbanas de Paris a Tóquio e do Rio a Montreal, denunciando todo ornamento como crime, todo individualismo como sentimentalismo e todo romantismo com *kitsch*, foram progressivamente sendo substituídos por blocos-torre ornamentados, praças medievais e vilas de pesca de imitação, habitações projetadas para as necessidades dos habitantes, fábricas e armazéns renovados e

[23] Conforme Del Rio (1990, p.19), os anos de 1960 marcam violentos protestos com relação às intervenções e renovações urbanas das grandes cidades, ocorridos principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, visando “a reposição completa de grandes áreas do tecido urbano consolidado, principalmente aquelas dos antigos centros que, se não haviam sido bombardeados, eram considerados ‘deteriorados’ ou em decadência”. Ainda segundo Del Rio (1990, p.20-21), “de forma a viabilizar os mercados imobiliários e financeiro [...] impunham-se CBDs (‘Central Business Districts”, distritos centrais de negócios), imponentes e grandiosos sistemas viários, esplanadas monumentais, grandes conjuntos habitacionais em periferias [...]. As cidades eram então vistas como simples problemas de funcionamento, maximização de investimentos e viabilização da reprodução e acumulação do capital. Importantes aspectos seriam ignorados nestes processos, tais como os valores da população [...]”.

[24] “No tocante à arquitetura, por exemplo, Charles Jencks data o final simbólico do modernismo e a passagem para o pós-moderno de 15h32m de 15 de julho de 1972, quando o projeto de desenvolvimento da habitação Pruitt-Igoe, de St Louis (uma versão premiada da ‘máquina para a vida moderna’ de Le Corbusier), foi dinamitado como um ambiente inabitável para as pessoas de baixa renda que abrigava” (HARVEY, 1992, p. 45).

> paisagens de toda espécie reabilitadas, tudo em nome de um ambiente urbano mais “satisfatório” (HARVEY, 1992, p.45-46.).

O que explica, já na década de 1980, a busca obsessiva por um passado, muitas vezes inventado, e de forma nostálgica através da construção de muitos museus e memoriais, a fim de materializar uma memória, talvez até já perdida, o que acabou por enfatizar o espetáculo e o entretenimento. E, a Era Contemporânea das mídias digitais veio com a ideia de rememoração, de uma memória fragmentada, residual, em sua forma virtual e excessiva, imagética e ilusória, confundindo realidade com ficção, onde grandes distâncias são rapidamente percorridas pela *internet*, dissolvendo tempo e espaço, num processo que tende a diminuição cada vez maior do contato entre os homens e as trocas reais. Com isso, para Hall (2011, p.14-15) essa seria outra importante questão, que atinge os preceitos de identidade e fruto da globalização.

> Quanto maior é a memória armazenada em bancos de dados e acervos de imagens, menor é a disponibilidade e a habilidade da nossa cultura para se engajar na rememoração ativa [...]. A rememoração dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedade, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro. (HUYSSEN, 2000, p.67)

Para Pierre Nora, historiador francês, considerado o idealizador da ideia dos lugares de memória, estes seriam ”lugares exteriores” nos quais as pessoas buscam “apoio as suas transações cotidianas” (RICOEUR, 2003. p.521). Situam-se na memória apreendida pela história, pois se esses lugares existem é justamente porque não há mais meios de memória: são inscrições na escrita e espaço, e representam o que precisa ser lembrado na memória coletiva, corrigida e esclarecida, não havendo mais a transmissão de costumes e heranças pela oralidade e prática de geração para geração. Nesse sentido, Nora (1993, p.8) também ressalta os tempos modernos, visto que a busca por mudanças da sociedade, pautadas justamente por esse rompimento com o passado, trouxe a necessidade de materialização da memória – “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história” (NORA, 1993, p.8).

> A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. (NORA, 1993, p.7).

Sendo assim, Nora (1993, p.9) ressalta as diferenças entre memória e história, colocando-os como campos opostos.

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. (NORA, 1993, p.9)

Nessa linha comparativa, Nora (1993, p.9) define a memória como ato presente, resguardada pela afetividade, com ações e lembranças que não se respaldam pela exatidão, carregada de bagagens simbólicas, construída no corpo de grupos, sendo ao mesmo tempo coletiva e individual, enquanto a história se constrói do passado, através de análises críticas de fatos que tendem ao universal. Concluindo que a história, criticamente construída em verdades tidas como globais, promove a destruição da memória, que não é precisa e nem rigorosa.

> A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.
> [...] A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. (NORA, 1993, p.9).

Com isso, de acordo com Nora (1993, p.12-13), os lugares de memória existem e atuam como uma espécie de arquivo, reconstruindo a história, retratando uma memória perdida, e reafirma - “tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história” (NORA, 1993, p.14).

> Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis, e se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (NORA, 1993, p.13).

Nora (1993, p.17) ainda ressalta que a perda de memória levou diversos grupos a redefinirem suas identidades:

> Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. [...] O fim da história-memória multiplicou as memórias particulares que reclamam sua própria história.
> [...] O preço da metamorfose histórica da memória foi a conversão definitiva á psicologia individual.

Segundo Paul Ricouer (2003, p.523), para Pierre Nora, os lugares de memória se apresentam em três sentidos do termo: material, simbólico e funcional. O primeiro fixa os lugares para apreender a memória. O segundo é imagético, cristalizando e transmitindo-a entre as gerações. E o terceiro proporciona os rituais, através de espetáculos, lugares de refúgio ou santuários.

> [...] só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual. (NORA, 1993, p.21)

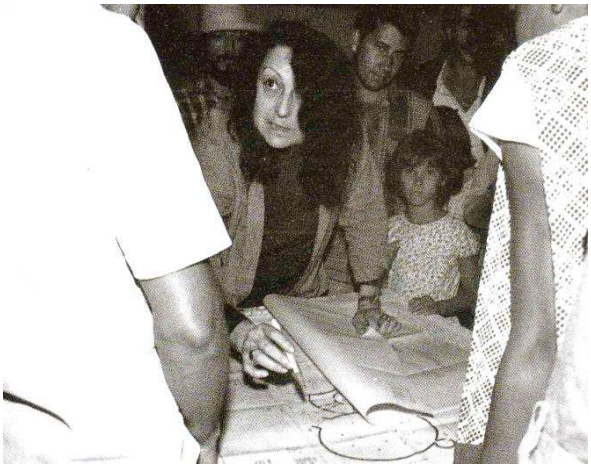
De acordo com Ricouer (2003, p.524), são definidos ainda cinco tipos cronológicos de memória: memória fundadora; memória-Estado; memória nacional; memória-cidadã; e memória-patrimônio que vai ser o foco da presente análise. A memória-patrimônio tem ênfase histórica, e segundo Nora (RICOUER, 2003, p.523), se tornou simplesmente topografia espetacular e arqueologia nostálgica, por reduzir os lugares de memória a apenas sítios físicos, destinados ao culto da comemoração, personificando memórias muitas vezes criadas e encenando espetáculos inventados através de cenários físicos (os edifícios patrimoniais). Nesse sentido, a patrimonialização muitas vezes mascara a memória e contribui para que a oralidade entre as gerações de um mesmo grupo seja esquecida em prol de cultura e identidade inventadas e sem referenciais verdadeiros. Com isso surge a já citada ideia de rememoração, pois para Nora, a memória, imaterializada em um lugar material, torna-se vítima da comemoração. Sendo assim, a cultura pós-moderna ficou obcecada pela memória e o passado, o que acabou por levar à sua perda, e Huyssen (2000, p.86) conclui em relação a isso: “o futuro não nos julgará pelo esquecimento, e sim pela rememoração ampla de tudo, e ainda por não agirmos de acordo com essas memórias”.

Essa análise crítica foi construída justamente pelo fato de, muitas vezes, os órgãos de proteção patrimonial proporcionarem o engessamento dos bens, tornando-os esses chamados lugares de memória, contemplativos e intocáveis. Como se não se inserirem no processo de uso do espaço e das apropriações cotidianas, onde as pessoas criam relações de afetividade e, as memórias, tradições e costumes são transferidos espontaneamente, pela oralidade, utilização e vivência entre os usuários, entre suas gerações, a fim de manter o verdadeiro referencial e carregar-se em sua comunidade de uma identificação real, com memória ativa, verdadeira e contínua.

2.1. A IGREJA DIVINO ESPÍRITO SANTO DO CERRADO

"[...] não poderíamos deixar de reparar no entusiasmo com que o pessoal se refere à sua igreja, dos << miúdos >> aos adultos, todos se referem com carinho à Da. Lina, <<que fez tudo isso pra gente>>. << Nós adoramos a nossa Igreja e para mim é a mais bonita de todas. Todo mundo que vem aqui, no começo acha meio estranha, assim redondinha, mas, depois que se acostuma, não tem coisa mais linda. Ai eles começam a achar feias as Igrejas quadradas. >> A constatação é de Da. Lindalva."
*(*Jornal Primeira Hora, 1981*).*

Figura 16 e Figura 17 – Respectivamente, Frei Egydio, Lina e Frei Guido, 1978; Lina Bo apresentando o projeto à comunidade de Uberlândia, 1980.



Fonte: FERRAZ, 2008, p.212.

Em 1975, os Freis Egydio Parisi e Fúlvio Sabia convidaram Lina Bo Bardi para realizar o projeto de uma igreja franciscana, em um terreno localizado no periférico bairro Jaraguá, em Uberlândia/MG. Por seu caráter religioso, inicialmente Lina, que se considerava ateia e comunista, recusou o convite, mas, posteriormente aceitou por intermédio do artista plástico e seu amigo Edmar de Almeida, que alegou ter o conjunto uma intenção social e ser destinado ao povo. O projeto foi doado pelo *arquiteto* à comunidade.

> A Igreja do Santo Espírito do Cerrado, em Uberlândia, foi encomendada por franciscanos italianos que lá viviam, num momento em que a chamada igreja da libertação, que se contrapunha ao Vaticano por estar ideologicamente ao lado dos pobres, estava em seu auge (FERRAZ, 1997, p.172).

A obra foi construída entre 1976 e 1982, com participação dos próprios moradores através de mutirões nos finais de semana, sendo edificada, como coloca Luiz Carlos

de Laurentiz (1993), “pela mão do povo do cerrado” e utilizando materiais característicos da região, angariados por doações. Todo o processo de construção da igreja, feito através do trabalho em comunidade, foi gestado por um “conselho de construção”, eleito e composto por uma comissão de moradores. Também foi essencial a ajuda financeira vinda da organização católica alemã *Adveniat*, com sede em Essen.

> A igreja foi construída por crianças, mulheres, pais de família, em pleno cerrado. Construída com materiais muito pobres, coisas recebidas de presente, em esmolas. É tudo dado. Mas não no sentido paternalista, mas com astúcia, de como pode se chegar a coisas com meios muito simples (BARDI, 1999).

Figura 18 – Fotografia com Paolo, Xavier, Teresa, Edmar, Lina, Frei Egydio, Dona Aurora e Frei José.

Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

Conforme Dossiê de Tombamento,

> A simplicidade presente nesta construção não foi fruto apenas dos parcos recursos financeiros empregados na obra. Acima de tudo, estavam presentes traços de seu engajamento político-ideológico e arquitetônico, e que envolvia o trabalho com a comunidade local, o resgate de aspectos da genuína cultura popular, da compreensão e valorização de nosso enorme “caldeirão” cultural. Todos esses fatores fizeram com que a Igreja do Espírito Santo do Cerrado resultasse em uma obra singular. (IEPHA/MG, 1997, p.11).

A composição alude aos materiais da região, representando, através da arquitetura, a cultura popular, uma produção característica do lugar e do povo do cerrado mineiro. Além disso, está fora do perímetro central e de seu entorno próximo, onde o

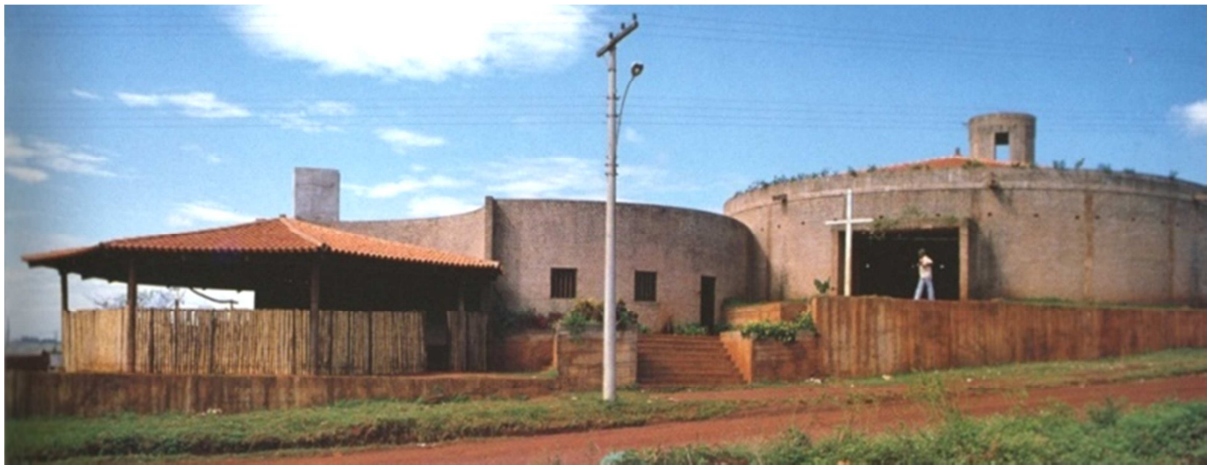
moderno foi mais fortemente realizado, tendo ainda, a particularidade de não utilizar de recursos financeiros da burguesia local ou do poder público municipal e destinar-se ao uso de uma população carente.

Um projeto que não aconteceu dentro do escritório, foi um trabalho em conjunto do *arquiteto* com a mão-de-obra, um diálogo *in loco*: a prancheta era o próprio canteiro de obras, um laboratório de projeto onde Lina, em suas visitas, fazia os detalhes construtivos.

O conjunto se dispõe vencendo a topografia através de quatro platôs, compostos cada um (do mais alto para o mais baixo), respectivamente, pelo campanário e capela, a casa para três religiosas e um salão comunitário, além do campinho de futebol (não existente mais). Nesse contexto, a hierarquia espacial vem para vencer o desnível do terreno, as edificações estão dispostas em três plantas circulares integradas. Seus volumes são relativamente baixos, permeando-se pela paisagem residencial de um ou dois pavimentos, o que é ainda mais potencializado pelos materiais empregados, assim como as dimensões modestas e no limite do necessário. A organicidade e disposição dos espaços trabalham as sensações e percepções, ora com refúgio e meditação, ora com sentido de coletividade.

Na proposta original, não existiam “fechamentos” no conjunto em relação à cidade: a ideia era justamente que interior e exterior se integrassem harmoniosamente, pois a igreja era, antes de tudo, da comunidade.

Figura 19 – Fotografia do conjunto entregue na década de 1980.



Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

O acesso frontal do conjunto acontece na Avenida dos Mognos. As edificações são compostas por telhado com estruturação de madeira e telhas coloniais no sistema

“capa-e-canal”, e as instalações elétricas e hidráulicas, assim como a estrutura, ficam expostas. A capela com campanário foi pensada, externa e internamente, em tijolos aparentes, característicos da região, assentados com barro e sem reboco, tendo concreto armado apenas onde necessário para estruturação, em vigas e pilares. Intervenções posteriores resultaram em reboco e pintura no interior da capela. A dependência das freiras, com celas mínimas, tem exterior em tijolos aparentes e interior e claustro com reboco e pintura branca.

Figura 20 – Fotografia do altar original e das paredes da capela sem reboco.

Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

Figura 21 e Figura 22 – Fotografias aéreas, destaque para a platibanda-jardim na capela.

Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

Figura 23 e Figura 24 – Imagens do claustro _ residência para religiosas.

Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

Já o salão comunitário remetia a uma oca indígena, inicialmente todo aberto e com chão batido, recebendo, após uma enchente, fechamento em meia-altura com bambus; posteriormente o piso foi cimentado e a vedação do piso à cobertura alterada para toras finas de madeira.

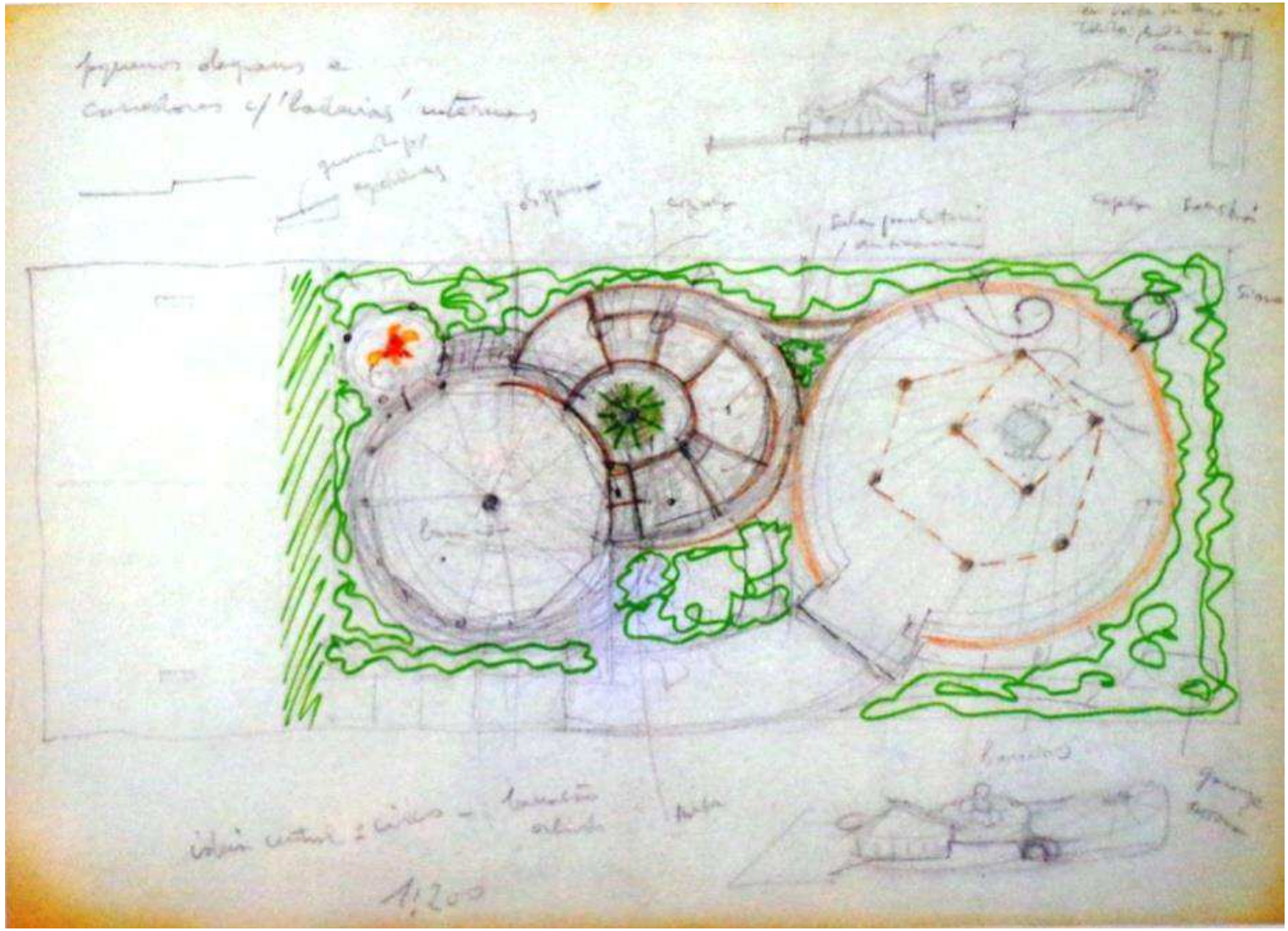
Figura 25 e Figura 26 – Centro Comunitário, respectivamente, fotografia dos anos de 1980 e atual.

Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999. SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2013.

Segundo Ferraz (1997, p.173), os desenhos pensados por Lina são ainda mais simbolicamente explorados,

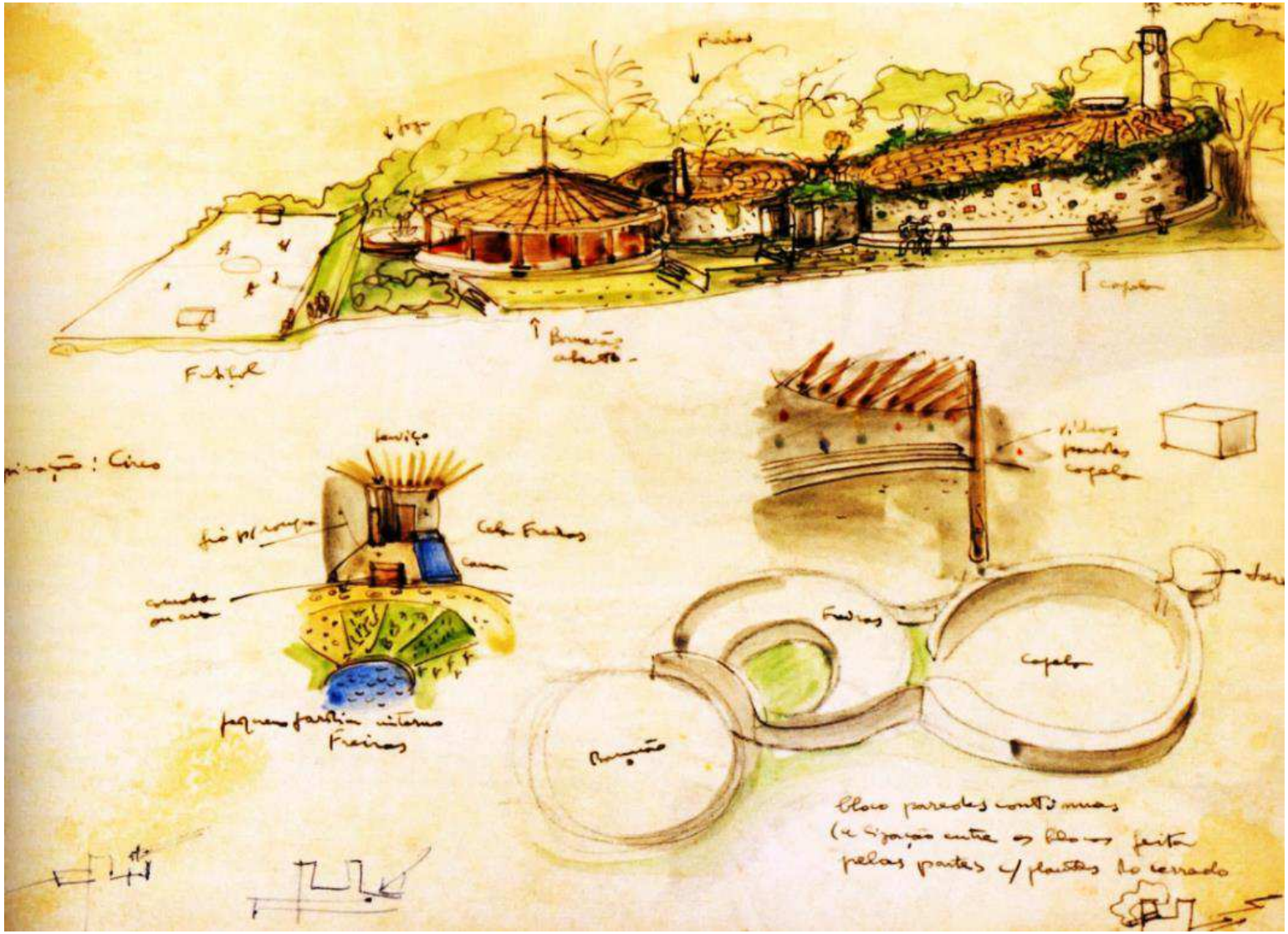
> [...] Ela realiza o ecumenismo através de seus espaços. [...] Nesse projeto você tem de um lado um terreiro de Candomblé completamente africano, do outro uma igreja franciscana de pequena cidade italiana. No meio um "caracol (os claustros), uma área de concentração, de camarim", até chegar ao centro com um pequeno lago, um poço árabe. Tudo isso cercado pelas plantas do cerrado, culminando com o campinho de futebol bem brasileiro. "Ela é uma igreja pra lá do catolicismo, é uma igreja pagã, ou católica panteísta".

Figura 27 – Croqui aquarelado do conjunto _ desenho de Lina Bo Bardi.



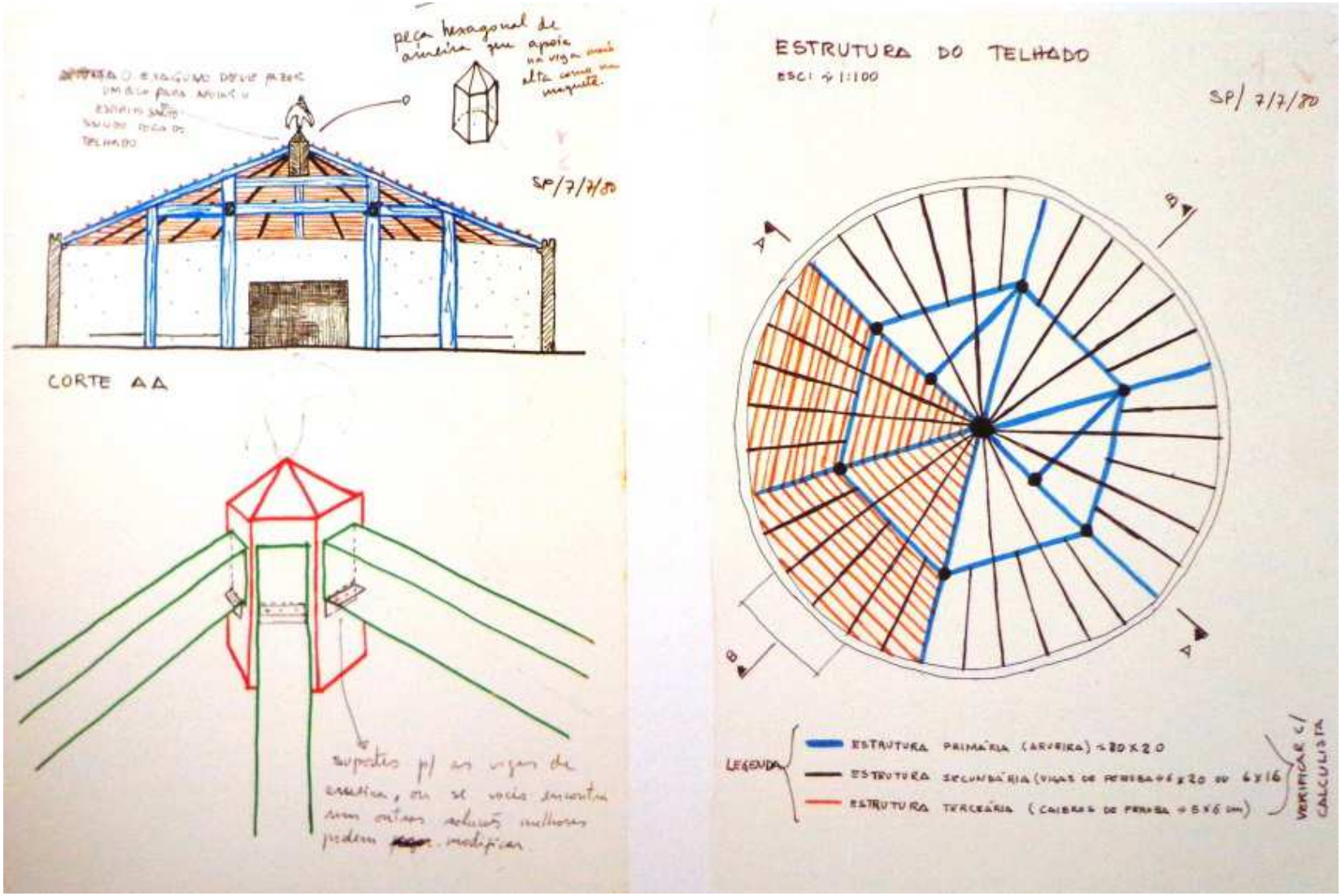
Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

Figura 28 – Croquis aquarelados do conjunto _ desenhos de Lina Bo Bardi.



Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

Figura 29 – Croquis aquarelados com soluções construtivas para a capela _ desenhos de Lina Bo Bardi.



Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

Em termos de proteção, em 1994, alunos do curso de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia se mobilizaram tentando impedir uma possível reforma que descaracterizaria o conjunto. Na época ainda não existia o curso de Arquitetura e Urbanismo, e sendo assim, segundo Cappello e outros (2008):

> O Departamento de Artes entrou em contato com o Instituto Lina Bo Bardi e P. M. Bardi propondo a vinda para Uberlândia da exposição de arquitetura de Lina Bo Bardi, na intenção de conscientizar a população do valor de sua obra na cidade e dar assim início, juntamente com o IAB - Núcleo Uberlândia, ao processo de tombamento da obra. A exposição aconteceu em 1995, realizando em sua abertura uma mesa redonda da qual participaram membros da comunidade, do IEPHA, do IAB – núcleo Uberlândia, do Instituto Lina Bo e P. M. Bardi e da Universidade Federal de Uberlândia. Na ocasião foi ressaltada a importância da obra de Lina Bo Bardi na cidade de Uberlândia.

Apesar de, em 27 de fevereiro de 1991, a igreja ter sido protegida como patrimônio municipal pela lei n°. 5207[25], o mesmo parecia não ter ocorrido. Foi somente em maio de 1997, quando se tornou patrimônio histórico estadual pelo IEPHA-MG, que o processo preservacionista ganhou maior força. Para realização do tombamento, o órgão protetor desenvolveu um trabalho com a população, o que, segundo alguns moradores, mostrou-se bastante importante para o entendimento do por que se proteger o conjunto.

Recentemente a igreja passou por processo de restauração e reforma, sob supervisão do IEPHA-MG. Quem assinou o projeto, foram os arquitetos Marcelo Ferraz e André Vainer, que trabalharam com Lina Bo Bardi na proposta original, considerados, portanto, coautores.

Figura 30 – Fotografia antes do restauro e ampliação.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2008.

[25] "Declara de excepcional valor artístico cultural, para fins de preservação, a Igreja do Espírito Santo do Cerrado". Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=428>. Acesso em: 01 jul. 2013.

Figura 31 – Fotografia durante o processo de restauro.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Figura 32 – Fotografia após a entrega do conjunto restaurado e ampliado.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Dentre as características gerais, foi construído um anexo para a administração e pastoral, que ocupa o nível mais baixo na Avenida dos Ipês, onde anteriormente havia o campo de futebol. A edificação possui um terraço superior onde são realizadas as festividades da igreja, sua arquitetura é bastante diferente do restante do conjunto e alterou consideravelmente a permeabilidade e fluidez proporcionada pelo escalonamento dos platôs e pelas baixas altimetrias das edificações. A esquina da Avenida dos Mognos com Avenida dos Ipês agora é contemplada com um grande paredão.

Figura 33 – Fotografia do Centro Pastoral, ampliação contemporânea.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Figura 34 – Centro Pastoral, com seu terraço coberto por tenda para a Festa do Divino.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2013.

Com relação a isso, em parecer favorável ao tombamento, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) – Núcleo Uberlândia fez, na época, a seguinte sugestão, reiterando a importância do conjunto e a manutenção de sua composição espacial.

> [...] solicitamos ao Município, que através de seus representantes, atue no sentido de:
> - obter um terreno localizado próximo à igreja, através de permuta ou indenização, a ser cedido á comunidade do bairro, para que nele possa construir uma Casa Paroquial, sem as restrições que seriam necessárias, caso fosse utilizada a área do terreno da igreja; o que possibilita a preservação do conjunto na sua íntegra;

> [...] Em nenhum momento, o tombamento da Igreja do Espírito Santo deve ser entendido como perda ou prejuízo pois, com ele toda a população de Uberlândia é beneficiada com a preservação de sua memória coletiva. (VALE, M. M. B. T., 1996. In: IEPHA/MG, 1997, p.237)

Figura 35 e Figura 36 – Intervenção temporária para a Festa do Divino realizada sobre o terraço do Centro Pastoral, no mês de maio.

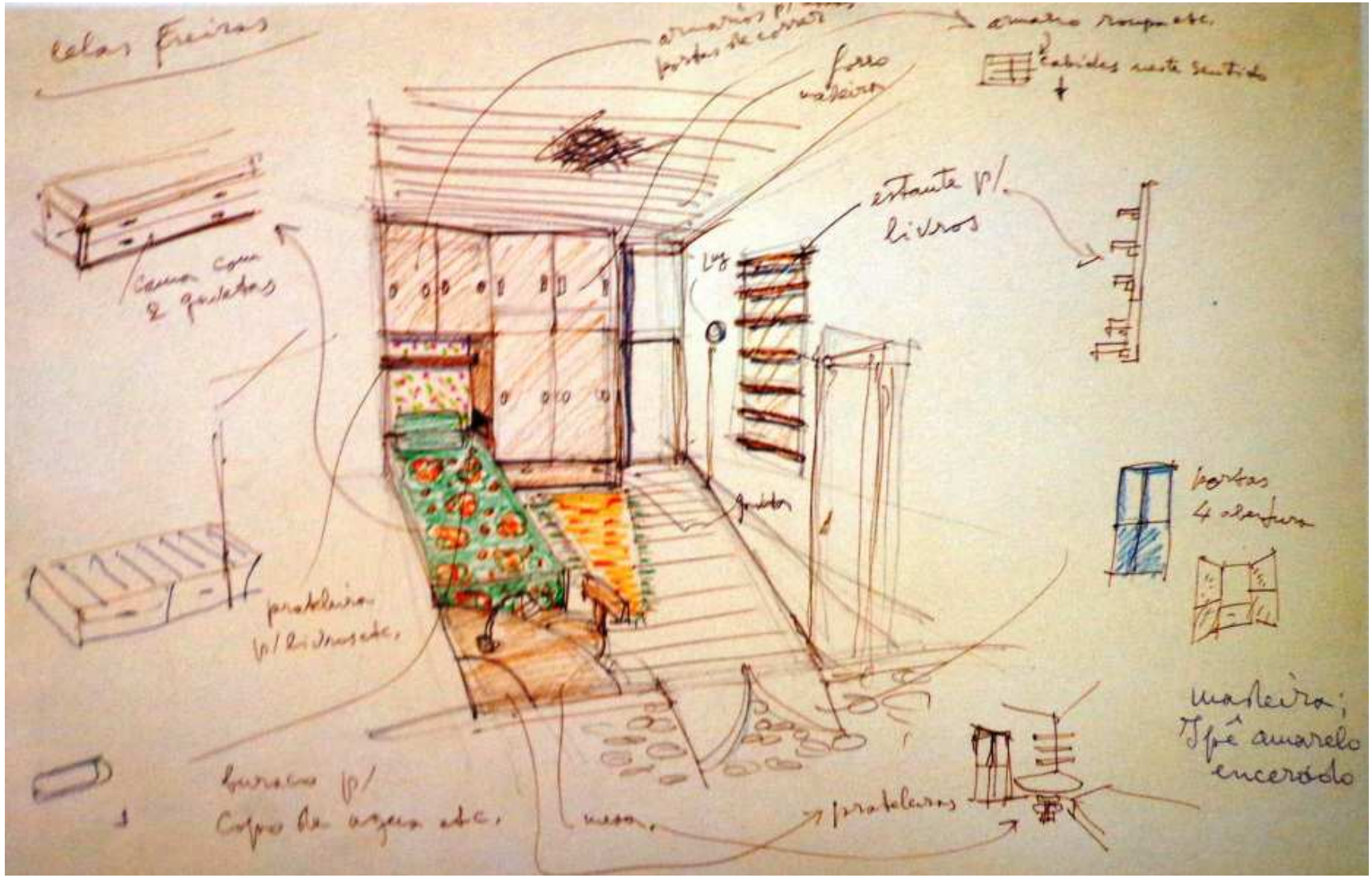
Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2013.

Na casa das freiras, as alterações mais significativas estão na mudança do piso em madeira para cimento vermelhão, conforme previsto no projeto original, e a transformação de duas celas mínimas em um único espaço, onde serão armazenados materiais das pastorais. Uma das celas menores e outra de maiores dimensões foram mantidas.

Figura 37 e Figura 38 – Fotografias da cela menor e de sua instalação sanitária.

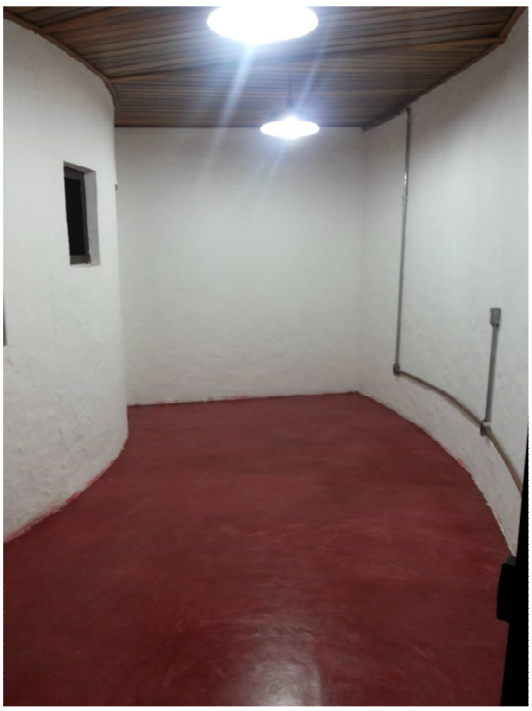
Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Figura 39 – Croqui aquarelado de uma cela das freiras _ desenho de Lina Bo Bardi.



Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

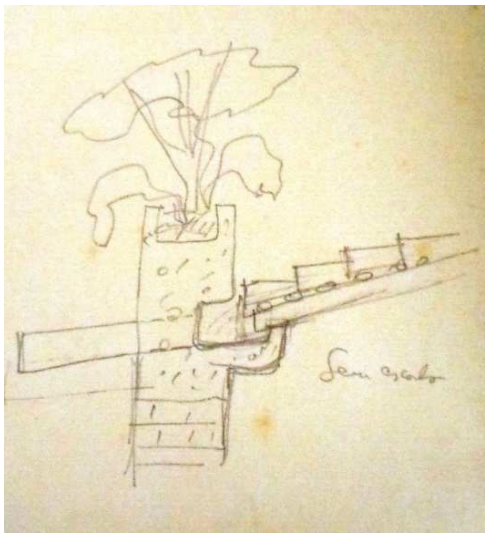
Figura 40 e Figura 41 – Fotografias da cela maior e de sua instalação sanitária.



Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

A capela, que também já foi modificada ao longo do tempo, possui cinco vigas em madeira de pau brasil, substituindo as danificadas em aroeira[26], e na atualidade, as calhas foram recuperadas, as instalações elétricas e hidráulicas revistas, recebendo também novos bancos.

Figura 42 e Figura 43 – Respectivamente, croqui aquarelado da solução de platibanda-jardim _ desenho de Lina Bo Bardi; e fotografia mais atual da calha, com tela metálica de proteção, além da platibanda sem os arbustos do cerrado.



Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999. SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2013.

[26] Não mais encontradas na região.

Foi aberta uma porta secundária de acesso aos sanitários da casa, definida uma rampa no pátio e o piso em pedras portuguesas foi recuperado e retornou à cor original. A porta principal passou por restauração e o reboco interno foi mantido, exceto pelo altar que retomou as características iniciais, pois representantes do IEPHA-MG consideram que a alteração já foi apropriada pelos usuários.

Figura 44 – Fotografia do altar antes do restauro, mas já com o interior rebocado.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2008.

Figura 45 – Fotografia atual do altar, em tijolos aparentes.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Figura 46 e Figura 47 – Interior da Igreja, após a restauração _ destaque para o altar em tijolos aparentes e piso de pedra portuguesa, em tentativa de retornar a cor original[27].

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Figura 48 e Figura 49– Igreja em atividade e já com os novos bancos.

[27] A segunda fotografia foi retirada no dia da troca dos bancos, em 25 de janeiro de 2014. Os antigos foram doados para outra comunidade.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

De modo geral, segundo o pároco padre Márcio, o intuito da reforma e restauro foi de finalizar o que foi pretendido na proposta original e retomar as caracterizações consideradas relevantes. A negociação momentânea com o órgão de proteção está na execução da Arte Sacra pelo artista plástico Edmar de Almeida, conforme seu próprio relato[28], e também do arquiteto Marcelo Ferraz e do padre Márcio Antônio Gonçalves, que afirmam ser intenção de Lina Bo Bardi, que a mesma fosse por ele feita, o que será mais especificamente abordado no capítulo seguinte "As diversas lembranças".

O banco de imagens abaixo apresenta fotografias externas comparativas de antes e após o restauro. Nas figuras 50 e 51 é possível observar a limpeza tanto do edifício quanto do piso, recuperando áreas degradadas por umidade, além do restauro da porta de acesso frontal e do cruzeiro, ambos em madeira, destacados nas figuras 52 e 53. As figuras 54 e 55 apresentam as outras edificações do conjunto, em especial a residência para religiosas, na qual foram removidas as patologias da platibanda, assim como os tijolos aparentes restaurados e as esquadrias em madeira

[28] A conversa com o artista plástico Edmar de Almeida aconteceu em janeiro de 2014, mas o mesmo não autorizou que a entrevista fosse gravada.

envernizadas, o que está ressaltado na figura 56, assim como o cruzeiro na figura 57.

Figura 50 e Figura 51 – Acesso frontal do Conjunto pela Avenida dos Mognos.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2013.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Figura 52 e Figura 53 – Destaque para a porta de entrada da Igreja e cruzeiro.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2013.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Figura 54 e Figura 55 – Residência para religiosas e Galpão Comunitário.

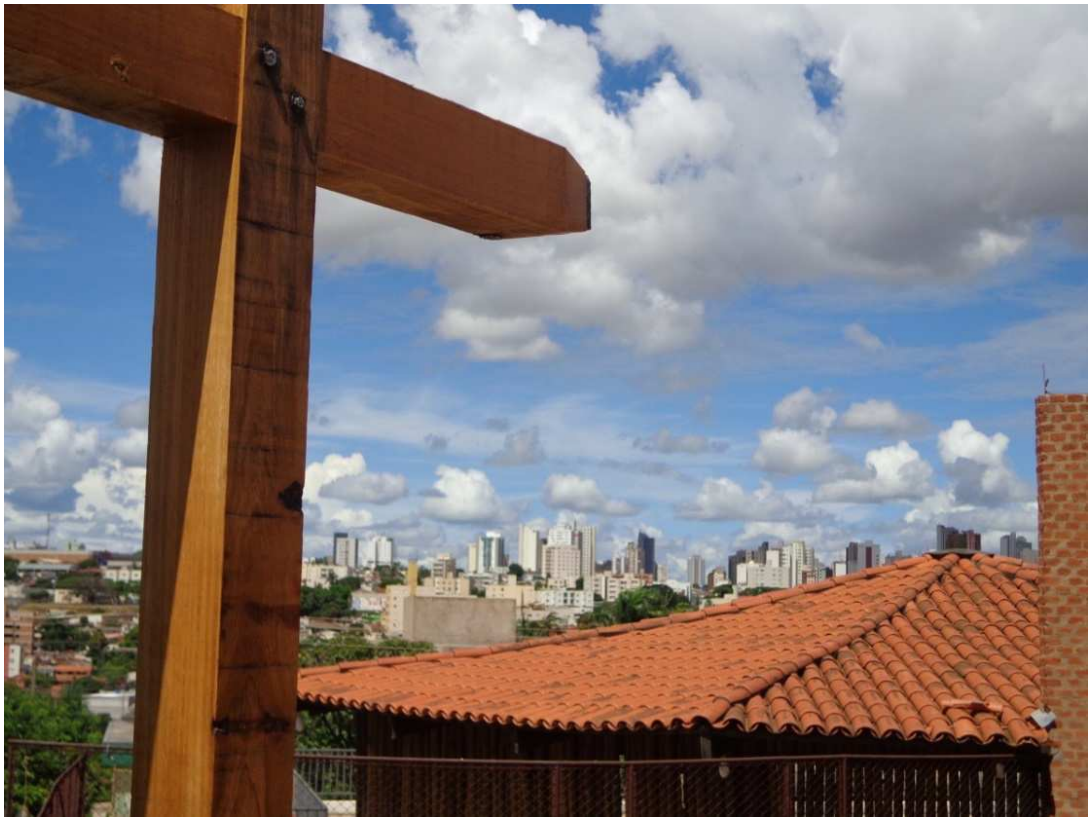
Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2013.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Figura 56 – Destaque da casa para três religiosas _ uso alterado pela Paróquia.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Figura 57 – Detalhe do Cruzeiro, com o *skyline* da cidade ao fundo.



Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Na fachada da Rua das Cerejeiras, figuras 58 e 59, onde se encontra o Campanário[29], também foi realizada a recuperação das platibandas e estruturas em concreto armado, além do restauro de tijolos aparentes danificados.

Figura 58 e Figura 59 – Capela e Campanário.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2013.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

[29] O Campanário ainda se encontra sem o Espírito Santo em bronze.

As figuras 60 e 61, da Avenida dos Mognos, respectivamente, com Avenida dos Ipês e Rua das Cerejeiras, apresentam visuais do conjunto após a ampliação, restauro e corte das árvores da calçada. A intervenção paisagística final pode ser vista nas figuras 62 e 63.

Figura 60 e Figura 61 – Vistas gerais da Avenida dos Mognos após o corte das árvores.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

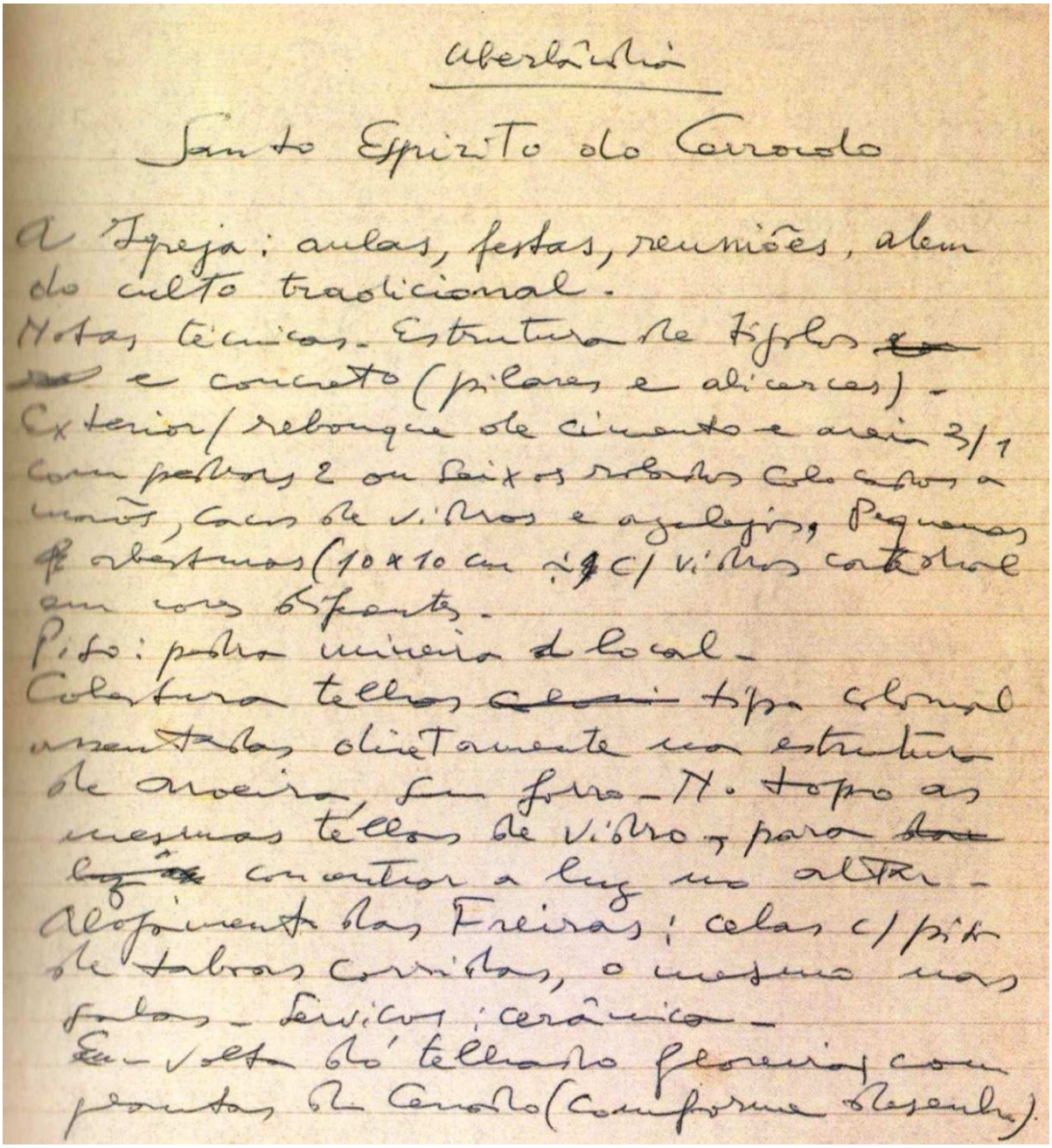
Figura 62 e Figura 63 – Vistas gerais da Avenida dos Mognos, já com a intervenção paisagística.

Fonte: SILVA, N. A. M., arquivo pessoal, 2014.

Para finalizar esta abordagem, Edmar de Almeida sintetiza o projeto original com as seguintes ideias.

> A primeira delas é que esse conjunto arquitetônico, aparentemente muito simples, é uma obra revolucionária em termos de espaço sagrado, no meio de um oceano de igrejas feias e de gosto discutível, em que há possibilidade de silêncio e oração;
> A segunda é uma nova colocação para o espaço comunitário, acompanhando a evolução da Igreja atual, na sua adequação com os habitantes de periferia;
> A terceira é uma proposta nova no tocante ao espaço habitacional, colocando em cheque, de maneira definitiva, as soluções deficientes e miseráveis do BNH (Banco Nacional de Habitação).
> Como obra de arquitetura é um marco novo no panorama arquitetônico brasileiro pós Niemeyer, uma nova flor do Cerrado. (ALMEIDA, 1999.)

Figura 64 – Manuscrito de Lina Bo sobre a Igreja[30].



Uberlândia

Santo Espirito do Cerrado

A Igreja: aulas, festas, reuniões, alem do culto tradicional.
Notas técnicas. Estrutura de tijolos e concreto (pilares e alicerces).
Exterior / rebouque de cimento e areia 3/1 com pedras 2 ou seixos rolados colocados a mãos, cacos de vidros e azulejos, Pequenas aberturas (10 x 10 cm ~) c/ vidros cortados em cores diferentes.
Piso: pedra mineral do local.
Cobertura telhas tipo colonial assentadas diretamente na estrutura de aroeira, sem forro. No topo as mesmas telhas de vidro, para concentrar a luz no altar.
Alojamento das Freiras: celas c/ piso de tabuas corridas, o mesmo nas salas. Serviços: cerâmica.
Em volta do telhado floreira com plantas do Cerrado (conforme desenho).

Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

[30] Transcrição:
Uberlândia
Santo Espírito do Cerrado
A Igreja: aulas, festas, reuniões, além do culto tradicional.
Notas técnicas – estrutura de tijolos e concretos (pilares e alicerces).
Exterior / reboque de cimento e areia 3/1 com pedras 2 ou seixos rolados colocados a mão, cacos de vidro e azulejos. Pequenas aberturas (10 x 10 cm~) com vidros cortados em cores diferentes.
Piso: pedra mineral local.
Cobertura: telhas tipo colonial assentadas diretamente na estrutura de aroeira, sem forro. No topo as mesmas telhas de vidro, para concentrar a luz no altar.
Alojamento das freiras: celas com pisos de tábuas corridas, o mesmo nas salas. Serviços: cerâmica.
Em volta do telhado floreira com plantas do Cerrado (conforme desenho).

Lina Bo Bardi (1999) também ressalta a questão da cultura popular aplicada à Igreja e relacionada a outras possibilidades habitacionais, diferentes daquelas propostas pelo BNH, dizendo que, “nossa experiência não é a de uma ‘elite folclórica’, mas, um teste de viabilidade, tendo em vista a possibilidade de uma produção habitacional ao alcance econômico do povo e realizada com a colaboração ativa desse mesmo povo”.

De modo geral, ao analisar o projeto, percebe-se o quanto Lina promove a originalidade e consegue caracterizar a cultura popular, inserindo o trabalho comunitário na busca de se construir algo que se identificasse com a população e onde a mesma pudesse se sentir parte do processo de realização da obra. É uma arquitetura ousada pelas soluções simples, organicidade e continuidade dos espaços, apesar de sua complexa geometria, e de minuciosa sensibilização do espírito humano, saindo da escala monumental e agitada da cidade para um ambiente de desprendimento total. O conjunto mostra de maneira bem clara, diversas das ideologias *do arquiteto*: a arquitetura didática, de fácil entendimento, associada à cultural local, questionando, instigando e causando desconforto às estruturas engessadas da sociedade.

A seguir serão analisadas as memórias coletadas tanto de representantes da comunidade local, quanto de outros agentes envolvidos.

[31]

3. AS DIVERSAS LEMBRANÇAS

[31] Respectivamente, crianças da comunidade durante as obras da Igreja; e execução do Campanário. **Fonte:** BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

Lina Bo Bardi em visita à obra _ contato com as crianças. **Fonte:** FERRAZ, 2008, p.212.

"A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito."
(BOSI, 1994, p.39).

O contato próximo com membros da comunidade e outros agentes envolvidos com a Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado proporcionou uma coletânea de lembranças e percepções que expressam o que foi edificado, tanto em termos físicos, como simbólicos e afetivos.

Para construir tal análise, o destaque inicial está nos dizeres do arquiteto Marcelo Ferraz, ao expressar sua preocupação com a personificação folclorizada de Lina Bo Bardi, a qual sempre combateu, inclusive, o entendimento da cultura popular brasileira como folclore. Com relação à Igreja de Uberlândia, Ferraz ressalta o mito que a mesma é entendida como projeto de Lina Bo em parceria com a comunidade local.

> [...] pode ser um outro equívoco achar que a gente trabalhou com a comunidade... não, nós somos arquitetos, fizemos o projeto de arquitetura, o eletricista faz a instalação elétrica, [...] porque muita gente acha que trabalhar junto, é ficar - "dá aqui seu palpite, 'tá' (sic) bom o projeto assim? A cozinha 'tá' (sic) grande, 'tá' (sic) pequena?" - nós é que temos que saber, nós arquitetos. [...] eu estou, assim, querendo espantar esses equívocos sobre a Lina, porque a Lina vai ficando cada vez mais folclorizada. [...] O ano que vem vai ser centenário da Lina, eu estava falando isso agora, o que já tem de pessoas falando frases da Lina que ela nunca disse... coisas que, sabe, é impressionante, [...] eu convivi com ela quinze anos seguidamente, todos os dias, claro que não sei o antes, pelo que ela me contava, mas tem alguns assuntos que eu nunca vi passar pela cabeça dela, certas coisas que ouço por aí, como sendo coisas da Lina... e não tem escritos, não tem isso, não tem aquilo. Então eu acho importante a gente tomar esse cuidado de evitar folclorização, porque não 'tá' (sic) mais aqui a pessoa para dizer o que acha ou que não acha, e se disse ou senão disse. (FERRAZ, 2013. Informação verbal.)

Ainda de acordo com Marcelo Ferraz, em termos de localização, o conjunto religioso foi implantado em uma região, que na época, era periferia da cidade, situação que mudou com o tempo e os processos de expansão urbana.

> Aquela comunidade da igreja, quer dizer, daquele bairro, mudou muito. Quando a gente fez a igreja com a Lina, aquilo era, a gente podia dizer, que era a periferia de Uberlândia... não era calçado, todas as ruas eram de terra, não tinha muros, não tinha calçada, então, era um bairro, de certa

> maneira, periférico e um pouco abandonado, o resto de cidade. [...] Mas mudou, porque também as cidades brasileiras mudaram, Uberlândia cresceu enormemente, é uma cidade gigante, está tudo asfaltado, tem muros. (FERRAZ, 2013. Informação verbal.)

Essas mudanças também refletiram no corpo social do lugar ao longo desses mais de 30 anos, mas ainda mantendo muitos dos seus moradores das décadas de 1970-80, o que foi verificado no trabalho de campo. Outra transformação é em relação à espiritualidade, alguns membros mudaram de religião, se desligando das atividades da igreja católica e consequentemente, não reconhecendo mais que o conjunto tem caráter comunitário, apesar do cunho também religioso. Sendo assim, mesmo o espaço que foi destinado à comunidade não tem uma apropriação generalizada, resultando mais em atividades da própria paróquia e nas esporádicas do Clube de Mães.

3.1. A COMUNIDADE E A AFETIVIDADE

Com relação à comunidade, como a pesquisa é qualitativa, não houve um recorte pré-definido de entrevistas, com isso, contribuíram aqueles que se sentiram à vontade para compartilhar suas lembranças ou que tinham disponibilidade quando do contato da pesquisadora. Sendo assim, inicialmente é necessário conhecer um pouco da trajetória dessas pessoas que deram depoimentos para esta coletânea de memórias.

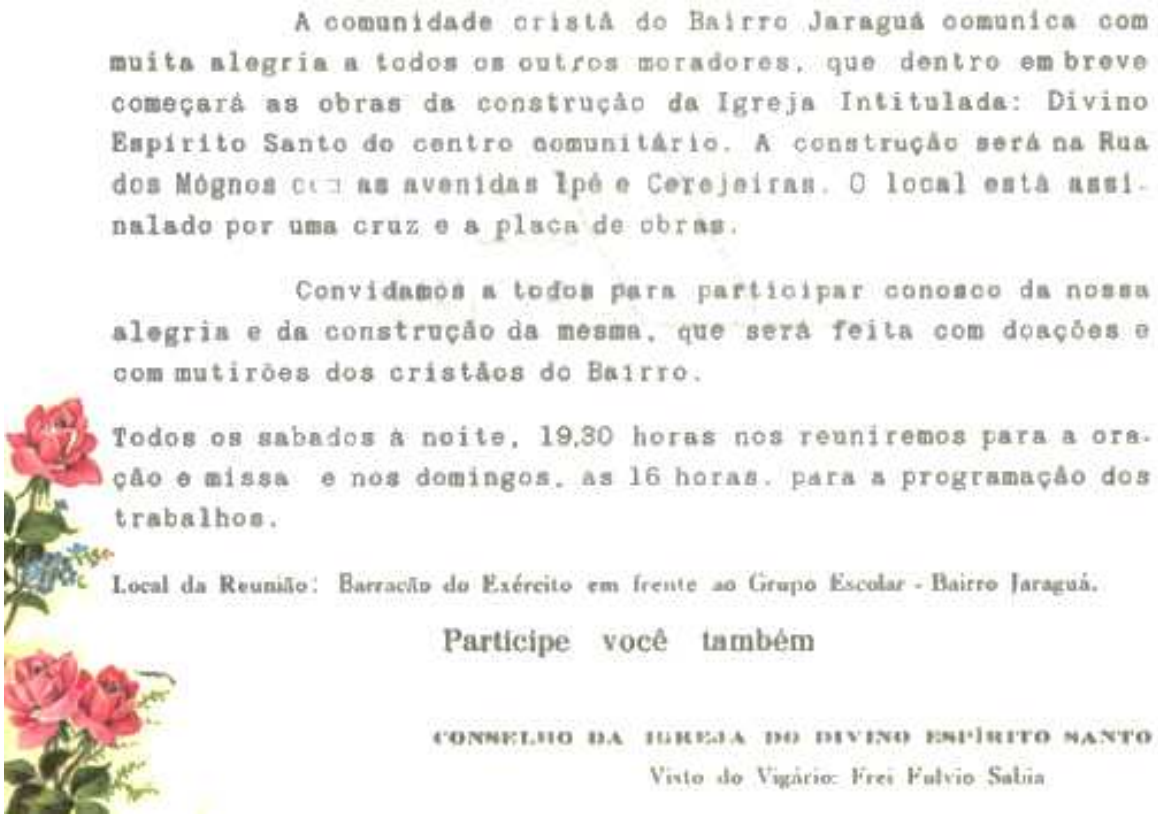
O Sr. Alysson de Carvalho, 74 anos, policial rodoviário federal aposentado, participa, ainda nos dias de hoje, da Conferência dos Vicentinos e atua em atividades correlacionadas às assistencialistas da Paróquia, como por exemplo, distribuição de cestas básicas para as famílias carentes.

> Eu me mudei aqui ‘pro’ (sic) bairro, em 1975... construí a casa lá em cima, mudei para cá... como eu morava lá na rua antiga Padre Feijó, hoje José Ambrósio, eu frequentava a igreja [...] Nossa Senhora de Fátima, lá do bairro Martins. Então quando eu vim para cá, eu continuava indo a missa, frequentando a igreja lá. E... aí, acontece que eu vim a saber que aqui estava tendo então já um movimento, estavam já iniciando a construção ali. Havia então, construído um pequeno galpão de madeira lá, antes era ali perto do quartel, depois mudou ‘pra’ (sic) cá... e eu comecei a ir aqui onde hoje ainda é a igreja. Aí então, comecei a participar aí, e era apenas ainda uma construção de madeira, de tábuas. (CARVALHO, 2014. Informação verbal.)

D. Ana Alice Pinto, 61 anos, aposentada, fazia parte do grupo de orações, atualmente está na Renovação Carismática e, durante esses mais de trinta anos vivendo no bairro, sempre se envolveu com as práticas da igreja.

> Quando eu vim ‘pra’ (sic) cá, o terreno era de outra pessoa, né, aí... a prefeitura, não sei, não lembro quem adquiriu [...] e doou ‘pra’ (sic) Igreja... então assim, a gente ficou muito feliz porque nós ‘assistimo’ (sic) a primeira missa, né, ‘colocamo’ (sic) o primeiro cruzeiro ali, foi uma coisa assim... muito... muito boa ‘pra’ (sic) comunidade, a comunidade se uniu, mas se uniu mesmo, ‘pra’ (sic) poder ajudar... [...] na construção, na medida do possível, sabe.... então assim, [...] no início... não era lá, a gente tinha um barracão à parte, de ‘tábua’ (sic), que as celebrações ‘era’ (sic) ali, mas ali tinha catequese, tinha... de tudo naquele barracão, sabe [...] e aquilo ali, assim, era um lugar que a gente reunia mesmo, sabe, quando a gente foi [...] ‘pra’ (sic) dentro da Igreja, então... a felicidade foi, foi maior, então assim, nesse tempo que eu ‘tô’ (sic) aqui, lembro [...] das ‘freira’ (sic)... todo mundo que passou aqui, eu já ‘tava’ (sic) aqui, [...] Padre Marcos, Padre Mauro, Frei Fúlvio. (PINTO, 2014. Informação verbal.)

Figura 65 – Carta convite à comunidade do bairro Jaraguá, para participação nas obras de construção do conjunto da igreja.



A comunidade cristã do Bairro Jaraguá comunica com muita alegria a todos os outros moradores, que dentro em breve começará as obras da construção da Igreja Intitulada: Divino Espírito Santo do centro comunitário. A construção será na Rua dos Mógnos c[illegible] as avenidas Ipê e Cerejeiras. O local está assinalado por uma cruz e a placa de obras.

Convidamos a todos para participar conosco da nossa alegria e da construção da mesma, que será feita com doações e com mutirões dos cristãos do Bairro.

Todos os sabados à noite, 19,30 horas nos reuniremos para a oração e missa e nos domingos, as 16 horas. para a programação dos trabalhos.

Local da Reunião: Barracão do Exército em frente ao Grupo Escolar - Bairro Jaraguá.

Participe você também

CONSELHO DA IGREJA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Visto do Vigário: Frei Fulvio Sabia

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.138. Data indefinida.

D. Ana Maria Santos, 62 anos, cozinheira, participa de várias pastorais, atividades cotidianas e festividades da Paróquia.

> Mudei para cá em abril de (19)79, né, aí a igreja, não existia ela, era um... um ‘comodozinho’ (sic) de tábua que a gente participava da missa, [...] aí ela já foi construída, foi... [...] foi em 81, parece. [...], foi aquela expectativa do povo né, porque nunca tinha visto uma igreja desse, nesse estilo né, redonda e o povo, nossa era aquela preocupação! “O que está construindo aí?” [...] e eu morava na esquina, naquela casinha... aí eu falava, “não, é a igreja.” “Igreja? Mas que igreja diferente.” Eu falava, “não, diz que é uma das ‘segunda’ (sic) do Brasil... não sei, projeto da ‘Linda’ (sic), né.” Aí então... aí eu vi construir, ‘desdo’ (sic)... alicerce, né, até o telhado. (SANTOS, 2014. Informação verbal.)

Figura 66 – O povo no terreno onde a Igreja seria construída.

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.103. Foto de 1977.

Figura 67 – Barracão de madeira _ obras iniciais da Igreja.

Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

O casal Sr. Antônio Alves de Souza, 60 anos, construtor e D. Maria Joana Cândida de Souza, 54 anos, aposentada, integram o coral. Seu Antônio observa o fato da igreja estar sempre fechada, desde os primórdios de uso do lugar.

> [...] quando nós 'viemo pra' (sic) cá eu morava lá na [...] Saraiva né, aí nós 'mudamo' (sic) 'pra' (sic) cá e num tinha assim, comunidade conhecida da gente participar, aí nós 'começamo' (sic) a participar aqui na [...] Nossa Senhora do Carmo, né, aí depois [...] já 'tava' (sic) com uns... uns cinco anos que nós 'tava' (sic) morando aqui, né. [...] aí a gente foi participar lá na Tubalina [...] na São Francisco de Assis. Aí chegando lá, eu, eu toco violão, eu toco e canto lá na Igreja, até hoje né, um 'tantão' (sic) de gente ainda toca e ainda canta lá na Igreja até hoje, e, e eu comecei toc/ ajudando a cantar lá na São Francisco de Assis. E aí, o Padre Marcos quando me viu, eu tocando lá, aí ele pegou e falou 'pra' (sic) mim né, aí ele perguntou 'ondé' (sic) que eu morava, aí ele falou "não, então 'cê tá' (sic) no lugar errado, então eu quero, a partir de, da semana que vem eu quero você lá na Divino Espírito Santo", só que eu, por mim, eu nem, eu num sabia que ali era uma Igreja Católica, eu passava na porta, porque/ lá era o seguinte, a Igreja só ficava fechada, né, e ele só abria 'pras' (sic) celebrações aos domingos, né, 7h da manhã e fechava novamente, então aquilo ali era [...] fechado, então eu, por mim, era [...] uma construção abandonada, né, aí quando eu perguntei 'pra' (sic) ele, [...] mas Divino Espírito Santo é aonde, aí que ele me falou, né, ele falou não, é aquela Igreja redonda que tem aqui. (SOUZA, A. A. de, 2014. Informação verbal.)

O Sr. Geraldo Coelho, 62 anos, é comerciante e o Diácono da Paróquia.

> Nós chegamos na comunidade em... 1986, aonde nossas primeiras necessidades [...] na comunidade de trabalho, 'foi' (sic) na área de Pastoral do Batismo... trabalhei durante um bom tempo [...] ministrando cursos, para pais e padrinhos, e... depois me foquei mais na área da catequese, trabalhei na Pastoral da Catequese por um bom tempo... com a chegada do Padre Rui, Rui Vieira, também trabalhamos junto com ele, fomos 'convidado pra' (sic) ser Ministro Extraordinário da Eucaristia e da Palavra. (COELHO, 2014. Informação verbal.)

O Sr. João Batista da Silva, 53 anos, funcionário púbico municipal, já não vive mais na comunidade, mas é um dos jovens que participou efetivamente dos mutirões e teve contato direto com Lina Bo Bardi.

> A gente começou o movimento lá, e eu me lembro, parece que foi em 78, a gente trabalhava/ frequentava aqui na Vila dos Militares né, era cedido um barracão que tinha lá, a gente se reunia lá. Em 79, início de 80 que começou né, a construção lá, deu início às obras... aí foi construído lá, pelo Frei Fúlvio um... uma outra Capelinha, barracão de tábua né, no terreno ao lado ali, e aí a gente se reunia ali até dar início as obras, e foi né, trabalhando por ali. (SILVA, J. B. da, 2014. Informação verbal.)

Seu irmão, o Sr. Luiz Valter da Silva, 57 anos, eletricista, também está neste grupo dos jovens atuantes, e permanece na comunidade do bairro Jaraguá.

> Em 79 eu comecei a participar da comunidade, a comunidade era... era feita lá na, na Vila do Sargento, em frente à escola, tinha um barracão do Exército, que ele emprestou 'pra' (sic) nós, 'pra' (sic) celebrar a missa e fazer os eventos lá. [...], e depois logo que fez essa festa, eles pediram o barracão também. E a gente construiu ali, lá onde é a creche hoje, uma, uma capelinha de madeira até fazer a Igreja. E nisto já 'tava' (sic) lá o Cruzeiro, já 'tava' (sic) o terreno ali marcando o lugar né, e a gente foi

> trabalhar ‘pra’ (sic) poder adquirir. (SILVA, L. V. da, 2014. Informação verbal.)

O Sr. Marcos Ramardi de Souza, 55 anos, empresário, está na comunidade há menos tempo, participando juntamente com sua esposa, como ministros da Eucaristia e na Liturgia da Palavra.

> Começamos a participar em 2008, a atuação nossa na igreja começou com participação nas missas, aí depois fomos convidados ‘pra’ (sic) participar como Ministro de Eucaristia e também na Liturgia. (SOUZA, M. R. de, 2014. Informação verbal.)

O Sr. Sebastião Maciel, 82 anos, eletricista aposentado, é membro da Conferência dos Vicentinos, e sua esposa, D. Conceição Aparecida Maciel, 75 anos, dona de casa, são frequentadores da igreja desde os anos de 1980.

> Nós mudamos para cá em 84, aí a igreja já ‘tava’ (sic) pronta... nessa época era o frei Fúlvio que ‘tava’ (sic) aqui, e na época a gente começou a participar e a gente participa até hoje. (MACIEL, C. A., 2014. Informação verbal.)

E D. Sônia Maria Tundisi, que participa da Pastoral da Saúde e chegou à comunidade quando a igreja ainda estava em construção.

Em termos de atuação, segundo Frei Fúlvio, desde o início a comunidade se envolveu na construção do conjunto, buscando recursos financeiros para as obras, além de participar dos mutirões aos domingos.

> [...] acho que é interessante de você saber. Nós íamos ter uma ordenação sacerdotal, o moço que ia ser ordenado escolheu essa Igreja, apesar dela não ser muito grande, mas ele não - “eu vou, eu quero ser ordenado lá”, tudo bem, então, mas, não tinha nem o piso, o piso era de chão batido, terra, aí, “o que nós vamos fazer, não tem dinheiro, né?”, ah, fomos numa fábrica de balas, balinhas, e ‘pediu’ (sic) os sacos vazios de açúcar, né. Ela me deu, a fábrica de balas Erlan, né, me deu [...] 500 sacos, aí entregamos esses sacos para o povo, o povo clareou, porque tinha escrita [...], cortou, cada saco deu dois panos de prato, fizemos mil sacos, mil panos de prato, bordado, tudo bonitinho, vendemos né, fizemos o piso. O povo que fez, o povo que fez, essa é a coisa interessante. (SABIA, 2013. Informação verbal.)

O frei ainda destaca a participação comunitária nas diversas atividades da Paróquia, o que enfatiza ser compatível com o discurso dos franciscanos, especialmente, em termos de pertencimento.

> Sempre, sempre, sempre, esse é um pouco nosso estilo também, é, teve sempre o Conselho da Paróquia que animava e organizava junto comigo o trabalho da comunidade, [...] a Catequese, eles que organizavam, as Pastorais dos Doentes, [...] a manutenção da Igreja, eles que limpavam, que enfeitavam, eles que arrumavam, [...] então, a comunidade, continuamente, tentava sempre envolver, porque é também o meu estilo, eu gosto de que o povo se sinta dono do lugar, da Igreja, das estruturas. (SABIA, 2013. Informação verbal.)

Padre Márcio ressalta que a comunidade cresceu e os espaços edificados já não atendiam mais as necessidades, e aponta que, ainda nos dias de hoje, a comunidade continua engajada e participativa, mantendo esse envolvimento de caráter coletivo.

> Então, quando a Lina fez o projeto desse complexo, que é a Igreja, a casa e o salão, ela atendeu a uma realidade, a uma demanda daquele momento. A comunidade era extremamente participativa, envolvida nas atividades da igreja, a própria ideia da construção, na modalidade de mutirões, traduz essa dimensão. Hoje, quem visita, e nós recebemos muitas visitas à igreja, tanto de estudante de Universidades do Brasil, como estudantes de fora, [...] vê que é outra realidade, a cidade cresceu e o bairro aqui também cresceu muito, a comunidade também, em consequência, conheceu seu crescimento. Mas é uma comunidade que ainda mantém esse traço da sua história, é uma comunidade participativa, envolvida nas atividades. Hoje, coincidentemente, você está visitando a preparação do espaço para uma festa comunitária, a festa do Divino, Divino Espírito Santo, e é uma festa que visa angariar recursos para nós colocarmos bancos novos na igreja[32]. Então, de modo geral, as pessoas são bem participativas. A ideia desde o início da comunidade, de criar espaços de cuidado, de promoção da vida, é algo que é preservado. Então, tem o trabalho da pastoral da criança, tem trabalho de confecção de fraldas geriátricas para as pessoas carentes, então, o espaço ali da casa, que foi concebido pela Lina, é um, é espaço hoje muito voltado 'pra' (sic) essa dimensão humanitária. (GONÇALVES, 2013. Informação verbal.)

Com relação à afetividade, alguns dos entrevistados salientaram o que pensam sobre a arquitetura edificada. D. Ana Maria chamou atenção para o fato de ter sido necessário tempo e conhecimento para que tivesse apreço pela edificação.

> O altar já está maravilhoso, o altar era o antigo né, e eu só fiquei contrariada, porque hoje eu penso, hoje o valor que eu dou, eu era estressada também com ela, igual eu te falei, chovia demais[33]. Mas hoje a gente vê o valor assim, tanto que o povo admira 'ela' (sic), e gosta e acha bonito, que a gente também, entrosou [...]. Só que eu achei ruim, foi as 'parede' (sic) né, podia ter deixado do jeito que 'tava' (sic) né, rústica [...], que agora não tem como tirar [...], porque se tirar agora vai estragar o tijolinho todinho. Mas o altar como que foi demolido né, então aí fez outro, aí ficou lindo [...], a pia batismal também vai ser o mesmo estilo. Eu sei que essa igreja, ela é famosa, e todo mundo é apaixonado nessa igreja, eles 'chega' (sic), tem uns que até 'chora' (sic), de ver o tanto que ela é bonita, engraçado né, às vezes é porque a gente não entende muito de obra. (SANTOS, 2014. Informação verbal.)

D. Ana Alice tem relações mais fortes e estabelecidas de pertencimento.

> Ah, eu amo isso ali! Nossa! 'Pra' (sic) mim é tudo de bom, bom mesmo sabe, vou nas outras Igrejas, assim, sabe, acho linda, maravilhosa, mas

[32] Com a Festa do Divino Espírito Santo realizada em maio de 2013, a comunidade conseguiu recursos e os bancos foram comprados. A substituição dos antigos aconteceu no final de janeiro de 2014.

[33] D. Ana Maria se refere às goteiras no telhado da Igreja, resultantes, segundo Edmar de Almeida em entrevista não gravada, de um erro de execução por parte do Sr. Alfredo, que não seguiu as especificações de Lina Bo Bardi.

> sabe quando ‘cê’ (sic) acha a casa do vizinho linda, mas ‘cê’ (sic) gosta é da sua, então, é isso. (PINTO, 2014. Informação verbal.)

D. Sonia Maria se mostra a favor da preservação dos edifícios, apesar de sugerir alterações na Capela.

> Eu ‘acho ela’ (sic) maravilhosa! Sempre achei! Sempre quando alguém fala “ah!.. mas tinha que mudar”, eu sou totalmente contra, eu acho ela linda, sabe, eu gosto muito dela, a única coisa que eu achava que tinha que mudar um pouco, assim, era colocar mais uma porta, porque tem uma porta só, [...] mas eu acho que num pode ‘né’ (sic), por causa do projeto não pode, mas eu acho ela maravilhosa, a Igreja. Eu gosto muito. (TUNDISI, 2014. Informação verbal)

D. Conceição diz gostar da arquitetura, principalmente, considerando-a diferente do convencional e comenta que, ao mesmo tempo em que há moradores da comunidade que não tem este mesmo apreço, em contrapartida, outras pessoas de lugares variados a escolhem para casamentos, batizados, etc., justamente por sua excepcionalidade.

> Diferente né, uma coisa diferente. Então têm muitas pessoas que às vezes nem gosta de casar aí, porque acha assim [...], que é grosseiro, que não é uma coisa assim... **moderna** (grifo nosso), mas eu acho muito importante, mas têm muitas pessoas que vem até de outras comunidades, que vem casar aí porque acha diferente né, que... uma coisa diferente, uma coisa assim mais rústica [...], eu achou muito bonito, eu gosto. (MACIEL, C. A., 2014. Informação verbal.)

Já o Sr. Antônio e D. Maria Joana posicionam-se contrários às limitações em função do tombamento[34] e ressaltam que a edificação da igreja deveria ter um acabamento diferenciado, entendendo que, o uso de tijolos comuns aparentes não é adequado, desqualificando sua arquitetura.

> Ele não é um tijolo comum, ele é um tijolo próprio ‘pra’ (sic) tijolo à vista, né, e ele é todo frisado, né, [...] aí depois você faz um acabamento, então, aí ele fica um tijolo à vista, [...] aí é uma obra, uma obra à vista, agora ali não, ali é tudo normal, como se fosse ‘pra’ (sic) rebocar e não pode fazer mais nada, sabe, ‘cê’ (sic) num pode frisar, ‘cê’ (sic) num pode passar um verniz, ‘cê’ (sic) num pode fazer um acabamento, ‘cê’ (sic) num pode... então, eu não entendo o porquê, né, eu acho que isso aí num, assim... por exemplo, ‘pro’ (sic) funcionamento da comunidade isso aí prejudica, porque num tem como ‘cê’ (sic) fazer um acabamento perfeito, um acabamento normal, né, definitivo, ‘pra’ (sic) o funcionamento normal da comunidade. (SOUZA, A. A. de, 2014. Informação verbal.)

> A gente fica nervosa com ess/ com ela, porque a gente até já falou às vezes que o Bispo deveria até, assim, passar ela ‘pra’ (sic) prefeitura ‘pra’ (sic) ficar como patrimônio cult/ é, ‘comé’ (sic) que fala/ ‘pra’ (sic) fazer teatro, essas coisas, igual já tem aí, porque/ e dar outro terreno ‘pra’ (sic) gente construir, porque aquela Igreja ali, eu acho assim, o Divino Espírito Santo, Ele é uma coisa muito especial, ele merece uma [...] Igreja bonita, organizada, e a gente não tem essa manutenção, assim, porque ela fica cara ali, ‘pra’ (sic) poder ‘cê’ (sic) manter ela daquele jeito, é caro, os custo,

[34] D. Maria Joana sugere que o conjunto seja transferido para a prefeitura e transformado em espaço cultural.

> e a comunidade aqui não tem tanto dinheiro assim, a gente né, é uma comunidade mais humilde. (SOUZA, M. J. C. de, 2014. Informação verbal.)

O casal até acredita que o projeto ficou inacabado e Lina Bo Bardi tinha outras intenções.

> Mas, [...] às vezes ela tinha planos de [...] fazer um [...] certo tipo de acabamento na Igreja, né, mas como ela morreu, e aí porque tombou... O que dificulta mais é o fato de ser um patrimônio tombado, né, então porque ela morreu, então quer dizer, parou 'pra' (sic) cá, né, o seguimento do trabalho dela, né, e outro não pode, por exemplo, mexer naquilo que que, né, que 'tava' (sic) previsto 'pra' (sic) que ela, que ela que ia fazer, mas a gente não sabe qual que era a intenção dela, mas futuramente se ela tivesse terminado a Igreja, né, talvez ela por si, ia falar, "não, peraí", ia perceber que essas coisas 'tinha' (sic) que ter um, né um, um tipo de coisa diferente, e ela por ela mesma ela ia fazer isso, né, mas como ela não conseguiu terminar o trabalho dela, então, por fato de ser tombado então é onde é que fica a dificuldade, né, de fazer uma coisa perfeita naquela Paróquia ali. (SOUZA, A. A. de, 2014. Informação verbal.)

Contextualizando essas apropriações, a igreja pode ser considerada uma produção de caráter moderno e por ter sido projetada por Lina Bo Bardi de forma específica, com leitura cultural e histórica, estabelecendo relações também particulares com o lugar, as pessoas e os materiais empregados, nem sempre é entendida como, de fato, moderna, principalmente por ser bastante "transgressora" e diversa das produções de outros arquitetos da época. Com isso, há aqueles que a interpretam como uma solução "pobre" de recursos, sem perceber sua intencionalidade de propor algo aparentemente simples, mas com um grande potencial transformador, através de uma estética diversa do habitual e pelas interações entre as pessoas e delas com o espaço. Sendo assim, pode-se perceber que os membros da comunidade que estiveram engajados e à frente das obras, mostram-se os mais afetuosos, justamente por terem criado laços afetivos mais fortes, em função dessa participação direta.

3.2. O PROJETO E AS TRANSFORMAÇÕES

Com relação ao conjunto construído, Frei Fúlvio Sabia atenta-se para a não religiosidade de Lina Bo e seu apreço pelas questões comunitárias, fato que a impulsionou a aceitar o convite para a elaboração da igreja, doando o projeto à comunidade.

> Você sabe que ela não era muito religiosa não, mas ela gostava dessas iniciativas de tipo popular, não é? E aí marcamos um encontro aqui, para visitar o lugar, que era aquela área aonde tem a igreja agora e fizemos o primeiro encontro com o povo. Porque ela gostava que o povo estivesse presente Então naquela área nós tínhamos construído um barracão de

> madeira, assim de tábuas, e lá com a Lina fizemos o primeiro encontro, ela mais dois jovens arquitetos [...]. (SABIA, 2013. Informação verbal.)

Segundo o Sr. João Batista, Lina Bo Bardi apresentou dois projetos para a igreja, um convencional[35] e outro redondo e singular como foi executado.

> [...] marcadas sempre as reuniões aos domingos, ela vinha, participava com o pessoal, discutia os projetos, que que ia ser feito, 'comé' (sic) que ia ser feito. Ela apresentou... dois, dois modelos de projeto: um era aquilo como ficou, que é redondo e uma seria uma igreja tradicional. Porém, ela [...] junto com/ a comunidade combinou que fosse um, um/ uma Igreja redonda né, totalmente diferente das [...] demais, das que já tinha aqui na, na região [...]. (SILVA, J. B. da, 2014. Informação verbal.)

E o Frei italiano comenta brevemente, como Lina Bo Bardi pensou o projeto e as medidas iniciais para as obras.

> E ela começou a elaborar... viu o lugar... começou a elaborar o projeto, e na ideia dela, sendo nós Franciscanos, ela queria fazer uma estrutura que assemelhasse, tivesse alguma semelhança com os nossos conventos. Então uma igreja, depois uns 'quartinhos', um claustro e as dependências com um salão para o povo, um galpão para o povo. Então foi isso que ela começou a idealizar. E naquela época, naquela área, tinha pouca casa, 'pouquinha', não é que agora tem demais, mas naquela época tinha menos ainda. E não queria que uma estrutura muito grande sobressaísse demais, não é, ao nível popular, por isso que ela sugeriu de fazer aquela estrutura de tijolinho comum sem reboque, não devia ser rebocada nem de dentro, nem de fora... eles rebocaram do lado de dentro, mas não 'tá' (sic) no projeto [...]. Então, depois fizemos mais algum encontro com o grupo representante, a comunidade e o engenheiro calculista, [...]. E aí, quando foi definitivamente aprovado o projeto, nós começamos a juntar o material, e aí começaram também os mutirões. A primeira coisa, limpamos a área, quem foi que limpou a área? O único índio que estava na região, e que morava no quartel, [...] ele que fez a primeira limpeza do terreno. Depois o povo construiu aquele cruzeiro que ainda está lá, cruzeiro de madeira e colocou [...] - "aqui vai ser a igreja". (SABIA, 2013. Informação verbal.)

Figura 68 – Área antes da implantação do projeto, com o sistema viário não pavimentado.

Fonte: SILVA, João Batista da. Data indefinida.

[35] Que não é de conhecimento.

Marcelo Ferraz ainda destaca as releituras que o conjunto constrói tanto com a arquitetura e a história, principalmente da época medieval, como com outras estruturas do cotidiano da cidade, por exemplo, o chão batido do espaço comunitário remetendo aos terreiros do Candomblé, dos quintais das casas, da relação do homem com a terra, etc.

> [...] realmente é uma obra *sui generis*, é claro que a gente lê nesse projeto dela, uma forte ligação com a arquitetura que ela admirava muito, que é a arquitetura medieval, uma arquitetura romana, românica, mas de configuração mais até medieval... é uma época da história das artes e da arquitetura que ela curtia muito, ela achava até que era mais interessante do que o Renascimento, porque ainda era uma coisa muito livre das questões formais, da estética construída, a estética ocidental. E ela dizia que ainda na Idade Média, o que guiava a arquitetura, era, até muito mais, a técnica, as formas eram geradas muito mais pelas soluções técnicas e tudo mais, do que por essa formalização ou conceituação estética que veio com o Renascimento. Então aquela igreja, ela tem claramente essa raiz profunda da Lina, da Lina romana, associada com essa questão popular, com essa questão de ser 'pra' (sic) gente, 'pra' (sic) uso, 'pra' (sic) todo tipo de gente, 'pra' (sic) religioso, para não religioso.
> [...] o nosso contato com a comunidade foi naquele momento, com aquele povo, o Frei Fúlvio, com aqueles padres franciscanos e tal. Depois aconteceu o seguinte, com a mudança do Papa, os franciscanos foram chamados de volta para Roma, e eram uns franciscanos progressistas, legais. Eu até disse que aquela Igreja tem até um aspecto de uma igreja, eu falei, pagã uma vez, mas então podia ser panteísta, porque ela tem uma configuração de um terreiro, é um espaço generoso nesse sentido. Também fui mal interpretado quando falei isso, mas eu acho que isso não é demérito para a Igreja, é uma igreja que acolhe pessoas. O próprio espaço se parece com um terreiro, o terreiro não é só de Candomblé, o terreiro é o quintal das casas, o terreiro é pisar no solo, tocar o pé na terra, tudo isso também, simbolicamente, é uma coisa bonita, não é que é uma coisa pagã, uma coisa herege, herética, não é isso. (FERRAZ, 2013. Informação verbal.)

O Sr. Alfredo Menegato, mestre de obras da época, diz que participou desde o início da construção da igreja, ressaltando que não se recorda de ter contato com Lina Bo Bardi, que não ia com tanta frequência à obra, apesar dos registros fotográficos, como mostrado na figura abaixo.

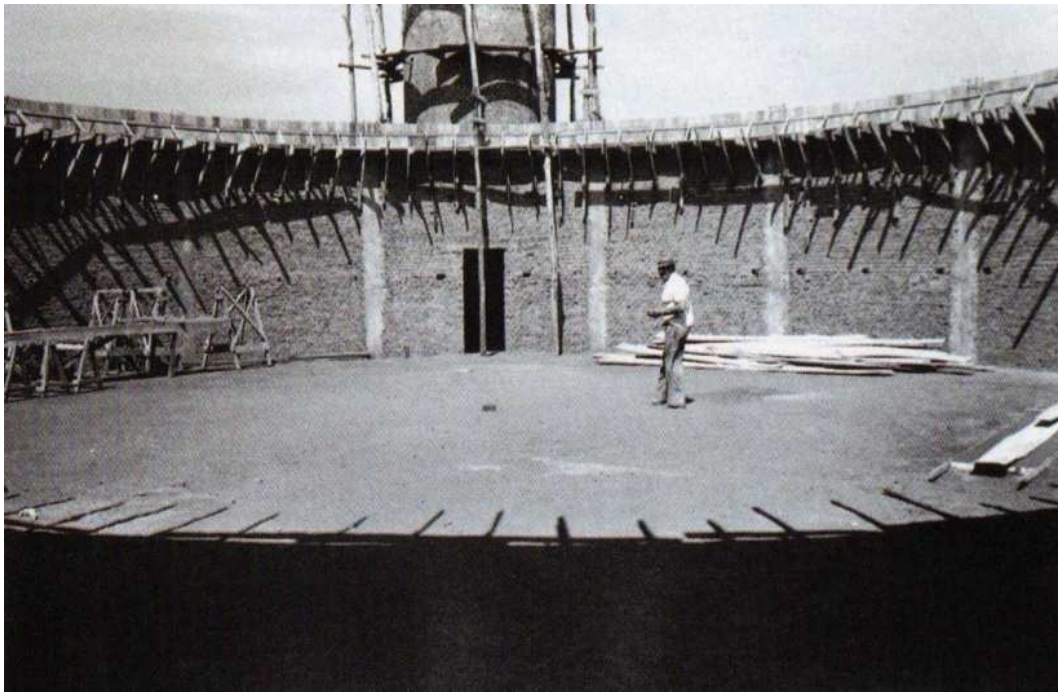
> Eu tive contato com a obra desde o início, eu construí a casa deles [...] na Raulina Cota Pacheco. Da Lina, até antes de acabar ali, já 'foi' (sic) para lá. Então eu fiquei [...] desde o começo da obra... tinha um barracão de madeira, que naquele desenho[36] ali aparece, celebrava missa naquele barracão de madeira, tábua de lado, depois arrumou e já passou para dentro da igreja e foi indo.
> [...] Umas vezes em que ela 'teve' (sic) lá, mas a gente nem conversou direito, eu acho que eu nunca nem conversei com ela, parece, não sei, ela ficava lá, ela, o Edmar, o Frei Fúlvio, ela ia pouco lá também, né.
> [...] Ahh Lina Bardi... nooossa... eles tinham uma confiança nela, nossa senhora. (MENEGATO, 2014. Informação verbal.)

[36] O Sr. Alfredo se refere às imagens do livro sobre a igreja, publicado pelo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi em 1999, referenciado neste trabalho.

Figura 69 – Sr. Alfredo e Lina Bo Bardi analisando o projeto.

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.154. Data indefinida.

Figura 70 – Sr. Alfredo Menegato durante a obra da capela.



Fonte: BARDI; ALMEIDA; FERRAZ, 1999.

D. Ana Alice destaca que Lina Bo gostava de ficar entre o povo.

> [...] ela era uma pessoa assim muito, muito aberta a ficar no meio do povo, né, muito, assim, conversava com todo mundo, sabe, gente... pessoal tem lembrança boa dela, mesmo os mais... os que na época eram mais jovens né. (PINTO, 2014. Informação verbal.)

E O Sr. Luiz Valter comenta sobre suas visitas à obra e o quanto era fácil estabelecer diálogos com ela, o que é reforçado pelo Sr. João Batista.

> Quando nós 'tava' (sic) lá em cima[37] ainda, a Lina Bo Bardi teve aqui fazendo visita 'pra' (sic) nós, 'pra' (sic) fazer já o início da construção [...] nós tiramos fotos com ela, 'mandou pra' (sic) Itália[38], acho que é 'pra' (sic) Itália, 'pra' (sic) vir uma verba de lá 'pra' (sic) começar essa igreja aí, e veio essa verba 'pra' (sic) fazer o aterro e deu 'pra' (sic) comprar aqueles 'tijolo' (sic), 60.000 tijolos que compramos aí, tijolinhos, e mais algum material.
> [...] Ela 'teve' (sic) aqui, que eu me lembro, parece que ela 'teve' (sic) aqui umas três vezes, acompanhando, 'teve' (sic) essa vez lá em cima com 'nós' (sic), e depois ela 'teve' (sic) mais uma outra vez aqui, 'pra' (sic) fazer a/ parece que marcar e acertar [...] com o engenheiro daqui que era 'pra' (sic) acompanhar a obra né e aí depois ela 'teve' (sic) parece que também na entrega, da [...] Igreja, da [...] obra.
> [...] Conversava, ixi, ela conversava muito, né, ela orientava né, o jeito que era 'pra' (sic) ser feito, era muito simples, a Lina Bo Bardi era muito simples, era uma mulher muito, já de idade, mas era uma pessoa fácil demais de conversar com ela, muito simples, humilde, muito compreensiva. Uma pessoa, pelo nível dela né, era uma pessoa fácil assim da gente chegar. (SILVA, L. V. da, 2014. Informação verbal.)

> [...] ela falava bem né, ela além de ser italiana, mas ela tinha um, um português bem pontual, a gente entendia bem o que ela falava. [...] ela vinha mesmo pessoalmente frequentar né, ela participava [...] das reuniões aqui, nas obras ela vinha né, inclusive a gente tinha alguns documentos né, algumas fotos e tudo né. (SILVA, J. B. da, 2014. Informação verbal.)

Isto reafirma o quanto o discurso crítico cultural de Lina estava em consenso com sua atuação e relação com o povo, estabelecendo diálogos próximos e definindo assim, as soluções do projeto, sem o enaltecimento da figura do arquiteto.

Em termos construtivos, segundo Frei Fúlvio, a madeira de aroeira foi doada, tanto do desmonte de uma igreja em Monte Alegre, como por um fazendeiro de Canápolis. Ressalta também o início do trabalho comunitário para a construção dos muros de arrimo, dispondo o conjunto em quatro platôs, com duas áreas destinadas ao povo, o que era foco do projeto de Lina Bo Bardi.

> Depois começamos a juntar o material e o nosso Confrade estava reformando, aliás, reconstruindo a Igreja de Monte Alegre. A Igreja de Monte Alegre era toda, originariamente, de pilares de madeira. Quando os pilares de madeira não aguentavam mais, puseram ao redor da madeira, pilar de tijolos, de alvenaria. Aí, não dava mais para... Então demoliram tudo, ficou só a fachada, só a fachada da frente. Em cada pilar, tinha um esteio de madeira de aroeira, as que pudemos aproveitar, vieram para cá. Tem muita

[37] Quando ainda estavam utilizando o barracão de madeira do exército.

[38] Na verdade para Essen, na Alemanha, onde havia a sede da organização católica alemã *Adveniat.*

pilastra de aroeira de 1800 e pouco, vieram para cá, doaram, porque assim aproveitamos a aroeira que estava lá. Outra aroeira também... nosso Bispo [...] tinha ficado cinco anos em Canápolis, conhecia um amigo lá, que tinha uns pés de aroeira... [...] nós, cortamos umas árvores de aroeira boas e trouxemos para cá. Então os esteios, conforme a Lina tinha sugerido, estavam lá. Depois começamos, além de certas coisas, logo assim devagar, e o povo começou um pouco a trabalhar junto conosco, e fazer os alicerces. A primeira coisa, que era mais difícil, era fazer os vários patamares, então 'foi feito' (sic) os muros de arrimos. Primeiro os muros de arrimo, porque o terreno é inclinado. Vários níveis, a igreja, a 'casinha' e o barracão [...] e no fim, o campinho de futebol que agora construíram não sei o que, mas parece que tem ainda, por cima, tem ainda uma área, porque a Lina, ela sempre falava, não pode ocupar área toda, tem que deixar um pouco de área para o povo, o povo era igreja – o barracão e a área para menino brincar. Naturalmente, a construção ao lado não existia mais, mas veja que também a creche foi 'ideada'(sic) pela Lina, só que o Marcelo e o outro fizeram o projeto e depois foi retratando um 'pouquinho' viu, mas a creche também é deles, só que não aparece, né, a igreja aparece mais.
[...] Então, fomos construindo, [...] eu fiquei emocionado quando, depois de feitos os arrimos, construímos os alicerces, depois construímos as paredes só da igreja, [...]. Cobrimos a igreja e celebramos [...], eu tenho um pouco de dúvida, o primeiro Natal, acho que foi de 1980, não me lembro bem, [...], não tinha piso, não tinha, não tinha nada, arrumamos uns tocos, para o altar. [...] Então é isso... o primeiro altar, uma tábua, foi assim, e ficou assim por um tempo. Depois, logo foi construída a casinha, depois foi construído o barracão lá embaixo [...], mas dentro de pouco tempo. (SABIA, 2013. Informação verbal.)

Figura 71 – Execução do aterro.

Fonte: SILVA, João Batista da. Data indefinida.

Com relação aos mutirões, esses foram destacados em alguns depoimentos. O Sr. Alfredo comenta que eles aconteciam aos domingos e que realmente houve muito trabalho por parte da comunidade.

> Participou, fazia, às vezes, ‘mutirão’ (sic) nos domingos, a gente ia para fazer aquele muro de arrimo, né, [...] aí o concreto vinha pronto para aterrar aquilo lá... a comunidade ajudou muito ali, muito... muito. (MENEGATO, 2014. Informação verbal.)

Segundo Frei Fúlvio, a comunidade sempre foi participativa.

> A coisa mais interessante é que o povo ficou envolvido na construção continuamente, tiveram muitos mutirões, né, nas coisas assim mais grosseiras, vamos dizer, furar os alicerces... carregar material, lembro quando nós trouxemos essas toras de aroeira lá de Canápolis, o caminhão, esse caminhão com guincho [...] para carregar essas toras, o povo inteiro é que ajudou, depois, foram lavradas [...] e sempre que era para colocar as toras no lugar certo, o povo é que ajudava, e assim por diante. (SABIA, 2013. Informação verbal.)

Figura 72 – Primeiro mutirão.

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.145. Foto de 30 de setembro de 1979.

Figura 73 – Segundo mutirão _ execução da base da igreja.

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.107. Foto de 28 de outubro de 1979.

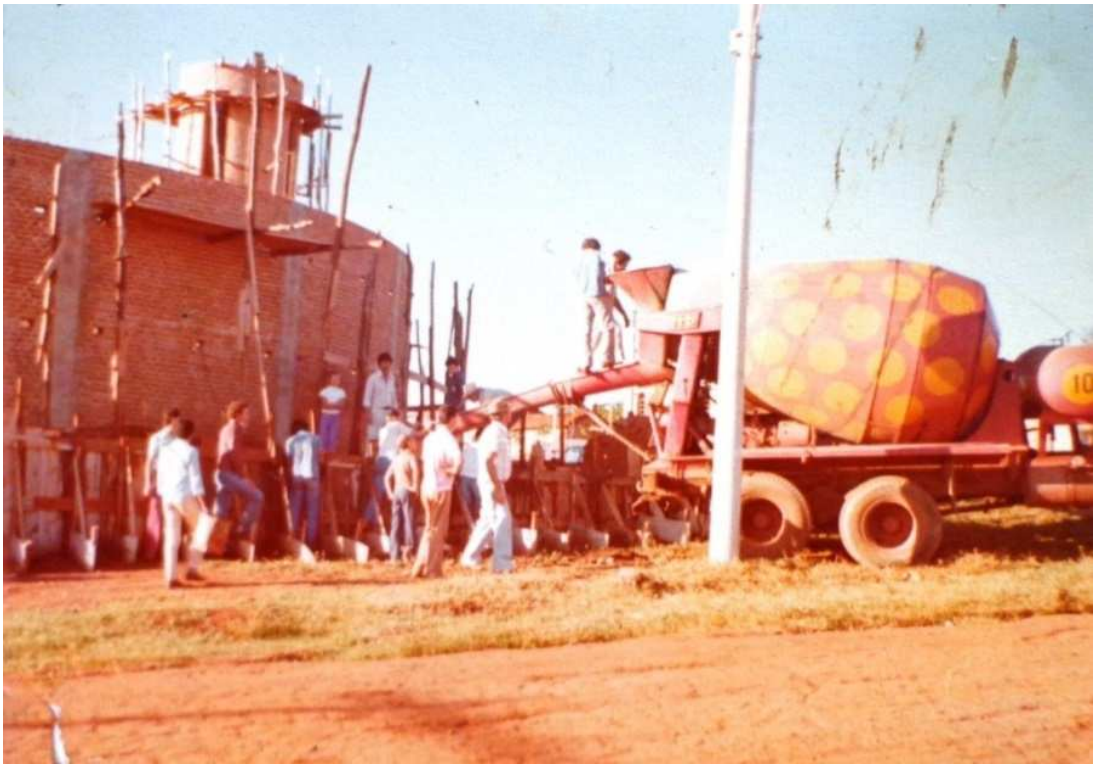
Figura 74 – Terceiro mutirão.

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.109. Foto de 02 de dezembro de 1979.

Figura 75 – Quarto mutirão _ execução da laje do porão da residência para freiras.

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.112. Foto de 28 de janeiro de 1980.

Figura 76 – Mutirão de concretagem.

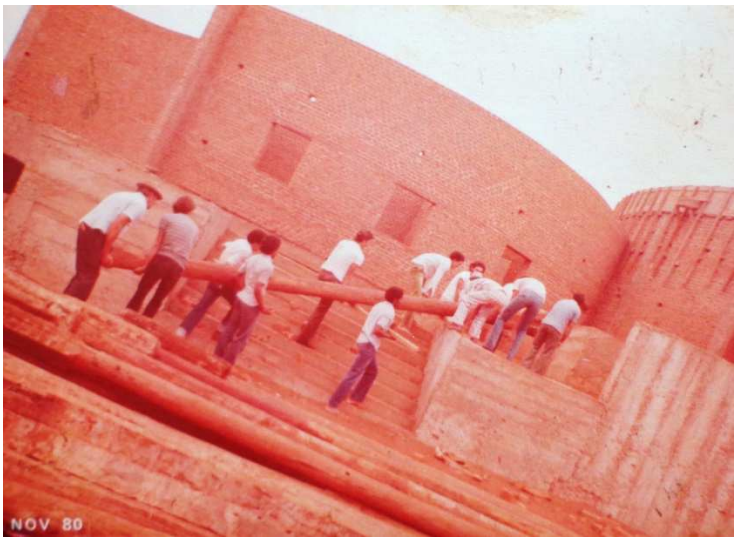


Fonte: SILVA, João Batista da. Data indefinida.

O Sr. Luiz Valter também comentou sobre o madeiramento interno em aroeira.

> E aquela madeira que 'tava' (sic) lá dentro foi doada pelos fazendeiros aqui ao redor né, da região mesmo, e 'foi lavrada' (sic) todas elas ali na porta da Igreja, isso aí a gente acompanhou tudo, né. (SILVA, L. V. da, 2014. Informação verbal.)

Figura 77 e Figura 78 – Mutirão para colocação do madeiramento interno da capela.



Fonte: SILVA, João Batista da, 1980.

Figura 79 – Madeiras sendo lavradas durante as obras.

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.152. Data indefinida.

Figura 80 – Luiz Valter sobre uma das lajes.

Fonte: SILVA, João Batista da. Data indefinida.

Figura 81 e Figura 82 – Estágio da obra nos primórdios de 1980.

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.162. Fotos de 29 de março de 1980.

Figura 83 – Lina Bo Bardi, em uma das visitas, com o engenheiro civil Rodolfo Ochoa.

Fonte: SILVA, João Batista da. Data indefinida.

Esses mutirões construtivos da época eram respaldados por outras práticas da comunidade, como já abordado, a fim de levantar fundos para erguer as edificações, o que continua a ser praticado nos dias atuais, através de festividades e outros eventos que arrecadam verbas usadas para as necessidades da Paróquia e que também foram destinadas ao restauro e construção do Centro Pastoral.

Em termos das transformações, D. Conceição comenta as alterações realizadas por padre Rui e reforça a união e dedicação da comunidade.

> É porque na época ele não gostava, por causa de ser tombado, e não podia mexer em muita coisa né, então ele até mexeu [...], que ela não podia ser modificada, não podia ser rebocada por dentro, e rebocou né. Depois o frei Fúlvio não ficou contente, porque o frei Fúlvio preza muito essa obra da Lina. Então ele não queria muito que fizesse isso, mas depois deu tudo certo também, o padre Rui também ficou uns sete anos, [...]. Depois que 'veio' (sic) outros padres, depois que veio o padre Mauro, padre Henrique, mas foi tudo bem, a comunidade sempre ajudou muito né, a comunidade toda é muito... até o padre Marcio fala que... assim, muitos padres tinham vontade de 'vim' (sic) para cá, porque a comunidade trabalha muito né. (MACIEL, C. A., 2014. Informação verbal.)

O arquiteto Marcelo Ferraz também recorda a atuação de padre Rui, que, por desgostar da forma da igreja, promoveu alterações significativas. E completa que, na atualidade, o conjunto passou por reforma e restauro, proposta assinada por ele e por André Vainer – coautores do projeto original.

> [...] eu comecei a contar que os franciscanos vão embora, entra um padre secular que odeia a igreja e ele começa a destruir, quebrar as celas, ligar uma cela na outra para fazer um quarto grande, e foi um momento muito triste porque a igreja viveu, assim... uma pessoa que não gosta do espaço que usa, quer dizer, não dá, não há espaço que aguente isso. Ele saiu, entrou outro padre legal que infelizmente morreu, e agora tem o padre Márcio que é maravilhoso, ele adora, ele quer colocar tudo em ordem. Nesse meio do caminho, a gente conseguiu com o IEPHA, o Instituto do Patrimônio, o recurso 'pra' (sic) reformar a igreja, tanto do ponto de vista das infiltrações de telhado, o telhado tinha um ponto muito baixo... até para terminar as coisas que precisam ser terminadas. Então, ela 'tá' (sic) sendo reformada, 'tá' (sic) sendo feita, e também tirar certos puxados que foram feitos pelo outro padre, a 'garaginha' (sic), isso, aquilo, e terminar, botar o sino no campanário, botar a 'imagenzinha' (sic) do Espírito Santo no telhado, tudo isso 'tá' (sic) sendo feito... o IEPHA entrou com recurso, licitou as obras, está fazendo... o padre nos consulta sempre, a gente vai de vez em quando lá, a gente que eu digo, eu e o André Vainer. (FERRAZ, 2013. Informação verbal.)

O arquiteto ainda fala a respeito do anexo, que foi construído no platô mais baixo, onde antes existia o campinho de futebol[39], ressaltando que era uma demanda da paróquia, sem comentar muito suas decisões de projeto.

> E também o padre tinha uma necessidade que é de agora, não é do tempo que a igreja foi feita, mas que é com a casa paroquial. Ele precisava de um espaço e a gente falou - "como é que a gente vai encarar isso". Tudo estava cercado, o campinho já não existia, [...] e a gente resolveu construir ali um bloco, uma caixa, uma caixa de fósforos, um retângulo, uma coisa muito discreta, com um terraço em cima, que repõe de certa maneira, o piso do Campinho. É um terraço de festas, livre e uma construção muito discreta, assim como uma casamata, fechada. E a gente imaginou mesmo, uma coisa que fosse para ser discreta, ser diminuída, mesmo que tenha um volume grande, que pese naquela relação. E fizemos o projeto, recebemos algumas críticas, a gente sabe, assim ao longe, em Uberlândia, alguns arquitetos, isso e aquilo, mas submetemos ao patrimônio histórico, ao IEPHA, discutimos com eles e eles aprovaram [...] e o padre está satisfeito, têm salas, ele atende ali as pessoas, grupos, tem sala de atendimento psicológico, enfim, tem o trabalho que eles fazem lá e a gente respeita esse trabalho, e hoje ele está equipado com essa sala paroquial, que funciona lá embaixo, e não de uma forma precária que estava funcionando nas celinhas, ali dentro, na habitação. Isso que eu faço não é uma defesa do projeto da gente, mas é um esclarecimento, porque o projeto a gente defende sempre que for preciso, é um esclarecimento e a gente assume aquilo como um momento novo daquele conjunto, que está incorporado ao conjunto com outros materiais, a gente evitou usar o tijolinho e tal, para dizer "isso aqui foi feito, sei lá, 2010-11". (FERRAZ, 2013. Informação verbal.)

Padre Márcio também destaca essa necessidade, visto que a comunidade se ampliou com o tempo e o espaço destinado às atividades da mesma ficou insuficiente. Comenta sobre um possível projeto de salas, idealizado por Lina Bo Bardi, o qual não é de conhecimento geral e não há registros. Assim como, chama

[39] Posteriormente cimentado.

atenção para o engajamento da comunidade, de poder aquisitivo médio a baixo, em arrecadar fundos para as obras.

> O André mais o Marcelo fizeram o projeto do anexo, que onde se concebia um espaço de um campo de futebol, a Lina também tinha feito um projeto de salas para encontros, para reuniões, só que hoje, hoje quando a gente vê esse projeto, ele já não atende mais, pelo crescimento e tantos grupos que nós temos na paróquia. Então o André mais o Marcelo refizeram aquele projeto, apresentaram para o IEPHA, foi aprovado e nós, num prazo de um ano, construímos esse anexo. Você pensa, aqui é um bairro de pessoas de classe media baixa, né, em um ano se levantou na comunidade, R$253.000,00 para a construção. Então, nós fizemos o anexo e foi feita também a primeira intervenção do IEPHA, que até então, as intervenções eram todas da paróquia, e o IEPHA fez uma intervenção dos telhados, e nessa intervenção, nós trocamos todo forro de madeira da casa, o telhado da casa, do salão e da igreja, e agora, nós, com o Marcelo Ferraz, sentamos e eles apresentaram para o IEPHA um novo projeto de reforma e restauro, foi aprovado e nós conseguimos uma liberação de R$415.000,00, se eu não estou enganado, junto à Secretaria de Cultura do Estado, por meio da fundação do IEPHA e a intervenção começou há cerca de vinte dias. (GONÇALVES, 2013. Informação verbal.)

O Sr. Alysson defende a construção do Centro Pastoral, assim como outros membros da comunidade.

> "[...] o centro pastoral, aquilo lá era uma necessidade, havia realmente uma grande necessidade daquilo, porque o prédio cá em cima tornou-se insuficiente... né, a pequena dependência que há ali para essa finalidade, é...tornou-se insuficiente, o movimento cresceu, a população cresceu, sempre há mais coisas, então foi muito bom a criação daquilo lá, certo? Podem inclusive desenvolver alguma coisa mais, é... assim, mais útil para a comunidade [...]. Pena que não possa ser construído em cima, porque aí, é... tira o visual, parece, aí a questão da preservação do local, é... do patrimônio. Então, aí tudo bem, isso aí não impede que se use aquela parte de cima, assim, provisoriamente com uma cobertura, faz uma barraquinha ,qualquer coisa lá e tal e então 'tá' (sic) num tamanho bom". (CARVALHO, 2014. Informação verbal.)

> "Muito bom mesmo, [...] eu acho que aquilo ali era uma coisa que 'tava' (sic) precisando, mas tem 'muuitos' (sic) anos, muitos anos, sabe... porque criança precisa de ter [...] um certo cuidado [...] então, sendo naquele local específico, ali tem água, ali tem banheiro, tem tudo ali [...] e assim, eu acho que é mais fácil 'pras' (sic) meninas que dão a aula, manter as crianças na vista delas, porque vai no banheiro 'tá' (sic) ali, vai tomar a água tá ali, num tem aquele negócio de sair e ir 'lááá' (sic) atrás, sabe, então foi muito bom o Centro Pastoral..." (PINTO, 2014. Informação verbal.)

> "[...] é muito bom também, porque precisava de lugar, de espaço 'pra' (sic) dar aulas, catequese, ter salas de reuniões, né, e num 'tava' (sic) tendo, e onde ia fazer?, né, 'vamo' (sic) supor, no lugar de uma quadra de futebol, um salão é muito melhor, muito melhor aproveitável [...], muito bom, eu aprovei muito bem aquela obra que eles fizeram ali, e se for 'pra' (sic) continuar 'pra' (sic) cima, que seja de bom aproveito. (SILVA, L. V. da, 2014. Informação verbal.)

> "Ampliação do centro pastoral, todos padres queriam fazer alguma coisa, mas nenhum conseguia né. Esse centro pastoral foi muito bom, porque teve, criou salas para catequese, para reuniões, a própria secretaria né, deixando as salas de cima [...] para o pessoal trabalhar com fraldas [...], clube de mães que [...] começou assim [...], se der certo a gente continua se não der, para né. Graças a Deus deu certo e muita gente, muitas

> mulheres, assim de idade, mesmo as mais novas estão aprendendo alguma coisa [...]. A minha esposa mesmo, que tem problema de depressão e tudo, toda terça-feira ela está lá, trabalhando, ensinando [...]. (SOUZA, M. R. de, 2014. Informação verbal.)

Padre Márcio ainda fala de sua intenção em retornar, o máximo possível, a originalidade do conjunto e o que foi proposto e aprovado pelo IEPHA-MG, com relação à reforma e restauro.

> No projeto de reforma lá na igreja, desde que eu cheguei, qual que foi a minha intenção - eu apresentei para o Marcelo e para o André - é de retomar a originalidade da obra. Então havia uma sacristia que foi feita atrás do altar, nós derrubamos essa sacristia, deixamos só aquela parede frontal. Agora, aquela parede vai voltar as suas dimensões originais, seu tamanho original. Atrás daquela parede vai ser feito um armário, a calha da igreja já foi reformada com mantas de impermeabilização, vai ser finalizada a torre da igreja. O piso tem alguns defeitos, vai ser consertado, a porta, essa porta de entrada vai ser restaurada, vai ser aberta uma outra porta para o acesso do público, do povo ao banheiro na casa, feito uma rampa para acesso do pátio. Essa é a parte relativa à igreja e junto a isso, tudo que é projeto hidráulico e elétrico está sendo revisto, consertado e readaptado. E na casa está se fazendo o piso cimentado, aquele vermelhão, esse é o projeto original, então, havia um piso de madeira, que não é original e nós retomamos a originalidade com esse piso de vermelhão. As celas foram concentradas para uma pequena comunidade de irmãs, de estilo mais contemplativo, nós não temos mais essas irmãs e as celas nas dimensões que nós temos lá não respondem mais. Então, o que ficou aprovado - nós mantemos uma cela, como no projeto original e onde tínhamos duas celas, se retirou a parede do meio, para emendar e fazer uma cela maior, e a outra já tinha uma dimensão boa. Então nós tínhamos quatro, passamos a ter três, conservamos duas no tamanho original. (A intenção é) que elas sejam utilizadas, porque o projeto que nós temos de confecção de fraudas geriátricas, nós precisamos de um espaço para armazenamento. Nós fizemos o que não existia – o projeto de incêndio da obra. Quando houve a interdição, uma das exigências é que se fizesse um projeto de incêndio, esse projeto foi feito e agora, toda a parte elétrica e hidráulica e incêndio está sendo revista nessa reforma. Vai ser demolida essa caixa d'água elevada, porque ela não é do projeto da Lina e vai se fazer uma caixa d'água subterrânea. O reboco nós vamos manter, é o entendimento do IEPHA, que depois de tantos anos, está aí caracterizado. Aqui é interessante, porque, como o Marcelo mais o André, são postos como coautores, aliás, eu já ouvi alguns dizerem que isso é algo inédito, num projeto de arquitetura, se falar em coautoria, mas eles são coautores, eles estavam junto com a Lina em toda a concepção do projeto, como eles estão vivos, e ainda são jovens, transitam muito por aqui e a gente tem um contato permanente, é muito fácil, porque eles têm autoridade da autoria do projeto e eles têm uma relação de muito diálogo, são figuras muito abertas, então é fácil requisitar junto com eles. (GONÇALVES, 2013. Informação verbal.)

De modo geral, o processo de uso e ocupação da igreja, assim como o crescimento da comunidade proporcionaram necessidades atuais não mais compatíveis com as dimensões das edificações projetadas por Lina Bo Bardi, nos anos de 1970 a 80. O que cabe discutir é se o centro pastoral construído é coerente com as intenções originais, que, por exemplo, propunham um campo de futebol aberto para a

comunidade e edifícios mais permeáveis no tecido da cidade, com dimensões modestas que se integrassem à paisagem de habitações, em maioria, unifamiliares.

3.3. A ATUAÇÃO DOS PÁROCOS

Com relação às diversas gestões, o Sr. Geraldo destacou que os párocos têm condutas já pré-definidas de atuação; o que varia são as formas de conduzi-las.

> Bom, eu peguei uma época muito restr/ muito pequena de convivência com o Frei Fúlvio... logo que o Frei Fúlvio saiu, veio o Padre Rui Vieira. As mudanças que tinham, eram o seguinte, o Frei Fúlvio era um italiano, tinha o seu jeito, mas, a coordenação, o jeito de ser Padre, não muda muita coisa não. O Rui Vieira é mineiro, lá de Monte Carmelo, também tem seus jeitos característicos, [...] tem os mais carismáticos e os mais conservadores, né. Depois... veio 'praí' (sic), o Padre... Henrique, Padre Henrique ficou pouco tempo, infelizmente faleceu, teve um acidente com ele, e faleceu. 'Pra' (sic) organizar a questão de funerário dele veio o Padre Márcio Antônio Gonçalves, que está conosco até hoje. (COELHO, 2014. Informação verbal.)

Figura 84 – Frei Fúlvio _ primeiro vigário da paróquia.

Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.163. Foto de 1980.

Sr. Alfredo e Sr. Alysson focaram na atuação de Frei Fúlvio à frente das obras da igreja.

> Frei Fúlvio, que estava sempre na frente, ele era uma pessoa dinâmica, ele constrói, ele como diz, ele põe para agir mesmo, tem pessoa que já fica meio parado, ele gosta de construir, [...]. (MENEGATO, 2014. Informação verbal.)

> E era o Frei Fúlvio, na realidade o nome dele é Francisco, Francisco Sabia, mais eles têm essa de ficar trocando de nome, igual o Francisco Papa... mas tudo bem. E... aí, frequentando aí, tal, tinha conhecimento com ele também já, desde lá da igreja de Fátima, a gente conversava e tal, ele me falou sobre esse projeto que estava sendo construído aqui, o projeto era dessa Lina Bo Bardi, e... que ele estava tendo recursos, vindos da Europa, e tomando todas as iniciativas aí, uma série de coisas, vivia envolvido [...]. Isso aí foi na realidade, um trabalho dele, um trabalho, um grande trabalho, foi iniciativa dele [...]. (CARVALHO, 2014. Informação verbal.)

D. Conceição definiu um panorama geral dos diversos párocos.

> Depois do Frei Fúlvio veio o padre Marcos, depois foi embora, parece que até, parece que ele afastou, deixou de ser padre né. Depois do padre Marcos veio o padre Rui, padre Marcelo, depois que eles foram embora, veio o padre Mauro. E depois do padre Mauro, veio o padre Henrique, que faleceu, em 2005, num acidente, e depois do padre Henrique, 'tá' (sic) o padre Marcio, tem oito anos que o padre Marcio 'tá' (sic) aí. (MACIEL, C. A., 2014. Informação verbal.)

Figura 85 – Procissão de Ramos realizada entre o bairro Jaraguá e a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, no bairro Brasil.

Fonte: SILVA, João Batista da. Data indefinida.

D. Ana Alice também comentou, reforçando ainda o bom relacionamento da comunidade com padre Márcio, que atualmente foi transferido para outra Paróquia, o que também foi abordado pelos demais moradores.

> Foram boas, foram muito boas, sabe... [...] porque assim, a gente gosta, a gente num quer ficar sem padre na paróquia... mas Frei Fúlvio tinha o jeito dele, padre Marcos já chegou assim bem mais jovem... né, [...] também, pediu o exército, pessoal do exército, que assim, a gente fala família do exército né, porque, me parece que eles, eles participavam em outro lugar, aí então as crianças deles já vieram 'pra' (sic) catequese, sabe... na época

> as minhas, minha mais velha já ajudava na catequese, participando do grupo de jovem, sabe, e depois foi o [...] Padre... Padre Rui... né, Padre Rui com Padre Marcelo, aí a comunidade já 'tava' (sic) aquela maravilha, cada um que chega, ele implanta alguma coisa e o outro chega e só acrescenta, muito bom.
> [...] Ah... o Padre Márcio é gente boa demais, muito gente boa, sabe, tem uma abertura muito grande com a comunidade, porque... tem gente que fala aah, que, com a morte do Padre Henrique, muita gente as vezes afastou um pouco, porque assim, foi um, um choque muito grande 'pra' (sic) comunidade em geral né, mas o Padre Márcio ele é assim caladão, mas do jeito dele, ele consegue ter uma abertura que a gente tem mesmo... [...] ele pega e fala pode fazer, 'cê tando' (sic) lá 'pra' (sic) acrescentar, sabe, então ele quer saber direitinho, como é que é, [...] então assim, o Padre Márcio é... de uma abertura muito boa... muito boa mesmo... (PINTO, 2014. Informação verbal.)
>
> "[...] porque ele é uma pessoa muito, para mim ele é muito especial, [...] não existe defeito nele [...]. Ele é atuante nas missas, [...] eles até falam, eu sou suspeita de falar, porque eu gosto muito dele né, inclusive ele que me ajudou a fazer a minha casa, ele e meus amigos fizeram um mutirão, deram, doaram, e eu estou aqui dentro da minha casa." (SANTOS, 2014. Informação verbal)
>
> "[...] veio o Padre Henrique, o finado Padre Henrique né, e quando ele faleceu, [...] aí o Padre Márcio veio pro lugar dele, né, e o Padre Márcio batalhou muito, ele trabalhou muito, né, então, [...] ele pelejou 'pra' (sic) poder conseguir [...] restaurar a Igreja, né, porque até então era tudo muito difícil [...]". (SOUZA, A. A. de, 2014. Informação verbal.)
>
> "[...] foi positivo sim, porque, como se diz, é um, é um seguimento deles né, então de tempos em tempos tem se mudado mesmo os padres né, e até bom também 'pra' (sic) comunidade, porque vai crescendo de acordo com o que eles vêm [...] trazendo 'pra' (sic) gente [...], nesses últimos tempos com o Padre Márcio aí, a comunidade tem aumentado muito né, [...] é positivo sim, a mudança de Padre. E, se o Padre 'tá' (sic) dando certo ele vai ficando, a gente vai acolhendo né, mas se ele também tem que ser mudado, não por atritos com, com a comunidade, mas sim na boa vontade né, como é o seguimento... [...] o Padre Márcio ele tem trabalhado muito e [...] eu num tenho nada a reclamar dele, né, ele é bem acompanhado [...]. (SILVA, L. V. da, 2014. Informação verbal.)
>
> Sobre a ampliação da igreja a gente só teve bons resultados na chegada do padre Marcio, há oito anos atrás, depois do acidente ocorrido como o padre Henrique né, que ele chegou a falecer [...], e por nossa sorte né, graças a Deus veio o padre Marcio, que ele é muito assim, disponível na sua atuação, de construção né, de obras. E ele conseguiu fazer muita coisa com a comunidade, envolvendo a comunidade em tudo. (SOUZA, M. R. de, 2014. Informação verbal.)

Os relatos realçam a importância dos párocos para a comunidade e o quanto os mesmos atuam como verdadeiros líderes, não só gerenciando o espaço e as atividades religiosas, mas norteando os processos e decisões comunitárias.

3.4. O TOMBAMENTO E AÇÃO DO IEPHA-MG

Marcelo Ferraz comenta, retomando a justificativa do anexo construído – o Centro Pastoral –, sobre a dinâmica dos espaços, que precisam se adequar às transformações ao longo do tempo e às mudanças das necessidades dos grupos

envolvidos, ressaltando que, edifícios protegidos não podem ser engessados pelos órgãos de proteção.

> Porque é necessário. A igreja não pode virar bibelô de patrimônio histórico, ela não pode ser - ”ah, que belo exemplo”, e nunca mais vai ser usado, então deixa de ser igreja. E ela, antes de tudo, ela é uma igreja, ela é da comunidade, o Padre que comanda aquela comunidade, e tem que ser respeitada e tem que funcionar, o patrimônio histórico para a gente tem que funcionar. Se não funciona, ou ele vai ser uma relíquia muito importante, vai ficar dentro de uma redoma, mas aí alguém tem que cuidar, tem que pagar, tem que manter e não é isso que acontece nesse caso, a igreja não é isso. Ou ela tem que ir se adequando às necessidades atuais, contemporâneas, a um mundo que vai mudando, a vida que muda. (FERRAZ, 2013. Informação Verbal.)

Sobre a maneira como a comunidade entende o bem patrimonial, o Sr. Alysson coloca que,

> têm algumas coisas, que a gente acha que poderiam ser melhoradas, sem tirar... essa... a questão da originalidade às vezes tem de se ver também, até que ponto que isso aí é conveniente. O piso, por exemplo, o piso não sei se mexeram, acho que não mexeram no piso, o piso era para ser liso e plano, mas é feito com pedra, de uma maneira grosseira, não pode ser alterado aquilo, por quê? Se alterar ninguém vai falar que aquilo: “Olha descaracterizaram, é tão diferente”, ‘tá’ (sic) nada, aquilo é uma coisa que simplesmente é um acabamento, é como se não tivesse feito um acabamento, e aí faz, o prédio continua o mesmo, as dimensões continuam as mesmas, a estrutura é a mesma, o conforto das pessoas é que melhora... né. Experimenta ajoelhar lá... no chão, sempre acontece de alguém ter que se ajoelhar no chão, é um costume, usa-se... fazer dessa maneira... então, mas ajoelhar lá é algo impraticável, é difícil, você não aguenta ficar mais do que meio minuto, e tem que levantar... é terrível. Quer dizer, são certas coisas que eu acho assim... que às vezes poderiam ser mais maleáveis, mais flexíveis, [...] e... porque não altera a característica, assim, de maneira a prejudicar... o patrimônio histórico ou cultural, não, não chega a isso não. (CARVALHO, 2014. Informação verbal.)

Com relação à atuação do IEPHA-MG, padre Márcio destaca a ausência do órgão por longos anos e seu envolvimento na contemporaneidade com o restauro e reforma.

> A nossa relação é uma relação boa, é uma relação respeitosa, todas as intervenções que são feitas na igreja, após a licitação, eles fazem saber que a empresa tem que ter o diálogo com o pároco, e os entendimentos tem que ser de acordo mútuo, porque nós temos uma agenda de funcionamento na igreja e as intervenções tem que, na medida do possível, se adaptar a essa agenda. O IEPHA esteve longe disso tudo aqui por longos anos, houve um afastamento, um silenciamento, uma ausência, mas nesses oito anos que eu estou aqui, eu posso dizer que o IEPHA é presente e a relação é boa. (GONÇALVES, 2013. Informação verbal.)

E concluiu que a negociação momentânea é referente à Arte Sacra, como já comentado.

> Agora o nosso esforço aqui, é o de terminar a igreja no que diz respeito à Arte Sacra, que é um dos pontos, assim, delicados com o IEPHA, porque como terminar depois que a Lina não está mais, seria descaracterizada ou não a igreja, entende? Então são esses entendimentos que nós temos que

> construir. Nós temos duas coisas importantes, temos o Marcelo e o André, que conhecem a pessoa que é responsável pelo projeto de arte sacra, que era pessoalmente amigo da Lina, e que tinha contrato com a Lina dessa finalização por meio da arte sacra. E ela mesma explicitava isso, que terminaria a igreja, que faria o projeto da igreja, mas a concepção da arte sacra teria que ser do Edmar de Almeida. Então é isso o que nós agora vamos construir com o IEPHA, porque o projeto do Edmar de Almeida é de nós colocarmos na igreja, um mosaico, - um mosaico na parede atrás do altar, o mosaico no entorno da parede da igreja. Vamos ver como vamos construir esse entendimento. Eu já ouvi dizer, mas eu não posso assegurar isso, que haveria até uma carta, onde a Lina explicita isso, mas o Marcelo Ferraz e o André Vainer são coautores do contemporâneo, eles atestam que a concepção de arte sacra da igreja é do Edmar desde o princípio, e a Lina já afirmava isso. (GONÇALVES, 2013. Informação verbal.)

Marcelo Ferraz também trata desta temática.

> Pois é, e a igreja ficou inacabada, a gente pediu o tombamento, ela foi tombada, a gente fez observações sobre o que deveria ser tombado, o que não deveria, algumas coisas foram acatadas, outras não, como esse caso que eu te contei da paliçada de madeira. E ela ficou inacabada e a gente sempre tentando acabar, fazer os afrescos do Edmar, os mosaicos que ficaram faltando, o altar que nunca foi feito.
> [...]
> É, isso é uma questão muito delicada, o IEPHA não reconhece, quer dizer, ele tombou coisas que não eram para ter tombado. O piso da igreja não era aquele, aquele reboco que foi feito, nós arquitetos achamos que não tinha que tirar, porque ia dar um trabalho louco descascar como ela era originalmente, imagina descascar aquele reboco, ia ser todo complicado [...]. Então muita coisa a gente teve que... sinal dos tempos, os edifícios também têm vidas e têm momentos de vidas diferentes dos outros, evoluem, involuem. E os afrescos são complementos, a gente sabe que, desde o princípio, a Lina tinha aquela ideia de fazer os afrescos, fazer o altar do Edmar e tudo mais. O padre Márcio diz que o IEPHA resiste e reluta um pouco, o Edmar fez um projeto maravilhoso ‘pro’ (sic) altar, o São João do Batismo. E nós vamos encaminhar ‘pro’ (sic) IEPHA agora, ‘tô’ (sic) com o projeto dele, vamos fazer uma carta justificando tudo isso e vamos ver como o IEPHA vai reagir. Mas nós vamos defender mesmo, que seja feito, porque aquilo antes de tudo é uma igreja, tem vida atual, vai ter vida no futuro e não ‘tá’ (sic) sendo maculada, então... mas aí, é a nossa palavra, de como coautor do projeto, minha e do André, inclusive acho que o bispo está fazendo uma carta ‘pra’ (sic) gente, encaminhando o projeto formalmente, ‘pra’ (sic) gente fazer a justificativa e apresentar no IEPHA. Vai ser mais uma, talvez, luta de argumentos, embate de argumentos ‘pra’ (sic) ver se sim ou não, e vamos ver o que vai acontecer. Mas a gente defende isso firmemente, que tem que ser acabado, você não pode tomar uma obra pela metade e dizer, “agora ficou assim”. A gente assume, a gente escreve, a gente assina, a gente é testemunho desse trabalho. (FERRAZ, 2013. Informação verbal.)

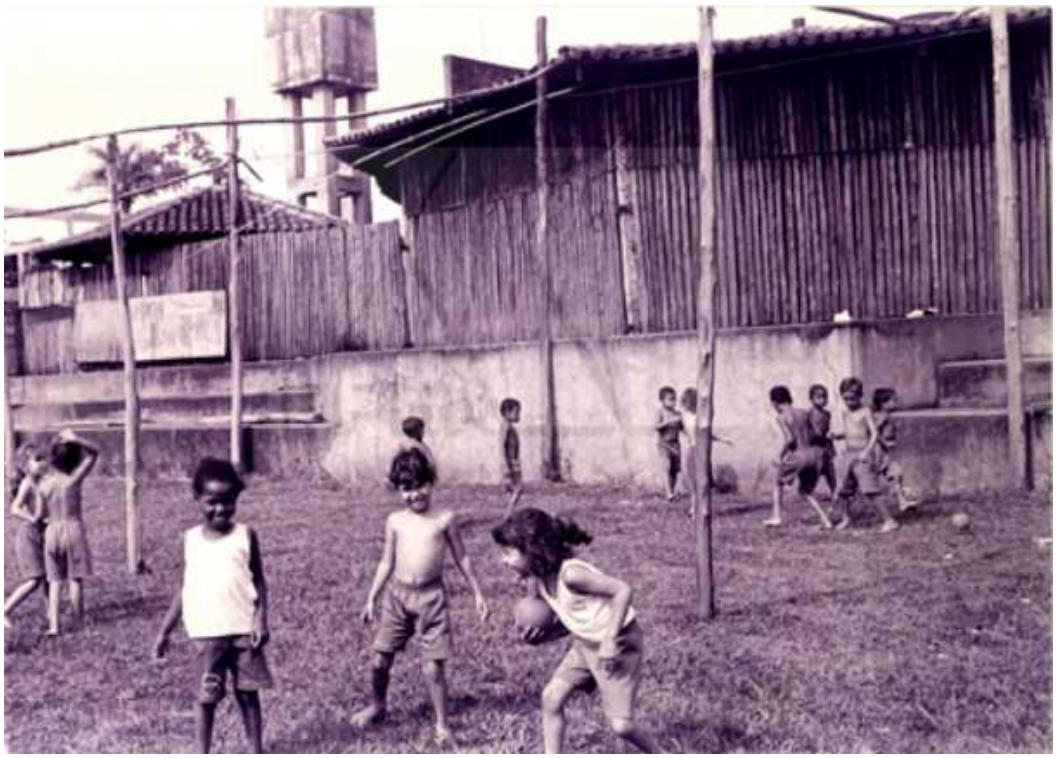
Em termos da proteção, a mesma aconteceu pelo risco eminente de uma ampla descaracterização, e não pela importância do conjunto, que tem potencial para ser patrimônio cultural nacional, retratando não só o lugar e seu povo, mas a cultura maior de uma diversidade de homens que compõe o brasileiro, além de seu caráter singular. Vale ressaltar ainda, que o IEPHA-MG se ausentou por muito tempo, o que contribuiu para a degradação acelerada das edificações, visto que a paróquia não

tinha recursos suficientes para dar as manutenções adequadas a um conjunto tombado, com muitas restrições. E na atualidade, com o processo de restauro, representantes do órgão se posicionaram de forma ambígua, aprovando uma intervenção ampla, que transforma a visualização do espaço de forma significativa, e em contrapartida, ainda provoca entraves, como o apresentado em relação à arte sacra, não legitimando uma intenção de Lina Bo Bardi por entender que patrimônio somente lida com documentos, não confiando naqueles que estão envolvidos desde o início do processo.

3.5. A ARQUITETURA E A CULTURA POPULAR

Para finalizar essas análises, Marcelo Ferraz comenta sobre a intenção do presente estudo.

Figura 86 – Crianças brincando no campinho de futebol, com o centro comunitário ao fundo.



Fonte: IEPHA/MG, 1997, p.68. Data indefinida.

> Mas eu acho que é interessante ter essa abordagem, porque a arquitetura ela vai além de uma encomenda de uma igreja para cursos católicos, apostólicos romanos. Ela é um centro de convivência e num centro de convivência, quanto mais você toca a cultura das pessoas, ou você tem significado para as pessoas, mais você acolhe, mais essas pessoas se sentem donas, pertencendo, e eu acho que isso 'tá' (sic) nesse projeto, em todos os módulos dele, desde o espaço da igreja, os velários como uma grande tenda, até a intimidade da casa dos padres e freiras, que hoje não tem mais ninguém morando ali, até esse galpão aberto embaixo, que não

> tinha aqueles bambus. Aquilo foi feito numa enchente que teve lá, o rio desabrigou muita gente, e a gente fez aquilo ‘pro’ (sic) pessoal ficar abrigado ali e acabou sendo incorporado, ele acabou sendo tombado com aquilo. Nós até questionamos isso no tombamento, eu e o André, mas foi tombado como se aquilo fosse original e a gente tem cartas dizendo que aquilo não é... ela era muito bonita aberta, ela se comunicava, não é que aquilo é feio, aquilo é bonito, mas ela se comunicava com a cidade e tal. Então eu acho que esses aspectos, são aspectos, talvez, que tocam a questão da cultura, do ponto de vista do respeito humano e da busca de comunicação com mais penetração, tocando em mais diversidade, porque as pessoas que estão em Uberlândia também não são só de Uberlândia, vem do nordeste, vem da Bahia, como no Brasil todo, tem essa migração interna e as referências são muitas, são outras. Então, eu acho que isso sim é mais forte, pensar nisso do que pensar no objeto da cultura popular. O objeto tem símbolo, significa alguma coisa, mas esse trabalho, do projeto da arquitetura, ele transcende o objeto, eu acho que assim é que tem que ser vista a arquitetura. Eu acho que existe muito equívoco quando falam na abordagem da arquitetura da Lina com relação à arte popular, fica nessa coleção dos objetos, isso e aquilo. Eu falo, “mas e por que isso?”, isso aí você pode ser um colecionador, ser um amante dos objetos... mas não, aquilo tinha um significado por trás, que certa maneira alimentava a arquitetura dela, mas não só pelo lado formal, mas pelo lado que ‘tá’ (sic) dentro desses objetos, que é o lado que não se lê, que é o lado intangente, intangível, que são as pessoas próprias e o que elas são, a cultura que elas carregam. Então eu acho que isso nesse projeto da igreja é forte, e nunca ninguém fala isso. (FERRAZ, 2013. Informação verbal.)

Tal parecer fortaleceu o intuito desta pesquisa, que foi o de transcender a arquitetura em cultura popular, edificando e retratando as características do espaço e as bagagens das pessoas, atingindo o intangível e definindo verdadeiros laços afetivos e de pertencimento com os indivíduos e os grupos. A análise de produção e pensamento de Lina Bo Bardi fortaleceu essas possibilidades e o estudo específico da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado proporcionou, na prática, um olhar diferenciado e um entendimento integrado da posição do arquiteto frente à produção de espaços, o que pode ser mais bem compreendido nas considerações finais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Era quarta-feira, dia 22 de janeiro de 2014, passava do meio da tarde... estava na Casa Paroquial, conversando com a secretária Mara sobre possíveis membros da comunidade que poderiam ser entrevistados, quando chegaram duas senhoras, entre elas, Dona Ana Maria, que seria minha próxima entrevistada e que trazia café coado naquela hora e bolinhos de chuva. Mal podia imaginar que eu, ali para coletar lembranças, reviveria as minhas próprias... bolinhos de chuva me recordam minha falecida e amada avó materna, com quem também tinha agradáveis tardes... já se passavam sete anos que isso não acontecia e foi extremamente marcante recuperar minhas memórias.”

(Depoimento da pesquisadora)

O *arquiteto* Lina Bo Bardi teve um papel fundamental na produção de crítica, cultura, arquitetura e design no Brasil. Sua visão, para além das possibilidades visíveis, proporcionava o diálogo e relacionamento entre pessoas, meios, formas, manifestações, lugares. Lina considerava o universo das cidades e as intervenções em seus espaços na escala dos indivíduos, com suas relações e diversidades. Não negava o passado, nem sua história e memórias; entendia que a identidade estava em suas raízes físicas e simbólicas, e a arquitetura deveria edificá-las na forma de pertencimento e afetividade.

Dona Lina, como era carinhosamente chamada por muitos, imbuía-se das sensibilidades mais simples, profundas e transformadoras do povo e sua cultura popular. Suas análises e aplicações práticas, ainda nos anos de 1950, reivindicavam a riqueza e importância dessas produções, as quais somente passaram a ter reconhecimento, de fato, no Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988, contextualização já abordada e que proporcionou grandes avanços na valorização da cultura popular brasileira.

No documentário de 1972, “Arquitetura: a transformação do espaço”, de Walter Lima Jr, Lina Bo Bardi deu um depoimento com relação à crise mundial da arquitetura (e da profissão do arquiteto), que também assolava o Brasil nesses anos. Lina dizia que era preciso superar as amarras e limitações advindas do pensamento moderno, de sua estética das formas e da individualização, criando um novo arquiteto, que

deveria projetar espaços a partir da realidade político-social e do universo cultural coletivo do país.

> Uma nova arquitetura deveria ser ligada... ao problema [...] do homem... [...] uma arquitetura nas quais os homens livres criassem os próprios espaços... esse tipo de arquitetura requer uma humildade absoluta da figura do arquiteto... uma omissão do arquiteto como criador de formas de vida, como artista... e... a criação de um arquiteto... novo... um homem novo, ligado a problemas técnicos... a problemas sociais, a problemas políticos... que abandone completamente toda aquela... enorme herança, a enorme herança... mesmo, do movimento moderno que acarreta... umas amarras, enormes, que são as amarras praticamente que produzem a [...] atual crise da arquitetura ocidental, eu digo ocidental, porque o Brasil está tomando parte de uma crise geral da arquitetura, que não é somente brasileira, que é uma crise de formalismo, de pequenos problemas [...] individuais que nada tem a ver com o problemas da humanidade atual, do homem atual. (LIMA JR., 1972, 37min59seg.)

Lina Bo Bardi atuou na mesma época dos demais arquitetos modernos[40], que implementaram as principais escolas de arquitetura do país e das quais outras se ramificaram, influenciando na formação de muitas gerações de arquitetos[41]. Profissionais que, ainda nos primórdios do século XXI, projetam, muitas vezes, distantes do universo social e de forma 'egocêntrica', em pranchetas e principalmente com uso de *softwares*, acreditando que suas obras resultam nas soluções dos lugares. E mais, criticam quando as demandas de ocupação desses espaços acontecem diferentemente do que previam, não compreendendo que as cidades são lugares de processos e as intervenções, por mínimas que sejam também precisam ser entendidas nesse sentido.

Com isso, pode-se justificar que este trabalho também teve a intenção de desmistificar o papel do arquiteto frente à sociedade, sendo que, tal crítica, aqui é transposta pelo descortinamento de que a comunidade da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, no bairro Jaraguá, em Uberlândia, que ainda mantém muitos dos moradores dos anos de 1970-80, nega suas origens e a forma como sua igreja foi edificada, como é colocado, por exemplo, na análise de Goulart (2006, p.162).

> A população do bairro – antes formada por gente pobre, trabalhadores e prostitutas, como disse a própria Lina – foi substituída, desde o fim dos anos 1980, por moradores de classe média, em virtude da valorização do solo

[40] Enquanto os renomados arquitetos modernos brasileiros, respaldados pelos princípios da Carta de Atenas, produziram intervenções urbanas, cidades e edifícios pautados pela monumentalidade, distantes da escala e necessidades humanas e pela estética das formas geométricas (o que pode ser analisado nas literaturas tratadas neste trabalho e na obra de Jan Gehl, especialmente no capítulo "A síndrome de Brasília", In: GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.), Lina atuou muito com o povo, inclusive doando projetos, como o da igreja, e relendo suas características e diversidades na arquitetura.

[41] Incluindo a autora deste estudo.

> naquela região, situada a poucos quilômetros da área central. Os atuais moradores, seus principais usuários – além de terem tratado de rebocar as paredes internas, por rejeitarem sua simplicidade – não compreendem sua representatividade e protestam contra o tombamento.

Na atuação de Padre Rui, nos anos de 1990, a comunidade foi realmente influenciada pelo pároco e o apoiou nas alterações espaciais e no processo contrário ao tombamento. Tal situação se deu, e ainda acontece pelo poder de persuasão de um líder religioso, que é “eleito” como representante da comunidade e ao qual é dado, pelo próprio povo, o livre arbítrio para a tomada de decisões. Alguns moradores, como apresentado, ainda mantêm o pensamento advindo das práticas desse pároco, mas aqueles que se envolveram no processo deste o início, participando das obras e angariamento de recursos, mostram-se mais afetuosos e satisfeitos com o conjunto construído.

Nesse sentido e através do envolvimento com a comunidade ao longo de mais de dois anos, foi possível entender o quanto muitos ainda mantêm laços afetivos, gostam e admiram a arquitetura edificada e permanecem engajados nas atividades e cuidado com o espaço. Inclusive, seus membros têm consciência da importância da produção de Lina Bo Bardi, o caráter singular da igreja e o significado da proteção por tombamento, como foi mostrado. O que as pessoas chamam à atenção são as restrições do IEPHA-MG, que resultaram, por muito tempo, em baixa manutenção e falta de verbas, provocando sérias deteriorações das edificações. Além do órgão de proteção restringir certas mudanças, que o povo considera que melhorariam o conforto no uso dos espaços, tendo em vista seu caráter coletivo e religioso, com necessidades especiais.

Com isso, pode-se dizer que, Lina Bo Bardi criou nos anos de 1976 a 1982, um edifício que transpõe a cultura popular, de forma simbólica, em arquitetura, ao definir um projeto que se comunicava com as pessoas, que transcendia suas diversidades culturais e características do lugar, representando-as, e que foi, de fato, construído no universo coletivo. Sendo assim, este estudo se propôs a definir na contemporaneidade, uma nova leitura dessa relação – cultura popular e arquitetura – através do registro das diversas memórias, dando voz para aqueles, muitas vezes esquecidos, que participaram e ainda participam de forma ativa do processo de ocupação do lugar, e ressaltando, que são eles que realmente geram a vitalidade do edifício ao longo do tempo e mantém seu caráter coletivo e popular. O uso dos croquis de Lina Bo Bardi, em substituição aos desenhos técnicos, reforçou este

processo, por ser uma forma de representação universal de projeto, de fácil entendimento e comunicação.

O olhar transformador também foi construído neste diálogo, que possibilitou compreender o quanto esta comunidade estava às margens de discussão do conjunto arquitetônico. Isto pode ser explicitado pelo contato inicial com a secretária da paróquia, que tinha certo receito e resistência em oferecer informações para a pesquisadora, que se apresentou como arquiteta. Ao longo do tempo, e apoiada por métodos da antropologia e sociologia já apresentados, foi possível construir uma relação de confiança e participar de forma mais próxima e amigável da vida dessas pessoas, resultando na presente pesquisa. Deste fato, que também surgiu a necessidade de colocar em questão a figura do arquiteto que, muitas vezes se esquece de que a arquitetura é feita para pessoas e está muito além da própria edificação e/ou intervenção urbana. No caso da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, isto ficou bem claro, pois os profissionais da área, principalmente os locais, criticam as transformações ocorridas e a comunidade, a qual não é nem por eles conhecida e que tem suas necessidades e demandas próprias de uso do espaço.

Sendo assim, muito mais que a "Igreja de Lina Bo Bardi em Uberlândia[42]", como é de conhecimento no campo da arquitetura, esta é a igreja do povo, da comunidade do bairro Jaraguá, como colocou D. Ana Alice (2014. Informação verbal), "[...] a nossa, é, eu falo, a nossa!.. igreja".

[42] Termo também utilizado para iniciar este trabalho.

REFERÊNCIAS

A argamassa desta igreja é feita com o suor de homens, mulheres e crianças. **Jornal Primeira Hora**. Uberlândia, 2º. Caderno, p. 01, 24 dez. 1981.

ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa. 7.ed., 1.reimp. São Paulo: Perspectiva, 2013.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2006.

BARDI, Lina Bo; ALMEIDA, Edmar de; FERRAZ, Marcelo Carvalho [coord.]. **Igreja Espírito Santo do Cerrado**. Portugal: Editorial Blau, 1999.

BARDI, Lina Bo; FERRAZ, Isa Grinspum [org.]. **Tempos de grossura:** o design do impasse. 1.ed. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular:** leitura de operárias. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural:** Conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo:** utopias e realidades, uma antologia. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigues. 6.ed.,3.reimp. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: PINI, 1990.

FERRAZ, Marcelo Carvalho [coord.]. **Lina Bo Bardi**. 3.ed. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

_____. **Lina e a religiosidade**. p.172-173. In: INSTITUTO Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG. Processo de Avaliação para Tombamento: Igreja do Espírito Santo do Cerrado, Município de Uberlândia. Belo Horizonte, 1997.

FONSECA, Maria de Lourdes Pereira. **Forma Urbana e Uso do Espaço Público:** as transformações no centro de Uberlândia, Brasil. Barcelona: Tese de Doutorado, Universidade Politécnica de Cataluña, 2007.

FRÚGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas

[org.]. **As cidades e seus agentes:** práticas e representações. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006.

GOULART, Maurício Guimarães. **Apenas uma fotografia na parede:** caminhos da preservação do patrimônio em Uberlândia (MG). Brasília: Dissertação de Mestrado, FAU UNB, 2006.

GRINOVER, Marina Mange. **Uma ideia de arquitetura:** escritos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAUUSP, 2010.

GROAT, Linda; WANG, David. **Architectural Research Methods**. N. York: John Wiley & Sons, 2002.

GUTIÉRREZ, Emilio Martínez. **Memories without a place**. International Social Science Journal, Vol. 62, Issue 203-204, p.19–31, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeus da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed., 1.reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 5.e. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HUYSSEN, Andréas. **Monumentos e memória do Holocausto numa idade de mídia**. p.67-87. In: HUYSSEN, A. Seduzidos pela memória, arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INSTITUTO Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG. **Processo de Avaliação para Tombamento:** Igreja do Espírito Santo do Cerrado, Município de Uberlândia. Belo Horizonte, 1997.

KEENE, John C. **The Links between Historic Preservation and Sustainability:** An Urbanist's Perspective. p.11-19. In: TEUTONICO, J. M.; MATERO, F. Managing Change: sustainable approaches to the conservation of the built environment. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia cientifica**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAURENTIZ, Luiz Carlos de. **Olhando as arquiteturas do cerrado**. Revista Projeto, São Paulo, n.º 163, p.75-91, mai. 1993.

LOW, Setha. M. **Social Sustainability:** People, History and Values. p.47-64. In: TEUTONICO, J. M.; MATERO, F. Managing Change: sustainable approaches to the conservation of the built environment. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Clerton [org.]. **Patrimônio Cultural:** da memória ao sentido de lugar. São Paulo: Roca, 2006.

ORTEGA, Cristina Garcia. **Lina Bo Bardi:** móveis e interiores (1947-1968) – interlocuções entre moderno e local. São Paulo: Tese de Doutorado, FAUUSP, 2008.

PEREIRA, Juliano Aparecido. **Lina Bo Bardi, 1958-1964**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil**. p.18-31. In: Tempo Social – Rev. Sociologia da USP. Vol. 1, n. 1. São Paulo, 1989.

RICOEUR, Paul. **La memoria, la historia, el olvido**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. **Tensão moderno/popular em Lina Bo Bardi:** nexos de arquitetura. Salvador: Dissertação de Mestrado, FAUFBA, 2002.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina [org.] **Lina por escrito**. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SILVA, Natália Achcar Monteiro. **Patrimônio Moderno em Uberlândia / MG – a busca por uma identidade**: o caso da Igreja Espírito Santo do Cerrado. Brasília: Monografia de Especialização, FAUUNB, 2011.

THROSBY, David. **Sustainability in the conservation of the built environment:** an economist's perspective. p.3-10. In: TEUTONICO, J. M.; MATERO, F. Managing Change: sustainable approaches to the conservation of the built environment. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2001.

Documentário

ARQUITETURA: a transformação do espaço. Direção: Walter Lima Jr. Produção: Benito Medeiros. Documentário, 57'51". Brasil: Central Globo de Produções; Shell do Brasil, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q0QHjzrEYOQ>. Acesso em: 22 ago. 2014.

Documentos eletrônicos

BELTRÃO, Ana Raquel. **Patrimônio cultural:** novas fronteiras. Prim@ Facie, ano 1, n. 1, jul/dez. 2002. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/226443713/Beltrao-2002-Patrimonio-Cultural-Novas-Fronteiras>. Acesso em 10 jul. 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.**

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 18 mai. 2012.

_____. **Decreto-Lei nº. 25**, de 30 de novembro de 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em: 18 mai. 2012.

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo; LAURENTIZ, Luiz Carlos de; LAZZARIN, Ariel Luís; ALVES, Henrique Vitorino de Souza. **Lina Bo Bardi em Minas Gerais –** A Igreja Espírito Santo do Cerrado em Uberlândia. Belo Horizonte: Seminário Latino-americano Arquitetura e Documentação, v. 1, artigo 109, 2008. CD-ROM.

INSTITUTO Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG. **Sobre Cultura e Patrimônio Cultural**. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/sobre-cultura-e-patrimonio-cultural>. Acesso em 16 mar. 2011.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisa em Administração, São Paulo, v.1, n.3, 1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>. Acesso em 20 jun. 2012.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. p.7-28. In: Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n.10. São Paulo, 1993. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em 01 jul. 2014.

PACHECO, Pablo. **Depois de cinco anos em obras, igreja é entregue à população**. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, Cidade e Região, 28 set. 2014. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/entretenimento/depois-de-cinco-anos-em-obras-igreja-e-entregue-populacao/>. Acesso em: 28 set. 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução: Dora Rocha Flaksman. p.3-15. In: Estudos Históricos. vol.2, n.3. Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em 26 jun. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal:** das linhas globais a uma ecologia de saberes. p.71-94. In: Novos Estudos – CEBRAP, n.79, nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>. Acesso em 31 ago. 2014.

SANTOS, Cecilia Rodrigues dos. **Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural**. p.43-48. In: São Paulo em Perspectiva, v. 15, n. 2, abr.–jun. 2001. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v15n02/v15n02_06.pdf>. Acesso em 01 set. 2013.

SILVA, Natália Achcar Monteiro. **Patrimônio Cultural – memória e esquecimento:** a Igreja Espírito Santo do Cerrado. In: 4º. Fórum Mestres e Conselheiros – Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento Local. Belo Horizonte, 2012. CD-ROM.

Documentos sonoros

CARVALHO, Alysson de. **Entrevista V**. [jan. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (21min21seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

COELHO, Geraldo Lima. **Entrevista IX**. [abr. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (15min15seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Entrevista III**. [out. 2013]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. São Paulo, 2013. 1 arquivo .m4a (29min28seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

GONÇALVES, Márcio Antônio. **Entrevista II**. [mai. 2013]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2013. 2 arquivos .3ga (22min26seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

MACIEL, Sebastião; MACIEL, Conceição Aparecida. **Entrevista XIII**. [jan. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (10min56seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

MENEGATO, Alfredo. **Entrevista IV**. [jan. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (18min19seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

PINTO, Ana Alice Maria. **Entrevista VI**. [abr. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 2 arquivos .m4a (19min3seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

SABIA, Fúlvio. **Entrevista I**. [fev. 2013]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2013. 1 arquivo .3ga (1h02min45seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

SANTOS, Ana Maria Sales dos. **Entrevista VII**. [jan. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (16min16seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

SILVA, João Batista da. **Entrevista X**. [abr. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (08min14seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

SILVA, Luiz Valter da. **Entrevista XI**. [abr. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (15min26seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

SOUZA, Antônio Alves de; SOUZA, Maria Joana Cândida de. **Entrevista VIII**. [abr. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (30min28seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

SOUZA, Marcos Ramardi de. **Entrevista XII**. [jan. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (06min49seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

TUNDISI, Sonia Maria dos Santos. **Entrevista XIV**. [abr. 2014]. Entrevistador: Natália Achcar Monteiro Silva. Uberlândia, 2014. 1 arquivo .m4a (08min18seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro colaborador,

Estamos realizando uma pesquisa do mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulada por hora, **Lina Bo Bardi e memória coletiva: um olhar sobre a Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado**, e gostaríamos de convidá-lo a participar.

Este estudo tem o intuito de analisar a atuação de Lina Bo Bardi (1914-1992) no Brasil, com ênfase na Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado, através do resgate de memórias da comunidade, entendendo qual é essa bagagem de lembranças e como se influencia pelo meio, seres e reflete no conjunto arquitetônico.

O trabalho se desenvolve através de entrevistas com alguns moradores locais, independente de suas religiões, a fim de entender essas lembranças, além de realizaremos entrevistas também com algumas pessoas específicas, aqui listadas: frei Fúlvio Sabia, padre Márcio Antônio Gonçalves, um representante da Secretária de Cultura da Prefeitura de Uberlândia, o artista plástico Edmar de Almeida, o arquiteto Marcelo Ferraz e membros do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG), que participaram do processo de tombamento e na atualidade do projeto de restauro. As entrevistas deverão ser filmadas, fotografadas e/ou gravadas em áudio, com prévia autorização do entrevistado.

Caso se sinta constrangido em qualquer momento, poderá haver a interrupção ou cancelamento da participação sem que ocorra penalidade. Assim que a dissertação for defendida, ficará disponível para aqueles que tiverem interesse em conhecê-la, cabendo a possibilidade de reprodução de cópias para a Paróquia.

Contamos com sua autorização para podermos realizar este estudo, esperando trazer melhorias para o lugar.

Caso precise de qualquer esclarecimento, disponibilizamos os emails:

natalia-achcar@ufmg.br ou natyachcar@yahoo.com.br (Falar com Natália).

Para participar, basta preencher os espaços tracejados abaixo e assinar a via a ser devolvida ao pesquisador.

Eu,_____,
portador do número de Identidade _____, declaro que li e concordo com as informações acima, referentes à pesquisa que será realizada.

Declaro, através deste documento, que aceito participar da pesquisa supracitada e autorizo o uso da imagem e das informações fornecidas por mim durante o processo, para fins de estudo e apresentações acadêmicas, sob responsabilidade de Natália Achcar Monteiro Silva, identidade MG11960-666, arquiteta urbanista - CAU A57347-7. Declaro também que estou ciente de que a participação nesta pesquisa é isenta de qualquer remuneração ou restituição de valores.

Cidade, _____.

_____ _____

Natália Achcar Monteiro Silva (Mestranda) | Assinatura do participante

APÊNDICE B – ENTREVISTAS COM OS PÁROCOS

Frei Fúlvio Sabia

Uberlândia, 25 de fevereiro de 2013.

O primeiro contato com a Lina foi ela que propiciou, ela que propiciou esse contato, porque ela vinha de São Paulo passar algum dia aqui numa chácara... a chácara era do Edmar. E sabendo que a Lina estava lá, nós Frades, já amigos do Edmar e da mãe do Edmar, que era franciscana secular, quer dizer, pertencia ao grupo de franciscanos e eu sou franciscano, então, nós tínhamos essa amizade com o Edmar. O Edmar nos disse que a Lina estava lá, falamos – "vamos fazer uma visitinha lá". Nós já tínhamos comprado aquele lote lá – "Então nós vamos fazer uma igreja, quem sabe a Lina dá esse projeto, né?". Aí nós fomos 'na' (sic) chácara, ficamos lá uma parte do dia e conversamos com ela, ela logo aceitou. Você sabe que ela não era muito religiosa não, mas ela gostava dessas iniciativas de tipo popular, não é? E aí marcamos um encontro aqui, para visitar o lugar, que era aquela área aonde tem a igreja agora e fizemos o primeiro encontro com o povo. Porque ela gostava que o povo estivesse presente.

Então naquela área nós tínhamos construído um barracão de madeira, assim de tábuas, e lá com a Lina fizemos o primeiro encontro, ela mais dois jovens arquitetos que trabalhavam com ela, não lembro dos nomes...

N: O Marcelo e o André.

O Marcelo e o André, é fato, né, muito bem. E ela começou a elaborar... viu o lugar... começou a elaborar o projeto, e na ideia dela, sendo nós Franciscanos, ela queria fazer uma estrutura que assemelhasse, tivesse alguma semelhança com os nossos conventos. Então uma igreja, depois uns 'quartinhos', um claustro e as dependências com um salão para o povo, um galpão para o povo. Então foi isso que ela começou a idealizar. E naquela época, naquela área, tinha pouca casa, 'pouquinha', não é que agora tem demais, mas naquela época tinha menos ainda. E não queria que uma estrutura muito grande sobressaísse demais, não é, ao nível popular, por isso que ela sugeriu de fazer aquela estrutura de tijolinho comum sem reboque, não devia ser rebocada nem de dentro, nem de fora... eles rebocaram do lado de dentro, mas não 'tá' (sic) no projeto, 'tá' (sic) certo?

Então, depois fizemos um/mais algum encontro com o grupo representante, a comunidade e o engenheiro calculista, porque ela fez o projeto, mas o engenheiro calculista - foi, como que se chama, não foi o Panayotes não, foi, acho que foi o próprio Panayotes... [...] E aí, quando foi definitivamente aprovado o projeto, nós começamos a juntar o material, e aí começaram também os mutirões.

A primeira coisa, limpamos a área, quem foi que limpou a área? O único índio que estava na região, e que morava no quartel, porque ele tinha esse privilégio, né, os índios, então era o único, ele que fez a primeira limpeza do terreno. Depois o povo construiu aquele cruzeiro que ainda está lá, cruzeiro de madeira e colocou e enfiou na área lá, - "aqui vai ser a igreja".

Depois começamos a juntar o material e o nosso Confrade estava reformando, aliás, reconstruindo a Igreja de Monte Alegre. A Igreja de Monte Alegre era toda, originariamente, de pilares de madeira. Quando os pilares de madeira não aguentavam mais, puseram ao redor da madeira, pilar de tijolos, de alvenaria. Aí, não dava mais para... então demoliram tudo, ficou só a fachada, só a fachada da

frente. Em cada pilar, tinha um esteio de madeira de aroeira, as que pudemos aproveitar, vieram para cá. Tem muita pilastra de aroeira de 1800 e pouco, vieram para cá, doaram, porque assim aproveitamos a aroeira que estava lá. Outra aroeira também, nosso Bispo tinha ficado 5 anos em Canápolis, conhecia um amigo lá, que tinha uns pés de aroeira...ele com mais alguma pessoa daqui, fomos no Mato, descendo lá de Canápolis... José Barcelos se chamava, e, ele mais nós, cortamos umas árvores de aroeira boas e trouxemos para cá. Então os esteios, conforme a Lina tinha sugerido, 'estava' (sic) lá.

Depois começamos, além de certas coisas, logo assim devagar, e o povo começou um pouco a trabalhar junto conosco, e fazer os alicerces. A primeira coisa, que era mais difícil, era fazer os vários patamares, então 'foi feito' (sic) os muros de arrimos, né. Primeiro os muros de arrimo, porque o terreno é inclinado. Vários níveis, a igreja, a 'casinha' e o barracão lá né, 'cês' (sic) conhecem, e no fim, o campinho de futebol que agora construíram não sei o que, mas parece que tem ainda, por cima tem ainda uma área, porque a Lina, ela sempre falava, não pode ocupar área toda, tem que deixar um pouco de área para o povo, o povo era igreja – o barracão e a área para menino brincar. Naturalmente, a construção ao lado não existia mais, mas veja que também a creche foi 'ideada'(sic) pela Lina, só que o Marcelo e o outro fizeram o projeto e depois foi se adaptando um 'pouquinho' viu, mas a creche também é deles, só que não aparece, né, a igreja aparece mais.

[...] Então, fomos construindo, fomos/ e quando... eu fiquei emocionado quando, depois de feitos os arrimos, construímos os alicerces, depois construímos as paredes só da igreja, e cobrimos a igreja, né. Cobrimos a igreja e celebramos na igreja, eu tenho um pouco de dúvida, o primeiro Natal, acho que foi de 1980, não me lembro bem, se 80 ou 70, eu acho que foi em 80, primeiro Natal, não tinha piso, não tinha, não tinha nada, arrumamos uns tocos, para o altar, o altar estava em cima de uma, como que se chama, a base do esteio, que fica dentro do chão?

[...] Não, não, não é isso... é de madeira mesmo, porque a parte de cima ela é trabalhada, mas, a parte de baixo ela é grossa, enfiada no chão. Então aquela parte, porque ela estava podre, logo, num pé do pilar estava assim, estava podre aqui, então foi cortado, a parte de baixo que nós utilizamos para fazer o altar, então, quer dizer, o altar! Primeiro altar estava em cima de um desses tocos que se chama, 'comé' (sic) que se chama isso?

[...] Porque era podre, porque na Igreja lá, eles de tanto lavar, lavar, lavar... eu acho que a água com a soda, ela 'ruminou' (sic) a base do pilar. [...] Então é isso... o primeiro altar, uma tábua, foi assim, e ficou assim por um tempo. Depois, logo foi construída a casinha, depois foi construído o barracão lá embaixo, né, mas dentro de pouco tempo. Mas a coisa mais interessante, essas coisas sempre são feitas com muita dificuldade, né. Aí, é isso, eu acho que é interessante de você saber. Nós íamos ter uma ordenação sacerdotal, o moço que ia ser ordenado escolheu essa Igreja, apesar dela não ser muito grande, mas ele não "eu vou, eu quero ser ordenado lá", tudo bem, então, mas, não tinha nem o piso, o piso era de chão batido, terra... aí, o que nós vamos fazer, não tem dinheiro, né?, ah, fomos numa fábrica de balas, balinhas, e 'pediu' (sic) os sacos vazios de açúcar, né. Ela me deu, a fábrica de balas Erlan, né, me deu mil sacos de açúcar, vazios, né, aí... eram 500 sacos, aí entregamos esses sacos para o povo, o povo clareou, porque tinha escrita no saco, clareou o saco, cortou, cada saco deu dois panos de prato, fizemos 1.000 sacos, mil panos de prato, bordado, tudo bonitinho, vendemos né, fizemos o piso.

O povo que fez, o povo que fez, essa é a coisa interessante. Entendeu? Então, depois, devagar fomos... ajeitando um pouco. Sendo o telhado à vista, assim, muitas vezes, menino joga pedra né, aí, tem que continuamente manter o telhado, agora, acho que nunca foi posto (incompreensível), aquela Igreja redonda tem uma, um 'canalzinho' assim, dessa fundura, dessa largura, ao redor 'tudo' (sic), lá deveria se colocar plantinhas do mato do cerrado, acho que nunca foi posto...

Mas, a ideia era essa de, logo para, manter no lugar, porque, Divino Espírito Santo do Cerrado, do Cerrado, aí devia ser sinalizado por essas plantinhas do cerrado, colocadas lá em cima e lá em cima teria também uma, um jeito para aguar 'elas' (sic), deixar né... Depois, uma coisa que também não foi feita, é, a Torre, a Torre está lá né, mas, em cima da Torre, deveria ser feita de bronze, parece que 'tão' (sic) planejando de fazer, ahhh, uma pomba, porque o Divino Espírito Santo é representado assim, uma pomba né.

É, assim que nós fomos, depois nós fomos morar lá naquela casa, em 1986, 85, 86, vieram as Clarissas, né, aí nós inventamos fazer o Mosteiro, mas as monjas não tinham onde morar, aí, eu me mudei para a creche que tinha sido feita e na casinha nossa lá, por seis meses, moraram as monjas, as Clarissas...

As Clarissas, as Clarissas, porque a Madre Francisca, ela precisava de seguir, porque nós não sabemos exatamente, como é, qual é a vida delas, né, para adaptar o projeto aqui às exigências delas, né, de ter... a vida de clausura, 'comé' (sic) que é, ter um espaço suficiente para elas, assim, com todas as dependências, né... É mais ou menos isso aí, não sei o que mais poderia dizer 'pra' (sic) você...

(envolvimento da comunidade depois das obras)

Sempre, sempre, sempre, esse é um pouco nosso estilo também, é, teve sempre o Conselho da Paróquia que animava e organizava junto comigo o trabalho da comunidade, não é, é é... a Catequese, eles que organizavam, as Pastorais dos Doentes, as Pastorais... a manutenção da Igreja, eles que limpavam, que enfeitavam, eles que arrumavam, então, depois, devagar, a única coisa que eu lamento, lamento, que eu tinha deixado, quando/ depois eu fui embora, porque voltei para a Itália, tinha deixado centenas de fotografias... não existem mais, não existem mais, jogaram fora... jogaram fora centenas de fotografias... eu seguia, fotografava, seguia, fotografava, depois, não ia levar comigo, né...

[...] Na Igreja, ficou na Igreja, o Padre chegou, falou "o que que vai fazer" e jogou fora... então, a comunidade, continuamente, tentava sempre envolver, porque é também o meu estilo, eu gosto que o povo se sinta dono do lugar, da Igreja, das estruturas, da... então, eu procurava sempre envolver em todas as iniciativas, tinha a festinha, tinha... é... eu inventei, entre outras coisas, essa assistência dos romeiros que vão para a Água Suja, vou te dizer porque que isso é interessante, mas, depois que eu inventei aquela assistência lá da torre, lá... lá no meio da caminhada, eu percebi que era perigoso para o povo, eu queria substituir aquilo com outra, eu inventei então uma outra romaria, do Divino Espírito Santo até a Capela de Miraporanga, 'cê' (sic) conhece Miraporanga? [...] É a Igrejinha mais antiga da região... 1800 e quarenta e pouco... é bom conhecer...

É... então, esse povo, nós inventamos de fazer isso com o povo aqui do Jaraguá, é, no primeiro plenilúnio de maio, porque é dedicado a Nossa Senhora e tal, e devia ter um luar claro, 'pra' (sic) poder andar nessa, nessa... que não era asfaltado na época, né, é, de noite, então nós saímos às 6 da noite daqui, para chegar às 6 da manhã de

lá, celebrar, fazer todas as rezas, benzer os animais, os carros e tal, né, e depois voltar. Mas, eles inventaram, olha que interessante, de levar uma imagem de Nossa Senhora em cima de um carrinho e a coisa era um sacrifício imenso, a noite inteira andava, quando chega certo ponto, lá pelas três da madrugada, vinha gente das fazendas dar 'pra' (sic) nós o leite quente, quitandas, eles traziam para nós, 'comer e continuar' (sic) caminhando, ave... vá dizer como que o povo é... ninguém pediu nada, mas eles sabiam que nós íamos passar, eles, sabe, um leite quentinho, quitandas para todo mundo, era muita gente que andava a pé, nossa senhora, acho que fizemos umas três ou quatro vezes, depois que eu fui embora num continuou, também porque quando asfalta a coisa, depois começa a ficar assim, então num tem diferença daqui e de lá, entendeu, é... essa foi também uma experiência interessante com o povo... e quê mais que poderia dizer das coisas?..

(acompanhamento da obra por Lina Bo Bardi)

A Lina acompanhou o projeto ao longo da construção, ela veio quatro vezes, quatro vezes ela veio, juntamente com os dois arquitetos... É, também porque ela ia descansar um pouquinho na, nessa chácara, com o Edmar, né. E, é interessante, a, a Lina, a Lina era... um homem macho...

[...] Vai cair, num caiu. Quando falava com ela que o MASP, o jeito que ela pensou ia cair, "Caiu? Não caiu não! Não caiu não", aí, quando perguntou "Mas por que que você foi projetar a Igreja lá?", para o marido dela, ela disse "O Frei Egydio me deu um beijo e você nunca me deu!" ((muitos risos))... ai jesus!.. Interessada a Lina viu, depois quando eu 'ia' (sic) na Itália, na volta eu sempre chegava lá, fazia uma visitinha para ela lá em São Paulo, uma lembrancinha eu levava, uma vez eu levei 'feixinho' (sic) de Orelha, falei, isto aqui eu colhi no mato... ((risos)) era verdade, era verdade, né que, 'feixinho' (sic) de Orelha, eu levei 'pra' (sic) ela, que coisa simples, mas ela ficava emocionada com coisa simples né, ela...

[...] Ela era uma pessoa muito sensível, muito, um macho, ela parecia um "ronron..ron ron"...((risos)) gente que num, quem não conhecia ela ficava meio, né, pois é, e o que mais pode dizer, a coisa mais interessante é que o povo ficou envolvido na construção continuamente, tiveram muito mutirões, né, nas coisas assim mais grosseiras, vamos dizer, furar os alicerces... carregar material, lembro quando nós trouxemos essas toras de aroeira lá de Canápolis, o caminhão, esse caminhão com guincho né, o caminhão ficava assim na descida, pegou com o guincho uma tora e fez assim, quando fez assim o caminhão fez assim, e não tinha breque, quer dizer, o breque era uma pedra que estava na aveni/ começou a descer lá de baixo, num sei quem encontrou, parou/ aí, para carregar essas toras, o povo inteiro é que ajudou, depois, foram lavradas essas toras, e sempre que era para colocar as toras no lugar certo, o povo é que ajudava, e assim por diante. Nesse tipo de trabalho, quando foi para descarregar as telhas, fizeram um mutirão, o povo, agora, não podia fazer muito mutirão, porque senão o INPS ferrava 'nós' (sic), entendeu, mas nós tínhamos declarado que íamos fazer mutirões, mas o mutirão sempre teve essa tensão porque o Governo queria a parte 'dela' (sic), dele, né, e nós não tínhamos muito dinheiro. Agora, para construir a Igreja, eu recebi duas vezes 18 mil eur/ 18 mil dólares da Alemanha, duas vezes, é... uma vez que eu precisava de trocar esse cheque, precisava de trocar o cheque em... em moedas, dólares, porque, tinha inflação de 1% ao dia... ao dia, 1% ao dia, se eu trocasse esse dinheiro todo em moeda, em cruzados, ia perder porque, até eu comprar, até eu pagar, até eu... ia perder muito dinheiro, então eu pensava como trocar em

dólares, moeda dólar, não é, aí depois na medida que precisava, ia trocando os dólares.... Eu fui num cambista desse aí, ele queria 1.500, sobre 18.000 ele queria 1.500, para trocar em moedas. Eu falava, né possível um negócio desse, vou dar 1.500 ‘pra’ (sic) ele, num vale. Aí, naquela época, quem saia do Brasil podia comprar 1.000 dólares ao câmbio oficial, que era a metade do câmbio paralelo. A passagem de São Paulo para New York era de 500 dólares e lá em New York, eu num sei falar uma palavra de inglês, mas tinha os frades nossos, que moravam em Goiás, que eu conhecia, sabia ir lá, falei “não, eu vou lá, eu vou trocar”, aí eu comprei 1.000 dólares no oficial, vendi no paralelo e paguei a passagem. Aí depois, agora, fui lá no Rio, para ter a licença da Embaixada, da Embaixada, para ter lá... o visto, Nossa Senhora, fiquei das 10h as 2 horas na fila, e eu consegui, mas os que estavam na frent/ atrás de mim, não conseguiram o visto. Aí eu fui ‘pra’ (sic) New York, com o cheque no bolso, o coração que fazia assim, Nossa Senhora, vou ver o que acontece aqui. Cheguei lá, me hospedei no Convento e tal e tal, num gastei nada, porque a passagem já tinha comprado, gastei 18 dólares ‘pra’ (sic) ir do aeroporto até o convento, 18 dólares. Chego lá, o Frade disse não troca meu cheque, não troca, falou “não, não podemos, aí tem, num sei...”, o cheque era no meu nome, eu tinha minha documentação tudo em dia, “num vai’, eu num sabia falar nada, mas, o cheque tinha sido emitido em New York, do Dorothy Banking, de New York, eu falei eu vou achar esse Dorothy Banking onde é que é. Peguei o catálogo telefônico, achei o endereço e fui à pé da trigésima sétima estrada, entre a avenida quinta e sexta, da aven/ quinta e sétima, né, aí eu fui à pé até a sexta/ sétima estrada, então são muitos quarteirões, fui levando e achei a Dorothy Banking, perguntei se era legal eu trocar o cheque naquele... ele falou é, ele falou, não, ontem teve outro aqui com o mesmo problema... Então, eu tinha levado só uma fotocópia do cheque, do convento até o banco, quer dizer, amanhã se eu vier aqui, troca? Troca!. Tudo bem, foi, cheguei lá o dia seguinte, ah... “Do you know speak english?”, eu falei não, (incompreensível) é, assim, era um argentino que falava espanhol, e o espanhol e o português, nos entendemos, aí, chego lá, ‘pra’ (sic) trocar, aí, “mas não tem jeito”, “mas por quê?”, “Porque o responsável em Essen”, porque era Dorothy Banking, “’tá’ (sic) de férias”, aí eu falei “mas se um funcionário está de férias, para/ acaba o mundo, o banco fecha?”, “como é esse negócio?”, ele falou “ah, infelizmente, não podemos...”. Era, eu fui na segunda, terça cheguei lá, quarta tentei trocar com os Freis, quinta fui no Banco, sexta eu devia voltar para sábado celebrar os casamentos aqui... era tudo já programado. ‘Pra’ (sic) nada. Eu num posso (incompreensível) como que eu faço? Aí eu perguntei “Mas quando que ele volta?”, ah “ele volta segunda feira...”, era sexta. ”Se eu vier aqui terça-feira da semana que vem troca?” ”Troca sim.” Aí eu telefonei aqui para ver quem podia me substituir tal, achei, eu fui terça-feira e troquei o dinheiro. 180 notas de US$100,00. Aí voltei para cá, entendeu? E aí salvei muito porque senão, não tinha jeito, para dizer as aventuras, que já tivemos, essas coisas... Fala: “Olha, tinha muito dinheiro.” Não tem dinheiro. A Lina, não lembro de ter feito por exemplo uma inauguração oficial, não, mas teve naquele lugar, duas ordenações de sacerdotais, duas. Uma na igreja, e outra atrás aonde que está a creche, nós fizemos tábuas, sobre, fizemos uns paus, enfiamos uns paus no chão para pregar as tábuas, isso era o assento, era o apoio e depois, fizemos o tablado, era para dizer como aquele ambiente foi utilizado. Porque a área atrás não era nossa. Eu fui lá no dono da Fábrica de bala Erlan, que tinha construído uma casinha, falei: ”Escuta me dá aquele lote, eu vou construir uma obra social.” “Não, não posso.” ”Mas por que não pode?” ”Porque eu estou construindo

umas casinhas ‘pros’ (sic) meus funcionários.” “Tudo bem então se assim for eu não quero.” Aos funcionários faz tudo.

Mas ele tinha feito uma casinha para um funcionário, e este foi mal agradecido, muito mal agradecido, eu não sei o que ele fez... eu voltei lá segunda vez, a terceira vez, depois falou: ”Não, eu vou te dar.” Aí me deu os três lotes, lá atrás, aí nós saímos com a Lina: “Lina, agora tem que fazer a creche.” Elaboraram e foi feito. Para dizer que, também, a história da creche é ligada à igreja. Quando eu fui embora, nós, foi necessário entregar, era assim né, a igreja para diocese, mas a creche ficou para a nossa entidade, entendeu? A nossa entidade é... Fundação Franciscana, Comissariado Franciscano Nossa Senhora de Fátima do Brasil. Então as creches tem o nome do comissariado. E a igreja tem o nome da diocese né.

E depois, o caramanchão lá serviu muito para o clube de mães, para fazer festinhas com as crianças, o carnaval das crianças, grupos de reflexão, de oração, era tudo utilizado aquilo. Era interessante também, a cesta que fizemos de paus né, o povo que fez, então aquela reinserção do barracão lá, aquilo foi feito de pau assim, porque, tinha só, era aberto né, então como faz, tem que ter um pouco, uma certa privacidade para fazer um encontro, e lá foram feitos vários encontros, do tipo popular mesmo. Para fazer isso, o povo mesmo arrumou os paus, e nós assim juntos, fizemos aquele tipo de, não sei se ainda é assim, eu não passei lá para ver como que está, eu vou lá na creche lá. Depois eles construíram atrás um barraco lá, eu falei não: ”Esse aí não pode.” E tiraram agora, atrás, atrás da torre lá de cima, tinha construído o negócio, eu falei: ”Não, isso aí atrapalha, atrapalha a visão da igreja, essa coisa bonita que é”.

Uma outra coisa também, aquela ferragem que protege de fora né, as grades, foi no ferro-velho comprar, foi no ferro velho. E depois outra pessoa da comunidade que soldou lá, nós enviamos... aquilo é, não acaba nunca, ferro grosso assim. Foi no ferro-velho pegar aquilo. “Não é possível um ferro desse tanto num ferro-velho.” Nós achamos no ferro-velho, foi sempre caminhando com o povo, e tentando sempre envolver, o povo desse jeito também.

(*ventilação*)

[...] Mas eu te digo por que, a entrada deveria ser de treliça, não deveria ser fechada, eles fecharam a entrada, de onde vai a ventilação? Porque a ventilação, ela vinha, era previsto pela porta da entrada, feita de treliça...

Fecharam em cima também, claro uai, não é possível, porque tinha o espaço assim, ao redor de todo do telhado, então o telhado não é forrado, então a ventilação deveria entrar pela porta principal, tem outra porta por trás. [...] Mas eles fecharam, não pode fechar a porta, pode fazer de treliça, um pouco, não sei, de um material mais resistente, para não acabar, mas, quando era de treliça... calor tem em todo lugar, mas se deixar do jeito que a Lina fez, a coisa funciona.

Fugiram do projeto, fugiram do projeto e eles foram rebocar o interior, depois foram tampar os buracos que ‘tinha’ (sic) no muro. Não podia tampar. Aí então... a Lina falava, daquele jeito não tem... então voltando lá, vão se queixar do que?

O povo, o povo tem razão no sentido de que, ‘tá’ (sic) quente. Ora mais se fecha tudo é claro que vai ficar quente, a casa de vocês também se fechar tudo... vai ficar quente, é verdade.

Então muitas vezes é a preocupação da segurança, entendeu? Aí que é difícil, fica difícil. Naquele cruzeiro deve ter ainda uma data lá, no pé do cruzeiro, você foi ver?

Deve ter, deve ter uma data, se não apagou, se não pintaram em cima, ou se renovaram aquela data, ou na frente ou atrás deve ter uma data... no cruzeiro. É interessante que aquele cruzeiro, é o que foi posto, o povo não quis que fosse eliminado, então sai lá na porta. O povo que pôs. Essas coisas assim. Tem outro padre que falava: “A caixa d'água, a caixa d'água”. Então, a diocese constrói uma outra igreja melhor, e nós pegamos ‘ela’ (sic), vamos fazer um tipo de, como que se chama, um negócio de guardar sineiros, santinhos, uma coisa assim, vamos utilizar de outro jeito. Mas tem que fazer outra igreja, quero ver quem faz. Quero ver quem faz. Tipo um museu, o lugar de guardar mais do que, coisa que eu tentei fazer, acho que conseguimos, como se diz o negócio de um reconhecimento para... Tombamento, tombamento, o tombamento, o meu português, eu estou vinte anos fora então já... Então é, dificuldade muitas vezes de achar a palavra certa, o tombamento aí, isso nós fizemos.

[...]

Pois é. A história de Uberlândia, nós pertencemos à história...

Padre Márcio Antônio Gonçalves

Uberlândia, 04 de maio de 2013.

Então, quando a Lina fez o projeto desse complexo, que é a Igreja, a casa e o salão, ela atendeu a uma realidade, a uma demanda daquele momento. A comunidade era extremamente participativa, envolvida nas atividades da igreja, a própria ideia da construção, na modalidade de mutirões, traduz essa dimensão. Hoje, quem visita, e nós recebemos muitas visitas à igreja, tanto de estudante de Universidades do Brasil, como estudantes de fora, nesse ano de 2012, nós recebemos cinco estudantes franceses que vieram para conhecer a igreja... é, quem visita, vê que é outra realidade, a cidade cresceu e o bairro aqui também cresceu muito, a comunidade também, em consequência, conheceu seu crescimento. Mas é uma comunidade que ainda mantém esse traço da sua história, é uma comunidade participativa, envolvida nas atividades. Hoje, coincidentemente, você está visitando a preparação do espaço para uma festa comunitária, a festa do Divino, Divino Espírito Santo, e é uma festa que visa angariar recursos para nós colocarmos bancos novos na igreja. Então, de modo geral, as pessoas são bem participativas. A ideia desde o início da comunidade, de criar espaços de cuidado, de promoção da vida, é algo que é preservado. Então, tem o trabalho da pastoral da criança, tem trabalho de confecção de fraldas geriátricas para as pessoas carentes, então, o espaço ali da casa, que foi concebido pela Lina, é um é espaço hoje muito voltado ‘pra’ (sic) essa dimensão humanitária. Quando cheguei à paróquia, a cerca de oito anos atrás, eu cheguei e a paróquia estava com alguns problemas sérios, havia pilares para contenção das vigas que estavam trincadas, em função disso, logo que eu cheguei, houve uma Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público e pedia a interdição da igreja. Essa ação foi acolhida pelo Juiz, o Juiz interditou a igreja por considerar que ela oferecia riscos. Nesse momento eu mobilizei a comunidade e nós fizemos promoções e trocamos todas as vigas. Como nós não achamos mais aroeira, nós conseguimos pau-brasil, então quando você chega ali, você vê cinco vigas diferentes, são vigas de pau-brasil que substituíram aquelas que estavam

danificadas. Mas esse momento da interdição da igreja foi muito importante para nós nos organizarmos no sentido de estabelecermos um contato com o IEPHA, mas também, com o Marcelo Ferraz e o André Wainer. Então a partir desse momento, nós começamos essas parcerias, primeiro com o Marcelo e com o André, e fizemos reuniões e eles também acionaram o IEPHA, e aí sim, nós fizemos uma costura de intenções para a reforma e o restauro da igreja. E isso tem acontecido. O André mais o Marcelo fizeram o projeto do anexo, que onde se concebia um espaço de um campo de futebol, a Lina também tinha feito um projeto de salas para encontros, para reuniões, só que hoje, hoje quando a gente vê esse projeto, ele já não atende mais, pelo crescimento e tantos grupos que nós temos na paróquia. Então o André mais o Marcelo refizeram aquele projeto, apresentaram para o IEPHA, foi aprovado e nós num prazo de um ano construímos esse anexo. Você pensa, aqui é um bairro de pessoas de classe media baixa, né, em um ano se levantou na comunidade, R$253.000,00 para a construção. Então, nós fizemos o anexo e foi feita também a primeira intervenção do IEPHA, que até então, as intervenções eram todas da paróquia, e o IEPHA fez uma intervenção dos telhados, e nessa intervenção, nós trocamos todo forro de madeira da casa, o telhado da casa, do salão e da igreja, e agora, nós, com o Marcelo Ferraz, sentamos e eles apresentaram para o IEPHA um novo projeto de reforma e restauro, foi aprovado e nós conseguimos uma liberação de R$415.000,00, se eu não estou enganado, junto à Secretaria de Cultura do Estado, por meio da fundação do IEPHA e a intervenção começou há cerca de vinte dias. No projeto de reforma lá na igreja, desde que eu cheguei, qual que foi a minha intenção - eu apresentei para o Marcelo e para o André - é de retomar a originalidade da obra. Então havia uma sacristia que foi feita atrás do altar, nós derrubamos essa sacristia, deixamos só aquela parede frontal. Agora, aquela parede vai voltar as suas dimensões originais, seu tamanho original. Atrás daquela parede vai ser feito um armário, a calha da igreja já foi reformada com mantas de impermeabilização, vai ser finalizada a torre da igreja. O piso tem alguns defeitos, vai ser consertado, a porta, essa porta de entrada vai ser restaurada, vai ser aberta uma outra porta para o acesso do público, do povo ao banheiro na casa, feito uma rampa para acesso do pátio. Essa é a parte relativa à igreja e junto a isso, tudo que é projeto hidráulico e elétrico está sendo revisto, consertado e readaptado. E na casa está se fazendo o piso cimentado, aquele vermelhão, esse é o projeto original, então, havia um piso de madeira, que não é original e nós retomamos a originalidade com esse piso de vermelhão. As celas foram concentradas para uma pequena comunidade de irmãs, de estilo mais contemplativo, nós não temos mais essas irmãs e as celas nas dimensões que nós temos lá não respondem mais. Então, o que ficou aprovado - nós mantemos uma cela, como no projeto original e onde tínhamos duas celas, se retirou a parede do meio, para emendar e fazer uma cela maior, e a outra já tinha uma dimensão boa. Então nós tínhamos quatro, passamos a ter três, conservamos duas no tamanho original. (A intenção é) que elas sejam utilizadas, porque o projeto que nós temos de confecção de fraudas geriátricas, nós precisamos de um espaço para armazenamento. Nós fizemos o que não existia – o projeto de incêndio da obra. Quando houve a interdição, uma das exigências é que se fizesse um projeto de incêndio, esse projeto foi feito e agora, toda a parte elétrica e hidráulica e incêndio está sendo revista nessa reforma. Vai ser demolida essa caixa d'água elevada, porque ela não é do projeto da Lina e vai se fazer uma caixa d'água subterrânea. O reboco nós vamos manter, é o entendimento do IEPHA, que depois de tantos anos, está aí caracterizado. Aqui é interessante, porque, como o Marcelo mais o André, são postos como coautores,

aliás, eu já ouvi alguns dizerem que isso é algo inédito, num projeto de arquitetura, se falar em coautoria, mas eles são coautores, eles estavam junto com a Lina em toda a concepção do projeto. Como eles estão vivos, e ainda são jovens, transitam muito por aqui e a gente tem um contato permanente, é muito fácil, porque eles têm autoridade da autoria do projeto. E eles têm uma relação de muito diálogo, são figuras muito abertas, então é fácil requisitar junto com eles. Com relação ao IEPHA, a parceria nesses oito anos que eu estou aqui, tem sido muito boa. Nós já tivemos assim, alguns momentos de conversas mais, poderia dizer, ácidas, tivemos, mas todas muito bem conduzidas, e eu jamais poderia deixar de reconhecer que são pessoas extremamente sérias e o que é acordado, é pontualmente seguido naquilo que é traçado no entendimento mútuo. Então assim, a nossa relação é uma relação boa, é uma relação respeitosa, todas as intervenções que são feitas na igreja, após a licitação, eles fazem saber que a empresa tem que ter o diálogo com o pároco, e os entendimentos tem que ser de acordo mútuo, porque nós temos uma agenda de funcionamento na igreja e as intervenções tem que, na medida do possível, se adaptar a essa agenda. O IEPHA esteve longe disso tudo aqui por longos anos, houve um afastamento, um silenciamento, uma ausência, mas nesses oito anos que eu estou aqui, eu posso dizer que o IEPHA é presente e a relação é boa. Eu destaco dentro do IEPHA, pela seriedade, pela delicadeza, um diretor que dentro destes oito anos, eu conheço, que é o Renato, uma figura boníssima, uma figura distinta e é um bom profissional para a gente lidar. Agora, o arquiteto que é responsável atualmente pela igreja, que acompanha o cotidiano quando das intervenções e das visitas técnicas, é o Ricardo. Os outros todos que passaram também são pessoas que tiveram uma boa relação conosco. Agora o nosso esforço aqui, é o de terminar a igreja no que diz respeito à Arte Sacra, que é um dos pontos, assim, delicados com o IEPHA, porque “como terminar depois que a Lina não está mais, seria descaracterizada ou não a igreja, entende?” Então são esses entendimentos que nós temos que construir. Nós temos duas coisas importantes, temos o Marcelo e o André, que conhecem a pessoa que é responsável pelo projeto de arte sacra, que era pessoalmente amigo da Lina, e que tinha contrato com a Lina dessa finalização por meio da arte sacra. E ela mesma explicitava isso, que terminaria a igreja, que faria o projeto da igreja, mas a concepção da arte sacra teria que ser do Edmar de Almeida. Então é isso o que nós agora vamos construir com o IEPHA, porque o projeto do Edmar de Almeida é de nós colocarmos na igreja, um mosaico, - um mosaico na parede atrás do altar, o mosaico no entorno da parede da igreja. Vamos ver como vamos construir esse entendimento. Eu já ouvi dizer, mas eu não posso assegurar isso, que haveria até uma carta, onde a Lina explicita isso, mas o Marcelo Ferraz e o André Vainer são coautores do contemporâneo, eles atestam que a concepção de arte sacra da igreja é do Edmar desde o princípio, e a Lina já afirmava isso.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O ARQUITETO

Marcelo Carvalho Ferraz

São Paulo, 16 de outubro de 2013.

Aquela comunidade da igreja, quer dizer, daquele bairro, mudou muito. Quando a gente fez a igreja com a Lina, aquilo era, a gente podia dizer, que era a periferia de Uberlândia... não era calçado, todas as ruas eram de terra, não tinha muros, não tinha calçada, então, era um bairro, de certa maneira, periférico e um pouco abandonado, o resto de cidade. Tinha o quartel lá em cima, a Lina até falava que ali tinham as prostitutas, e isso aí criou a maior celeuma na época, eu me lembro que teve um delegado de Uberlândia que quis me processar. Eu dei uma entrevista em Belo Horizonte, em 1994 ou 5, teve uma exposição da Lina, que a gente levou para Belo Horizonte, que foi aqui em São Paulo, depois foi para lá. E lá dei uma entrevista e falei que a Lina dizia isso, 'puxa' (sic), foi ameaça, você não imagina, sabe... só porque eu falei isso. Bom, eu repeti uma coisa que ela dizia... Mas mudou, porque também as cidades brasileiras mudaram, Uberlândia cresceu enormemente, é uma cidade gigante, está tudo asfaltado, tem muros... E eu não sei, quer dizer, o nosso contato com a comunidade foi naquele momento, com aquele povo, o Frei Fúlvio, com aqueles padres franciscanos e tal. Depois aconteceu o seguinte, com a mudança do Papa, os franciscanos foram chamados de volta para Roma, e eram uns franciscanos progressistas, legais. Eu até disse que aquela Igreja tem até um aspecto de uma igreja, eu falei, pagã uma vez, mas então podia ser panteísta, porque ela tem uma configuração de um terreiro, é um espaço generoso nesse sentido. Também fui mal interpretado quando falei isso, mas eu acho que isso não é demérito para a Igreja, é uma igreja que acolhe pessoas. O próprio espaço se parece com um terreiro, o terreiro não é só de Candomblé, o terreiro é o quintal das casas, o terreiro é pisar no solo, tocar o pé na terra, tudo isso também, simbolicamente, é uma coisa bonita, não é que é uma coisa pagã, uma coisa herege, herética, não é isso. Mas eu acho que é interessante ter essa abordagem, porque a arquitetura ela vai além de uma encomenda de uma igreja para cursos católicos, apostólicos romanos. Ela é um centro de convivência e num centro de convivência, quanto mais você toca a cultura das pessoas, ou você tem significado para as pessoas, mais você acolhe, mais essas pessoas se sentem donas, pertencendo, e eu acho que isso 'tá' (sic) nesse projeto, em todos os módulos dele, desde o espaço da igreja, os velários como uma grande tenda, até a intimidade da casa dos padres e freiras, que hoje não tem mais ninguém morando ali, até esse galpão aberto embaixo, que não tinha aqueles bambus. Aquilo foi feito numa enchente que teve lá, o rio desabrigou muita gente, e a gente fez aquilo 'pro' (sic) pessoal ficar abrigado ali e acabou sendo incorporado, ele acabou sendo tombado com aquilo. Nós até questionamos isso no tombamento, eu e o André, mas foi tombado como se aquilo fosse original e a gente tem cartas dizendo que aquilo não é... ela era muito bonita aberta, ela se comunicava, não é que aquilo é feio, aquilo é bonito, mas ela se comunicava com a cidade e tal. Então eu acho que esses aspectos, são aspectos, talvez, que tocam a questão da cultura, do ponto de vista do respeito humano e da busca de comunicação com mais penetração, tocando em mais diversidade, porque as pessoas que estão em Uberlândia também não são só de Uberlândia, vem do nordeste, vem da Bahia, como no Brasil todo, tem essa migração interna e as referências são muitas, são outras. Então, eu acho que isso sim é mais forte, pensar nisso do que pensar no objeto da cultura popular. O objeto tem símbolo, significa alguma coisa, mas esse trabalho, do projeto da arquitetura,

ele transcende o objeto, eu acho que assim é que tem que ser vista a arquitetura. Eu acho que existe muito equívoco quando falam na abordagem da arquitetura da Lina com relação à arte popular, fica nessa coleção dos objetos, isso e aquilo. Eu falo, “mas e por que isso?”, isso aí você pode ser um colecionador, ser um amante dos objetos... mas não, aquilo tinha um significado por trás, que certa maneira alimentava a arquitetura dela, mas não só pelo lado formal, mas pelo lado que ‘tá’ (sic) dentro desses objetos, que é o lado que não se lê, que é o lado intangente, intangível, que são as pessoas próprias e o que elas são, a cultura que elas carregam. Então eu acho que isso nesse projeto da igreja é forte, e nunca ninguém fala isso. Fala “ah, não...”, a relação com a comunidade, aquela relação, é a relação imediata, que houve no princípio, que chamou a comunidade e falou: ”Vamos aqui projetar juntos.” Não, ninguém fez isso, a gente fez o projeto, a Lina fez, e com desenhos técnicos, nós desenhamos. As pessoas não entendem direito desenho técnico, então a gente fez com uma ‘maquetinha’ de madeira, eu e o André e mostramos a maquete, as pessoas opinavam, ”vai ter isso, vai ter aquilo?”. Certo! Esse contato é legal porque é convivência, importante naquele momento, a igreja vai ser deles, eles ajudaram nas quermesses para arrecadar fundos, para trabalhar. Mas tem que tomar cuidado, pode ser um outro equívoco achar que a gente trabalhou com a comunidade...não, nós somos arquitetos, fizemos o projeto de arquitetura, o eletricista faz a instalação elétrica, outro faz... porque muita gente acha que trabalhar junto, é ficar - “dá aqui seu palpite, ‘tá’ bom o projeto assim? A cozinha ‘tá’ grande, ‘tá’ pequena?” - nós é que temos que saber, nós arquitetos. É bom espantar, eu estou, assim, querendo espantar esses equívocos sobre a Lina, porque a Lina vai ficando cada vez mais folclorizada. Ela nunca quis. O ano que vem vai ser centenário da Lina, eu estava falando isso agora, o que já tem de pessoas falando frases da Lina que ela nunca disse... coisas que, sabe, é impressionante, eu fico impressionado, eu convivi com ela quinze anos seguidamente, todos os dias, claro que não sei o antes, pelo que ela me contava, mas tem alguns assuntos que eu nunca vi passar pela cabeça dela, certas coisas que ouço por aí, como sendo coisas da Lina... e não tem escritos, não tem isso, não tem aquilo. Então eu acho importante a gente tomar esse cuidado de evitar folclorização, porque não ‘tá’ (sic) mais aqui a pessoa para dizer o que acha ou que não acha, e se disse ou senão disse. Então no caso da igreja, realmente é uma obra *sui generis*, é claro que a gente lê nesse projeto dela, uma forte ligação com a arquitetura que ela admirava muito, que é a arquitetura medieval, uma arquitetura romana, românica, mas de configuração mais até medieval. É uma época da história das artes e da arquitetura que ela curtia muito, ela achava até que era mais interessante do que o Renascimento, porque ainda era uma coisa muito livre das questões formais, da estética construída, a estética ocidental. E ela dizia que ainda na Idade Média, o que guiava a arquitetura, era, até muito mais, a técnica, as formas eram geradas muito mais pelas soluções técnicas e tudo mais, do que por essa formalização ou conceituação estética que veio com o Renascimento. Então aquela igreja, ela tem claramente essa raiz profunda da Lina, da Lina romana, associada com essa questão popular, com essa questão de ser ‘pra’ (sic) gente, ‘pra’ (sic) uso, ‘pra’ (sic) todo tipo de gente, ‘pra’ (sic) religioso, para não religioso. Então eu acho que nesse sentido é um projeto muito interessante.

(IEPHA-MG)

Pois é, e a igreja ficou inacabada, a gente pediu o tombamento, ela foi tombada, a gente fez observações sobre o que deveria ser tombado, o que não deveria,

algumas coisas foram acatadas, outras não, como esse caso que eu te contei da paliçada de madeira. E ela ficou inacabada e a gente sempre tentando acabar, fazer os afrescos do Edmar, os mosaicos que ficaram faltando, o altar que nunca foi feito. Ah! E um parêntese - e aí eu comecei a contar que os franciscanos vão embora, entra um padre secular que odeia a igreja e ele começa a destruir, quebrar as celas, ligar uma cela na outra para fazer um quarto grande, e foi um momento muito triste porque a igreja viveu, assim... uma pessoa que não gosta do espaço que usa, quer dizer, não dá, não há espaço que aguente isso. Ele saiu, entrou outro padre legal que infelizmente morreu, e agora tem o padre Márcio que é maravilhoso, ele adora, ele quer colocar tudo em ordem. Nesse meio do caminho, a gente conseguiu com o IEPHA, o Instituto do Patrimônio, o recurso 'pra' (sic) reformar a igreja, tanto do ponto de vista das infiltrações de telhado, o telhado tinha um ponto muito baixo... até para terminar as coisas que precisam ser terminadas. Então, ela tá (sic) sendo reformada, 'tá' (sic) sendo feita, e também tirar certos puxados que foram feitos pelo outro padre, a 'garaginha (sic)', isso, aquilo, e terminar, botar o sino no campanário, botar a 'imagenzinha' (sic) do Espírito Santo no telhado, tudo isso 'tá' (sic) sendo feito... o IEPHA entrou com recurso, licitou as obras, está fazendo... o padre nos consulta sempre, a gente vai de vez em quando lá, a gente que eu digo, eu e o André Vainer. E também o padre tinha uma necessidade que é de agora, não é do tempo que a igreja foi feita, mas que é com a casa paroquial. Ele precisava de um espaço e a gente falou - "como é que a gente vai encarar isso". Tudo estava cercado, o campinho já não existia, o campinho de futebol, e a gente resolveu construir ali um bloco, uma caixa, uma caixa de fósforos, um retângulo, uma coisa muito discreta, com um terraço em cima, que repõe de certa maneira, o piso do Campinho. É um terraço de festas, livre e uma construção muito discreta, assim como uma casamata, fechada. E a gente imaginou mesmo, uma coisa que fosse para ser discreta, ser diminuída, mesmo que tenha um volume grande, que pese naquela relação. E fizemos o projeto, recebemos algumas críticas, a gente sabe, assim ao longe, em Uberlândia, alguns arquitetos, isso e aquilo, mas submetemos ao patrimônio histórico, ao IEPHA, discutimos com eles e eles aprovaram, porque é necessário, a igreja não pode virar bibelô de patrimônio histórico, ela não pode ser - "ah, que belo exemplo", e nunca mais vai ser usado, então deixa de ser igreja. E ela, antes de tudo, ela é uma igreja, ela é da comunidade, o padre que comanda aquela comunidade, e tem que ser respeitada e tem que funcionar, o patrimônio histórico para a gente tem que funcionar. Se não funciona, ou ele vai ser uma relíquia muito importante, vai ficar dentro de uma redoma, mas aí alguém tem que cuidar, tem que pagar, tem que manter e não é isso que acontece nesse caso a igreja não é isso. Ou ela tem que ir se adequando às necessidades atuais, contemporâneas, a um mundo que vai mudando, a vida que muda, por isso que a gente fez aquilo e o padre está satisfeito, têm salas, ele atende ali as pessoas, grupos, tem sala de atendimento psicológico, enfim, tem o trabalho que eles fazem lá e a gente respeita esse trabalho, e hoje ele está equipado com essa sala paroquial, que funciona lá embaixo, e não de uma forma precária que estava funcionando nas celinhas, ali dentro, na habitação. Isso que eu faço não é uma defesa do projeto da gente, mas é um esclarecimento, porque o projeto a gente defende sempre que for preciso, é um esclarecimento e a gente assume aquilo como um momento novo daquele conjunto, que está incorporado ao conjunto com outros materiais, a gente evitou usar o tijolinho e tal, para dizer "isso aqui foi feito, sei lá, 2010-11".

(Arte Sacra)

É, isso é uma questão muito delicada, o IEPHA não reconhece, quer dizer, ele tombou coisas que não eram para ter tombado. O piso da igreja não era aquele, aquele reboco que foi feito, nós arquitetos achamos que não tinha que tirar, porque ia dar um trabalho louco descascar como ela era originalmente, imagina descascar aquele reboco, ia ser todo complicado, ele é feio e tal, mas a gente falou, “bom, vamos assumir isso e deixa”. Então muita coisa a gente teve que... sinal dos tempos, os edifícios também têm vidas e têm momentos de vidas diferentes dos outros, evoluem, involuem. E os afrescos são complementos, a gente sabe que, desde o princípio, a Lina tinha aquela ideia de fazer os afrescos, fazer o altar do Edmar e tudo mais. O padre Márcio diz que o IEPHA resiste e reluta um pouco, o Edmar fez um projeto maravilhoso ‘pro’ (sic) altar, o São João do Batismo. E nós vamos encaminhar pro IEPHA agora, ‘tô’ (sic) com o projeto dele, vamos fazer uma carta justificando tudo isso e vamos ver como o IEPHA vai reagir. Mas nós vamos defender mesmo, que seja feito, porque aquilo antes de tudo é uma igreja, tem vida atual, vai ter vida no futuro e não ‘tá’ (sic) sendo maculada, então... mas aí, é a nossa palavra, de como ‘coautor’ (sic) do projeto, minha e do André, inclusive acho que o bispo está fazendo uma carta ‘pra’ (sic) gente, encaminhando o projeto formalmente, ‘pra’ (sic) gente fazer a justificativa e apresentar no IEPHA. Vai ser mais uma, talvez, luta de argumentos, embate de argumentos ‘pra’ (sic) ver se sim ou não, e vamos ver o que vai acontecer. Mas a gente defende isso firmemente, que tem que ser acabado, você não pode tomar uma obra pela metade e dizer, “agora ficou assim”. A gente assume, a gente escreve, a gente assina, a gente é testemunho desse trabalho.

(as celas da casa)

A gente já fez esse projeto, o IEPHA já aprovou. Ele precisa de espaço, então a gente deixa duas celas como eram, pequenininhas, que podem ou não ser usadas, de repente pode ter uma pessoa que quer ficar lá, hospedada, vai ter a cama, o padre pode usar como quarto de hóspedes. Mas elas ficam do projeto original e a outra vai ser incorporada no espaço, ‘pra’ (sic) acrescer um espaço, de um, não sei se de um quarto ou da copinha, não sei.

(existência de um projeto da Lina para o anexo)

Eu não tenho esse registro, sinceramente não tenho.

(reabertura da ventilação superior)

Eu não sei te responder isso agora, eu não sei, porque o projeto está todo feito, todo especificado... eu acho que sim né, para sair o ar quente... eu acho que está especificado para reabrir e botar uma tela para não entrar passarinho.

(jardineira na platibanda)

Eu acho um absurdo aquela jardineira não funcionar. Inclusive, as fotos que tem, que eu fiz, eu enchi de mato ali para poder fotografar, porque ela é tão parte do projeto que é um absurdo, não tem porque não botar terra ali, vai nascer qualquer coisa, qualquer matinho que nasça já é legal.

(galpão comunitário)

Ele era totalmente aberto. Ele vai ficar fechado como é, trocando algumas madeiras, eu acho que é de eucalipto agora. Eles usam ‘pra’ (sic) aulas, ‘pra’ (sic) cursos,

essas coisas, acho que tudo bem, não é feio, como eu disse, não é feio, é bacana, mas ele era aberto, e a gente pediu para tirar e tal, e o IEPHA assumiu a responsabilidade pela preservação daquilo. A gente fez uma carta... esse foi um dos pontos que eles não quiseram mexer e fizeram questão de manter como 'tava' (sic), então...

(grades)

As grades nós desenhamos outro tipo, com outro circuito também... um alambrado, de, eu acho que é o aço metal, alguma coisa assim, metal grade, mais discreto, porque também é uma necessidade da igreja, o padre precisa, infelizmente. Vai ter uma rampa nova, você viu que da calçada sai uma rampa para cadeirante, para acessibilidade... Todos os espaços vão ser acessíveis por cadeira de rodas e tal.

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O MESTRE DE OBRAS

Sr. Alfredo Menegato

Uberlândia, 25 de janeiro de 2014.

Eu tive contato com a obra desde o início, eu construí a casa deles aqui na Avenida dos Andrada, ali, na Raulina Cota Pacheco. Dali até antes de acabar ali, já foi para lá. Então eu fiquei [...] desde o começo da obra... tinha um barracão de madeira, que naquele desenho ali aparece, e celebrava missa naquele barracão de madeira, tábua de lado, depois arrumou e já passou para dentro da igreja e foi indo. Mas eu sempre lá, e o frei Fúlvio... só apareço num lugarzinho lá, um pouquinho só. Aí fez aquilo lá, mas eu não sei... o sistema 'gotera' (sic), logo que eu fiz, aí nós, aí 'arrumou' (sic) um pedreiro tirou 'a telha tudo' (sic), tornou a colocar novamente um outro pedreiro, porque o pedreiro que veio não 'tava' (sic) bom. Mas não sei se acabou a goteira, porque andou quebrando uns paus lá, o pau era aroeira muito antiga, acho que ela trinc/caiu uma parte, e depois arrumou. Trouxe de Monte Alegre essa madeira, um pouco de Monte Alegre e um pouco daqui. O homem com o machado, ele lapidava, ficava só o 'cerno' (sic) da madeira de aroeira, então colocou... o carpinteiro ficou aí, até já morreu o coitado também.

(contato com a Lina)

Teve umas vezes, mas não grande coisa, porque quando ela chegava...

[interrupção]

É, umas vezes que ela 'teve' (sic) lá, mas a gente nem, nem conversou direito, eu acho que eu nunca nem conversei com ela, parece... não sei, ela ficava lá, ela, o Edmar, o Frei Fúlvio, ela ia pouco lá também, né.

(a comunidade)

Participou, fazia, às vezes, mutirão nos domingos, a gente ia para fazer aquele muro de arrimo né, andou fazendo algum mutirão no domingo, aí o concreto vinha pronto para aterrar aquilo lá... a comunidade ajudou muito ali, muito, muito.

[...] Fiquei, até terminar. Agora aquela parte do fundo, tem uma caixa d'água, que eu fiz aquela caixa d'água, parece que ouvi falar que iam desmanchar aquela caixa d'água, não sei por qual motivo, uma caixa d'água tão boa igual aquela, até no encher, ela abriu um pouco assim, ficou mais bonita do que... e boa. Não sei se vai desmanchar ou não, não sei...

'Sentado tudo tijolo' (sic) no, no barro, eu não podia 'sentar' (sic) no cal e areia no reboco, ficava uma coisa melhor, mas não sei por qual o motivo, eu 'sentei' (sic) no barro. Aí... passado uns 'tempo' (sic), aí eu fui querer arrumar lá, 'pegou' (sic) então uma colher, raspava na junta, do lado de fora, raspava, tirava o barro, depois punha cal e areia e cimento, 'pra' (sic) rejuntar o tijolo. Então aí passa um saco, passa um saco de linha, você vê que ela 'tá' (sic) toda rejuntada em volta, porque eles não 'quer' (sic) que reboca por fo/ por dentro, por fora, só por dentro parece que rebocou, eu não sei, não era para rebocar, mas rebocaram.

(obras do espaço comunitário)

Não, eu acho que eu não estava, é parte mais do fundo, não estava não. Tem a parte lá do fundo da cozinha, tem uma claraboiazinha, não tem assim, ali é cozinha... nós 'fez' (sic) até ali, ali para fora. Aquela parte para baixo nós não

‘mexeu’ (sic) não, a escada da entrada ali, foi o carpinteiro e foi mutirão que nós ‘fez’ (sic), colocou lá, mas essa parte aí não.

Frei Fúlvio, que... ‘tava’ (sic) sempre na frente, ele era uma pessoa dinâmica, ele constrói, ele, ele, como diz, ele põe para agir mesmo, tem pessoa que já fica meio parado, ele gosta de construir, construiu um mosteiro lá, você vê, aquele serviço era um mundo de serviço, é, 1600 metros de construção, tudo ele ‘rancou’ (sic) do começo ao fim, ‘trem’ (sic) funcionou, ele é danado.

(Frei Egydio)

Frei Egydio? ‘Teve’ (sic) lá... sabe, mas já ia pouco lá, sempre meio doente também. É... Mais era o frei Fúlvio.

(recursos financeiros para as obras)

Ah não, nunca vi falar... que faltou verba não. [...] Não, nunca faltou verba, funcionava beleza, muita gente trabalhando, nada de verba, verba era em cima. [...] Tinha capital...

(arquitetos que trabalhavam com a Lina Bo Bardi)

É, como é que ele chama?

N: O Marcelo.

Não tive contato com ele não.

N: E o outro, André?

Também não... não tive contato com esses dois não. É de lá de São Paulo não é?

N: E com Edmar?

O Edmar nós ‘conversava’ (sic) muito, ‘tava’ (sic) sempre junto lá, ele é daqui né, o Edmar. Ele é ajeitado até. ‘Tava’ (sic) sempre lá, quando a Lina chegava também ele ia lá.

(contato posterior com a comunidade)

Não, praticamente já faz muito tempo, eu num, aí acabou, você vai desligando, aí tinha outros serviços ‘pra’ (sic) outro lado, aí você não vai lá e vai ficando... aí muito raaaro, muito difícil eu ir lá.

(notícias sobre a igreja)

Não, pouca notícia, poucas novidades.

(participação nas reformas)

Não, só aquele lá... ‘fez’ (sic) assoalho, arrumamos ‘caibro’ (sic), fez o assoalho, fez os cômodos, não sei se é funcional, mas fez e deixou lá.

(alterações no projeto durante execução das obras)

Parece que não, parece que não... Ahh Lina Bardi... nooossa... eles tinham uma confiança nela, nossa senhora.

(outros operários)

Tem no Jaraguá tem um que está vivo ainda, tem outro, tem uns ‘par’ (sic) deles ainda. [...] tem um só, o outro eu esqueci o nome do homem, do pedreiro, ajudava

muito até, no domingo, assim, no concreto, como é que ele chama... Esqueci o nome dele. Um chama Nivaldo, mas o outro eu não sei.

(senhor Vicente)

Ah o Vicente, Vicente é o carpinteiro. É, ele que fez aquelas escadas, o muro de arrimo, muro de arrimo! A igreja foi outro carpinteiro, não foi o Vicente. O Vicente muito trabalhador, serviço bom, beleza Vicente. 'Tá' (sic) bem velho, já faz muitos anos que eu não vejo 'ele'(sic), anos e anos...

*(*dificuldades *na execução)*

Não, eu acho que não teve não, teve não...

(participação da comunidade nos mutirões)

Eles ajudavam, com concreto, no serviço pesado e grosseiro, então... arrumava gente.

[...] Ficou assim uma coisa, é não sei, se é funcional ou não... depois que arrumou o telhado, eu não sei se eu, acho que eu não 'tive' (sic) lá, não me lembro.

[...] gastou muito tijolinho, tudo tijolo comum, muito, muito. O Ochoa também, não, Ochoa não foi lá não, lá foi o Márcio engenheiro, 'teve' (sic) lá ajudou um pouco também lá.

(campanário)

Aquela é uma torre, lá em cima fez uma espécie de uma jardineira, lá planta o 'trem' (sic), planta, aquele 'trem' (sic) atrapalhado.

[...]

É. Eu uma hora ainda vou lá ainda, faz muitos anos que eu não vou, nossa.

APÊNDICE E – ENTREVISTAS COM REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Sr. Alysson de Carvalho

Uberlândia, 24 de janeiro de 2014.

Eu me mudei aqui 'pro' (sic) bairro em 1975, construí a casa lá em cima, mudei para cá... como eu morava lá na rua, antiga padre Feijó, hoje José Ambrósio, eu frequentava a igreja do bairro, Nossa Senhora de Fátima, lá do bairro Martins. Então quando eu vim para cá, eu continuava indo a missa, frequentando a igreja lá. E... aí, acontece que eu vim a saber que aqui estava tendo então já um movimento, estavam já iniciando a construção ali. Haviam então, construído um pequeno galpão de madeira lá, antes era ali perto do quartel, depois mudou 'pra' (sic) cá... e eu comecei a ir aqui onde hoje ainda é a igreja. Aí então, comecei a participar aí, e era apenas ainda uma construção de madeira, de tábuas. Mas a gente começou a participar. E era o frei Fúlvio, na realidade o nome dele é Francisco, Francisco Sabia, mais eles têm essa de ficar trocando de nome, igual o Francisco Papa... mas tudo bem. E... aí, frequentando aí, tal, tinha conhecimento com ele também já, desde lá da igreja de Fátima, a gente conversava e tal, ele me falou sobre esse projeto que estava sendo construído aqui, o projeto era dessa Lina Bo Bardi, e... que ele estava tendo recursos, vindos da Europa, e tomando todas as iniciativas aí, uma série de coisas, vivia envolvido com isso aí. Isso aí foi na realidade, um trabalho dele, um trabalho, um grande trabalho, foi iniciativa dele, ele que tomou os primeiros trabalhos, foram, ele, foram executados, recebiam orientação, supervisão dele... né, até terminar e depois continuar fazendo. Quer dizer hoje houve transformações, houve alguma mudança, alguma atualização, construíram aí um centro pastoral, na parte de baixo ali, construíram recentemente, o Fúlvio já sumiu daqui a muitos anos... ouvi dizer,que ele mora por aqui, já está aposentado, velhinho, e ouvi dizer que ele mora por aqui, mas nunca mais eu vi 'ele' (sic).

N: Ele está na Europa agora.

Ah, está na Europa, hum... pois é, faz muitos anos que eu não vejo 'ele' (sic)... tive notícia dele aqui, faz aí, sei lá, um ano ou dois, mas não cheguei a, não cheguei a vê-lo não.

(mudanças dos padres)

É, houve mudanças, eu não me lembro de todos mais, houve mudanças... e a gente sempre frequentou aí a paróquia, houve algumas... criaram alguns movimentos né, por recreação, mesmo em 1981, houve criação do movimento Vicentino, houve criação de uma conferência da sociedade São Vicente de Paula, que é assim, independente, não faz parte, não têm suas, nem mesmo faz suas reuniões lá no prédio da igreja, porque trabalham particularmente, vamos dizer, particularmente não, vamos dizer assim, independentemente.

Tem movimento "Renovar conjugal", foi criado aí por uns padres aí a uns anos atrás, do qual eu participei também e outras coisas. É... houve na época ainda quando o Fúlvio estava aí ainda, houve formação de preparativ/preparação para casamento, como é que chama, é... e eu fui chamado com a minha esposa para participar, é... eu e minha esposa e outros casais aí, e nós trabalhamos nisso aí muito. Depois eu fiquei só com, só no movimento Vicentino, e atualmente até por sinal, o padre Marcio aí, é o que até hoje que mais nos ajudou, mais nos apoiou, nisso aí. E tem sido muito bom.

Inclusive eu estava agora começando a fazer um relatório ali do trabalho desenvolvido desde dezembro, porque ele faz todo mês uma campanha, faz a arrecadação de alimentos, o pessoal da comunidade traz muitas coisas, ele nos repassa grande parte, não é o total, mas que também ele faz esse trabalho lá também, então nós até temos, eu tenho que ver a quantidade de cestas básicas que foram feitas e tal, assim com apoio dele. Se ele, ele 'tá' (sic) para sair daí, mas ele sair vai dar uma queda, porque o movimento é pequeno, nós somos apenas doze participantes, doze numa comunidade desse tamanho, mas... tudo bem, as conferências são pequenas mesmo, sabe, são pequenos grupos, se começar a aumentar, passar 'pra' (sic) 20, 30, aí tem que subdividir, tem que ser feito assim. Mas não houve mudanças, é... até porque não pode haver mudanças. Quando foi tombado pelo patrimônio cultural, histórico, coisa e tal, é, então não há mudanças a não ser que sejam estudadas e autorizadas e tal. Os padres que aí estiveram sempre foram muito é, sempre obedeceram muito, criteriosos nisso aí, eles não fazem nada diferente, eles não fazem nenhuma...

(o espaço comunitário)

Aquilo ali faz parte, aquilo ali foi parte do projeto, aquilo ali existe desde o começo. Ah, foi muito utilizado sim, ainda é, ainda é, volta e meia tem alguma reunião, alguma coisa que é feita lá, ainda é muito utilizado. Você fala aquele redondo menor não é, na parte de baixo, no degrau. Sim, ali foi muito utilizado sim, é muito utilizado. [...] sempre, sempre alguma coisa relacionada com o movimento paroquial, o movimento da igreja, certo, assim, 'alguma coisa' (sic) participar, como por exemplo, uma coisa assim como a..., por exemplo, reunião do movimento assim de benfeitores do bairro, como é que é, como é que fala, também temos um nome e eu esqueço.

N: associação de moradores?

A associação, é isso, a associação de moradores do bairro, exato, essa associação, nunca soube de que alguma coisa tivesse sido feita aí não. As reuniões relacionadas com movimento de casais ou de juventude, é... coisa assim, sempre são feitas lá, certo, tem outras reuniões, que são feitas até nas casas também dos participantes né, outro tipo de coisa, quase sempre é feito aí, reuniões das pastorais, tem a pastoral da saúde, pastoral que é da criança tal, tudo feito aí, sempre feito aí.

(centro pastoral)

Ah, aquilo lá embaixo, o centro pastoral, aquilo lá era uma necessidade, havia realmente uma grande necessidade daquilo, porque o prédio cá em cima tornou-se insuficiente... né, a pequena dependência que há ali para essa finalidade, é... se tornou insuficiente, o movimento cresceu, a população cresceu, sempre há mais coisas, então foi muito bom a criação daquilo lá, certo? Podem inclusive desenvolver alguma coisa mais, é... assim, mais útil para a comunidade, e que aí tem mais espaço lá embaixo. Pena que não possa ser construído em cima, porque aí é... tira o visual, parece aí a questão da preservação do local, é... do patrimônio. Então, aí tudo bem, isso aí não impede que se use aquela parte de cima assim, provisoriamente com uma cobertura, faz uma barraquinha, qualquer coisa lá e tal e então 'tá' (sic) num tamanho bom.

(projeto de restauro)

Não, eu não observei o que está sendo feito, não cheguei a ver, sabe? É... têm algumas coisas, que a gente acha que poderiam ser melhoradas, sem tirar... essa questão da originalidade, às vezes tem de se ver também, até que ponto que isso aí é conveniente. O piso, por exemplo, o piso não sei se mexeram, acho que não mexeram no piso. O piso era para ser liso e plano, mas é feito com pedra, de uma maneira grosseira, não pode ser alterado aquilo, por quê? Se alterar ninguém vai falar que aquilo: "Oh, descaracterizaram, é tão diferente", 'tá' (sic) nada, aquilo é uma coisa que simplesmente é um acabamento, é como se não tivesse feito um acabamento, e aí faz, o prédio continua o mesmo, as dimensões continuam as mesmas, a estrutura é a mesma. O conforto das pessoas é que melhora... né. Experimenta ajoelhar lá... no chão, sempre acontece de alguém ter que se ajoelhar no chão, é um costume, usa-se... fazer dessa maneira... é... então, mas ajoelhar lá é algo impraticável, é difícil, você não aguenta ficar mais do que meio minuto, e tem que levantar... é terrível. Quer dizer, são certas coisas que eu acho assim... que as vezes poderiam ser mais maleáveis, mais flexíveis, nesse aí, flexíveis, e... porque não altera a característica, assim, de maneira a prejudicar... o patrimônio histórico ou cultural, não. Não chega a isso não. Eu acho que, com certeza, muitas estruturas assim tombadas e antigas de 500, 1.000 anos pela Europa afora já passaram por muitas transformações, né, e que... transformações, que se eles forem verificar lá, eles costumam observar que houve até a mudança de várias cores em alguns quadros, algumas coisas né, houve, houve, os estudos mostram que houve modificações, para atender conveniências do momento. É bom que continue, é bom, é claro, é muito necessário que haja mesmo preservação de coisas mais antigas, mas têm algumas que não chegam a prejudicar, elas são, estariam até muitas vezes, preservando mais. Porque há casos, por exemplo, de alguns casarões antigos, que caem, caem por quê? Porque não puderam mexer, não puderam fazer uma estrutura melhor ali. "Ah, não pode." Não pode e deixa de fazer, aí cai pronto, acabou de acabar, não tem jeito de preservar mais. Lá na Bahia está acontecendo isso todo dia, volta e meia a gente tá sabendo de Salvador, desabou um, um casarão antigo, claro, não pode mexer, se for tombado não pode mexer.

(participação nos mutirões)

Eu não participei, assim, não participei assim, inclusive, tem tanto tempo, que às vezes até fiz alguma coisa lá, mas eu nem me lembro, sabe, eu lembro que teve dia que fui para lá, lavar alguma coisa, sei lá, fizemos algumas coisas lá, é, até em reforma também, que houve limpeza só, e recolocação nos lugares como está, houve assim, mas não me recordo muita coisa que eu fiz não, tem muitos, muitos vizinhos, muitos antigos companheiros aí, que ajudaram mais do que eu, sabe.

[...] Isso foi, muitas pessoas trabalharam muito, fizeram muitas coisas, eu tenho conhecidos aí, por exemplo, que, fizeram, pedreiros né, que fizeram trabalho de pedreiro ali, ficaram muito tempo trabalhando lá nas suas folgas, em finais de semana, ou no final do dia, iam 'pra' (sic) lá, e faziam, gratuitamente, espontaneamente, sem nenhuma remuneração. Fizeram por pura... e voluntariamente mesmo, sabendo que eram, e não foram enganados, sabiam que estavam apenas colaborando.

(contato com essas pessoas)

Não tenho, muitos desapareceram... é, mudanças, muitas mudanças, muitos mudaram de igreja, de religião sabe, houve isso né, uns mudaram do bairro, uns morreram, ((incompreensível)) deve ter morrido também, nem sei, nem lembro, tem muitas pessoas que eu nem vi, que participavam, eu na época eu estava trabalhando também, eu trabalhava, eu tinha meus compromissos também, eu tinha meus horários, eu então não aparecia muito.

[...] Olha, tem um, o problema é que eu não sei onde achar ele, houve um, que foi o mestre de obras, é o Alfredo, o Alfredão, você conhece esse Alfredo, você vai encontrar com ele? Pois é, esse Alfredo, ele terá muito conhecimento, bem provavelmente, terá muito conhecimento de coisas, e até pode ter fotografias, porque ele estava constantemente em contato com o Fúlvio, e 'tava' (sic) trabalhando aí direto. Ele trabalhou aí mesmo [...]. Aí no caso aqui dessa construção, desse prédio, desse templo aí, o seu Alfredo é que estava constantemente aí, não sei onde ele mora.

[...] Pois é, eu estive aqui desde os primórdios, vamos dizer assim da coisa, vi muito, mas não documentei nada, nesse ponto eu sou meio negativo, eu deveria documentar mais, eu tenho colegas que são meticulosos, uma coisa mesmo do meu trabalho, quando eu percebi que eu poderia ter guardado uma cópia de todas as ocorrências que eu fiz durante 'todo' (sic) os meus anos de trabalho, eu depois verifiquei que não. Nos últimos, que, no último ano, é que eu guardei 121 cópias de 121 ocorrências, 'tá' (sic). Quer dizer, isso foi em apenas um ano, em 27 anos teria sido um volume bem grande, eu teria muita história para contar, mais 'tá' (sic) bom.

D. Ana Alice Maria Pinto

Uberlândia, 20 de abril de 2014.

Quando eu vim 'pra' (sic) cá, o terreno era de outra pessoa, né, aí... a prefeitura, não sei, não lembro quem adquiriu né, pra/ e... e doou 'pra' (sic) Igreja, então assim, a gente ficou muito feliz porque nós 'assistimo' (sic) a primeira missa, né, 'colocamo' (sic) o primeiro cruzeiro ali, foi uma coisa assim... muito... muito boa 'pra' (sic) comunidade, a comunidade se uniu, mas se uniu mesmo, 'pra' (sic) poder ajudar... na... na, na construção, na medida do possível, sabe.... então assim, é, é, é... no início... não era lá, a gente tinha um barracão a parte, de tábua, que as celebrações 'era' (sic) ali, mas ali tinha catequese, tinha... de tudo naquele barracão, sabe, segundo terreno de cá, sem ser a creche, e aquilo ali, assim, era um lugar que a gente reunia mesmo, sabe, quando a gente foi 'pra, pra' (sic) dentro da Igreja, então... a felicidade foi, foi maior, então assim, nesse tempo que eu 'tô' (sic) aqui, lembro da, da, da, das 'freira' (sic)... todo mundo que passou aqui, eu já 'tava' (sic) aqui, sabe, Padre Marcos, Padre Mauro, Frei Fúlvio... depois Frei Egydio teve algumas vezes também aqui na, na... porque assim, ele já 'tava' (sic) mais idoso, e logo depois ele foi embora, mas ele chegou a 'vim' (sic) aqui na nossa paróquia também... a Lina... então assim, os meninos, que eram do grupo de jovens daquela hor... época, igual eu te falei do Luiz, é... eles sabem muito mais coisas, sabe, é muito interessante... porque, é, assim, grupo de jovem, né, grupo de casais, assim, é muito forte dentro da, da, da, da nossa paróquia, hoje em dia eu acho que a nossa paróquia tem um, um destaque, não... assim, pode ser assim um destaque grande pela arquiteta né, e, mas também assim, a, a comunidade é muito unida, sabe...

agora nós ‘tamo’ (sic) tendo a Festa do Divino Espírito Santo, começa agora em maio, pode vir todo final de maio que o pessoal tá ali, mesmo que ‘cê’ (sic) num conhecer por nome, ‘cê’ (sic) sabe que aquela pessoa é da sua comunidade, então isso ‘pra’ (sic) gente é... é muito gratificante, sabe, ‘pra’ (sic) mim que ‘tô’ (sic) aqui ‘pertim’ (sic) então, melhor ainda...

(mutirões durante a construção da igreja)

A comunidade, assim, a gente tinha... sempre assim, aqueles... ‘fazer’ (sic) o café né, tinha aquelas ‘dona de casa’ (sic), cada um levava uma coisa né, porque assim... era assim, muito sistema de mutirão, até hoje né, depois, antes de vir esse projeto aí, ter dado certo né, ‘pra’ (sic) terminar a construção, é... sempre tem alguma coisa que... que a comunidade ajuda, quando vai fazer alguma coisa, igual nós ‘temo’ (sic) aquelas salas lá de baixo, foi com o dinheiro da Festa que, que foi feito, sabe, então assim, muita coisa mesmo até hoje é no sistema de mutirão, faz uma rifa, e todo mundo ajuda, sabe, faz uma almoço, faz/ sempre alguma coisa, então desde a época da construção sempre teve o sistema de mutirão ‘pra’ (sic) fazer alguma coisa de benefício ‘pra’ (sic) Igreja...

(diálogo da Lina com a comunidade)

ah, nos ‘diálogo’ (sic) dela com a comunidade, eu deixo ‘procê’ (sic) falar com o |Luiz, porque o Luiz ‘tava, tava’ (sic) mais perto na época, igual eu te falei, eu tinha criança pequena demais na época, então ‘pra’ (sic) nós era mais, mais difícil, então assim, num sei, alguma garrafa de café, uma coisa assim, então era mais fácil dos meninos né, os meninos jovens na época, que ‘ajudou’ (sic) demais ali na construção... tem... eu não sei se ‘tão’ (sic) todas lá com o Luiz, mas tem foto, tem muita gente que tem foto, de, de, de... se você conseguisse, |ia ser... [...] É, mas essa que tem lá com o Luiz é muito boa, tempo desse eu vi com uma senhora aqui no Planalto... também os ‘filho dela tudo pequeno’ (sic), hoje em dia ‘tudo pai’ (sic) já de moça, na época, sabe, mas só que ela mudou ‘pá’ (sic) roça, ela tá morando fora agora, mais longe daqui... então assim, mas o Luiz pode te dar informação, sobre quem ‘tava’ (sic) mais... dos jovens né, porque jovem tem a cabeça melhor né, e aí vai te explicar direitinho... é, quem ‘tava’ (sic) lá, nome... e eles que tiveram mesmo com a Lina lá, as vezes a gente ‘tava’ (sic), assim, mas a gente não dava assim aquela importância, né, as vezes ela ‘tava’ (sic) lá e a gente num, não tinha aquela... também a gente ficava assim, mas é... né porque... nossa, arquiteta e tal e coisa, né, tem isso também, a gente com a comunidade, mas ela era uma pessoa assim muito, muito aberta a ficar no meio do povo, né, muito, assim, conversava com todo mundo, sabe, gente... pessoal tem lembrança boa dela, mesmo os mais... os que na época eram mais jovens né, mas muita gente pode te passar isso direitinho...

(mudanças dos párocos)

Foram boas, foram muito boas, sabe... assim, porque assim, a gente gosta, a gente num quer ficar sem padre na paróquia... mas frei Fúlvio tinha o jeito dele, padre Marcos já chegou assim bem mais jovem... né, assim, reuniu muito, assim, o pessoal do exército né, num sei se eu te falei da outra vez, pessoal do exército, chamou o pessoal do exército ‘pra’ (sic) dentro da, da, da Igreja, pessoal do exército começou a participar bem mesmo, sabe... depois foi o Padre Marcos também, pediu o exército, pessoal do exército, que assim, a gente fala família do exército né, porque, me parece que eles, eles participavam em outro lugar, aí então as crianças deles já vieram ‘pra’ (sic) catequese, sabe... na época as minhas, minha mais velha já

ajudava na catequese, participando do grupo de jovem, sabe, e depois foi o frei... padre... padre Rui... né, padre Rui com padre Marcelo, aí a comunidade já ‘tava’ (sic) aquela maravilha, cada um que chega, ele implanta alguma coisa e o outro chega e só acrescenta, muito bom.

(chegada do Padre Márcio)

Ah... o Padre Márcio é gente boa demais, muito gente boa, sabe, tem uma abertura muito grande com a comunidade, porque... tem gente que fala aah, que, com a morte do Padre Henrique, muita gente as vezes afastou um pouco, porque assim, foi um, um choque muito grande ‘pra’ (sic) comunidade em geral né, mas o padre Márcio ele é assim caladão, mas do jeito dele, ele consegue ter uma abertura que a gente tem mesmo... com o Padre Márcio, sabe... se a gente num ouve aquele não do padre Márcio, ele pega e fala pode fazer, ‘cê tando’ (sic) lá ‘pra’ (sic) acrescentar, sabe, então ele quer saber direitinho, como é que é, igual eu que faço parte da Renovação Carismática, tudo que... quando eu ‘tava’ (sic) na coordenação do grupo de oração, tudo que pedia, “padre Márcio, pode ter uma missa assim e assim e assim”, daí ele falou... “pode fazer, que dia que pode ser, quarta feira tal, no último mês, ‘tá bão’ (sic)?, no último dia do... última quarta do mês”, então assim, o Padre Márcio é... de uma abertura muito boa... muito boa mesmo...

(engajamento do Padre Márcio com o restauro)

Nossa, bom demais, sabe, ele fala assim, “isso aqui custou tanto... ‘cês’ (sic) pagaram, ‘cês’ (sic) nem viram, ‘cês tá vendo’ (sic)...”. Ele fala assim que, que nossa comunidade, é uma comunidade muito ativa, tudo que fala, assim, “‘vamo’ (sic) fazer?”, a comunidade vai em peso, sabe, pode ser um jantar, pode ser um... um café de dia das mães, pode ser... igual eu ‘tô’ (sic) te falando, a Festa do Divino Espírito Santo, pode vir todo final de semana agora de maio, pessoal ‘tá’ (sic) lá, sabe, é uma, assim, uma equipe assim, todo mundo trabalhando assim, é, é, é, é, feliz sabe, assim, é um lugar assim, parece que as ‘família encontra’ (sic), então acaba a missa, o pessoal desce todo mundo lá ‘pra’ (sic) baixo, nossa, nossa banca é a do pastel, tem a do, do Grupo de Oração, da Pastoral da Saúde, da Pastoral da Criança, então assim, várias Pastorais, cada uma tem uma função, e é muito bom, uma hora que ‘cê’ (sic) tiver aí... [...] Ai, e é muito bom, sabe... Nosso pastel é famoso, eu falo nosso pastel, mas eu trabalho mais é na retaguarda, eu falo porque eu sou muito tímida, então eu ajudo lá, e depois, na hora de servir lá, é os ‘menino’ (sic)... sabe, mas é muito bom, sabe, desde a preparação de tudo, a gente é muito engajada, é uma comunidade muito unida graças a Deus, tanto essa como as outras novas que surgiram, sabe, Nossa Senhora da Abadia ‘tá’ (sic) muito bonita, então assim padre Márcio levou à frente os planos do padre Henrique... muito bom, muito bom ‘pra’ (sic) nossa comunidade...

(construção do centro pastoral)

Ah, o centro pastoral é muito bom, sabe. Porque tem essas fraudas né que, que a Pastoral da Saúde é... implantou né, e junto com a Pastoral Familiar e o Renovar Conjugal... né, quer dizer, família em cima de família, né, então atende muitas pessoas, né, e, e agora tem o AA também, e o clube de mães, e, e as ‘catequese’ (sic) né, porque a catequese era um pouco dentro da Igreja, um pouco no salão paroquial, agora não, agora tem as salas. ‘Cê’ (sic) já foi lá? Muito arrumadinho, muito bom mesmo, sabe... então... é, é, é, é... eu acho que aquilo ali era uma coisa que ‘tava’ (sic) precisando, mas tem muuitos (sic) anos, muitos anos, sabe, porque

criança precisa de ter um, um, um certo cuidado né, porque lida com pessoal né, da comunidade, então a gente tem que ter um certo cuidado... então, sendo naquele local específico, ali tem água, ali tem banheiro, tem tudo ali ‘pras criança’ (sic), e assim, eu acho que é mais fácil ‘pras’ (sic) meninas que dão a aula, manter as crianças na vista delas, porque vai no banheiro tá ali, vai tomar a água tá ali, num tem aquele negócio de sair e ir lááá atrás, sabe, então foi muito bom o Centro Pastoral...

(satisfação da comunidade com o projeto construído)

O pessoal ‘tá’ (sic) muito satisfeito, muito satisfeito mesmo, assim, pelo menos as pessoas assim que a gente convive mais né, igual o grupo de oração... e assim, não tem jeito de falar que é só esse ou aquele, a gente, a gente conversa com todo mundo, igual eu ‘tô’ (sic) falando, a gente as vezes pode num saber o nome, mas ‘cê’ (sic) sabe que é da comunidade, igual, e aí a gente sempre ‘tá’ (sic) conversando, as vezes um, igual, teve que cortar aquelas árvores, aquelas árvores se não me engano quem plantou foi o frei Fúlvio, mas aí, é... porque eu sou mais antiga aqui, fala, “Ana Alice mas que que aconteceu, que que fizeram com as ‘árvore’ (sic)?”, né, se tira a imagem lá da Igreja, Ana Alice pergunta o Padre, cadê a imagem, eu falo, gente, chega no Padre e pergunta, ele sab... ele te explica né, aí então falei aquelas árvores ‘tavam’ (sic) podres, ‘cês pode’ (sic) olhar lá no que restou, né, e aquilo dá cupim, passa ‘pros’ (sic) móveis dentro, da, da, da paróquia, vai ser plantada, né, o paisagista vai vir já, tudo projetado né, aí então, é, é, é, é, eles acham que eu sei alguma coisa, eu falo não, num sei nada não, pergunta o Padre Márcio, agora ‘tão’ (sic) perguntando pela imagem do Espírito Santo que ficava lá em cima, eu falo, eu esqueço de perguntar o Padre Márcio, pergunta vocês... não, mas eles querem que a gen.../ mas é muito interessante. Mas tudo que tem na Igreja é ‘pro’ (sic)... ‘pro’ (sic) bem da comunidade, se bem que a gente num satisfaz todo mundo né, sempre alguém fala alguma coisa, mas é a vida, é assim mesmo e as pessoas infelizmente né... num ‘vê’ (sic) as vezes... até onde a gente pode ir, igual aí, é um projeto, tem que ir até certo lugar, ou sai do projeto, né, então tem que respeitar, mas assim, muita gente, “ah por que que num faz outra porta ali, por que num faz uma janela aqui”, aí num é aquilo que ‘tá’ (sic) lá no projeto, e tem que respeitar uma arquiteta como a Lina, né... mas assim num é todo mundo que entende não...

(arquitetura da igreja)

Ah, eu amo isso ali! Nossa!! ‘Pra’ (sic) mim é tudo de bom, bom mesmo sabe, vou nas outras Igrejas, assim, sabe, acho linda, maravilhosa, mas sabe quando ‘cê’ (sic) acha a casa do vizinho linda, mas ‘cê’ (sic) gosta é da sua, então, é isso, sabe... Muitas Igrejas lindas, mas a nossa, é, eu falo a nossa!.. igreja.

(esclarecimento do IEPHA-MG com relação ao tombamento)

Não/ que eu lembre... o padre deve ter falado e eu vi nos jornais, sabe. Então até na época teve um assunto assim, que não poderia ter uma... dois quarteirões/ num lembro qual padre, num sei se foi padre Henrique que falou... não poderia ter, ter dois quarteirões antes da Igreja, nada que fosse acima da Igreja... sabe, e assim eu não sei se isso ‘tá’ (sic) sendo bem respeitado... porque as vezes ‘é’ (sic) pessoas que não ‘participa’ (sic), não/ porque do tombamento, eu creio que todo mundo sabe, sabe... mas então, assim, é o que eu lembro na época/ que eu sou muito de observar, não sou muito de falar, eu sou mais de observar e a gente conversa aqui

dentro de casa... então assim, eu acho que, é, se num pode, tem que observar porque os prédios ‘tão’ (sic) assim, qualquer lugarzinho, qualquer terreno igual o meu, 12x30, levanta um prédio de três andares, sabe, então assim, não superou a torre ainda, mas se num cuidar dessa parte vai acontecer aqui no nosso bairro de repente um prédio aqui, um prédio ali, quando vê... se bem que a nossa Igreja tem um destaque né, ‘cê’ (sic) vem ali na avenida, ‘cê’ (sic) chega... né... porque tem gente que num sabe... fala ah, aquela Igreja redonda assim e assim e assim... né... então é, é, é, é pode acontecer de, de aparecer algum prédio... e tem que ter cuidado porque tem terreno vago aqui, grande, perto, no quarteirão mesmo meu aqui, tem dois terrenos que alguém pode comprar e levantar, então não sei se isso ainda procede, mas na época o padre que eu não lembro se foi o padre Henrique que falou, mas eu acho que foi o padre Henrique, que falou isso, então, não podia, ter nada, acima... da capela... [...] Pois é, mas eu não sei, porque assim, Uberlândia ‘tá’ (sic) assim, parecendo pipoca... sabe... então eu acho que/ assim se tivesse como alguém prestar atenção nisso, porque vai desaparecer... mas eu não sei não, sabe, não sei, eu ‘tô’ (sic) achando que pode aparecer prédio aqui, tem dois terrenos, aqui na frente que já dá o segundo quarteirão, com duas, três, construções, e já é o terreno, pode acontecer prédio ali, sabe, lá na esquina de lá já fez um sobrado, que ‘tá’ (sic) mais ou ‘meno’ (sic) como a Igreja mas, é perigoso isso/ porque quando começar aí, aí, até parar e... vai virar uma confusãozinha.

D. Ana Maria Sales dos Santos

Uberlândia, 25 de janeiro de 2014.

Mudei ‘pra’ (sic) cá em abril de 79, né, aí a igreja, não existia ela, era um... um comodozinho de tábua que a gente participava da missa, né... aí depois... e a comunida|, aliás a comunidade aqui participava de Fátima, que era, fazia parte da igreja Nossa Senhora de Fátima, aí depois... foi 79, aí ela já foi construída, foi... em 81 né, foi em 81, parece. Aí foi aquela, foi aquela expectativa do povo né, porque nunca tinha visto uma igreja desse, nesse estilo né, redonda e o povo, nossa era aquela preocupação! “O que está construindo aí?”, né... e eu morava na esquina, naquela casinha... aí eu falava, “não, é a igreja.” “Igreja? Mas que igreja diferente.” Eu falava, “não, diz que é uma das ‘segunda’ (sic) do Brasil... não sei, projeto da ‘Linda’ (sic), né.” Aí então... aí eu vi construir, ‘desdo’ (sic)... do alicerce, né, até o telhado. Aí veio, construiu, aí de repente cadê os bancos, né? Aí o cinema doou as cadeiras para nós... É, doou aquelas cadeiras de cinema para nós, até inclusive eu tenho uma amiga que ela... eu tenho o meu canto na igreja ali, eu não sento noutro lugar a não ser ali, eu só sento em outro lugar quando é missa especial, que aí ‘é’ (sic) os ministros né que ‘senta’ (sic), aí eles sentam no meu lugar, mas aí eu brinco com minha amiga, falo assim, que aquele canto ali é meu. Ela fala: “Não, seu não.” Falo: “É meu sim, porque eu fui a primeira a sentar nele né.” Brincando com ela. Então foi assim, eu integrei mesmo dentro da igreja, porque eu não era muito de igreja, porque os meninos eram pequenos, então a gente com criança, levava na igreja, chama a atenção da assembleia, do padre né. Aí depois eles ‘foi’ (sic) crescendo, aí eu ‘entrei para dentro’ (sic) da igreja de verdade, aí fui ajudar no altar, fui uma ministra assim, sem participar das celebração como ministra, mas eu limpei, lavei os aparamentos da igreja todinho durante onze anos, quase doze anos. Aí depois... aí o Frei Fúlvio foi embora né, aí foi uma tristeza para nós, perder ‘ele’ (sic). Aí depois que ele foi embora, aí veio o Padre Marcos. Aí ficou com ‘nós’ (sic)...

dois anos? Eu não lembro direito não. E era assim, tudo que precisava eu ‘tava’ (sic) ali para ajudar, a comunidade toda, a vida muito forçada sabe, mas assim, sem condição, mas com interesse de ajudar né, mas... e aí foi, graças a Deus foi levantando, foi caminhando, como se diz, uma construção dessa aí é como uma criança né, nasce, aí vai crescendo aos poucos, senta, vai engatinhando, vai caminhando devagarzinho, agora graças a Deus né, ‘tá’ (sic) no ponto que ‘tá’ (sic) né. Aí Padre Marcos foi embora, veio o Padre Rui e o Padre Marcelo, padre Marcelo ficou com ‘nós’ (sic) quatro anos e meio, aí depois foi pro exército né, aí o Padre Rui ficou sete anos.

(arrecadação de fundos para as obras)

Isto, eu fazia os eventos né, as ‘galinhada’ (sic) como sempre né. Nós fizemos uma galinhada ali naquele porão, você conhece ali? E foi lá dentro daquele porão. Você imagina, nós fizemos uma galinhada ali dentro, ‘pra’ (sic) 300 pessoas, nós cozinhamos, saímos de lá não sei quantos graus de caloria, nossa gente do céu, vai trabalhar. Mas era aquela alegria, aquele esforço de querer vencer, ver a igreja... é realizado tudo né. Aí qualquer evento que tinha lá, o Frei vinha me chamar, que aí eu ia fazer quitanda, fazer café, toda vida eu ajudo a igreja, graças a Deus.

(participação nos mutirões)

Meu marido nunca foi de igreja, não, só eu e os meus meninos mesmo né... William... Willian não está aqui não, ele chega hoje, ele está viajando, passeando. Então sempre a gente ‘tava’ (sic) lá ajudando, em tudo quanto era evento nós ‘tava’ (sic) lá, nas, nas comemoração da igreja da festa do Divino Espírito Santo né, nas festas, a gente ajudando, pedindo... ‘pra’ (sic) arrecadar dinheiro né, uns dava com boa vontade, outros falavam não, mas a gente sempre ouvia sempre um sim né, só mesmo aquelas pessoas que não eram de igreja, que às vezes não tinham o interesse... é isso.

(contato com a Lina)

Não.

Não eu não vi não, ela... aí logo ela adoeceu também né, ela faleceu né.

(descontentamento de padre Rui)

Não, ele era meio estressado... com a construção, com o jeito, o estilo, porque a igreja, igual eu te falo, agora arrumou de novo vamos ver né. Goteira demais, eu não sei se é por causa do modelo, dela ser redonda né, aí traz muito problema de goteira, tá lá celebrando e aquela, e o povo molhando né, mas aí já foi corrigido, agora vamos ver agora, dessa vez agora né, que eles a última etapa deles nela vamos ver, se não goteirou.

(obras de ampliação e restauro)

Eu ‘tô’ (sic) achando linda maravilhosa, porque a gente tem uma, o ser humano, ele é cheio de defeito no seguinte, ele põe muito defeito nas coisas antes de ver o resultado, né? Então tudo no mundo tem que ter o acabamento né, então o acabamento dela, pelo que a menina me falou, vai ficar lindo, né, vai ficar maravilhoso. O altar já está maravilhoso, o altar era o antigo né, e eu só fiquei contrariada, porque hoje eu penso, hoje o valor que eu dou, eu era estressada também com ela, igual eu te falei, chovia demais. Mas hoje a gente vê o valor assim, tanto que o povo admira ‘ela’ (sic), e gosta e acha bonito, que a gente também,

entrosou também. Só que eu achei ruim, foi as ‘parede’ (sic) né, podia ter deixado do jeito que ‘tava’ (sic) né, rústica né, que agora não tem como tirar né, porque se tirar agora vai estragar o tijolinho todinho. Mas o altar como que foi demolido né, então aí fez outro, aí ficou lindo né. A pia batismal também vai ser o mesmo estilo. Eu sei que essa igreja, ela é famosa, e todo mundo é apaixonado nessa igreja, eles ‘chega’ (sic), tem uns que até ‘chora’ (sic), de ver o tanto que ela é bonita, engraçado né, às vezes é porque a gente não entende muito de obra né.

É, diferente, porque não tem, acho que é a única! Na época eles falaram a segunda né, mas eu acho que é a única, não tem não.

E me falaram também no início assim, que essa igreja não foi feita ‘pra, pra’ (sic) paróquia né, ela foi construída ‘pra’ (sic) mosteiro, porque as irmãs que moraram aí primeiro, assim elas ‘morava’ (sic), e elas ‘participava’ (sic) só da missa né, porque elas não podem, elas são irmãs enclausuradas né, irmãs Clarissa né, então por isso que construiu os quartos bens pequenininhos, ‘pra’ (sic) ficar individual.

(ampliação para o centro pastoral)

Eu achei assim, eu achei diferente, porque se fosse para acompanh/ não acompanhou o estilo da igreja né. Não pode? é, é engraçado né.

Tem o salão ali né. Agora aquele salão ali eu acho assim, eu acho ele muito bonito, mas eu, oh eu com as minhas ideias, eu acho que para acompanhar o estilo da igreja ali, porque que não fizeram assim, a metade das paredes dele de tijolinho a vista e ‘pra’ (sic) cima os bambu né, o tanto que ficava bonito né. Mas eu tenho uma amiga, que casou ali quando a igreja ‘tava’ (sic) em reforma também. Essa reforma da igreja foi uma ajuda né, de todo mundo, porque esperava esse dinheiro, esse dinheiro não vinha, não vinha, até que Deus abençoou, o Marcio chegou né, o padre, e foi cobrando, cobrando, pedindo, pedindo né, aí eles né. O Luiz Humberto e o tenente Wilson, ‘esforçou’ (sic) aí veio a verba né. Mas a menina... Aí o padre ‘tava’ (sic) celebrando lá, na igreja que estava em construção né... não, não estava em construção, ela foi interditada, você ‘tá’ (sic) por dentro também né? Aí a menina casou lá, diz ela que achou bonito demais, precisava ver o salão, o tanto que ficou bonito, é isso.

[...]

Eu acho que foi válida né, porque como se diz, eu sempre falo o que o padre Rui fala, o profeta Jeremias sempre fala né, “para construir tem que destruir”, então né, para a gente construir uma coisa, você tem que, às vezes, estragar uma para fazer outra né... Aí hoje nós estamos de bancos novos, estou curiosa para ver.

(participação atual na igreja)

Eu trabalho nos movimentos, de tudo que tem ali... eu trabalho assim, pastoral da saúde, clube de ‘mãe’ (sic) às vezes eu vou e participo lá e tudo mais, eu ajudo muito no movimento de encontro de casais, encontro de jovens, todo evento da igreja, baile, é... festa, das festas do Divino Espirito Santo, eu ‘tô’ (sic) lá nos ‘caldo’ (sic), fazendo os caldos, participo de tudo.

(atividades do clube de mães e uso do espaço)

[...]

Foi assim, quando ‘tava’ (sic) construindo lá embaixo, eles ‘fazia’ (sic), elas trabalhava ali né, de manhã era ali, aí ano passado foi lá embaixo, aí eu não sei se vai permanecer lá embaixo.

(uso do espaço comunitário)

Não, por enquanto não, porque ‘tá’ (sic) em... em obra né, mas nós já fizemos muitos jantares ali, jantar de arrecadação, ‘pra’ (sic) tirar dinheiro ‘pra’ (sic) ajudar a igreja.

(relação padre Marcio e a comunidade)

Boa, ótima! Como diz né, nem Deus agradou a todo mundo né, imagine nós que somos seres humanos pecadores, mas eu sei, eu acredito que às vezes tem algumas pessoas que ficam falando piadinhas né, sobre a pessoa dele, e aí eu defendo na hora, porque eu não gosto que ‘fala’ (sic) dele, porque ele é uma pessoa muito, ‘pra’ (sic) mim ele é muito especial, ‘pra’ (sic) mim ele não tem defeito, não existe defeito nele, ele é uma pessoa, é um padre atuante, não é padre que qualquer coisinha põe ministro ‘pra’ (sic) celebrar, diáconos, não. Ele é atuante nas missas, os compromissos dele, é... eles até falam, eu sou suspeita de falar, por aqui eu gosto muito dele né, inclusive ele que me ajudou a fazer a minha casa, ele e meus amigos, fizeram um mutirão, deram, doaram, e eu estou aqui dentro da minha casa... Aí eu até, na época eu, fez seis anos que eu moro aqui, eu chorava de emoção, eles falavam: “Não, não chora não, você merece, você ajuda muito a igreja.” Eu ajudo, eu gosto, eu sempre falo que eu gosto de trabalhar de segunda a sexta, ‘pra’ (sic) sábado e domingo e feriado meu ‘é’ (sic) da igreja.

(transferência do padre Marcio)

Nooossa ‘pra’ (sic) mim é o fim, ‘pra’ (sic) mim ele nunca tinha que ter sido transferido, sabe porque, é uma ‘perca’(sic) muito grande, ele é um padre muito sábio, é muito inteligente, é uma pessoa de... ai meu Deus sei nem como, não tenho nem palavras ‘pra’ (sic) falar de bem dele, de tanto que ele é ‘bão’ (sic). Não queria, fiquei muito contrariada, eu não, a igreja em peso. É, a comunidade em peso ficou muito chateada dele ir embora, porque tudo novo a gente sofre né. Eu sei que tudo passa, o padre passa, a comunidade fica né, mas a gente não quer perder né, a gente só quer ganhar né. Então deu um aperto muito grande, que é uma pessoa esforçada, trabalhador, lutou e a igreja ‘tá’ (sic) do jeito que ‘tá’ (sic) né, que ele nossa... eu fiquei sabendo, que a nossa igreja está sendo disputada, todo padre quer vir para cá. Inclusive esse que vai vir para cá, ‘tá’ (sic) doidinho ‘pra’ (sic) tomar posse, porque sabe o esforço, o desempenho da comunidade né. É uma comunidade que o padre ‘fez assim ó’, ajuda, vai à luta mesmo. Você vê o tanto que as ‘festa’ (sic) aqui ‘melhorou’, não foi 50% não, foi 100%, festa! Boa, nossa, sabe depois que ele veio ‘pra’ (sic) cá. Foi né, ele trabalha muito bem, ele tem um jeito de trabalhar que faz sucesso né, eu acho ‘bão’ (sic) ele, que ele fala assim: “Esse ano eu quero que dá tanto.” E dá, menina, o que ele quer, o que ele fala que vai dar, dá.

Sr. Antônio Alves de Souza e D. Maria Joana Cândida de Souza

Uberlândia, 20 de abril de 2014.

A: é, a gente, igual, por exemplo, quando nós ‘viemo pra’ (sic) cá eu morava lá na Bernad/ no Saraiva né, aí nós ‘mudamo pra’ (sic) cá e num tinha assim, comunidade conhecida da gente participar, aí nós ‘começamo’ (sic) a participar aqui na Santa, como é... essa daqui, ‘comé’ (sic) que é o nome?

M: Nossa Senhora do Carmo.

A: Nossa Senhora do Carmo, né, aí depois com/ já ‘tava’ (sic) com uns... uns cinco anos que nós ‘tava’ (sic) morando aqui, né.

M: é, mais ou menos.

A: aí a gente foi participar lá na Tubalina.

M: São Francisco de Assis.

A: na São Francisco de Assis. Aí chegando lá eu, eu toco violão, eu toco e canto lá na Igreja, até hoje né, um ‘tantão’ (sic) de gente ainda toca e ainda canta lá na Igreja até hoje, e, e eu comecei toc/ ajudando a cantar lá na São Francisco de Assis. E aí, o Padre Marcos quando me viu, eu tocando lá, aí ele pegou e falou ‘pra’ (sic) mim né, aí ele perguntou ‘ondé’ (sic) que eu morava, aí ele falou “não, então ‘cê tá’ (sic) no lugar errado, então eu quero, a partir de, da semana que vem eu quero você lá na Divino Espírito Santo”, só que eu, por mim, eu nem, eu num sabia que ali era uma Igreja Católica, eu passava na porta, porque/ lá era o seguinte, a Igreja só ficava fechada, né, e ele só abria ‘pras’ (sic) celebrações aos domingos, né, 7h da manhã e fechava novamente, então aquilo ali era um/ fechado, então eu, por mim, era um/ uma construção abandonada, né, aí quando eu perguntei ‘pra’ (sic) ele, eu perg/ eu falei ‘pra’ (sic) ele, mas Divino Espírito Santo é aonde, aí que ele me falou, né, ele falou não, é aquela Igreja redonda que tem aqui na na, na na, na...

M: Rua do Mogno, acho que é Rua do Mogno, não sei...

A: aí foi que nós começamos a participar ali, né, mas é, igual eu ‘tô’ (sic) te falando, a gente quando começou lá, as celebrações eram feitas somente né/ a Igreja só era aberta ‘pra, pra’ (sic) participar da celebração e... depois fechava novamente... aí nós ‘começamo’ (sic) lá, e ‘começamo’ (sic) tocando, cantando, e... logo depois o Padre Marcos saiu, né, aí veio o Padre Rui mais o Padre Marcelo, e eles já vieram ‘pra’ (sic) morar lá na, na Igreja né, aí então foi que a comunidade começou a funcionar assim... é, diretamente, porque eles já moravam lá né, aí a partir daí foi que começou lá, a comunidade foi crescendo, foi crescendo, crescendo, né, e até chegar no que, no que chegou hoje, aí depois ‘veio’ (sic) outros padres também, veio o padre...

M: Mauro.

A: Padre Mauro, né.

M: depois veio o finado Padre Henrique.

A: veio o Padre Henrique, o finado Padre Henrique né, e quando ele faleceu ele participava, ele era o nosso pároco aqui, e, e aí assim com, com a morte do do do Padre Henrique, né, aí o Padre Márcio veio ‘pro’ (sic) lugar dele né, e o Padre

Márcio batalhou muito, ele trabalhou muito né, então, ele, ele pelejou ‘pra’ (sic) poder conseguir a, a, restaurar a Igreja, né, porque até então era tudo muito difícil, né, a a construção ficou parada, né então, a partir daí então, que o Padre Márcio foi atrás e batalhou e correu e né, e graças a Deus a comunidade já tá bem, já se torna, nos termos que estão hoje, né, e isso já tem o que, já tem uns, uns 20 anos que nós ‘participa’ (sic) lá?

M: 25 anos.

A: 25 anos... que a gente ‘tá’ (sic) participando lá... e é isso aí, então a gente...

M: quando ele fala assim, que a gente foi ‘pra’ (sic) São Francisco é porque antigamente a São Francisco era comunidade da Paróquia Divino Espírito Santo, aí depois é que ela passou a ser Paróquia, separou né, e a gente ficou com a Divino Espírito Santo e têm outras paróquias, outras comunidades também, que ‘faz’ (sic) parte da Divino Espírito Santo. E o Padre Márcio, como o Antônio falou, ele, ele sofreu muito aqui nessa Paróquia, porque, a gente nunca teve assim um, ‘comé’ (sic) que eu vou dizer, um apoio, porque na verdade ela é um patrimônio que assim, que depende de... ‘comé’ (sic) que fala d/ da...

N: de autorizações?

M: é, desse povo né, dos políticos em si, então, é, a Igreja chegou até fechar, porque ela ‘tava pá’ (sic) cair, porque ‘tá’ (sic) assim/ né, e o Padre Márcio batalhando, desde a época do Padre Rui, do Padre Marcelo, eles tentando assim, né, a renovar, ‘terminar ela’ (sic), mas não tinha como, a gente né, a comunidade muito pequena, muito pobre, entendeu, assim, então assim, o povo também não tinha o conhecimento de poder ajudar um pouco mais com o dízimo, aí o Padre Márcio é que foi fazendo esse trabalho, na época do Padre Rui também ele já montou as pastorais que não ‘tinha’ (sic), aí fez o Encontro de Casais, aí começou conscientizar a Par/ a, né/ os paroquianos, que a gente precisava participar, precisava ajudar, a gente começou ajudando, portanto, quem vê ela daquele jeito hoje/ mas a maior parte do dinheiro num foi dado deles não, foi nosso, né ‘Bem’?, agora que chegou, agora é que deu, que deu esse empurrão, mas o Padre Márcio/ a gente tem a Festa do Divino Espírito Santo, agora na época do começo de Maio, ele até ‘tá’ (sic), já ‘tá’ (sic) convidando o pessoal, e a gente trabalha, a gente já doa as coisas, ‘cê’ (sic) entendeu?, e aí a Festa geralmente dá 30, 40 mil, agora, ‘duns’ (sic) 4, 5 anos ‘pra’ (sic) cá, depois que o Padre Márcio, né, foi fazendo esse trabalho, e, e aí a gente começou, né, a fazer as ‘construção’ (sic), depois ele fazia bingo, ele pediu ajuda, nós fizem/ formamos uns grupos de dez, cada dez, cada, é, mês, a gente daria, 10 rea/ acho que é R$10 né ‘Bem’? por ‘casais’ (sic), nós ‘conseguimo’ (sic) também uma grande quantidade ‘pra’ (sic) dar início, porque eles ‘ficô’ (sic) prometendo, prometendo, teve uma vez que o Padre Márcio ficou tão nervoso com o, com o, com o, ‘comé’ (sic) que é, o Prefeito de agora, o Gilmar Machado, porque ele prometeu, certeza de mandar esse dinheiro, e a Igreja, né, já tinha até interditado, já tinha até fechado a Igreja, e não ‘tava’ (sic) saindo esse dinheiro, aí foi onde que ele começou, sabe, esse trabalho, de pedir ajuda da comunidade, que a gente formou esses ‘grupo’ (sic), e aí foi caminhando, e aí agora depois que ele ganhou, ele deu um pulo, né, o Padre Márcio conversou, lutou ‘pra’ (sic) isso, e conseguiu né, um pouco mais do dinheiro, ‘pra’ (sic) poder ajudar, às vezes a gente assim, num sei nem se eu devo falar isso, mas eu vou falar o que eu sinto, às vezes a gente fica nervosa com ess/ com ela, porque a gente até já falou às vezes que o Bispo deveria até, assim, passar ela ‘pra’ (sic) prefeitura ‘pra’ (sic) ficar como

patrimônio cult/ é, ‘comé’ (sic) que fala/ ‘pra’ (sic) fazer teatro, essas coisas, igual já tem aí, porque/ e dar outro terreno ‘pra’ (sic) gente construir, porque aquela Igreja ali, eu acho assim, o Divino Espírito Santo, Ele é uma coisa muito especial, ele merece uma coisa assim, de uma Igreja bonita, organizada, e a gente não tem essa manutenção, assim, porque ela fica cara ali, ‘pra’ (sic) poder ‘cê’ (sic) manter ela daquele jeito, é caro, os custo, e a comunidade aqui não tem tanto dinheiro assim, a gente né, é uma comunidade mais humilde, né, então, a gente, aí o Padre Márcio ‘falassim’ (sic) “mas é muito difícil Joana, porque quando declara patrimônio histórico né”, as vezes a gente até fala, meu Deus do céu, essa mulher, né, já faleceu, aí ele ficou andando atrás, de um vai jogando ‘pro’ (sic) outro, ah é o fulano que toma conta que mora num sei aonde, fala ‘pra’ (sic) outro, ah mudou ‘pra’ (sic) num sei aonde, agora é o outro que ‘tá’ (sic) tomando conta, até que ele conseguiu chegar, sei lá, né, aí, vinha aí o pessoal, aí andava de helicóptero em cima, sabe, ele lutou muito, pediu ajuda eu acho que até, num sei se do quartel, sabe, ‘pra’ (sic) poder ver se conseguia achar esse povo, né, aí com muita dificuldade, num sei como lá, ele conseguiu né, essa quantidade, ‘pra’ (sic) gente né, agora assim, graças a Deus, ele/ é uma pena, ele ‘tá’ (sic) saindo, porque agora vai ser obrigado, né, a trocar todos os Padres, né, eles chegaram num bom senso e achou que dev/ era melhor ‘pras’ (sic) comunidades, então eu falei, tanto que ele lutou, pegou essa Igreja até fechada, né, ele foi assim, um batalhador, né, e agora ele não vai poder curtir a Igreja, né, arrumada porque ele vai ter que sair, ele ‘tá’ (sic) saindo agora, num sei se ele falou ‘pra’ (sic) vocês, ele ‘tá’ (sic) saindo agora na terceira semana de maio, só que eu num sei ‘pra’ (sic) onde que ele vai, e, me disseram que quem ‘tá’ (sic) vindo ‘pra’ (sic) cá é o Padre Rogério que ‘tá’ (sic) lá na Paróquia Nossa Senhor/ é, São Pedro, da onde nós viemos né, no Saraiva, e com certeza ele vai dar continuidade nas outras Paróquias né, porque elas nunca para. Então é isso aí... e hoje a gente, igual/ graças a Deus, a comunidade agora ‘tá’ (sic) muito grande, já têm, assim, muitas Pastorais, e, né, a gente tem um grupo agora de 6, grupo né ‘Bem’?, que canta nas Paróquias, é dividido, né, os grupo, e a Paróquia ‘tá’ (sic) caminhando com as graça de Deus, né, e do Divino Espírito Santo, eu num sei se é isso aí que você queria ouvir né...

M: e aí eu vou aproveitar, num sei se ‘cê’ (sic) vai passar isso aí ‘pra’ (sic) frente, ‘pra’ (sic) eles ‘tê’ (sic) um pouco mais de bom senso né, e ajudar mais a ‘nós’ (sic) ‘pra’ (sic) manter, se realmente ela é um patrimônio tombado, eles têm que ter consciência de que nós não ‘temo’ (sic) a condição, né, de manter a Paróquia como deve ser, né, então que eles têm/ nós ‘precisa' (sic) dessa ajuda deles, né... eu acho que é isso aí.

N: com relação ao Centro Pastoral que foi construído, vocês acham que ele está atendendo a comunidade?

M: ‘uai’ (sic), acho que sim né ‘Bem’?

A: ‘uai’ (sic), provavelmente eu creio que sim.

M: na medida do possível, assim, é o que a gente at/ igual eu ‘tô’ (sic) te falando, é porque ela assim, ela foi construída mesmo, tipo assim, é, patrimônio histórico, sei lá desse negócio, tombado, dificulta muito ‘pra’ (sic) gente, igual por exemplo, nós não temos salão adequado, a gente teria que ter esse salão ‘pra’ (sic) gente poder fazer os nossos eventos, igual várias Paróquias aí têm o salão que aluga, mesmo, ‘pro’ (sic) povo mesmo da Paróquia, em casa, cê entendeu, quer fazer uma festinha familiar, né, às vezes tem um jantar dos casais, é uma ajuda a mais, só que a nossa

não tem como, porque disse que lá não pode cobrir, então, aí ficou em cima né, o Centro Pastoral ficou embaixo, ‘cê’ (sic) deve ter ido/ feito a visita lá, e ficou em cima, então, igual agora na época da Festa do Divino Espírito Santo, ele aluga aquele, ‘comé’ (sic) que chama...

N: a tenda né...

M: a tenda, isto, ‘pra’ (sic) gente fazer a Festa, mas terminou tem que tirar, porque não pode fazer, assim, a estrutura dela lá que foi feita não pode ter o salão, o salão é só aquele lá que ‘cê’ (sic) viu lá, ‘cê’ (sic) entendeu, que aquele lá chovia igual ‘cê tá’ (sic) no terreiro, a Paróquia, muitas vezes a gente ‘tava’ (sic) lá, sabe, lá dentro, e chovia, o povo tinha que ‘tá’ (sic) escondendo, o som, muitas vezes estragou o nosso som, porque escorria água na parede, pingava assim ó, ás vezes cabou de limpar, porque num tem, ‘comé’ (sic) que fala, a laje, então, ia/ chuviscava no telhado, aquela sujeira caía ‘tudo’ (sic) no povo, os bancos ficavam ‘tudo’ (sic) sujo, a gente precisava ‘tá’ (sic) levando, sabe, pano, ‘tá’ (sic) limpando correndo, então assim, era uma dificuldade, melhorou bastante, mas ainda chuvisca, mesmo com, com assim...

A: até hoje né, até hoje, por exemplo.

M: ela é problemática...

A: antes das celebrações, por exemplo, aí o pessoal tem que chegar primeiro, sabe, e limpar todos os bancos, porque ela não pode ser forrada, né, num pode ser coisa/ e ali, por exemplo, igual os passarinhos, os pombinhos, né, então, é, igua/ né, faz/ aproveita aquela bica envolta da Igreja ali, ‘pra’ (sic) poder chocar, ‘pra’ (sic) poder né/ então cai muita sujeira dentro, sabe, então quando ‘cê’ (sic) abre a Igreja, lá os bancos, ‘cê’ (sic) tem que limpar os ‘banco tudo’ (sic), sabe, porque ‘tá’ (sic) tudo cheio de sujeira, tudo empoeirado, né, então, eu ach/ eu num sei se é porque num pode e coisa e tudo, mas eu acho que pelo menos um forro eles teriam que, né, que, assim, concordar de colocar naquela Igreja, sabe, porque apesar de que ela é um patrimônio histórico, um patrimônio tombado, né, mas ela ‘tá’ (sic) em andament/ ela ‘tá’ (sic) em funcionamento, né, ela ‘tá’ (sic) servindo a comunidade, né, e muitas coisas ali, por exemplo, prejudica, né, a comunidade, então eu acho que te/ num sei se é, se ((incompreensível)) histórico e coisa né.

A: mas eu acho que seria, eles deveriam entrar num bom senso, e certas coisas, por exemplo, né, não tirando o direito de tombamento da Igreja, mas pelo menos algumas coisas que pudessem melhorar o funcionamento da, da Igreja né, agora, como você falou do do Centro Pastoral, por exemplo, o Centro Pastoral por mim ele ‘tá’ em funcionamento, ele ‘tá’, ele ‘tá’ funcionando e servindo a comunidade, porque lá funciona a Secretaria, né, funciona é...

A: as Pastorais, tal e coisa, ‘funciona’ (sic) tudo lá no Centro de Pastoral, então ele ‘tá’ (sic) servindo sim a comunidade e, uma coisa que poderia ser feita, por exemplo, também, é um salão em cima, e uma cobertura e coisa, ‘pra’ (sic) poder/ ‘pros’ (sic) eventos da Igreja né, até em benefício da Igreja por exemplo.

M: é, porque, ‘pra’ (sic) começar ali nem uma Praça num tem né, porque quase toda Igreja tem uma Praça, quando ‘cê’ (sic) tem a Praça é mais fácil ‘docê‘(sic) fazer os trabalhos, igual eu ‘tô’ (sic) falando na época, igual por exemplo, quando na época do Divino Espírito Santo que são quatro sema/ quatro finais de semana né, que a gente faz a Festa, que é sexta e sábado, todos os finais de semana de maio, a gente

tem a Festa, justamente o Padre Márcio/ já a época do Padre Rui e do Padre Marcelo já tinha, mas era assim, menos, é, só uns dois final de semana porque era perigoso, mas aí no andar foi crescendo né, tudo, graças a Deus foram melhorando, aí a gente pod/ teve nossa condição, pôs justamente ‘pra’ (sic) adquirir mais dinheiro, ‘cê’ (sic) entendeu, ‘pra’ (sic) ver se a gente consegue fazer né, cobrir o que precisa.

A: é, igual, por exemplo...

M: porque ela ‘tava’ (sic) uma dívida muito grande quando o Padre Márcio veio ‘pra’ (sic) cá, porque o Padre Rui tentou, né, mas assim, né, aí ‘cabou’ (sic) tendo que ir embora, venceu o tempo dele, e deixou essa dívida, e o Padre Márcio lutou, coitado, né, juntamente com a comunidade, ‘pra’ (sic) gente conseguir, né, ele não tinha salário, quando ele veio ‘pra’ (sic) cá, porque o Padre tem que ter o salário dele, todos nós que som/ quem é católico sabe disso, né, porque eles ‘dedica’ (sic) toda a vida deles, então ele falou “Graças a Deus que eu sou uma pessoa que eu não preciso desse salário daqui, eu tenho como...”, num sei se vocês sabem, ele é psicólogo, ele tem o Consultório dele, né, então assim, ele dava aula na Faculdade Católica, então assim, ele tinha como sobreviver, ele ficou acho que uns dois, três, igual hoje, ele deve ter o salário dele, mas assim, eu também num passei a saber, mas com certeza, igual, ele tem condição melhor, um pouquinho melhor ele deve ter né, ele não tinha o salário dele, ele não tirava, então ele tinha outras maneiras de sobreviver sem pegar o/ né, porque ‘tava’ (sic) devendo muito a Paróquia, né, mas aí ele lutou, né, com todas as orações da gente, e ele conseguiu chegar hoje, aonde ‘chegá’ (sic) né, então aí, por isso que eu falo né, eu sinto muito, eu acho que ele teria que ficar mais um pouco né, mas, infelizmente né, ele tem, eles num/ têm o tempo certo deles né, a missão deles né, num pode ficar muito tempo num lugar, então ele precisa ir, trocar de Padre agora.

A: como os bancos, por exemplo, num sei se ‘cês tivero’ (sic) lá agora, ‘foi trocado’ (sic) os bancos lá.

A: é, é né, pois é, mas é, ‘foi trocado’ (sic) os bancos, então, né, os bancos são todos bancos novos, fez os bancos em em/ né/ no mesmo formato da Igreja, né, e tudo isso dinheiro tirado do nosso/

M: não foi com a ajuda deles não

A: é da comunidade, sabe, não foi dinheiro doado por eles, feito pela construção que eles tão fazendo lá não, então isso é tudo dinheiro da comunidade, nós é que pagamos acho que quase 50 mil reais nos banco lá, né, e adquirido por, através de de Rifas, de Bingos, de, né, de coisa da comunidade e do dízimo da da do pessoal que graças a Deus agora então já tem mais consciência e colabora com o dízimo ‘pra’ (sic) poder a comunidade caminhar.

M: não tinha, a Paróquia não tinha carro, porque toda Paróquia o Padre tem que ter um carro. Igual, por exemplo, nós ‘tem’ (sic) a Santa Maria, Santa Maria é um bairro afastado, né, que pega terra, tudo, então tem que ter ‘preles fazê’ (sic), né, o trabalho deles, é né, junto com as ‘comunidade’ (sic), tem que ter o carro da Paróquia, a gente não tinha, ele que lutou ‘pra’ (sic) isso, com esse dinheiro da Festa do Divino Espírito Santo foi que a gente consegu/ conseguiu né, comprar um carro ‘pra’ (sic) Paróquia, aí igual é tanto assim, ele tem o dele, né, mas ‘pros trabalho’ (sic) da Paróquia tem que ter um, e eu fiquei sabendo agora, ele falou graças a Deus que tem, então ele tá indo embora, o carro vai permanecer, porque é

da Paróquia, aí ‘pro’ (sic) próximo, né, Pároco que vier, né, assumir, né, vai ficar aí assim por diante, vai passando né, então não é fácil, mas devagarzinho...

A: igual quando, igual quando a Joana falou que lá na Morada Nova quando na época que nem a gente participava lá, então, a gente começou a também ajudava lá, né, então a gente ajudava nas comunidades, né, da da que fazia parte da da, da Divino Espírito Santo, e quando o Padre, o Padre Marcelo é que celebrava lá, então eu é que levava ele, sabe, porque não tinha condução ‘pra’ (sic) ir lá, eles não ‘tinha’ (sic) condução ‘pra’ (sic) ir lá, então quem levava ele era eu, eu é que levava ele lá ou quando eu não podia, né, outro paroquiano pegava e levava, né, ‘pra’ (sic) poder ‘coisar’ (sic), porque não tinha condução ‘pra’ (sic) poder ir até lá ’pra’ (sic) fazer as celebrações.

M: e a Santa Maria a gente ia só uma vez por mês na celebração, porque não tinha condução, porque ela é afastada, a gente alugava uma van, o o pessoal das Pastorais tinha gente que tinha condição de tirar um pouquinho do dízimo, a gente juntava e pagava um Senhor, né ‘Bem’?, ele que, acho que ainda existe até hoje, num sei, eu contratei um carro, que já tem muitos anos que eu num vou lá, então nessa época era eu mais ele do grupo, do canto, é que assumia lá juntamente com o pessoal, aí a gente ia nessa van, porque não tinha carro da Paróquia, né então, mas devagarzinho a gente chega lá né... mas eu acho assim, que tinha que ter essa ajuda melhor, sabe, ‘pra’ (sic) poder, né, ‘pra’ (sic) poder ter/ tipo assim, um salário que eles mandassem, não precisa ser muito, mas ‘pra’ (sic) manter, uma manutenção, entendeu?, porque é importante, né, ‘pro’ (sic) andamento da da Paróquia.

A: é isso aí...

A: mas não, ele é um patrimônio que ele tá em funcionamento da comunidade e a comunidade tem necessidade das coisas funcionando normalmente, né, não tem como, por exemplo, como que você faz uma celebração se não tem uma capacidade ‘pra’ (sic) poder fazer uma celebração dentro ‘duma’ (sic) Paróquia, né, então, apesar de ser um patrimônio tombado, mas ele tem que ‘tá’ (sic) em funcionamento perfeito, em funcionamento normal ‘pra’ (sic) atender a comunidade.

M: é, igual, quando a gente fala assim, é, ele/ ela era ‘pra’ (sic) ser feito, tipo assim, quando ‘cê’ (sic) faz uma construção, ‘cê’ (sic) que é arquiteta, ‘cê’ (sic) entende, de tijolinho tem que ter um acabamento... mais perfeito, né, igual, por exemplo, eu num sei se vocês são católicos, qual religião, se ‘cês’ (sic) já foram.

M: pois é, ‘cê’ (sic) num vê aqui que lindo é lá, a Nossa Senhora da Abadia, lá na Água Suja, então aquilo lá é muito bem feito né, os ‘tijolinho’ (sic), a maneira de ser, então, ela tem uma/ assim, por fora é o tijolinho, mas por dentro tem o acabamento, tem, né, tem cobertura, tem ‘comé’ (sic) que fala, tem tem a laje, então a nossa precisava ter, pelo menos por dentro, um acabamento melhor, né ‘Bem’?, ‘pra’ (sic) poder funcionar, como também tem a da Aparecida, Nossa Senhora da Aparecida do Norte, também, que, né, é toda feita em forma de tijolinho, mas ela tem um acabamento por dentro, porque lá não pode mexer em nada, tudo que fala que vai/ “ah num pode!”, porque é por isso e isso e esses par/ tem que ter, pedir permissão, aí pede ‘pra’ (sic) um não pode, num pode fazer isso, num pode fazer aquilo, aí vai dificultando muito ‘pra’ (sic), né, ‘pra’ (sic) comunidade.

A: é porque eu trabalho, eu trabalho na área da construção, né, então eu mexo com construção, então, eu, eu, já tenho muitos e muitos anos que eu trabalho em tudo,

né, eu sei, eu conheço todos os setores da construção civil, então eu acho assim, que aquilo ali, por exemplo, foi feito uma espécie assim ‘pra’ (sic) que fizesse um acabamento, porque, o que eu entendo de de de tijolo à vista, por exemplo, né, é quando você assenta o tijolo, ele tem, ele é um tijolo preparado, ele não é esse tijolo comum.

M: simples né

A: ele não é um tijolo comum, ele é um tijolo próprio ‘pra’ (sic) tijolo à vista, né, e ele é todo frisado, né, ‘cê’ (sic) faz ele, ele é todo frisado, ele é todo, tudo, aí depois você faz um acabamento, então, aí ele fica um tijolo à vista, então, aí tá certo, aí é uma obra, uma obra à vista, agora ali não, ali é tudo normal, como se fosse ‘pra’ (sic) rebocar e não pode fazer mais nada, sabe, ‘cê’ (sic) num pode frisar, ‘cê’ (sic) num pode passar um verniz, ‘cê’ (sic) num pode fazer um acabamento, ‘cê’ (sic) num pode... então, eu não entendo o porquê, né, eu acho que isso aí num, assim... por exemplo, ‘pro’ (sic) funcionamento da comunidade isso aí prejudica, porque num tem como ‘cê’ (sic) fazer um acabamento perfeito, um acabamento normal, né, definitivo, ‘pra’ (sic) o funcionamento normal da comunidade.

M: por dentro hoje, você falou que num entrou lá, ela é, o Padre Rui fez um reboco né...

A: não, mas ela, ela já teve aqui...

M: ah é, ‘cê’ (sic) viu, ela ‘tá’ (sic) rebocada, mas ‘tá’ (sic) rebocada porque o Padre Rui falou “eu num quero nem saber, aqui é uma Paróquia, o Divino Espírito Santo merece e eu num vou ficar nesse trem sujo desse jeito aqui de jeito nenhum” foi lá por conta dele e fez, mas depois disse que deu um problema...

A: é...

M: disse que deu o maior problema, é tanto que eles queriam tirar, eles queriam descascar, só que ‘pra’ (sic) descascar ia estragar, porque ela foi muito mal feita, aí num tinha como, aí eles resolveram acho que deixar, num sei se vai incluir, ‘comé’ (sic) que ficou, né, mas, ela num era ‘pra’ (sic) ser nem daquele jeito, que agora as ‘parede é rebocada’ (sic) não, aquilo lá foi por conta do Padre Rui, ele falou, “não, a comunidade vai me ajudar porque não dá, não tem condição dessa parede dessa Igreja ficar suja do jeito que ela ‘tá’ (sic)”, ‘cê’ (sic) entendeu?, então...

A: eu mesmo trabalhei, eu coloquei uma pia batismal lá, que tinha uma pia batismal lá que eles quebraram, rancaram a pia batismal de lá, sabe, então, eu trabalhei, eu terminei, eu comecei lá trabalhando de manhã no sábado, sabe, fui terminar no domingo

M: a noite inteira

A: era 4 e meia, quase 5 horas da manhã, ‘pra mim’ (sic) conseguir colocar essa pia batismal lá, uma pia batismal que o Padre Rui colocou, porque não tinha, é, lá tinha um cano, né, que era ‘pra’ (sic) poder, o que indicava era o cano que alimentava a pia batismal, só que quando eu destampei o cano, o cano ‘tava’ (sic) sequinho, não tinha água, e eu procurei na Paróquia inteirinha um registro que alimentasse aquele cano e num achei, né, então que que eu tive que fazer, eu tive que pegar lá do reg/ lá do do do registro, ‘travessar’ (sic) a base da Igreja, por baixo, cortando o ponteiro, num sei se ‘cê’ (sic) já viu lá, mas a base daquela Igreja ela tem acho que 50 ou 60 cm, sabe, ‘pra mim’ (sic) passar esse cano, né, e fazer o encanamento da pia batismal e por a pia funcionando, né. E o Padre Rui fez, também fez uma Sacristia,

fez um altar, fez diferente lá na frente do altar, fez coisa e tudo, eles quebraram tudo, eles vieram quebraram tudo, ‘rancaram’ (sic) a pia batismal, ‘rancaram’ (sic) coisa...

M: ‘rancou’ (sic) o armário...

A: agora eles colocaram, ‘fizero’ (sic) uma outra pia lá também, a pia batismal, mas é uma pia que é uma coisa normal, feita a mão lá por, sabe, então é umas ‘coisa’ (sic) que você num, sabe, é, num num entendo assim o que que a pessoa pensava na época, né, porque um tipo de construção daquele ali, se é ‘pra’ (sic) ficar tombado por exemplo, né, não tem condição de entrar um funcionamento capaz ‘pra’ (sic) comunidade, do jeito que ela precisa.

M: eu acho que ela não tinha noção de que ia ser uma Igreja, de que ia ser Católica, assim, se ela realmente...

A: não, mas...

M: pensou em fazer aquilo lá, eu num sei né, de repente, se era ‘pra’ (sic) ser uma Paróquia, se era ‘pra’ (sic) ser mesmo um salão, sei lá, de de né ‘pra’ (sic) eventos né, assim, num sei que que ela pensou, só sei que é muito complicado...

A: às vezes, às vezes, às vezes...

N: a Igreja foi feita para ser Católica mesmo.

A: pois é.

M: num é, aí...

A: mas, às vezes, às vezes é o seguinte, às vezes ela tinha planos de de fazer um um certo tipo de acabamento na Igreja, né, mas como ela morreu, e aí porque tombou o patrimônio, e aí o o...

M: dificultou...

A: o que dificulta mais é o fato de ser um patrimônio tombado, né, então porque ela morreu, então quer dizer, parou ‘pra’ (sic) cá, né, o seguimento do trabalho dela, né, e outro não pode, por exemplo, mexer naquilo que que, né, que ‘tava’ (sic) previsto ‘pra’ (sic) que ela, que ela que ia fazer, mas a gente não sabe qual que era a intenção dela, mas futuramente se ela tivesse terminado a Igreja, né, talvez ela por si, ia falar, não, peraí, ia perceber que essas coisas ‘tinha’ (sic) que ter um, né um, um tipo de coisa diferente, e ela por ela mesma ela ia fazer isso, né, mas como ela não conseguiu terminar o trabalho dela, então, por fato de ser tombado então é onde é que fica a dificuldade, né, de fazer uma coisa perfeita naquela Paróquia ali.

M: ‘cês’ (sic) que ‘é’ (sic) Católico cês pode’ (sic) observar, toda Paróquia tem a Sacristia, é um tipo um quarto, né, fechado né, e ali nós num temos, então é aquele entra e sai, o Padre ‘tá tá’ (sic) preparando, ‘tá’ (sic) vestindo, né, a gente ‘tá’ (sic) pegando as coisas, preparar quem canta né, pessoal da liturgia, então é um entra e sai, ‘cê’ (sic) entendeu, todo mundo da da comunidade ‘tá’ (sic) entrando ali, saindo, num tem uma parte isolada, que deveria ter, então o Padre Rui fez isso, fez fechada e tudo, eles vieram, sabe, ‘pra’ (sic) renovar, quando saiu esse dinheiro, ‘pra’ (sic)/ tem que ser assim, e quebrou tudo, sabe, e fez da maneira que disse que tem que ser pelo patrimônio né, então assim, a comunidade assim, ‘tá’ (sic)aceitando porque não tem outro jeito, mas ‘né’ (sic) fácil não.

(esclarecimento do IEPHA-MG sobre o tombamento)

M: o Padre Rui, ah

A: nãão...

M: Padre Márcio falou que veio sim, mas só que parece que na noite que ele conseguiu num veio, acho que ele conseguiu falar com eles por telefone, porque igual eu 'tô' (sic) te falando foi muito difícil, ele teve que buscar, e falava que era um, ele tentava entrar em contato, não, agora é outra pessoa, foi passada 'pra' (sic) outra, e foi passando, passando, me parece, que parec/ eu acho que ele conseguiu falar por telefone, né 'Bem'?, que ele falou 'pra' (sic) nós...

A: não, mas eu creio, eu acho 'Bem', eu acho que quando nós 'começamo' (sic) a participar lá, por exemplo, já era patrimônio tombado, sabe...

N: Foi tombado em 97...

M: 97?

N: acho que foi na época que o Padre Rui 'tava' (sic)...

M: 97, dois mil e...

N: num é?

M: 2007, 10 anos, dois mil e...

A: 17 anos...

M: então já... então, então quando nós 'começo' (sic) lá ainda num era não.

A: num era tombado então não...

M: porque nós 'começou' (sic) na época do Padre Marcos.

A: pois é.

M: então

N: foi na época do Padre Rui, isso?

[...]

M: é, Padre Rui e Padre Marcelo José.

A: pois é. Então, é por isso que eu te falo, então já que...

M: porque o Padre Rui ficou acho que 10 'pra' (sic) 11 anos...

A: eu num sei porque que né, o motivo porque eles tombaram, justamente eu acho que o motivo é porque ela não conseguiu concluir o trabalho dela, né, e ela por ter sido uma arquiteta famosa, né, então eles tombaram a Igreja, né, em prol disso aí, porque acho que ela não conseguiu terminar o trabalho dela...

Sr. Geraldo Lima Coelho (Diácono)

Uberlândia, 19 de abril de 2014.

Nós chegamos na comunidade em... 1986, aonde nossas primeiras necessidades nossas na comunidade de trabalho, foi na área de Pastoral do Batismo... trabalhei durante um bom tempo na/ como... ministrando cursos, para pais e padrinhos, e... depois me foquei mais na área da catequese, trabalhei na Pastoral da Catequese

por um bom tempo... com a chegada do Padre Rui, Rui Vieira, também trabalhamos junto com ele, fomos convidado ‘pra’ (sic) ser Ministro Extraordinário da Eucaristia e da Palavra. Essa história aí durou mais ou menos uns 6 anos, exercendo a função de Ministro né, sempre renovando... depois desse Ministério eu fui convidado para ser Diácono, aí fui frequentar uma Escola Diaconal, foi mais uns 5 anos nessa Escola Diaconal. E sempre atuei na comuni/ nessa comunidade e depois de ordenado Diácono, eu fui trabalhar também nas Comunidades que pertencem à Paróquia do Divino Espírito Santo, que ‘é’ (sic) a Comunidade São Domingos de Gusmão, que fica no Bairro Santo Inácio, Comunidade Nossa Senhora da Abadia, no Bairro Morada Nova e Comunidade... Nossa Senhora das Neves, que fica no/ na Zona Rural, que é a Comunidade Santa Maria de Miraporanga.

(as mudanças dos párocos)

Bom, eu peguei uma época muito restr/ muito pequena de convivência com o Frei Fúlvio... logo que o Frei Fúlvio saiu, veio o Padre Rui Vieira. As mudanças que tinham, eram o seguinte, o Frei Fúlvio era um italiano, tinha o seu jeito, mas, a coordenação, o jeito de ser Padre, não muda muita coisa não. O Rui Vieira é mineiro, lá de Monte Carmelo, também tem seus jeitos característicos, mas aaaa, a conduta ‘dum’ (sic) Padre num muda muito assim, com relação ao outro não, tem os mais carismáticos e os mais conservadores, né. Depois... veio ‘praí’ (sic), o Padre... Henrique, Padre Henrique ficou pouco tempo, infelizmente faleceu, teve um acidente com ele, e faleceu. ‘Pra’ (sic) organizar a questão de funerário dele veio o Padre Márcio Antônio Gonçalves, que está conosco até hoje. As mudanças que às vezes traz, é às vezes assim o, o jeito de tratar, o jeito e tudo, mas, não muda muita coisa com relação a dirigir uma Paróquia, né... todos eles já têm ali um projeto de, de condução da, ‘duma’ (sic) Paróquia que é mais ou menos regido conforme manda a Santa Sé. Então não muda muita coisa não...

(alterações do edifício na época do padre Rui)

Olha, a questão da mud/ ‘dalguma’ (sic) mudança, que teve lá, o aspecto, se foi assim muito signa/ significativo, eu não sei te dizer, que nós fizemos que destoou além do conjunto arquitetônico, foi um serviço de reboco, um reboco rústico, que está lá até hoje... né. [...]

(*projeto de restauro e reforma)*

Sei que foi uma coisa exaustiva, demorou muito tempo, é, muito moroso às vezes a questão, porque passa por uma série de processos, né, ‘pra’ (sic) aprovação, e coisas do/ de patrimônio histórico, realmente, tem que ter muita paciência, é, a coisa é morosa né, mas é, eu num sei te informar muito com relação a isso porque eu não vivi, quem ficou exclusivamente por conta disso foi o Padre Márcio.

(arquitetura do conjunto arquitetônico)

Olha, quando nós ‘chegamo’ (sic) em 86 ela já era o que é, é aquilo ali, ééé, ‘pra’ (sic) te ser sincero, eu gostaria que fos/ de ‘tá’ (sic) numa outra comum/ numa outra Igreja porque ela é uma Igreja que ‘cê’ (sic) não pode mudar nada nela, né, num pode ter uma janela, num pode ter nada. Então eu ach/ eu sinto mais que mais Igrejas têm a construção, o conjunto arquitetônico, por exemplo, uma Igreja que nós temos lá na Morada Nova, a que nós estamos construindo no, na Comunidade de São Domingos, tem assim, características de conjunto de construção de Igreja, aquela lá num/ mas o pessoal se sente bem, o que, o que importa mais ‘pra’ (sic)

gente, como Diácono, num é a Igreja construção, tijolo, mas sim a Igreja comunidade, a Igreja viva, a Igreja que caminha peregrinando por esse mundo afora.

(comunidade e suas renovações)

Sim, a comunidade é atuante, esse processo de renovação, isso toda vida teve, vai ter e vai continuar tendo, né, muitas pessoas que nós conhecemos já não estão mais no nosso convívio, já passaram, 'era' (sic) as pessoas, as primeiras pessoas que chegaram na comunidade, que 'fazia' (sic) parte, é, já não estão mais, já foram embora, novas pessoas chegaram, hoje... aquelas pessoas que a gente, é, trabalhou com elas como crianças na catequese, hoje já são pai de família, já são casados, as mudanças que vão dando é no processo evolutivo que nós temos da humanidade.

[...] com certeza, tem muitos, eu não sei citar nomes assim 'pra' (sic) você agora porque num lembro né... [...] que continuam participando, hoje já estão lá participando com seus filhos, né, às vezes os avós já num, já não estão mais aqui, né.

(pastorais)

[...] tem a Pastoral da Saúde, a Pastoral do Batismo, é... são várias Pastorais que compõem a Igreja, né, Pastoral de Liturgia, Pastoral dos Ministros. Pastoral de Criança

(pastorais que assistem pessoas carentes)

[...] que num depend/ que é independente de religião, que dá um enfoque e que procura assim trabalhar, sim, é a da Saúde, como nós temos lá uma Pastoral que cuida da fabricação de fraldas, as fraldas geriátricas... atende todas as pessoas necessitadas, independente de ser católico ou não, que precisa, e procurar a gente, são atendidas.

(produção das fraldas)

Tem uma sala lá, e é produzida por membros das Pastorais mesmo... [...] a Pastoral tem um movimento, que é um Movimento Renovar Conjugal, que dá mais enfoque nessa fabricação.

(construção do centro pastoral)

[...] simples, tranquilo, uma coisa que foi projetada por, pelo próprio Padre que 'taí' (sic), o Padre Márcio, e, em conjunto com a comunidade, né, a construção daquilo foi feita com os esforços da, da comunidade.

[...] eu não sei dizer a você hoje quem foi o engenheiro que elaborou, não me lembro do nome.

Os arquitetos que trabalharam com a Lina Bo Bardi.

É, com certeza. Então aquilo foi tudo assim, dentro do, 'dum' (sic) acordo, 'pra' (sic) que nada assim destoasse muito do projeto arquitetônico. 'Cê' (sic) vê que ele fica numa parte baixa, 'cê' (sic) conhece, já deve ter visto lá, né, não foi feito de tijolinho, como foi feita a Igreja e a Casa Paroquial, mas a parte, é, 'vamo' (sic) dizer, elétrica toda, acompanhou mais ou meno aquela rusticidade que tem a o conj/ o resto do conjunto arquitetônico.

(fotografias antigas)

É, quando eu cheguei, que quando ‘ocê’ (sic) às vezes fotografa alguma coisa, é quando a obra ‘tá’ (sic) assim iniciando, quando ela ‘tá’ (sic) nascendo, que ela está, vai evoluindo a construção, aí as pessoas às vezes gostam de ‘tá’ (sic) registrando o avanço...

[...] é, eu acredito até que deve realmente ter, e eles são muito cuidadosos com isso aí, deve ter feito essa coletânea aí, mas eu não, num é do meu conhecimento, porque quando eu cheguei, ela já ‘tava’ (sic) totalmente edificada.

Sr. João Batista da Silva

Uberlândia, 20 de abril de 2014.

A gente começou o movimento lá, e eu me lembro, parece que foi em 78, a gente trabalhava/ frequentava aqui na Vila dos Militares né, era cedido um barracão que tinha lá, a gente se reunia lá. Em 79, início de 80 que começou né, a construção lá, deu início às obras... aí foi construído lá, pelo Frei Fúlvio um... uma outra Capelinha, barracão de tábua né, no terreno ao lado ali, e aí a gente se reunia ali até dar início as obras, e foi né, trabalhando por ali. A obra foi feita ne, sistema de mutirão inicial ali, então, nós ‘tinhamo’ (sic) vários encontros e vários grupos né de/ que ‘frequentava’ (sic), participavam ali, e, tinha, uma movimentação grande. Eu me lembro que... no início da obra ali a engenheira vinha muito né, a arquiteta, Lina Bo Bardi, participava muito ali com a gente, ela, o Edmar... Ochôa né, que era o Engenheiro responsável, Ricardo Ochôa o nome dele, o Frei Fúlvio, a Irmã Neuza, e... tinha muitas ‘movimentação’ (sic) ali né, tinha, nós tínhamos o Conselho, o Conselho de de de/ da Igreja, tinha o Conselho/ as equipes né, tinha o, equipe de construção, de festa, de Liturgia, das celebrações e tal, o grupo era bem unido ali no início, nessa década de 79 a 80, no início de 79, 80, e foi quando a gente iniciou e deu início né, e depois/ eu frequentei firme até 84, no início de 85 que foi quando eu casei, logo em seguida eu mudei, né, passei ‘pra, pra’ (sic) outras comunidades, depois voltei ‘pra’ (sic) lá, fiquei até 87... 87, 88, aí depois aí né, a gente foi afastando, foi quando eu mudei ‘pra’ (sic) cá, e ‘passamo’ (sic) a frequentar essa Comunidade de São Domingos, que pertence à Paróquia do Divino Espírito Santo, mas a minha participação ali foi de 78 até 84, foi, né, mais intensa.

(contato da Lina Bo Bardi com a comunidade)

Ela tinha assim, era sempre, marcadas sempre as reuniões aos domingos, ela vinha, participava com o pessoal, discutia os projetos, que que ia ser feito, ‘comé’ (sic) que ia ser feito. Ela apresentou... dois, dois modelos de projeto: um era aquilo como ficou, que é redondo e uma seria uma Igreja tradicional. Porém ela, né, optou pela/ a comunidade junto com/ a comunidade combinou que fosse um, um/ uma Igreja redonda né, totalmente diferente das da cid/ das demais das que já tinha aqui na na região, então ela, ela frequentava bastante aí com a gente né, assim...

[...] ela, ela falava bem né, ela além de ser italiana, mas ela tinha um, um português bem pontual, a gente entendia bem o que ela falava.

[...] ela vinha, ela vinha mesmo pessoalmente frequentar né, ela participava da, da, das reuniões aqui, nas obras ela vinha né, inclusive a gente tinha alguns documentos né, algumas fotos e tudo né, como ela tinha que fazer a vistoria na obra, ela frequentava sempre, sempre.

(execução das obras)

Não, fácil, fácil não, porque é sistema de mutirão num é assim não pega e faz de uma vez né. Trabalhava mais nos finais de semana, mas é, a base da Igreja foi feita na base de mutirão, aí depois foi empreitado né, a alvenaria, o restante foi feito já, com pedreiros né, foi o Frei Fúvio, empreitou a obra, e aí quando teve um seguimento mais rápido da Igreja.

(comunidade angariando recursos)

A gente fazia muita a/ é/ movimentos né, fazia festa, fazia várias festas juninas, fazia outras atividades, fazia galinhada, fazia serenata né, isso tudo era 'pra' (sic) angariar dinheiro 'pra' (sic) ajud/ 'pra tá' (sic) investindo na obra na Igreja, a gente passava noites né, rodando a noite, marcava da/ com a comunidade né, quem é que queria fazer a/ receber uma serenata, a gente fazia, juntava, nós tínhamos o grupo de jovens, aí a gente saia fazendo serenata e pegava uma arrecadação, a pessoa dava aquilo né que podia contribuir, e a gente juntava dinheiro de qualquer form/ todo jeito, fazia galinhada, fazia as barraquinhas, as vezes até duas vezes por ano a gente fazia, duas, três vezes por ano. A gente sempre tinha alguma atividade, a gente fazia 'pra tá' (sic) arrecadando dinheiro 'pra tá' (sic) investindo na obra lá...

(contato com outros párocos)

Na época né, 'tinha/ era' (sic) os franciscanos. Era o Frei Fúvio, que era o responsável né, o pároco, tinha o Frei Egydio Parisi que já é falecido né, o Frei Vitor que também foi embora 'pra' (sic) Itália, o Frei Celestino, me parece que era só/ que na época era só esses, que frequentavam na época com 'nós' (sic) era só esses mesmos.

[...] desses padres 'pra' (sic) cá não, que aí eu já 'tava' (sic) nessa/ né, né, aqui já na Comunidade de São Domingos, teve depois/ na época ainda tinha né, aí já vinham os seminaristas né, que aí teve a Ordenação do Frei, Frei Marquinho, depois do Senivaldo, que foram lá, e aí tinha os seminaristas que participavam lá também né, mas aí depois eu já/ foram, foi mudando, mudaram né, os franciscanos foram embora, e passou a Paróquia do Divino Espírito Santo 'pra' (sic) Diocese de Uberlândia.

(contato com Padre Márcio)

Tenho, mas não assim muito afetivo né, é uma relação assim muito, rápida né, só nas celebrações as quais que eu participo...

(projeto de restauro e ampliação)

Não, não, isso aí eu num participei de nada...

(centro pastoral)

Ainda não tive a oportunidade de ir lá visitá-lo não, mas eu sei né, a gente passa sempre na porta ali, dá 'pra' (sic) ver né, que foi construído um centro totalmente diferente do que 'tava' (sic) né previsto lá...

[...] de acordo com o que era previsto né, quando foi na época do do do/ da da implantação da Igreja, foi uma modificação ééé... radical, né, porque ali era 'pra' (sic) ser um, um, uma área de, de esportes, era um campo né, que 'tava' (sic) previsto, então era um, uma/ modificou totalmente, o que tinha, o que 'tava' (sic) previsto na

implantação, foi mud/ foi mudado, mas faz parte né, ‘cá’ (sic) evolução e as necessidades da Paróquia, faz, faz sentido.

Sr. Luiz Valter da Silva

Uberlândia, 20 de abril de 2014.

Em 79 eu comecei a participar da comunidade, a comunidade era... era feita lá na, na Vila do Sargento, em frente à escola, tinha um barracão do Exército, que ele emprestou ‘pra’ (sic) nós, ‘pra’ (sic) celebrar a missa e fazer os eventos lá. A gente ‘fizemos’ (sic) lá uma festa lá nesse barracão ‘pra’ (sic) adqu/ ‘pra’ (sic) adquirir verbas ‘pra’ (sic) cá, e depois logo que fez essa festa eles pediram o barracão também. E a gente construiu ali, lá onde é a creche hoje, uma, uma capelinha de madeira até fazer a Igreja. E nisto já ‘tava’ (sic) lá o Cruzeiro, já ‘tava’ (sic) o terreno ali marcando o lugar né, e a gente foi trabalhar ‘pra’ (sic) poder adquirir. Quando nós ‘tava’ (sic) lá em cima ainda, a Lina Bo Bardi ‘teve’ (sic) aqui fazendo visita ‘pra’ (sic) nós, ‘pra’ (sic) fazer já o início da construção, e foi à época que a gente se ‘conhecemos’ (sic) né... nós tiramos fotos com ela, ‘mandou pra’ (sic) Itália, acho que é ‘pra’ (sic) Itália, ‘pra’ (sic) vir uma verba de lá ‘pra’ (sic) começar essa igreja aí, e veio essa verba ‘pra’ (sic) fazer o aterro e deu ‘pra’ (sic) comprar aqueles ‘tijolo’ (sic), 60.000 tijolos que compramos aí, tijolinhos, e mais algum material. E aquela madeira que ‘tava’ (sic) lá dentro foi doada pelos fazendeiros aqui ao redor né, da região mesmo, e ‘foi lavrada’ (sic) todas elas ali na porta da Igreja, isso aí a gente acompanhou tudo né. E na época que ‘tava’ (sic) construindo eu não pude trabalhar lá diretamente, com os bancos, mas, acompanhei todo o processo, eu ‘tava’ (sic) operado na época, então não pude fazer nada. Mas, o que ‘tava’ (sic) tendo era isto aí, em construção, início de construções lá da Cap/ da Igreja, e aí foi dando prosseguimento daí da Igreja construiu ali todo o Centro né, o que é a Igreja, mais a a residência, e mais o salão embaixo, que é o Salão Paroquial, e ficou o resto do terreno que era ‘pra’ (sic) ser uma quadra de futebol, depois é que foi mudand/ vai mudando, vai mudando também as coisas né, que hoje tem ali um salão, tem um salãozinho, umas salas, umas coisas ali, e tem a parte de cima que é onde faz as festas.

(visitas de Lina Bo Bardi durante as obras)

Ela ‘teve’ (sic) aqui, que eu me lembro, parece que ela ‘teve’ (sic) aqui umas três vezes, acompanhando, ‘teve’ (sic) essa vez lá em cima com ‘nós’ (sic), e depois ela ‘teve’ (sic) mais uma outra vez aqui, ‘pra’ (sic) fazer a/ parece que marcar e acertar com o, com o engenheiro daqui que era ‘pra’ (sic) acompanhar a obra né e aí depois ela ‘teve’ (sic) parece que também na entrega, da, da Igreja, da, da obra, também parece que ela ‘teve’ (sic) aí, aí essas, essas vezes eu não acompanhei devido o serviço né, a gente nem todas reuniões aí a gente ‘tava’ (sic) presente, mas aí a gente tem, tem atas também, que essas atas hoje eu num sei onde ‘cê’ (sic) vai encontrar ‘elas’ (sic), que relaciona tudo isso aí.

[...]

(mudança dos párocos)

Foi positivo sim porque, como se diz, é um, é um seguimento deles né, então de tempos em tempos tem se mudado mesmo os padres né, e até bom também ‘pra’(sic) comunidade porque vai crescendo de acordo com o que eles vem né,

trazendo ‘pra’ (sic) gente, e portanto a comunidade cresceu bastante ultimamente, ultimamente né, nesses últimos tempos com o Padre Márcio aí, a comunidade tem aumentado muito né, apesar de que também tem construído muito também próximo, então vai trazendo mais comunidades, mas é bom sim, é positivo sim, a mudança de Padre. E, se o Padre tá dando certo ele vai ficando a gente vai acolhendo né, mas se ele também tem que ser mudado, não por atritos com, com a comunidade, mas sim na boa vontade né, como é o seguimento...

(Padre Márcio)

Ah, o Padre Márcio, ele tem feito muita obra né, o Padre Márcio ele tem trabalhado muito e, a gente/ num tem nada, eu num tenho nada a reclamar dele, né, ele é bem acompanhado, mas eu num tenho nada contra ele não...

(projeto de restauro)

Muito bom, muito bom mesmo, foi uma coisa muito difícil, já ‘tava’ (sic) necessitando né, porque já tem um tempo que foi feito, e eu num sei se nesse intervalo que eu tive afastado se teve alguma reforma, parece que teve uma, uma mudança lá de uma madeira que, parece que quebrou e teve que fazer essa mudança. Mas eu não sei, teve aquela questão do reboco, porque a Igreja era ‘pra’ (sic) ser toda trans/ toda a vista, eles rebocaram eu não sei o por que, qual o motivo né, então eu num vou nem questionar à respeito disso aí, porque, como se diz, se tem o reboco, é porque tem o seu motivo, então, como se diz se era ‘pra’ (sic) ser de um jeito e mudou, eu não sei o porquê.

(Centro Pastoral)

[...] É muito bom também, porque precisava de lugar, de espaço ‘pra’ (sic) dar aulas, catequese, ter salas de reuniões, né, e num ‘tava’ (sic) tendo, e onde ia fazer?, né, ‘vamo’ (sic) supor, no lugar de uma quadra de futebol, um salão é muito melhor, muito melhor aproveitável do que uma quadra, né, muito bom, eu aprovei muito bem aquela obra que eles fizeram ali, e se for ‘pra’ (sic) continuar ‘pra’ (sic) cima, que seja de bom aproveito.

(comunidade informada)

‘Tá’ (sic), tudo que vai fazer o Padre Márcio passa, né, o que vai/ que ‘tá’ (sic) pensando em fazer, e tem a diretoria também, né, da Igreja, que também ‘tá’ (sic) sempre presente, e a gente fica muito satisfeito né, com a comunidade que ‘tá’ (sic) desenvolvendo e que ‘tá’ (sic) só desempenhando. ‘Cê’ (sic) vê que se não fosse tão bem vindo à comunidade ao invés de ir crescendo, ia diminuindo. Ao invés, ela tá cada vez aumentando, então, é uma prova que ‘tá’ (sic) sendo satisfatório, né.

N: na época da construção o senhor tinha quantos anos?

L: na época eu tinha 20, 20... Foi em 80, eu sou de 50/ eu sou de 57, então eu teria que, tinha 23, 23 né, 23 anos, eu tinha na época...

(mutirões)

Ah, os mutirões foi só comunidade né, porque a Igreja do Divino Espírito Santo ela era interligada com a, com a Fátima, então a comunidade de/ da Fátima vinha ‘pra’ (sic) ajudar aqui também, apoiar ‘nós’ (sic) aqui né, isso foi em 79, 79, 80, 81, 82, 83... e daí ‘pra’ (sic) frente né, sempre ‘tá’ (sic)/ tem movimento, em construção, porque Igreja, agora que parece que ‘tá’ (sic) chegando ao final, ‘má inda’ (sic) tem muita coisinha ‘pra’ (sic) faz/ ‘pra’ (sic) ser feita né, então aí vinha, e daqui o pessoal

que tinha aqui, que ‘participô’ (sic) da/ dos mutirões, são muitos, hoje se for procurar talvez não vai achar todos, mas tem o Seu Vicente, éé, nós aqui, é eu, João, meu irmão, a Maria Helena, tem a Beatriz aqui embaixo, tem o Élcio, que é o irmão da Beatriz, tem, tem o Zé Rodrigues, Olavo, que são irmãos também, que moram aqui na Seringueira, tem outros ali também que agora não me recordo os nomes, tem o Seu Augusto do lado da Igreja, que também trabalhou muito, tem o Antônio Bianquino lá em cima na Rua da... Oliveira, acho que é Rua da Oliveira, que mora com a Izilda que é esposa dele também, ajudou muito, e tem outros, tem/tinha o João de Fátima que na época ele também era da Católica, hoje ele num é mais da Católica, ele mudou de religião, tem o Jésus que é irmão dele também, também fez parte, tem o Luiz Fernandes, que hoje é falecido. O Vitor, o irmão dele, o João, Tomás, Pedrinho, Pedrinho hoje é funcionário da Prefeitura né, e... tem a Vilma, tem mais outros que, ‘é’ (sic) muitos, são muitos, mas era tudo empenhado né... Tem o Toninho, também que é um pedreiro, também fez parte também daí da construção, tem a Selma aqui embaixo também, que fez parte aqui também, então são muitos, muita gente mesmo da comunidade da época que ajudou e pegou assim com bastante empenho na construção, portanto ‘cê’ (sic) vê que fez muito rápido, né, porque começou em 80, em 80 começou a por terra no lugar e quando foi fazer ela foi em 81/ 82, 83, que eles ‘tavam’ (sic) trabalhando na construção mesmo do prédio, e aí foi muito ‘bão’ (sic). Eu tenho as fotos, só que/ eu não encontrei, depois se você quiser eu te envio ‘elas’ (sic), eu, se ‘cê’ (sic) quiser marcar comigo, eu procuro aqui, se eu encontrar eu te ligo, ‘cê’ (sic) vem pegar comigo.

[...] Eu procurei ali, elas ‘deve tá’ (sic) guardada aí, eu devo ter mudado de lugar e num ‘tô’ (sic) lembrando onde que eu pus, mas eu tenho ‘elas’ (sic)... e tem a minha irmã também, a Maria Helena, eu num sei se ela tem... se ‘ocê’ (sic) encontrasse as fotos na Igreja né...

[...] o Frei Fúvio, o Frei Fúlvio ele ‘taí’ (sic), vez em quando ele ‘taí’ (sic) né, mas essas fotos não ‘tá’ (sic) com ele.

Essas ‘foto’ (sic), o meu irmão lá passou ‘pra’ (sic) eles aqui, na Igreja aqui. Eles fizero um mural ali uma vez, e ele ficou de/ aí ia entregar essas fotos ‘pro’ (sic) meu irmão de novo. Aí ele falou não, essas ‘foto’ (sic) é doc/ da Igreja, deixa lá, é documento da Igreja, só que não sabe onde que ‘ficô’ (sic). Não sei se ‘tá’ (sic) na Diocese, ou se ‘tá’ (sic) guardada aí, ou se... as vezes ‘tá’ (sic) guardada até com alguém que num tá participando mais.

(diálogos com Lina Bo Bardi)

Conversava, ixi, ela conversava muito, né, ela orientava né, o jeito que era ‘pra’ (sic) ser feito, era muito simples, A Lina Bo Bardi era muito simples, era uma mulher muito, já de idade, mas era uma pessoa fácil demais de conversar com ela, muito simples, humilde, muito compreensiva. Uma pessoa, pelo nível dela né, era uma pessoa fácil assim da gente chegar e a personalidade dela era assim... deu problema não, comunicar com ela não...

(Entendimento dos desenhos)

Era muito simples, assim, desenho/ daí é/ assim ‘pra’ (sic) gente que conhece, porque eu também sou, eu trabalhei em obra né, eu trabalhei na parte elétrica, então a gente já, conhece né, ‘cê’ (sic) já vai batendo, ‘cê’ (sic) já vai sabendo, entendendo mais ou menos que que ‘é’ (sic) as coisas, e essa Igreja é muito simples né, ela num tem tanta repartição, muita coisa assim ‘pra tá’ (sic) buscando muita dúvida, num

tem uma janela, é uma porta e pronto, mais é parede, só aí, e os ‘cruzamento’ (sic) das madeiras, mas, num é coisa difícil não, muito simples mesmo.

Sr. Marcos Ramardi de Souza

Uberlândia, 25 de janeiro de 2014.

Começamos a participar em 2008, a atuação nossa na igreja começou com participação nas missas, aí depois fomos convidados ‘pra’ (sic) participar como Ministro de Eucaristia e também na Liturgia. Aos poucos a gente foi aderindo né, à comunidade. É, sobre a ampliação da igreja, a gente só teve bons resultados na chegada do padre Marcio, há oito anos atrás, depois do acidente ocorrido como o padre Henrique né, que ele chegou a falecer no acidente, e por nossa sorte né, graças a Deus veio o padre Marcio, que ele é muito assim, disponível na sua atuação, de construção né, de obras. E ele conseguiu fazer muita coisa com a comunidade, envolvendo a comunidade em tudo. E a nossa comunidade, desde que tenha uma pessoa que seja um líder no caso dele né, conseguiu fazer através de eventos, de rifas né, ele próprio assim ele pedindo mesmo para muitas pessoas que têm condições né, honorários para suprir o que a igreja precisava. É, a última etapa está sendo agora né, com essa última reforma foi que ele conseguiu o dinheiro do Estado né, do patrimônio, e agora nós estamos chegando ao fim da nossa reforma. Ainda vai faltar alguma coisa, ele vai embora, eu acho que agora em abril, mas a gente tem que dar graças a Deus dele ter chegado né, como todo mundo sabe aqui do bairro, que participa, é... o padre Henrique faleceu, mas ele deixou a igreja assim... por causa do Renovar Conjugal né, então estava aquela briga. Então, ele chegou, e ele conseguiu reverter tudo, sem alterar a voz, sem nada. Então ele conseguiu manter um ambiente saudável na igreja né, e mais gente começou a participar, e eu acho que é isso que eu tenho... o nosso relacionamento com ele é muito bom, não tenho nada a reclamar dele não.

(centro pastoral)

A ampliação do centro pastoral, todos padres queriam fazer alguma coisa, mas nenhum conseguia né. Esse centro pastoral foi muito bom, porque teve, criou salas para a catequese, para reuniões, a própria secretaria né, deixando as salas de cima, lá da antiga secretaria para o pessoal trabalhar com fraldas né, fraldas, clube de mães que né, começou assim, sem... assim, se der certo, a gente continua se não der, para né. Graças a Deus deu certo e muita gente, muitas mulheres, assim de idade, mesmo as mais novas estão aprendendo alguma coisa né. A minha esposa mesmo, que tem problema de depressão e tudo, toda terça-feira ela está lá, é, trabalhando, ensinando, e é isso.

Somos ministro ainda, eu e a minha esposa, a minha esposa canta no coral né, da igreja, então a gente ministra, participa da Liturgia, a minha esposa canta no coral, participa do clube de mães, e a gente é que nem assim, é... o pessoal até fala que a gente é sacristão da igreja, porque tudo que tem que fazer a gente vai e faz né, doação mesmo de serviço. Então a gente não ganha nada, mas o que vem, vem de Deus mesmo né. O nosso serviço é gratuito e o padre sempre quando precisa, sabe que pode contar com a gente.

Olha, eu cheguei, eu sou do Paraná né, nós mudamos para cá em 84, eu morava do outro lado do rio, minha sogra mora aqui do lado, só que ela é evangélica. Aí nós

compramos aqui, começamos a construir, aí demorou uns dois, dois, três anos para a gente começar a participar da igreja. A minha esposa começou a ir primeiro, aí como se diz: “Eu vou ficar sozinho em casa? Não né. Então vou acompanhar.” Então, graças a Deus foi o que, assim, melhorou muito a nossa vida né, porque através do encontro conjugal que nós fizemos né, em 2002, aí que nós começamos a participar mais da igreja né, então assim, esse Renovar dá muita, é, têm as pessoas que realmente ‘quer’ (sic) trabalhar né, quer seguir, têm uns que vão só para fazer o curso e já vão embora né. Então, como diz Jesus né, balança a rede né, aqueles que ‘pegar’ (sic) né, é o chamado né, que eu falo. Sempre nos encontros a gente comenta esse chamado, Deus está chamando todo mundo, toda hora né, mas poucos os que ‘aceita’ (sic) né, porque não vai deixar a tranquilidade da sua casa, da sua vida, de suas festinhas para participar da igreja né. Então a gente faz tudo isso, a gente participa da igreja, e sempre tem né, os eventos que a gente vai também né, festinha que a gente faz também né, mas tudo no seu tempo, na sua hora né.

Sr. Sebastião Maciel e D. Conceição Aparecida Maciel

Uberlândia, 25 de janeiro de 2014.

C: Nós mudamos ‘pra’ (sic) cá em 84, aí a igreja já ‘tava’ (sic) pronta... nessa época era o frei Fúlvio que ‘tava’ (sic) aqui... e na época a gente começou a participar e a gente participa até hoje, depois vieram outros padres, e a gente continuou participando.

(participação nas atividades da igreja)

C: O trabalho mesmo, eu não tenho trabalho, o trabalho dele que, assim que nós mudamos ‘pra’ (sic) cá ele começou a participar dos Vicentinos, e ele sempre ajudando assim, mesmo na reforma da igreja, na construção de muitas, muitos trabalho lá ele ajudou muito, até mesmo a creche lá do lado, ele ajudou a trabalhar, ainda ‘tava’ (sic) construindo na época.

S: As janelas e portas lá da creche na época do Frei Fúlvio, foi eu que assentei ‘todinha’ (sic), as portas e janelas. Até teve um dia que nós chegamos lá, não encontramos as ferramentas, acho que uma pessoa tinha mudado as ferramentas de lugar, nós ficamos apavorados por causa das ferramentas, depois foi ver quem tinha mudado de lugar, foi o Frei Fúlvio mesmo, as ferramenta ‘tava’ (sic) tudo lá. Assentei as portas ‘pra’ (sic) ele, as janelas, ele ficou satisfeito. Depois também nós ‘teve’ (sic) o acidente lá em Frutal com a morte do meu menino, quem veio avisar nós aqui na morte do meu filho, foi o frei Fúlvio, era 10h00 da noite, não é, Conceição?

C: É.

S: Quase 11h00 da noite, “Nós ‘veio’ (sic) trazer uma notícia para vocês aqui, que não é muito agradável, o Luiz Claúdio teve um acidente lá em Frutal, e veio a falecer”... E nessa época, quando o corpo chegou aqui, ele foi velado lá na igreja, nós ajudamos ele na construção, ele também ajudou ‘nós’ (sic) nessa parte né. Isso foi muito importante. E por outro lado, o fato de ser Vicentino, tem o padre Marcio aí que ajuda ‘nós’ (sic) muito sabe... todo fim de ano assim, ainda dá, faz pedido para a

comunidade, ajuda muito com cesta básica, esse ano ‘foi’ (sic) várias cesta básica, ele dá, empresta para nós, como é que chama?

C: Freezer da igreja.

S: Freezer para colocar os ‘frango’ (sic), nós ajuda nessa parte, de sociedade de São Vicente de Paulo, temos a reunião todo domingo, 9:40h.

[...] A reunião acontece na Rua Cerejeira, 236 lá perto da dona...

C: No salão dos Vicentinos.

S: No Salão dos Vicentinos, inclusive lá ‘tá’ (sic) cheio de mantimentos dele, nós ganhamos da Miramontes, 160 cobertores, ganhou cinco edredom, e daí por diante.

(mudanças dos padres)

C: As mudanças, depois do Frei Fúlvio veio o padre Marcos, né, que depois foi embora, parece que até, parece que ele afastou, deixou de ser padre né. Depois do padre Marcos veio o padre Rui, padre Marcelo, depois que eles foram embora veio ao padre Mauro. E... depois do padre Mauro, veio o padre Henrique, que faleceu em 2005 num acidente, e... depois do padre Henrique, ‘tá’ (sic) o padre Marcio, tem 8 anos que o padre Marcio ‘tá’ (sic) aí.

(descontentamento de padre Rui com a arquitetura da igreja)

C: É porque na época ele não gostava, por causa de ser tombado, e não podia mexer em muita coisa né, então ele até mexeu né, que ela não podia ser modificada, não podia ser rebocada por dentro, e rebocou né. Depois o frei Fúlvio não ficou contente, o frei Fúlvio preza muito essa obra da Lina. Então ele não queria muito que fizesse isso, mas depois deu tudo certo também, o padre Rui também ficou uns sete anos, tudo bem. Depois que ‘veio’ (sic) outros padres, depois que veio o padre Mauro, padre Henrique, mas foi tudo bem, a comunidade sempre ajudou muito né, a comunidade toda é muito... até o padre Marcio fala que, assim, muitos padres tinham vontade de ‘vim’ (sic) para cá, porque a comunidade trabalha muito né.

É muito importante, que a comunidade ajuda muito, quando tem uma festa, que tem alguma coisa que precisa arrecadar algum dinheiro, alguma coisa assim, faz rifa, as pessoas ‘ajuda’ (sic) a vender. Então a comunidade trabalha muito, muita gente, assim, trabalha para ajudar, trabalha assim não tem cargo nenhum lá, nada assim, mas muita gente trabalha muito aí, a comunidade é muito esforçada. Mas o padre Marcio também é muito bom né, aí deu tudo certo né.

(padre Marcio)

C: Então, ele é muito bom.

S: Ele ‘tá’ (sic) falano de ir embora, mas nós não ‘quer’ (sic) que ele ‘vai’ (sic) não. Ele é muito ‘bão’ (sic) ‘pra’ (sic) nós.

C: Ninguém quer que ele ‘vai’ (sic) né, porque ele é muito importante aí na comunidade. E desde que ele chegou todo mundo gosta muito dele, a comunidade toda... gosta dele, assim não tem nada contra ele, ele é uma pessoa que ele faz a homilia sem ofender ninguém mesmo, assim, assim, eu nunca vi ele ofender ninguém, ele é muito bem com todos mesmo. Se dá bem com todos, ele é uma pessoa muito importante na comunidade.

(reforma)

Na reforma... assim porque não tá modificando assim, ‘tá’ (sic) reformando ‘pra’ (sic) conservar né, porque tinha muita coisa precisando mesmo, tinha muita coisa estragada né, que ‘tava’ (sic) precisando. Agora ele vai trocar os ‘banco’ (sic) né, ‘tá pra vim’ (sic) já os, os ‘banco’ (sic) né, ‘vai ficar (sic) muito, muito boa.

S: Aquelas madeiras lá, as colunas de madeira, tudo veio de lá de Monte Alegre, tudo madeira de lei...

C: Isso foi na época do Frei Fúlvio...

S: Pau-brasil, trocou muitas peças que ‘tava estragada’ (sic), melhorou muito a igreja nessa parte.

(construção do centro pastoral)

S: O centro pastoral foi construído foi...

C: Foi o padre Marcio mesmo.

S: É, o Padre Marcio, nós também que foi Vicentino, cada um de nós ‘demo’ (sic) uma janela ‘pra’ (sic) colocar lá, doou uma janela e tudo aí, nós ‘ajudou’ (sic), para poder colocar ((incompreensível)).

[...] Precisava muito né, a área de fazer festa ali, mês de junho, era muito ruim, tinha uma escadaria muito forte para descer, perigoso a pessoa cair e machucar, agora hoje ficou tudo organizadinho, fez a laje por cima né, monta a tenda que a prefeitura traz na época da festa, ficou muito boa graças a Deus.

(arquitetura da igreja)

S: Quando nós mudamos ‘pra’ (sic) aqui em 84 essa parte ‘tava pronto’ (sic) né, já ‘tava’ (sic) bem adiantado, então nós ‘achou’ (sic) bem interessante, porque ela é tipo ‘dum’ (sic) globo né, com uma forma diferente, (incompreensível) isso aí é perigoso cair, mas não cai não, é muito reforçado. Ali que tem uns ‘cabo’ (sic) de aço que corta por fora beirando, segurando as mestra ne, ‘pra’ (sic) poder aquilo não abaixar, é muito bem-feito essa parte, estrutura muito reforçada.

C: Diferente né, uma coisa diferente. Então têm muitas pessoas que às vezes nem gosta de casar aí, porque acha assim que é uma, que é grosseiro, que não é uma coisa assim... moderna, mas eu acho muito importante, mas tem muitas pessoas que vem até de outras comunidades, que vem casar aí porque acha diferente né, que... uma coisa diferente, uma coisa assim mais rústica mais... uma coisa diferente né, eu achou muito bonito, eu gosto.

(arte sacra)

C: Não, essas coisas... agora nós ‘tamos’ (sic) até uns dias sem participar porque nós viajamos no final do ano, sendo que assim, cada semana aparece uma coisa diferente né, muitos dias que nós não ‘participa’ (sic), porque nós viajamos quase um mês, depois a gente voltou em janeiro, ainda não participou de nada, porque ele foi fazer a cirurgia, a gente tá, muitas coisas que ‘aconteceu’ (sic) estes dias a gente não ‘tá’ (sic) a par.

D. Sonia Maria dos Santos Tundisi

Uberlândia, 19 de abril de 2014.

Olha, o que eu sei a respeito dessa Igreja, é que foi assim, foi o Frei Fúlvio que construiu, na época que, que eu mudei 'pra' (sic) cá, ele 'tava' (sic) construindo a Igreja, e, então era isso, ele construiu a Igreja, ele construiu as 'creche' (sic), né, eu frequentava muito a Igreja, mas eu não sei muito te falar muito da história da Igreja. Aí depois que o Frei Fúlvio foi embora, veio o Padre Rui, o Padre Rui tentou reformar a Igreja, num conseguiu, aí veio o Padre Henrique, Padre Henrique morreu, aí que chegou o Padre Márcio é que conseguiu reformar a Igreja, então eu num sei muito assim que, que 'cê' (sic) quer saber da Igreja...

(participação nas atividades para angariar recursos)

[...] participei, assim, tipo assim, a gente fazia, tinha um Clube de 'Mãe' (sic), muito bom, que a gente fazia muitos 'pano' (sic) de prato 'pra' (sic) vender, 'pra' (sic) ajudar fazer o piso da Igreja, né. Era assim, a comunidade mesmo é que trabalhava, fazia as coisas 'pra, pra' (sic) ela colocar né. Então, quando fez os 'banco' (sic), a gente trabalhou muito também 'pra' (sic) fazer aqueles 'banco' (sic) né, não esses agora, que agora reformou né, mas o antigo...

(participação da comunidade nos mutirões)

'Cê' (sic) sabe quem que poderia te informar melhor sobre a construção da Igreja, era Maria da Graça. Porque ela e o marido dela 'trabalhou' (sic) bastante, só que o marido dela faleceu, o pessoal que trabalhou nessa Igreja quase todo mundo já faleceu né. Porque quando eu cheguei 'pra' (sic) cá, ele 'tava' (sic) construindo assim/ ele 'tava' (sic)/ a Igreja já 'tava' (sic) em pé, igual eu 'tô' (sic) te falando, eu entrei 'pro' (sic) Clube de 'Mãe' (sic), o Clube de Mães trabalhava muito 'pra' (sic) ajudar, né, na construção e... Só isso que eu sei da Igreja...

(participação nas atividades paroquiais)

[...] faço, eu faço, eu faço parte, eu sou agente da Pastoral da Saúde, só que eu 'tô' (sic) afastada né. Eu trabalhava muito na Pastoral da Saúde, a Esmeralda que era coordenadora, né.

(envolvimento da comunidade na época de Frei Fúlvio)

É, era diferente sim, porque era outra geração, né, a geração na época do Frei Fúlvio era uma geração que agora é a minha agora, que eu já to idosa né. 'Era' (sic) os meus filhos que 'era já adolescente' (sic). Então a Igreja era muito cheia. Era do mesmo jeito, não tem diferença nenhuma, só que a Igreja era bem cheia, 'tinha' (sic) as festinhas que a gente fazia. Era, assim, parece que a comunidade era uma comunidade mais simples, né. Agora é outra geração, é outro tipo de pessoas que 'trabalha' (sic), na nossa época era tudo muito simples, né, a gente mesmo que fazia as coisas lá na cozinha, tinha aquela, aquela casa, tinha uma mesona muito grande, a gente fazia muita comida, a catequese era lá, né... então as 'galinhada' (sic), né, que a gente fazia 'pra' (sic) arrecadar dinheiro 'pra, pra' (sic) melhorar a Igreja né.

(arquitetura da igreja)

Eu 'acho ela' (sic) maravilhosa! Sempre achei! Sempre quando alguém fala "ah! Mas tinha que mudar", eu sou totalmente contra, eu acho ela linda, sabe, eu gosto muito dela, a única coisa que eu achava que tinha que mudar um pouco assim, era colocar mais uma porta, porque tem uma porta só, e quando tem muita gente que vai sair,

qualquer coisa ali, tem uma porta no fundo, mas às vezes as pessoas nem ‘sabe’ (sic) que tem aquela porta no fundo, né, eu achava que tinha que colocar uma porta mais do ladinho ali ‘pra’ (sic), mas eu acho que num pode né, por causa do projeto não pode, mas eu acho ela maravilhosa, a Igreja. Eu gosto muito.

(conversas do IEPHA, sobre o tombamento, com a comunidade)

Não, eu não participei. [...]

(esclarecimentos sobre o Tombamento)

Não, não, não fiquei/ dessa parte aí eu não fiquei sabendo de nada...

(Padre Rui e as alterações)

[...] mas só que eu lembro que o Padre Rui queria mexer na Igreja e não podia, porque inclusive ele mexeu em algumas coisas e teve que desmanchar, então ela já ‘tava’ (sic) tombada quando o Frei/ quando o Padre Rui entrou. Porque quando o Frei foi embora, ficou o Padre Marcos. O Padre Marcos ficou pouco tempo e saiu, daí entrou o Padre Rui e o Marcelo, né. [...] e depois que o Padre Rui entrou, aí já ficou assim, aquela turma que trabalhava com o Rui/ com o Frei já, parece que já ficou sem, assim que já ‘saiu’ (sic), né, aí veio outra turma, porque aí veio o Renovar né...

[...] É, tipo assim, porque cada Padre tem um jeito de trabalhar, né, o Frei Fúlvio já era mais conservador, ele gostava das coisas mais, mais sérias, mais assim, gostava... agora o Padre Rui já gostava mais da área festeira, sabe... então, cada Padre tem um jeito de trabalhar, né. Aí, então, é aonde que aí veio o Renovar, e o Renovar é que tomou conta da, da Igreja, que eu saiba. E já tem muito tempo que eu ‘tô’ (sic) afastada, já tem bem um ano que eu num participo, nem a Missa na Igreja eu num ‘tô’ (sic) indo, porque eu tinha mudado daqui, aí porque eu voltei, mas aí agora quando/ os horários da Missas num dá muito ‘pra’ (sic) mim, porque 7h30 eu ‘tô’ (sic) dando/ é a hora que eu ‘ôo’ (sic) cuidando do meu marido, à noite fica tarde, né. Então, eu participo mais é da, da Igreja ali, do lado de lá que é a Missa 10h da manhã né. Eu ‘tava’ (sic) participando da Santa Clara que também foi o Frei Fúlvio que fez, na época que ‘tava’ (sic) aqui, o Frei era trabalhador, ele trabalhava mesmo, ele fez muita coisa aqui na comunidade.

(Padre Márcio)

Pois é, o Padre Márcio eu num posso falar nada, porque eu num participei de nada com o Padre Márcio, nadinha.

[...] o Padre Henrique, quando o Padre Henrique veio, a gente ainda participava/ ‘tava’ (sic) participando/ ainda participei lá com ele um pouco, aí depois eu mudei daqui, fui ‘pra’ (sic) fora, aí o Padre Henrique morreu, quando eu voltei já era o Padre Márcio né, então o Padre Márcio eu num sei te falar nada, mas parece que ele é ótimo, parece, né, que ele reformou a Igreja, parece que a comunidade ‘tá’ (sic) bem participativa... Eu acho que ele ‘tá pra’ (sic) sair... eu num sei bem, mas eu acho que ainda não, acho que ele ‘tá’ (sic) na Igreja ainda.